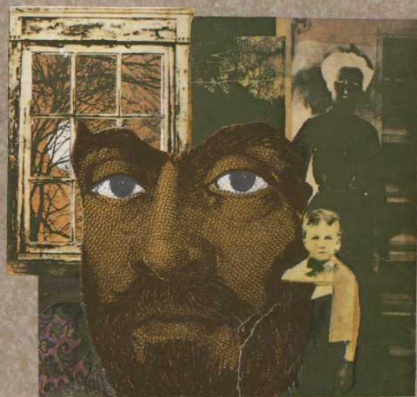


JOÃO DE FERRO

Um Livro sobre Homens



Robert BIV


EDITORA
CAMPUS

5ª Edição

SUMÁRIO

- 1 - Travesseiro e a Chave
 - 2 - Quando um Fio de Cabelo Fica Dourado
 - 3 - O Caminho de Cinzas, Descida e Dor
 - 4 - A Fome de um Rei num Tempo sem Pai
 - 5 - O Encontro com a Mulher-Deus no Jardim
 - 6 - Trazer os Guerreiros Interiores de Volta à Vida
 - 7 - Montar os Cavalos Vermelho, Branco e Preto
 - 8 - A Ferida Feita pelos Homens do Rei
- Epílogo
O Homem Natural na Religião Antiga, na Literatura e na Vida Popular
A História de João de Ferro
Apêndice

PREFÁCIO

Vivemos hoje um momento importante e frutífero, pois é evidente que as imagens da masculinidade adulta, proporcionadas pela cultura popular, estão desgastadas, e não podemos mais confiar nelas. O homem, ao chegar aos 35 anos, sabe que as imagens de adequação, dureza e veracidade masculinas, recebidas na escola secundária, já não funcionam na vida. Ele está aberto às novas visões do que o homem é, ou podia ser.

Os contos de fadas passaram, como a água sob quinze metros de chão, através de gerações de homens e mulheres, e podemos confiar mais em suas imagens do que nas inventadas, digamos, por Hans Christian Andersen. As imagens das velhas histórias — o roubo da chave sob o travesseiro da mãe, o recolhimento de uma pena dourada caída do peito chamejante do Pássaro de Fogo, o encontro do Homem Natural sob a água do lago, o acompanhamento das marcas deixadas pelo ferimento na floresta e a descoberta de que elas se assemelham às pegadas de um deus — destinam-se a ser assimiladas lentamente pelo corpo. Continuam a desdobrar-se, depois de assimiladas.

É nos velhos mitos que tomamos conhecimento, por exemplo, da energia de Zeus, dessa energia de liderança positiva que a cultura popular declara, constantemente, que não existe; com o rei Artur aprendemos o valor do mentor masculino para a vida dos jovens. Ouvimos,

na história de João de Ferro, a importância da passagem do reino da mãe para o reino do pai; e por todas as histórias de iniciação ficamos sabendo como é essencial abandonar todas as expectativas de nossos pais, e encontrar um segundo pai, ou "segundo Rei".

Há uma iniciação masculina, uma iniciação feminina e uma iniciação humana. Falamos, neste livro, apenas da iniciação masculina. Queremos deixar claro que o livro não busca colocar os homens contra as mulheres, nem fazer com que voltem ao estado de espírito dominador que durante séculos levou à repressão delas e dos seus valores. A idéia deste livro não constitui um desafio aos movimentos feministas. Os dois movimentos relacionam-se mutuamente, mas cada um deles se move numa cronologia diferente. O sofrimento do homem vem aumentando constantemente desde o começo da Revolução Industrial e atingiu agora uma profundidade que não pode ser ignorada.

O lado sombrio do homem é evidente. A exploração descontrolada dos recursos da terra, a desvalorização e humilhação da mulher, e a obsessão com a guerra tribal, são inegáveis. A herança genética contribui para essas obsessões, mas também a cultura e o ambiente. Temos mitologias deficientes que ignoram a profundidade do sentimento masculino, atribuem ao homem um lugar no céu e não na terra, ensinam a obediência às forças estranhas, se empenham em fazer com que os homens continuem meninos, e os envolvem, bem como às mulheres, em sistemas de dominação industrial que excluem tanto o matriarcado quanto o patriarcado.

Este livro fala principalmente aos homens heterossexuais, mas não exclui os homossexuais. A palavra homossexual só começou a ser usada a partir do século XVIII; antes disso, os homens gay eram considerados simplesmente como uma parte da grande comunidade masculina. A mitologia, tal como a vejo, não estabelece grande distinção entre homens homossexuais e heterossexuais.

Falo do Homem Natural neste livro, e em todo ele a distinção entre o selvagem e o Homem Natural é crucial. O estado selvagem provoca grande dano à alma, à terra e à humanidade; podemos dizer que, embora ferido, o selvagem prefere não examinar o ferimento. O Homem Natural, que examinou sua ferida, assemelha-se mais a um sacerdote Zen, ou xamã, ou um silvícola, do que a um selvagem.

Saber como fazer um ninho numa árvore sem folhas, como voar para um lugar onde passar o inverno, como realizar a dança do acasalamento — todas essas informações estão armazenadas em reservatórios do cérebro instintivo do pássaro. Os seres humanos, porém, sen-

tindo toda a flexibilidade de que poderiam precisar para enfrentar situações novas, resolveram armazenar esse conhecimento fora do sistema dos instintos: guardaram-no nas histórias. As histórias, portanto — contos de fadas, lendas, mitos, folclore — equivalem a um reservatório onde guardamos as novas maneiras de reagir, que podemos adotar quando as maneiras convencionais e habituais se desgastam.

Alguns dos grandes estudiosos desse reservatório nos últimos séculos foram George Groddeck, Gurdjieff, Carl Jung, Heinrich Zimmer, Joseph Campbell e Georges Dumézil. Meu primeiro mestre no conhecimento do conto de fadas foi Marie-Louise von Franz, e procurei ser tão fiel às histórias masculinas quanto ela o foi para as femininas, em seus muitos livros.

Este livro recorre a toda uma comunidade de homens, muitos dos quais trabalhavam nesse campo bem antes que eu nele entrasse. Entre eles destacam-se Alexander Mitscherlich, o analista alemão morto em 1981, e também muitos bons pensadores em inglês. Tenho profunda dívida para com os homens com os quais prazerosamente lecionei nos últimos oito anos — Michael Meade, James Hillman, Terry Dobson, Robert Moore e John Stokes, entre muitos outros. Agradeço a Keith Thompson por seu interesse pelo material masculino; o primeiro capítulo reescreve uma entrevista que tive com ele. E agradeço ao meu editor, William Patrick, por seu entusiasmo e percepção.

Agradeço também aos muitos homens que confiaram em mim o bastante para me ouvir, e me honraram com as suas próprias histórias, ou simplesmente cantaram, dançaram ou choraram para mim. Embora neste livro eu delineie uma trilha iniciatória em oito estágios, outros homens podem ver uma ordem diferente nesses estágios ou estágios totalmente diferentes. A trilha faz-se caminhando. Antônio Machado disse:

Caminhante, não há estradas, apenas trilhas do vento sobre o mar.

Robert Bly

Capítulo 1

O TRAVESSEIRO E A CHAVE

Fala-se muito do "Homem americano", como se houvesse uma qualidade constante que permanecesse estável no decorrer das décadas, ou mesmo de uma década.

Os homens que vivem hoje distanciaram-se do agricultor saturnino, com mentalidade de velho, orgulhoso de sua introversão, que chegou à Nova Inglaterra em 1630, disposto a assistir a três serviços consecutivos numa igreja sem aquecimento. No sul, desenvolveu-se um cavaleiro expansivo, ligado à mãe, e nenhum desses dois "homens americanos" assemelhava-se ao ambicioso empreiteiro ferroviário que surgiu mais tarde no nordeste, nem aos temerários colonizadores do oeste, dispostos a prescindir de uma cultura.

Mesmo em nossa era, o modelo aceito modificou-se dramaticamente. Na década de 1950, por exemplo, surgiu um caráter americano dotado de certa consistência, que se tornou um modelo de masculinidade aceito por muitos homens: o macho dos anos 50.

Ele começava a trabalhar cedo, revelava-se responsável, sustentava mulher e filhos e admirava a disciplina. Reagan é uma espécie de versão mumificada desse tipo persistente. Era um homem que não via com bons olhos a alma da mulheres, mas apreciava os seus corpos; e sua opinião sobre a cultura, e o papel da América nessa cultura, era juvenil e otimista. Muitas de suas qualidades eram firmes e positivas, mas sob o encanto e o blefe havia, e continua havendo, muito isolamento, privação e passividade. E ele só tem certeza de que está vivo se tiver um inimigo.

Na década de 1950 supunha-se que o homem devia gostar de futebol, ser agressivo, defender os Estados Unidos, não chorar nunca e sempre sustentar a família. Faltava, porém, o espaço receptivo, ou espaço íntimo, a essa imagem de homem. Faltava à sua personalidade certo sentido de fluxo. À psique faltava compaixão, de uma maneira que estimulava a continuação desequilibrada da guerra do Vietnã, tal como, mais tarde, a falta do que poderíamos chamar de um "jardim" na cabeça de Reagan levou à sua indiferença e brutalidade para com os indefesos de El Salvador, para com os velhos dos Estados Unidos, os desempregados, os colegiais e os pobres em geral.

O homem da década de 1950 tinha uma visão clara do que devia ser e das responsabilidades masculinas, mas o isolamento e a unilateralidade dessa visão eram perigosos.

Durante a década de 1960 surgiu um outro tipo de homem. O desperdício e a violência da guerra do Vietnã fizeram os homens questionar se realmente sabiam o que era um adulto. Se masculinidade significava o Vietnã, queriam eles participar dela? Enquanto isso, o movimento feminista estimulava a que olhassem realmente para as mulheres, forçando-os a se conscientizarem das preocupações e so-

frimentos que o homem da década de 1950 procurou evitar. Quando os homens se puseram a examinar a história e a sensibilidade das mulheres, alguns deles começaram a perceber o que foi chamado de seu lado feminino, e a atentar para ele. Esse processo continua até hoje, e eu diria que, de certa forma, a maior parte dos homens contemporâneos participam dele.

Há algo de maravilhoso nessa evolução — ou seja, na prática de homens vendo com simpatia a sua própria consciência "feminina" e alimentando-a — isso é importante — e, não obstante, tenho a sensação de que há alguma coisa de errado nisso. O homem, nos últimos 20 anos, tornou-se mais ponderado, mais suave. Esse processo, porém, não o tornou mais livre. Ele é um bom menino, que agrada não só a sua mãe, mas também a jovem com quem vive.

Na década de 1970 comecei a ver, por todo o país, um fenômeno que poderíamos chamar do "macho frouxo". Mesmo hoje, quando por vezes olho para um auditório, talvez metade dos homens jovens sejam o que eu chamaria de frouxos. São adoráveis, têm valor — gosto deles — não pensam em causar danos à terra ou em iniciar novas guerras. Há em todo o seu modo de ser e estilo de viver uma atitude suave para com a vida.

Muitos desses homens, porém, não se sentem felizes. Percebe-se imediatamente a falta de energia neles. Preservam a vida, mas não são exatamente criadores de vida. Ironicamente, são vistos, com frequência com mulheres fortes, que positivamente irradiam energia.

Temos aí um jovem bem preparado, ecologicamente superior ao seu pai, que vê com simpatia toda a harmonia do universo, mas que tem, ele próprio, pouca vitalidade a oferecer.

As mulheres fortes, ou criadoras de vida, que se formaram na década de 1960, por assim dizer, ou que herdaram um espírito mais velho, desempenharam um papel importante na produção desse homem que preserva a vida, mas não a cria.

Lembro-me de uma frase de pára-choque, vista na década de 1960: "AS MULHERES DIZEM SIM AOS HOMENS QUE DIZEM NÃO". Reconhecemos que foi necessária muita coragem para resistir ao recrutamento e ir para a cadeia, ou mudar para o Canadá, tal como foi necessária coragem para aceitar o recrutamento e ir para o Vietnã. Mas as mulheres de há vinte anos estavam dizendo claramente que preferiam o mais suave homem receptivo.

A evolução dos homens foi um pouco afetada por essa preferência. A masculinidade não-receptiva era equiparada à violência, sendo recompensada a masculinidade receptiva.

Algumas mulheres enérgicas, naquela época e hoje, na década de 1990, escolheram e ainda escolhem homens suaves como amantes, e de certa maneira, talvez, como filhos. A nova distribuição de energia "yang" entre os casais aconteceu por acaso. Por várias razões, os homens jovens queriam as suas mulheres mais duras, e as mulheres começam a desejar homens mais brandos. Durante algum tempo essa combinação pareceu funcionar bem, mas agora já foi experimentada por tempo suficiente para se ver que não dá certo.

Tomei conhecimento da angústia dos homens "afáveis" quando contaram suas histórias nas primeiras reuniões masculinas. Em 1980 a Comunidade Lama, no Novo México, convidou-me a proferir um curso de conferências exclusivamente para homens, o primeiro que realizavam, com cerca de 40 participantes. Concentravamo-nos, a cada dia, num deus grego e numa história antiga, e depois, à tarde, nos reuníamos para conversar. Quando os homens mais jovens falavam, não era raro começarem a chorar em cinco minutos. O volume de sofrimento e angústia nesses jovens pareceu-me espantoso.

Parte do seu sofrimento vinha da distância em relação aos pais, que sentiam agudamente; mas em parte, também, o sofrimento vinha dos problemas em seus casamentos, ou relacionamentos. Tinham aprendido a ser receptivos, mas a receptividade não era bastante para sustentar seus casamentos durante fases de perturbações. Em todo relacionamento é necessária, de vez em quando, alguma impiedade: tanto o homem como a mulher precisam disso.

Mas no momento em que era necessária, com freqüência o jovem ficava aquém da necessidade. Ele era cuidadoso, mas alguma coisa mais se fazia importante — para seu relacionamento e para sua vida. O homem "mole" era capaz de dizer: "Posso sentir a sua dor, e considero sua vida tão importante quanto a minha, e tomarei conta de você, e a consolarei." Mas não podia dizer o que queria, e insistir nisso. Essa forma de resolução era uma outra coisa.

Na Odisséia, Hermes diz a Ulisses que, quando se aproximar de Circe, que representa certo tipo de energia matriarcal, deve erguer ou mostrar a espada. Nessas primeiras reuniões, era difícil, para muitos dos mais jovens, distinguir entre mostrar a espada e ferir alguém. Um certo homem, que era uma espécie de encarnação de certas atitudes espirituais da década de 1960, um homem que tinha na realidade vi-

vido numa árvore durante um ano, nas proximidades de Santa Cruz, era incapaz de levantar o braço quando segurava uma espada. Tinha aprendido tão bem a não ferir os outros que não podia levantar a arma, nem mesmo para que refletisse a luz do sol. Mas mostrar uma espada não significa, necessariamente, lutar. Pode também sugerir um alegre espírito de decisão.

A viagem que muitos americanos têm de fazer para a brandura, ou receptividade, ou "desenvolvimento do lado feminino", foi imensamente valiosa, mas não terminou. Nenhum estágio é o ponto final.

O ENCONTRO DE JOÃO DE FERRO

Um dos contos de fadas que falam de uma terceira possibilidade para os homens, um terceiro modo, é uma história chamada "João de Ferro". Embora tivesse sido recolhido pelos irmãos Grimm por volta de 1820, esse conto pode ter 10 ou 20 mil anos.

Quando a história começa, ficamos sabendo que alguma coisa estranha vem acontecendo numa área distante da floresta, próximo ao castelo do rei. Se os caçadores entram nessa área, desaparecem e nunca mais voltam. Vinte outros vão atrás do primeiro grupo e não voltam. Com o tempo, as pessoas começam a ter a sensação de que há alguma coisa estranha naquela parte da floresta, e "não vão mais ali".

Um dia, um caçador desconhecido apresenta-se no castelo e diz: "O que posso fazer? Há alguma coisa perigosa por aqui?"

O rei responde: "Bem, eu poderia indicar a floresta, mas há um problema. As pessoas que vão até lá não voltam. A taxa do retorno não é boa."

"É o que eu gosto", diz o jovem. Entra na floresta e, o que é interessante, entra sozinho, levando apenas seu cachorro. O jovem e o cachorro andam pela floresta e passam por um poço. De repente, uma mão ergue-se da água, agarra o cachorro e o arrasta para baixo.

O jovem não fica histérico. Diz simplesmente: "Deve ser aqui."

Embora goste do cachorro e relute em abandoná-lo, o jovem regressa ao castelo, reúne mais três homens com baldes, e volta ao poço para esgotá-lo da água. Quem já tiver tentado fazer isso, sabe logo que esse trabalho é muito lento.

No devido momento, o que encontram no fundo do poço é um homem grande, coberto de pêlos da cabeça aos pés. O cabelo é avermelhado — parece como ferro enferrujado. Levam-no para o castelo e o prendem. O rei o coloca numa jaula de ferro no pátio, chama-o de "João de Ferro", e confia a guarda da chave à rainha.

Vamos parar a história nesse ponto, por um momento.

Quando o homem contemporâneo examina a sua psique, pode, se as condições forem propícias, encontrar sob a água da sua alma, jazendo numa área que ninguém visitou por longo tempo, um antigo homem peludo.

Os sistemas mitológicos associam o cabelo ao instintivo, ao sexual e ao primitivo. Estou sugerindo, portanto, que todo homem moderno tem, no fundo de sua psique, um grande ser primitivo, coberto de pêlos da cabeça aos pés. Fazer contato com esse Homem Natural é o que ainda resta ao homem da década de 1980 ou 1990. Em nossa cultura contemporânea, esse processo de esvaziamento do poço ainda está por começar.

Como a história sugere de forma muito delicada, em relação a esse homem peludo há alguma coisa mais do que um certo medo, como acontece em relação a todas as mudanças. Quando o homem começa a desenvolver o seu lado receptivo e supera sua volubilidade, ele em geral considera a experiência maravilhosa. Começa a escrever poesia, sair ao ar livre e sentar-se à beira do mar, ele já não precisa ser sempre o máximo em sexo, torna-se empático — é um mundo novo, cantante, surpreendente.

Mas descer pela água para entrar em contato com o Homem Natural, lá no fundo, é uma outra coisa. O homem que ali se ergue é assustador, e parece ainda mais assustador agora, quando as grandes empresas tanto se empenham em produzir o homem sanitizado, depilado, raso. Quando um homem aceita bem a sua sensibilidade, ou o que já foi, por vezes, chamado de a mulher que tem dentro de si, ele com freqüência se sente mais entusiasmado, mais companheiro, mais vivo. Mas quando se aproxima do que chamarei de "homem profundo", sente o risco. Receber bem o Homem Cabeludo é assustador e arriscado, e exige um tipo diferente de coragem. O contato com João de Ferro exige a disposição de descer até a psique masculina e aceitar o que de sombrio existe nela, inclusive as trevas nutritivas.

Há gerações que a comunidade industrial vem advertindo os homens de negócios jovens para que se mantenham longe de João de Ferro,

e a Igreja Católica também não gosta muito dele.

Freud, Jung e Wilhelm Reich são três investigadores que tiveram a coragem de descer ao poço e aceitar o que encontraram ali. O trabalho do homem contemporâneo é segui-los nessa descida.

Alguns homens já fizeram esse trabalho, e o Homem Cabeludo foi, em suas psiques, retirado do fundo do poço, vivendo agora no pátio. "No pátio" sugere que o indivíduo ou a cultura o trouxeram para um lugar ensolarado onde todos o podem ver. Isso constitui um progresso em relação a se manter o Homem Cabeludo no porão, onde muitos elementos em toda cultura o querem colocar. Mas é claro que em ambos os lugares ele continua numa jaula.

A PERDA DA BOLA DOURADA

Voltemos agora à história.

Certo dia, o filho do rei, de oito anos, está brincando no pátio com a bola dourada de que muito gosta, e que cai na jaula do Homem Natural. Se o menino a quiser de volta, terá de aproximar-se do Homem Cabeludo e pedi-la. Mas isso vai ser um problema.

A bola dourada lembra-nos a unidade da personalidade que tivemos quando criança — uma espécie de radiação, de totalidade, antes de nos dividirmos em macho e fêmea, rico e pobre, mau e bom. A bola é dourada, como o sol, e redonda. Como o sol, ela emana uma energia radiante do seu interior.

Observamos que o menino tem oito anos. Todos nós, meninos ou meninas, perdemos alguma coisa lá pelos oito anos. Se ainda temos a bola dourada no jardim de infância, iremos perdê-la na escola primária. E o que restar ainda, será perdido no curso secundário. Em "O Príncipe Sapo", a bola da princesa cai num poço. Homem ou mulher, quando a bola dourada se vai, passamos o resto da vida tentando recuperá-la.

A primeira etapa na recuperação da bola é, creio eu, aceitar — firme, definitivamente — que ela foi perdida. Freud disse: "Há um contraste desalentador entre a inteligência radiante da criança e a frágil mentalidade do adulto médio."

Onde está, então, a bola dourada? Metaforicamente falando, poderíamos dizer que a cultura da década de 1960 disse aos homens que encontrariam sua bola dourada na sensibilidade, receptividade, coo-

peração e não-agressividade. Mas muitos homens abriram mão de toda agressividade e nem assim a encontraram.

A história do João de Ferro diz que o homem não vai encontrar a bola dourada no reino feminino, porque não é ali que está. Um noivo pede secretamente à mulher que lhe devolva a bola dourada. Acho que ela a devolveria, se pudesse, porque a maioria das mulheres, segundo minha experiência, não tenta impedir o crescimento dos homens. Mas ela não a pode devolver porque não a tem. E o que é mais, ela própria perdeu a sua bola dourada e também não consegue encontrá-la.

Simplificando, poderíamos dizer que o homem da década de 1950 quer sempre que a mulher lhe devolva a bola. O homem das décadas de 1960 e 1970, com a mesma falta de êxito, pede essa devolução ao seu feminino interior.

A história de João de Ferro sugere estar a bola dourada dentro do campo magnético do Homem Natural, um conceito muito difícil de apreender. Temos de aceitar a possibilidade de que a verdadeira energia radiante do homem não se esconde, não reside, nem espera por nós na esfera feminina, nem na esfera do macho /John Wayne, e sim no campo magnético do masculino profundo. É protegida pelo ser instintivo que está sob a água, e que ali está há não sabemos quanto tempo.

Em "O Príncipe Sapo" é o sapo, que não é bonito, que é repulsivo, que traz a bola dourada de volta. E na versão dos irmãos Grimm, o próprio sapo só se transforma no príncipe quando lançado contra a parede.

A maioria dos homens quer que alguma pessoa boa traga a bola de volta, mas nossa história sugere que não a encontraremos no campo de força de um guru asiático, e nem mesmo no campo de força do meigo Jesus. Nossa história não é anticristã, e sim pré-cristã em cerca de mil anos, e sua mensagem ainda é verdadeira — a recuperação da bola dourada é incompatível com certos tipos de mansidão e bondade convencionais.

O tipo de violência, ou não-bondade, implícito na imagem do Homem Natural, não é o mesmo da energia macho, sobre a qual os homens já sabem o bastante. A energia do Homem Natural, em contraste, leva à ação vigorosa, empreendida não com crueldade, mas com decisão.

O Homem Natural não se opõe à civilização, mas também não é to-

talmente contido por ela. A superestrutura ética do cristianismo popular não apóia o Homem Natural, embora existam sugestões de que o próprio Cristo o apoiava. No início de seu ministério ele foi, afinal de contas, batizado por um cabeludo João.

Quando chega o momento em que o homem jovem tem de falar com o Homem Natural, ele verá que a conversa é muito diferente da que poderia ter com um ministro, um rabino ou um guru. Conversar com o Homem Natural não é falar sobre a bem-aventurança, a mente, ou o espírito, ou uma "consciência superior", mas sobre alguma coisa úmida, escura e baixa — o que James Hillman chamaria de "alma".

O primeiro passo equivale a uma aproximação da jaula e ao pedido de devolução da bola dourada. Alguns homens estão prontos a dar esse passo, enquanto outros ainda nem mesmo retiraram a água do poço — ainda não deixaram a identidade masculina coletiva e entraram sozinhos na área desconhecida, ou levando apenas o seu cachorro.

A história diz que depois de o cachorro ter sido "arrastado para baixo", é necessário começar o trabalho com os baldes. Nenhum gigante virá chupar toda a água para nós: a mágica não vai ajudar. E um fim de semana em Esalen não serve. Ácido ou cocaína não resolvem. O homem tem de fazer o trabalho balde por balde. Isso se parece com a lenta disciplina da arte: é o trabalho que Rembrandt fez, que Picasso, Yeats, Rilke e Bach fizeram. O trabalho do balde exige muito mais disciplina do que pensa a maioria dos homens.

O Homem Natural, como me disse o escritor Keith Thompson, não vai simplesmente entregar a bola dourada também. Que história teríamos, se ele dissesse: "Está bem, eis a sua bola"?

Jung observou que todas as exigências bem-sucedidas da psique envolvem negociações. A psique gosta de negociar. Se, por exemplo, parte de você é imensamente preguiçosa e não quer trabalhar, uma resolução de Ano-Novo não vai adiantar nada. Tudo irá melhor se você disser à parte preguiçosa: "Deixe-me trabalhar durante uma hora e eu deixarei que você seja um relaxado durante uma hora — de acordo?" Assim, em "João de Ferro" é feito um acordo: o Homem Natural concorda em dar a bola dourada de volta se o menino abrir a jaula.

O menino, evidentemente assustado, foge. Nem sequer responde. Não é isso o que acontece? Ouvimos dizer tantas vezes, pelos pais, padres, professores primários e secundários, que não devemos ter nada com o Homem Natural, que quando este diz: "Devolvo a bola se

me soltar da jaula", nem sequer devemos responder.

Talvez agora transcorram dez anos. No "segundo dia" o homem poderia ter 25 anos. Ele volta para o Homem Natural e diz: "Pode me devolver a bola?", e o Homem Natural responde: "Sim, se me soltar da jaula."

Na verdade, o fato de voltar ao Homem Natural uma segunda vez é maravilhoso — alguns homens não voltam nunca. O homem de 25 anos ouve a sentença, sim, mas agora ele tem dois Toyotas e uma casa hipotecada, talvez uma mulher e um filho. Como poderia soltar da jaula o Homem Natural? O homem geralmente afasta-se uma segunda vez, também sem dizer palavra.

Passam-se mais dez anos. Vamos dizer que o homem tem agora 35 anos... Você já viu o olhar de desalento no rosto de um homem de 35 anos? Sentindo-se esmagado pelo trabalho, alienado, vazio, ele pergunta ao Homem Natural, desta vez com todo empenho: "Pode devolver minha bola dourada?"

"Sim", diz o Homem Natural. "Se você me soltar da jaula."

Alguma coisa maravilhosa acontece então na história. O menino fala com o Homem Natural, e continua a conversa. Diz ele: "Mesmo que eu quisesse te soltar, não poderia, porque não sei onde está a chave."

Isso é muito bom. Aos 35 anos, não sabemos onde está a chave. Não é exatamente que tenhamos esquecido — nunca soubemos onde ela estava.

A história diz que quando o rei prendeu o Homem Natural "confiou a guarda da chave à rainha", mas tínhamos então apenas sete anos, e de qualquer modo nosso pai nunca nos disse o que tinha feito com ela. Portanto, onde está a chave?

Ouvi várias tentativas de resposta:

"Está pendurada no pescoço do menino."

Não.

"Está escondida na jaula do João de Ferro."

Não.

"Está dentro da bola dourada."

Não.

"Está dentro do castelo... num gancho dentro da Sala do Tesouro."

Não.

"Está na Torre. Está num gancho bem alto na parede!"

Não.

O Homem Natural responde: "A chave está debaixo do travesseiro da tua mãe."

A chave não está dentro da bola, nem na arca do tesouro, nem no cofre... a chave está debaixo do travesseiro da sua mãe — exatamente onde Freud disse que estaria.

Tirar a chave de sob o travesseiro da mãe é uma tarefa problemática. Freud, aceitando o conselho de uma peça grega, diz que o homem não deve ignorar a atração mútua entre ele e sua mãe, se quiser viver muito. O travesseiro da mãe, afinal de contas, está na cama perto do lugar em que ela faz amor com o pai. Além disso, há outra implicação ligada ao travesseiro.

Michael Meade, o contador de mitos, observou certa vez que o travesseiro é também o lugar onde a mãe guarda todas as expectativas em relação a nós. Ela sonha: "Meu filho, o doutor." "Meu filho, o analista junguiano." "Meu filho, o gênio de Wall Street." Mas muito poucas mães sonham: "Meu filho, o Homem Natural."

Quanto ao filho, ele não tem certeza de que quer apanhar a chave. Transferir simplesmente a chave do travesseiro da mãe para o do guru, de nada adiantará. Esquecer que a mãe tem a chave é um erro grave. Afinal de contas, a tarefa da mãe é civilizar o menino, sendo portanto natural que fique com a chave. Todas as famílias se comportam assim: neste planeta, "o rei confia a guarda da chave à rainha".

Atacar a mãe, enfrentá-la, gritar com ela, o que alguns freudianos se inclinam a nos aconselhar, provavelmente não resolve muita coisa — ela pode apenas sorrir e conversar conosco, mantendo o cotovelo sobre o travesseiro. As conversas de Édipo com Jocasta nunca deram muito resultado, nem o esbravejar de Hamlet.

Um amigo disse que é prudente roubar a chave num dia em que pai e mãe estiverem ausentes. "Meu pai e minha mãe saíram hoje", significa um dia em que a cabeça está livre das inibições dos pais. É esse o dia para roubar a chave. Gioia Timpanelli, escritora e contadora de histórias, observou que, mitologicamente, o roubo da chave pertence ao mundo de Hermes.

E a chave tem de ser roubada. Lembro-me de ter falado certa vez sobre esse problema a um público formado de homens e mulheres. Um jovem, evidentemente bem treinado nos modos de operação da New Age, disse: "Robert, perturba-me essa idéia de roubar a chave. Roubar não é direito. Não poderíamos ir em grupo até a mãe e dizer: Senhora, pode me dar a chave de volta?"

Seu modelo era provavelmente o consenso, a maneira pela qual o pessoal da loja de macrobiótica resolve as coisas. Senti as almas de todas as mulheres presentes se erguerem para matá-lo. Homens assim são tão perigosos para as mulheres quanto para outros homens.

De qualquer modo, nenhuma mãe digna desse nome daria a chave. Se o filho não pode roubá-la, não a merece.

"Eu quero soltar o Homem Natural!"

"Vem dar um beijinho na Mamãe."

As mães sabem intuitivamente o que aconteceria se ele conseguisse a chave: perderiam os seus meninos. A possessividade que as mães exercem tipicamente sobre os filhos — para não falarmos da possessividade que os pais exercem tipicamente sobre as filhas — jamais pode ser subestimada.

Os meios de conseguir a chave de volta variam para cada homem, mas basta dizer que as abordagens democrática ou não-linear não são as melhores.

Um jovem bastante formal dançou certa noite durante seis horas, animadamente, e pela manhã observou: "Consegui parte da chave de volta, na noite passada."

Outro homem retomou a chave quando se comportou como um autêntico trapaceiro pela primeira vez em sua vida, permanecendo perfeitamente consciente do seu embuste. Um outro roubou a chave quando enfrentou a família e recusou-se a continuar carregando a

vergonha pela família toda.

Poderíamos passar dias inteiros falando da maneira prática de roubar a chave. A própria história deixa tudo em aberto, dizendo simplesmente: "Certo dia ele roubou a chave, levou-a até a jaula do Homem Natural, e abriu-a. Ao fazê-lo, machucou um dedo." (O detalhe será importante na continuação da história.) O Homem Natural está finalmente livre, e é claro que voltará para sua floresta, longe do "castelo".

O QUE FAZ O MENINO?

A essa altura, várias coisas poderiam acontecer. Se o Homem Natural voltar à sua floresta e o menino ficar no castelo, a divisão histórica fundamental na psique, entre os homens primitivo e civilizado, seria restabelecida no menino. Este, por sua vez, poderia lamentar a perda do Homem Natural para sempre. Ou poderia recolocar a chave debaixo do travesseiro antes da volta dos pais, e dizer que nada sabia sobre a fuga do Homem Natural. Depois desse subterfúgio, poderia tornar-se um executivo de empresas, um ministro fundamentalista, um professor vitalício, alguém que seria o orgulho de seus pais, que "nunca tinha visto o Homem Natural".

Todos nós recolocamos muitas vezes a chave, e mentimos a respeito disso. E então o caçador solitário dentro de nós tem de entrar mais uma vez na floresta com seu cachorro, e o cachorro é novamente agarrado. Perdemos muitos "cachorros" dessa maneira.

Também poderíamos imaginar um roteiro diferente. O menino convence, ou julga convencer, o Homem Natural a ficar no pátio. Se isso acontecesse, ele e o Homem Natural poderiam manter conversas civilizadas no jardim do chá, e essa conversa duraria anos. Mas a história diz que João de Ferro e o menino não se podem unir — isto é, não podem ter sua união inicial — no pátio do castelo. Provavelmente o lugar está demasiado perto do travesseiro da mãe e do código de regras do pai.

Lembramos que o menino de nossa história, ao falar com o Homem Natural, disse não saber onde estava a chave. Isso é um gesto de coragem. Alguns homens nunca dizem uma frase ao Homem Natural.

Quando o menino abriu a porta da jaula, o Homem Natural começou a caminhar de volta para a sua floresta. O menino da história, ou o homem de 35 anos em quem pensamos — qualquer que seja o ângulo de visão que adotarmos — faz então uma coisa maravilhosa. Fala mais uma vez com o Homem Natural e diz: "Espere um minuto! Se

meus pais voltarem e você tiver desaparecido, eles vão bater em mim." Essa frase dói no coração, particularmente se conhecemos alguma coisa das práticas de criação que vigoraram por longo tempo na Europa do norte.

Como nos lembra Alice Miller em seu livro *For Your Own Good* [Para seu próprio bem], (1) os psicólogos infantis na Alemanha do século XIX advertiam os pais contra a exuberância, em particular. A exuberância numa criança era um mal e, ao primeiro sinal dela, os pais deviam ser rigorosos. A exuberância significa que o menino rebelde já não é controlado. Os pais puritanos na Nova Inglaterra, com frequência, castigavam os filhos severamente se ficassem inquietos durante os longos serviços religiosos na igreja.

"Se voltarem e você tiver desaparecido eles vão bater em mim."

O Homem Natural diz, com efeito: "É um bom raciocínio. É melhor que venha comigo."

Assim, o Homem Natural coloca o menino nos ombros e juntos eles entram na floresta. É um gesto decisivo. Todos devíamos ter essa sorte.

Quando o menino parte para a floresta, tem de superar, pelo medos no momento, seu medo da mata, do irracional, das coisas peludas, da intuição, da emoção, do corpo e da natureza. João de Ferro não é tão primitivo quanto o menino imagina, mas este — ou a mente — ainda não sabe disso.

Mesmo assim, o rompimento claro com a mãe e o pai, pedido pelos iniciadores antigos, ocorreu. João de Ferro diz ao menino: "Você nunca mais verá sua mãe e seu pai. Mas eu tenho tesouros, mais do que você pode precisar." É isso aí.

PARTIDO NOS OMBROS DO HOMEM NATURAL

O momento em que o menino parte com João de Ferro é o momento, na vida dos gregos antigos, em que o sacerdote de Dioniso aceitava um jovem como discípulo; ou o momento, na vida do esquimó de hoje, em que o xamã, por vezes totalmente coberto com a pele de animais selvagens, e usando garras de lobo e vértebras de cobra em volta do pescoço, e um gorro de cabeça de urso, aparece na aldeia e leva um menino para instrução espiritual.

Esse momento não existe em nossa cultura. Nela, os meninos têm

uma necessidade constante de iniciação no espírito masculino, mas os velhos em geral não a oferecem. O padre tenta, por vezes, mas hoje em dia está demasiadamente inserido na aldeia corporativa.

Entre os Hopis e outros americanos nativos do sudoeste, os velhos levam o menino aos 12 anos para uma área exclusivamente masculina do kiva. Ele fica ali durante seis semanas, e não vê a mãe por mais um ano e meio.

O problema da família nuclear, hoje, não é tanto o fato de ser louca e estar cheia de exigências emocionais contraditórias (isso acontece também em comunas e escritórios de empresas — na verdade, em qualquer grupo). O problema é que os velhos fora da família nuclear já não oferecem uma maneira eficiente para que o filho rompa seus elos com os pais, sem causar danos a si mesmo.

As sociedades antigas acreditavam que o menino só se torna homem através do ritual e do esforço — só através da "intervenção ativa de homens mais velhos".

Está se tornando claro para nós que a idade adulta não é atingida por si mesma; ela não acontece porque comemos isto ou aquilo. A intervenção ativa de homens mais velhos significa que estes recebem o homem mais novo no mundo masculino instintivo, mitologizado, antigo.

Uma das melhores histórias que ouvi sobre esse tipo de recepção é a que ocorre anualmente entre os Kikuyu, na África. Quando o rapaz tem idade suficiente para a iniciação, é afastado da mãe e levado para um lugar especial, organizado pelos homens a certa distância da aldeia. Ali jejua por três dias. Na terceira noite ele se senta num círculo em volta da fogueira, com os homens mais velhos. Está com fome, com sede, alerta e aterrorizado. Um dos velhos pega uma faca, abre uma veia em seu próprio braço e deixa um pouco do sangue escorrer para uma gamela. Todos os homens mais velhos do círculo abrem seu braço com a mesma faca, e a gamela circula, enquanto vão deixando cair nela o seu sangue. Quando é a vez do jovem, ele é convidado a alimentar-se com aquilo.

Nesse ritual, o rapaz aprende várias coisas. Aprende que o alimento não vem apenas da mãe, mas também dos homens. E aprende que a faca pode ser usada para muitas finalidades além da de ferir os outros. Poderá ter agora qualquer dúvida de que é bem recebido entre os outros homens?

Uma vez realizada a recepção, os homens mais velhos lhe ensinam os mitos, histórias e canções que encerram valores caracteristicamente masculinos: e não me refiro aos valores competitivos apenas, mas também aos espirituais. Uma vez aprendidos esses mitos "estimulantes", os próprios mitos levam o jovem muito além de seu pai individual, até seus pais coletivos que se estendem pelos séculos afora. Na ausência do trabalho feito conscienciosamente pelos velhos, o que acontece? A iniciação do homem ocidental continua por algum tempo, numa forma modificada, mesmo depois que os fanáticos destruíram as escolas gregas de iniciação. Durante o século XIX, avós e tios viviam na casa, e os homens mais velhos participavam muito. Nas caçadas, no trabalho feito em conjunto nas fazendas e cabanas, e nos esportes locais, os homens mais velhos passavam muito tempo com os jovens e lhes ensinavam a conhecer o espírito masculino.

No começo de "A Excursão", Wordsworth descreve o velho que se sentava, dia após dia, sob uma árvore e o saudava, quando ele era menino:

Ele me amava; entre um enxame de meninos
Escolheu-me, como diria brincando,
Pela aparência grave, séria demais para a idade.
Quando cresci, meu maior prazer era
Ter sido escolhido seu camarada. Muitas vezes
Caminhamos, nas férias, pela floresta...

Grande parte dessas associações ao acaso, ou incidentais, acabou. Os clubes e sociedades masculinos foram desaparecendo. Os avós vivem em Phoenix ou em asilos de velhos, e muitos rapazes têm apenas a companhia de outros rapazes da sua idade, que do ponto de vista dos velhos iniciadores, não sabiam nada.

Na década de 1960 alguns jovens tiravam sua força de mulheres que, por sua vez, a tinham recebido, em parte, do movimento feminino. Poderíamos dizer que muitos jovens na década de 1960 tentaram aceitar a iniciação pelas mulheres. Mas só homens podem iniciar homens, como só mulheres podem iniciar mulheres. As mulheres podem transformar um embrião num menino, mas só os homens podem fazer dele um homem. O iniciadores dizem que os meninos precisam de um segundo nascimento, desta vez um nascimento a partir do homem.

Num dos seus ensaios, Keith Thompson descreveu-se como sendo, aos 20 anos, um rapaz típico, "iniciado" por mulheres. Seus pais se divorciaram quando ele tinha cerca de 12 anos, e então foi viver com

a mãe, enquanto o pai se mudava para um apartamento nas imediações.

Durante toda a escola secundária, Keith esteve mais próximo das mulheres do que dos outros homens, e essa situação continuou durante o período da universidade, quando seus principais amigos foram as feministas, a quem ele descreve como maravilhosas, compreensivas e generosas, e com as quais aprendeu muito. Aceitou então um emprego na política estadual de Ohio, trabalhando com mulheres e atento às preocupações femininas.

Mais ou menos nessa época, teve um sonho. Ele e um clã de lobas estavam correndo na floresta. As lobas sugeriam-lhe principalmente independência e vigor. O clã delas andava com muita rapidez na floresta, em formação, e acabaram chegando todas a um rio. Cada loba olhou para a água e viu sua própria cara refletida. Mas quando Keith olhou, não viu nada.

Os sonhos são sutis e complicados, e qualquer conclusão breve sobre eles é precipitada. A última imagem, porém, sugere uma idéia perturbadora. Quando mulheres, mesmo com a melhor das intenções, criam sozinhas um menino, ele pode de certa maneira não ter um rosto masculino, ou pode mesmo não ter nenhum rosto. Os velhos iniciadores, em contraste, transmitiam aos meninos uma certeza invisível e não-verbal: ajudavam-nos a ver o seu rosto, ou o seu ser, autêntico. O que fazer, então? Milhares e milhares de mulheres, sendo mães solteiras, estão criando meninos sem nenhum homem adulto na casa. As dificuldades inerentes a essa situação surgiram certo dia em Evanston, quando eu estava fazendo uma palestra sobre a iniciação de homens para um grupo formado principalmente de mulheres.

Mulheres que criavam filhos sozinhas estavam muito alerta para os perigos do modelo sem homem. Uma delas declarou ter compreendido, quando o filho chegou à idade da escola secundária, que o rapaz precisava de mais dureza do que ela podia lhe dar naturalmente. Mas, disse ela, se se tornasse mais dura para atender a tal necessidade, perderia contato com sua própria feminilidade. Mencionei a solução clássica de muitas culturas tradicionais, que é mandar o menino para o pai quando chegar aos 12 anos. Várias mulheres disseram claramente: "Não, os homens não são educadores; eles não tomariam conta do menino." Muitos homens, porém — e sou um deles —, encontraram em si a capacidade de educar, de formar, que só apareceu quando foi necessário.

Mesmo quando o pai vive em casa, pode haver ainda uma forte liga-

ção oculta entre mãe e filho para afastá-lo, o que equivale a uma conspiração, e as conspirações são difíceis de descobrir. Uma mulher com dois filhos gostava de ir anualmente a uma convenção em San Francisco com o marido, ficando os meninos em casa. Mas certa primavera, tendo voltado recentemente de um retiro feminista, achou que gostaria de ter certa privacidade e disse ao marido: "Por que não leva os meninos, este ano?" Foi o que ele fez.

Os meninos, de 10 e 12 anos, nunca tinham ficado sozinhos com o pai, sem a presença da mãe. Depois dessa experiência, passaram a pedir que o pai lhes dedicasse mais tempo.

No ano seguinte, quando se aproximou a data da convenção, a mãe escolheu novamente a privacidade e os meninos viajaram com o pai. No momento em que voltaram para casa, a mãe estava na cozinha, de costas para a porta, e o mais velho dos dois rapazes entrou e abraçou-a por trás. Sem querer, o corpo da mulher reagiu explosivamente e o menino foi lançado contra a parede, do outro lado da cozinha. Quando se ergueu, a relação entre eles se tinha alterado. Alguma coisa irrevogável acontecera. Ela ficou satisfeita com a mudança e o menino ficou surpreso e um tanto aliviado pelo fato de que, evidentemente, a mãe já não precisava dele como antes.

Essa história sugere que o trabalho de separação pode ser feito, mesmo que os velhos iniciadores não criem o rompimento. A própria mãe pode provocá-lo. Vemos que isso exige muita intensidade, e notamos que foi de alguma maneira o corpo da mulher, e não a sua mente, que realizou a tarefa.

Outra mulher contou uma história na qual a conspiração mãe-filho foi rompida pelo menino. Ela era mãe sem marido de um filho e duas filhas; as meninas iam bem, mas os rapaz, não. Aos 14 anos, ele foi viver com o pai; ficou apenas um mês, aproximadamente, e voltou. Quando isso aconteceu, a mãe compreendeu que três mulheres na casa representavam um desequilíbrio de energia feminina para o filho, mas o que podia fazer? Passaram-se uma ou duas semanas. Certa noite ela disse ao filho: "John, é hora de jantar." Tocou-o no braço, ele explodiu, e ela foi jogada contra a parede — a mesma explosão da história anterior. Não houve nenhuma intenção de violência nos dois casos, e nenhum indício de que o incidente se repetiu. Em cada caso, a psique ou o corpo sabiam o que a mente não sabia. Quando a mãe se levantou do chão, disse: "É hora de você voltar para o seu pai", e o rapaz respondeu: "Tem razão."

O rompimento iniciatório tradicional é claramente preferível à violên-

cia, e a contorna. Mas em todo o país vemos hoje filhos desajeitados na cozinha, falando com rudeza com suas mães, e creio que isso é uma tentativa de parecerem pouco atraentes. Se os velhos não realizaram o seu trabalho de interromper a unidade de mãe-filho, que outra coisa poderiam fazer os meninos para se separarem, senão falar com maus modos? É uma atitude totalmente inconsciente e sem nenhuma elegância.

Um rompimento limpo com a mãe tem importância crucial, mas isso simplesmente não está acontecendo, o que não significa que as mulheres estejam fazendo alguma coisa errada. Acho que o problema está mais no fato de não estarem os homens mais velhos fazendo o seu trabalho.

A maneira tradicional de criar os filhos, que durou milhares e milhares de anos, equivalia a uma convivência estreita entre pais e filhos — uma proximidade que podia ser assassina — enquanto o pai ensinava ao filho um ofício: talvez a agricultura ou carpintaria, ou o trabalho de ferreiro ou alfaiate. Como eu disse em outro lugar, a unidade amorosa mais prejudicada pela Revolução Industrial foi a ligação pai-filho. Não há sentido em idealizarmos a cultura pré-industrial, e não obstante sabemos que hoje muitos pais trabalham a 50 ou 70 quilômetros de distância da casa, e quando voltam à noite os filhos estão quase sempre dormindo, e eles próprios estão muito cansados para exercer a função paterna.

A Revolução Industrial, com sua necessidade de trabalhadores para os escritórios e as fábricas, afastou os pais de seus filhos, e, o que é mais importante, colocou os filhos em escolas compulsórias, onde os professores são principalmente mulheres. D. H. Lawrence descreveu isso no seu ensaio "Men Must Work and Women as Well" [Os homens devem trabalhar e as mulheres também]. (2) Sua geração, nas áreas de mineração carvoeira da Grã-Bretanha, sentiu todo o peso dessa mudança, e a nova atitude organizou-se em torno de uma idéia: o trabalho físico é um mal.

Lawrence lembra-se de que seu pai, que nunca ouvira essa teoria, trabalhava diariamente nas minas, desfrutava da camaradagem dos outros homens, chegava em casa alegre, e tomava banho na cozinha. Mas chegaram então as novas professoras de Londres para ensinar a Lawrence e seus colegas que o trabalho físico é vil e indigno, e que homens e mulheres devem lutar para ascender em um nível mais "espiritual" — a um trabalho superior, mental. Os meninos da sua geração deduziram que seus pais vinham fazendo alguma coisa errada, que o trabalho físico do homem é errado, e que as mães sen-

síveis que preferem cortinas brancas e uma vida elevada têm razão, e sempre tiveram.

Na sua adolescência, descrita em *Sons and Lovers* [Filhos e amantes], (3) Lawrence evidentemente acreditou nas novas professoras. Quis a vida "superior" e ficou ao lado da mãe. Só dois anos antes de morrer, já doente de tuberculose na Itália, é que começou a notar a vitalidade dos trabalhadores italianos e a sentir uma profunda saudade do próprio pai. Compreendeu então que o ascencionismo de sua mãe era errado para ele, e o tinha estimulado a separar-se do pai e do próprio corpo, de uma maneira pouco frutífera.

Uma única idéia, clara, bem alimentada, propaga-se como uma doença contagiosa: "O trabalho físico é errado." Muitas pessoas, além de Lawrence, aceitaram essa idéia, e na geração seguinte a separação entre pais e filhos aprofundou-se. O homem vai trabalhar num escritório, torna-se também ele pai, mas não tem uma atividade para compartilhar com seu filho e não pode explicar-lhe o que faz. O pai de Lawrence podia levar o filho às minas, tal como o meu pai, que era agricultor, podia levar-me no trator e mostrar-me as coisas. Eu sabia o que ele fazia durante todo o dia e em qualquer estação do ano. Quando o trabalho burocrático e a "revolução da informática" começam a dominar, o laço entre pai e filho desintegra-se. Se o pai só está em casa uma ou duas horas à noite, então só os valores femininos, embora maravilhosos, existirão para o menino. Poderíamos dizer que o pai perde hoje o filho cinco minutos depois que ele nasce.

Quando entramos numa casa contemporânea, é com freqüência a mãe que nos recebe, confiante. O pai fica atrás, pois fala mal. Eis um poema meu, chamado "Encontro com o pai":

Meu amigo, este corpo se oferece para nos levar de graça — como o mar carrega os troncos. Em certos dias o corpo geme com a sua grande energia; derruba as represas, jogando para cima pequenos caranguejos, que voam para os lados.

Alguém bate à porta. Não temos tempo de vestir. Ele quer que o acompanhem pelas ruas cheias de vento e chuva, até a casa escura.

Iremos, diz o corpo, e ali encontraremos o pai que nunca vimos, que saiu numa tempestade de neve na noite em que nascemos, que perdeu a memória e desde então viveu ansiando pelo filho, a quem viu apenas uma vez... enquanto trabalhava como sapateiro, como vaqueiro na Austrália, como cozinheiro

de restaurante que pintava à noite.

Quando acender a lâmpada, você o verá. Está sentado ali, atrás da porta ... as sobrancelhas tão grossas, a testa tão clara ... sozinho em todo o seu corpo, esperando por você. (4)

O PAI DISTANTE

O psicólogo alemão Alexander Mitscherlich escreve sobre essa crise pai-filho em seu livro *Society Without the Father* [A sociedade sem o pai]. (5) A essência da sua idéia é que se o filho não vê o que o pai faz durante o dia e em qualquer estação do ano, surgirá um buraco em sua psique, e esse buraco se encherá de demônios que lhe dizem que o trabalho do pai é um mal, que o pai está ligado ao mal.

O medo que o filho sente, de que o pai ausente seja ligado ao mal, contribui para as ocupações estudantis de lugares públicos na década de 1960. Estudantes rebeldes na Universidade de Colúmbia ocuparam o gabinete do presidente, procurando provas de envolvimento da Universidade com a CIA. O medo dos alunos, de que seus pais fossem maus, foi transferido para todas as figuras masculinas que tinham autoridade. Uma universidade, como um pai, parece direita e decente de fora, mas por baixo, em algum lugar, tem-se a impressão de que a universidade e o pai estão fazendo alguma coisa demoníaca. Esse sentimento acaba sendo intolerável, porque as intuições interiores do filho tornam-se incongruentes com as aparências exteriores. As intuições inconscientes surgem não porque o pai é mau, mas porque está distante.

Os jovens dão-se ao trabalho de invadir o gabinete do presidente para superar essa incongruência. Sendo o país o que é, ocasionalmente encontram cartas da CIA, mas isso não satisfaz o desejo mais profundo — a necessidade que o corpo do filho tem de estar mais perto do corpo do pai. "Onde está meu pai... por que não me ama? O que está acontecendo?"

O filme *The Marathon Man* concentra-se na desconfiança que o jovem americano tem dos homens mais velhos. O principal personagem, representado por Dustin Hoffman, perde o pai, um esquerdista levado ao suicídio na era McCarthy. A história coloca o jovem em perigoso contato com um antigo médico de um campo de concentração, que Hoffman tem de enfrentar e derrotar antes que possa alcançar a paz com o pai morto.

Quando os demônios são tão desconfiados, como pode o filho esta-

belecer, mais tarde, uma boa ligação com a energia masculina adulta, especialmente a energia de um homem adulto em posição de autoridade ou liderança? Como músico, ele quebrará violões feitos à mão por velhos, ou como professor desconfiado dos autores mais antigos ele os "desconstruirá". Como cidadão, participará antes da terapia do que da política. Sentir-se-á mais puro se não participar da autoridade. Irá para o norte da Califórnia plantar maconha, ou andar em veículos de três rodas no Maine.

Existe hoje a suposição geral de que todo homem em posição de poder é, ou logo ficará, corrupto e opressor. Mas os gregos compreenderam e louvaram uma energia masculina positiva que aceitava a autoridade. Chamavam-na de energia de Zeus, que abrange a inteligência, a saúde robusta, a decisão compassiva, a boa vontade, a liderança generosa. A energia de Zeus é a autoridade masculina aceita para o bem da comunidade.

O nativo americano acredita nesse poder masculino saudável. Entre os Sênecas, o chefe — um homem, mas escolhido pelas mulheres — aceita o poder em nome da comunidade. Ele próprio não tem praticamente nada. Todas as grandes culturas, com exceção da americana, preservam e viveram com imagens dessa energia masculina positiva.

A energia de Zeus se vem desintegrando constantemente, década após década, nos Estados Unidos. A cultura popular está disposta a acabar com o respeito por ela, a começar com os quadrinhos "Maggie e Jiggs" e "Belina e Adalberto" das décadas de 1920 e 1930, nos quais o homem é sempre fraco e bobo. A partir daí, a imagem do homem adulto fraco entrou para o desenho animado.

O pai, nos anúncios contemporâneos da TV, nunca sabe o que tomar para resfriado. E nas comédias os homens são falsos, desastrados ou facilmente enganados. São as mulheres que os enganam, que lhes ensinam uma lição, ou dominam sozinhas toda a cidade. Isso não é exatamente "o que o povo quer". Muitos jovens roteiristas de Hollywood, em lugar de enfrentar seus pais em Kansas, vingam-se do pai distante fazendo com que todos os homens adultos pareçam tolos.

Eles atacam o respeito da integridade masculina que todo pai deseja, no íntimo, transmitir aos seus netos e bisnetos. Em contraste, nas culturas tradicionais, os homens e mulheres mais velhos são, com frequência, os primeiros a falar em reuniões públicas; os jovens podem não dizer nada, mas ainda desejam manter contato com os homens mais velhos. Hoje, temos moços de 27 anos empenhados em obter o

controle de uma casa editora e, hostilmente, desmanchar em seis meses o que um homem mais velho levou 30 anos para criar. Dei minha contribuição para o enfraquecimento da energia de Zeus durante meus 20 e 30 anos. Ataqueei todos os homens mais velhos na comunidade literária que estavam ao alcance de minhas flechas, e gostei de ver seus corpos atravessados por elas, pelas flechas lançadas por tanta energia engarrafada na minha psique. Eu via muitas partes da vida cotidiana de meu pai, seus hábitos de trabalho, sua atitude generosa para com os trabalhadores; mas ele era inacessível sob outros aspectos, e o buraco em mim foi preenchido por demônios, como Mitscherlich previa. Homens mais velhos, a quem eu mal conhecia, receberam a raiva.

Quando um filho age com esse medo do demonismo, torna-se superficial, insípido, isolado e seco. Não sabe como recuperar a sua porção úmida e barrenta. Há alguns anos, comecei a sentir minha diminuição, não tanto de meu lado "feminino" como do masculino. Faltavam-me contatos com homens — ou deveria dizer, com meu pai?

Comecei a vê-lo não como alguém que me tivesse privado de amor, atenção ou companheirismo, mas como alguém que fora privado, pelo próprio pai e mãe, e pela cultura. Essa reformulação continua ainda.

Todas as vezes que vejo meu pai, experimento novos e complicados sentimentos sobre o quanto da privação que senti com ele vinha espontaneamente e o quanto vinha contra a sua vontade — o quanto ele tinha consciência e o quanto não tinha.

Jung externou uma idéia perturbadora sobre essa complicação. Disse que quando o filho é apresentado ao sentimento principalmente pela mãe, aprende a atitude feminina em relação à virilidade e adota uma visão feminina do próprio pai e da própria masculinidade. Verá o pai com os olhos da mãe. Como pai e mãe competem pela afeição do filho, não se pode ter uma imagem fiel do pai através da mãe, nem uma imagem fiel da mãe através do pai. Algumas mães procuram mostrar que a civilização, a cultura, o sentimento e os relacionamentos são coisas que a mãe e a filha, ou a mãe e o filho sensível, têm em comum, ao passo que o pai representa e materializa o que é rígido, talvez brutal — a ausência de sentimento, a obsessão, o racionalismo: o que é voltado para o dinheiro, que não tem compaixão. "Seu pai não pode deixar de ser assim." Portanto, em geral, o filho cresce com uma imagem contundida do pai — não necessariamente provada pelos atos ou palavras dele, mas baseada na observação que a mãe faz dessas palavras ou atos.

Sei que, no meu caso, estabeleci minha primeira conexão com o sentimento através de minha mãe. Ela me proporcionou a primeira sensação de discriminação de sentimentos. "Você está triste?" Mas essa conexão encerrava a adoção de uma imagem negativa de meu pai, que não falava muito sobre sentimentos.

É necessário algum tempo para que um filho supere essas primeiras visões negativas do pai. A psique se apegue tenazmente a essas percepções iniciais. A idealização da mãe ou a obsessão ligada a ela, o amor ou o ódio por ela, podem durar até que o filho tenha 30, ou 35, ou 40 anos. Aí pelos 40 ou 45 anos ocorre naturalmente um movimento em direção ao pai — um desejo de vê-lo mais claramente e de aproximar-se dele. Isso acontece de maneira inexplicável, quase como que obedecendo a um calendário biológico.

Um amigo me contou como esse movimento aconteceu na sua vida. Mais ou menos aos 35 anos ele começou a pensar em como era realmente o seu pai. Não o tinha visto durante dez anos. Voou para Seattle, onde ele vivia, bateu à sua porta e quando o pai abriu, disse: "Venho dizer-lhe que não aceito mais a idéia que minha mãe fazia de você."

"E o que aconteceu?", perguntei.

"Meu pai se desfez em lágrimas, e disse: Agora posso morrer." Os pais esperam. O que mais podem fazer?

Não estou afirmando que todos os pais são bons; as mães podem ter razão quanto ao lado negativo do pai, mas a mulher também pode criticar traços masculinos que são apenas diferentes ou inesperados.

Se o filho aprende a sentir principalmente com a mãe, então é provável que também veja sua própria masculinidade do ponto de vista feminino. Pode ficar fascinado por isso, mas terá medo. Pode ter pena e querer mudar isso, ou pode desconfiar da situação e desejar pôr-lhe um fim. Pode inclusive admirá-la, mas nunca se sentirá à vontade com ela.

O homem acaba tendo necessidade de jogar fora toda a doutrinação e começar a descobrir por si mesmo o que o pai é, e o que é a virilidade. Para essa tarefa, as histórias antigas constituem uma boa ajuda, porque estão livres dos modernos preconceitos psicológicos, porque suportaram o exame de gerações de mulheres e homens, e porque apresentam tanto o lado claro como o lado escuro da masculini-

dade, tanto o admirável como o perigoso. Seu modelo não é um homem perfeito, nem um homem francamente espiritual.

Nos mitos gregos, Apoio é visto como um homem dourado em meio a uma enorme acumulação de energia obscura, ativa, perigosa, chamada Dioniso. O Homem Natural da nossa história inclui um pouco de ambos os tipos de energia, tanto Apoio como Dioniso.

Os butaneses fazem máscaras de um homem com cabeça de pássaro e dentes de cachorro. Isso sugere uma boa energia dupla. Todos conhecemos os guardiães de templos orientais. O guardião é um homem de sobranceiras enormes e vontade feroz; mantém um pé elevado como se fosse dançar, ergue uma clava feita de uma flor. Os hindus oferecem uma imagem de masculinidade, Xiva, que é ao mesmo tempo um asceta e um grande amante, um louco e um esposo. Ele pode ter presas em sua forma chamada Bairava, e com esse aspecto está longe da beleza sugerida pelo Jesus convencional.

Há um pouco dessa energia Bairava quando Cristo se enfurece no templo e se põe a chicotear os mercadores. A tradição celta oferece como imagem masculina Cuchulain — que, quando se enfurece, os músculos da sua canela passam para a frente e solta fumaça pelo alto da cabeça.

Essas poderosas energias dentro dos homens jazem, como João de Ferro, em poços pelos quais ainda não passamos. É bom que o divino esteja associado à Virgem Maria e a um Jesus bondoso, mas podemos sentir como seria diferente para os moços se vivêssemos numa cultura onde o divino também está associado a dançarinos loucos, a homens de presas ferozes, e a um ser totalmente submerso, coberto de pêlos.

Todos nós, homens e mulheres, sentimos certo medo ao nos aproximarmos dessas imagens. Há várias décadas vimos tentando, com razão, compreender as desvantagens da destrutiva personalidade tipo macho, e quanto a isso creio ser útil lembrarmos as distinções entre o Homem Natural e o homem selvagem.

Quando alguém entra em contato com o Homem Natural, pode sentir um verdadeiro vigor. Pode gritar e dizer o que quer de uma maneira que o homem das décadas de 1960-1970 não é capaz. A abordagem, ou a materialização, do espaço receptivo realizada pelo homem das décadas de 1960-1970, é infinitamente valiosa, e não deve ser abandonada. Mas como escrevi num poema chamado "Meditação sobre a Filosofia",

Quando gritamos para eles, não respondem. Voltam o rosto para a parede do berço, e morrem?*

A capacidade do homem de gritar e enfurecer-se não significa dominação, nem o tratamento das pessoas como se fossem objetos, exigência de terra ou império, defesa da Guerra Fria — todo o modelo do machismo.

As mulheres precisavam, na década de 1970, desenvolver o que é conhecido na tradição indiana como energia Kali — a capacidade de dizer realmente o que querem, dançar com caveiras em volta do pescoço, cortar relacionamentos quando necessitam fazê-lo.

Os homens precisam estabelecer uma conexão paralela com a dura energia Dioniso que os hindus chamam de Kala. Nossa história diz que o primeiro passo é encontrar o Homem Natural que jaz no fundo do poço. Alguns homens, através do sofrimento acumulado, são capazes de descer até aquele lugar. Contudo, a ligação com essa energia Kala terá também o efeito de encontrar a mesma energia nas mulheres. Se os homens não fizerem isso, não sobreviverão.

Os homens estão sofrendo, neste momento — principalmente os jovens. Agora, que tantos homens estão em contato com o seu sofrimento, seu anseio pelas ligações com o pai e o mentor, estamos mais preparados para começar a ver o Homem Natural e a examinar novamente a iniciação. Sinto-me, porém, muito esperançoso.

A esta altura, muitas coisas podem acontecer.

NOTAS

1. Alice Miller, *For Your Own Good* (New York, Farrar, Straus & Giroux, 1983).
2. D. H. Lawrence, *The Portable D.H. Lawrence*, org. Diana Trilling (New York, Viking Press, 1955), p.623.
3. D. H. Lawrence, *Sons and Lovers* (New York, Viking Penguin, 1958).
4. "Finding the Father", de Robert Bly, *Selected Poems* New York, Harper & Row, 1986), p. 132.
5. Alexander Mitscherlich, *Society Without the Father* (Londres, Tavistock, 1969).
6. "A Meditation of Philosophy", de Bly, *Selected Poems*, p. 162.

Capítulo 2

QUANDO UM FIO DE CABELO FICA DOURADO

Poderíamos perguntar: "Por que não parar aqui?" Temos um menino que roubou a chave que estava debaixo do travesseiro de sua mãe. Fugiu dela e do pai, está em contato com o Homem Natural e, através dele, com a selva. Como Huck Finn, ele começou a "descer o Mississippi" numa jangada, com um companheiro de um mundo diferente. Mas se a nossa história descreve a iniciação, sabemos que teremos dentro em pouco algum ferimento, um osso quebrado, um corte na pele, marcas de machucados pelo corpo. Tudo isso é parte da iniciação.

Mircea Eliade, em seus relatos sobre experiências de iniciação em dezenas de culturas por todo o mundo, (1) diz que ela começa com dois fatos: o primeiro é um rompimento claro com os pais, depois do que o noviço vai para a floresta, o deserto ou a selva. O segundo é o ferimento que o homem mais velho faz no rapaz, podendo ser uma marca na pele, um corte com faca, uma esfregadela com urtiga, um dente arrancado. Não devemos, porém, concluir apressadamente que os machucados são feitos por sadismo. Os iniciadores de jovens, na maioria das culturas, certificam-se de que os ferimentos que infligem não provocam dor sem sentido, mas reverberam desde um centro rico em significados. Uma prática de iniciação entre os aborígenes da Austrália é um bom exemplo. Os homens mais velhos, tendo levado o rapaz para longe da comunidade, contam-lhe a história do primeiro homem, Darvala. Os meninos ouvem atentamente essa história do homem original, o Adão deles. Acontece que Darvala está sentado numa árvore ali perto. Enquanto os rapazes tentam vê-lo na árvore, um velho percorre a fileira de noviços arrancando um dente de cada um deles. Os velhos lembram então aos rapazes que uma coisa parecida aconteceu com Darvala. Ele perdeu um dente. Suas línguas associam, pelo resto da vida, o dente quebrado com uma ligação viva com Darvala. Muitos, entre nós, daríamos um dente para ter uma ligação viva com Adão.

O princípio da adolescência é o momento tradicionalmente escolhido para o começo da iniciação, e todos lembramos quantas feridas sofremos naquela idade. A adolescência é uma fase de risco para os meninos, e esse risco é também um desejo de iniciação.

O número de ferimentos suportados pelo homem típico é espantoso. Isso me ficou bastante claro certo dia, em San Francisco, quando várias centenas de homens se reuniram numa grande sala. Um dos pro-

fessores, Doug van Koss, distribuiu duas ou três mil tiras de pano vermelho e pediu que os presentes as amarrassem em qualquer parte de seu corpo que tivesse sido maltratada de alguma forma — um corte, uma fratura, um ferimento a faca, uma cicatriz. Muitos homens precisaram de dez faixas, ou mais. Para alguns, todo o lado direito do corpo, do calcanhar à cabeça, era um vermelho brilhante; em outros, o vermelho quase cobria a cabeça; em outros ainda, eram os braços e as pernas. Quando o exercício terminou, a sala parecia um mar vermelho.

Alguma coisa no homem adolescente deseja o risco, corteja o perigo, estende-se até a beira — até mesmo a beira da morte.

Em nossa história, portanto, o dedo do menino sugere os ferimentos que cada um de nós já recebeu em nossas tentativas de soltar da jaula o Homem Natural. A ferida não nos é causada pelos velhos. Nós mesmos a fazemos. Quer os velhos do passado nos marquem com uma concha marinha, ou uma tatuagem dolorosa, ou quer nós mesmos o façamos, a cicatriz representa um ferimento que já está ali, um dente quebrado que sentimos com a língua. Em nossa história, o dedo pisado representa um ferimento recebido pela maioria dos jovens em nossa cultura. Voltemos à história:

A HISTÓRIA: PRIMEIRO DIA NA FONTE

Quando o Homem Natural chegou novamente à floresta escura, tirou o menino dos ombros, colocou-o no chão e disse: "Nunca mais verás tua mãe nem teu pai, mas eu ficarei contigo, pois me libertaste, e tenho pena de ti. Se fizeres tudo o que eu mandar, as coisas correrão bem. Tenho muito ouro e tesouros, mais do que qualquer outra pessoa no mundo."

O Homem Natural preparou uma cama de folhas para o menino dormir e pela manhã levou-o a uma fonte. "Estás vendo esta fonte dourada? É clara como cristal, e cheia de luz. Quero que fiques sentado junto dela e vigies para que nada caia dentro dela, pois se isso acontecer, a fonte será prejudicada. Voltarei todas as tardes para ver se me obedeceste."

O menino ficou sentado à beira da fonte. Vez por outra, via um peixe ou uma cobra dourados, e vigiava para que nada caísse lá dentro. Mas seu dedo começou a doer muito e, sem pensar, ele o mergulhou na água. Retirou-o imediatamente, mas viu que o dedo ficara dourado e, por mais que o lavasse, o dourado não saía.

João de Ferro voltou naquela tarde e perguntou: "Aconteceu hoje alguma coisa com a fonte?"

O menino escondeu o dedo às costas para que João de Ferro não o visse, e disse: "Não aconteceu nada."

"Ah, mergulhaste o dedo na fonte!", observou o Homem Natural. "Deixaremos passar desta vez, mas não o faça de novo."

Falaremos do ouro agarrado no dedo adiante, por ora ficaremos mais um pouco com o ferimento. Este doía tanto que o menino o mergulhou involuntariamente na fonte. É isso, basicamente, o que a história diz.

Para vivermos esta história, em lugar de simplesmente observá-la, devemos perguntar: "Que ferimento temos doendo tanto que precisamos mergulhá-lo na água?" A iniciação dos jovens resume-se, portanto, em ajudá-lo a lembrar da ferida, e nos referimos às feridas da alma, ou danos ao corpo emocional. Às vezes as cicatrizes exteriores nos lembram as cicatrizes interiores.

Vamos relacionar algumas lesões interiores, tal como relacionamos antes algumas das exteriores. Não receber a bênção do pai é uma lesão. Robert Moore disse: "Se você é jovem, e não tem a admiração de um homem mais velho, está sendo ferido." (2) Quantos homens me disseram: "Esperei dois dias junto de meu pai, quando estava morrendo, para ouvi-lo dizer que me amava." O que aconteceu? "Ele nunca disse."

Não ver o pai quando se é pequeno, não estar nunca com ele, ter um pai distante, um pai ausente, ou pai viciado em trabalho, é uma injúria. Ter um pai crítico, julgador, equivale a ser um filho de Cronos, por ele devorado. Alguma lesão é geralmente provocada pelo pai, de uma maneira ou de outra.

Michael Meade descobriu uma história africana na qual, certo dia, o caçador leva o filho à caça com ele. Tendo abatido um pequeno rato, pede ao menino que o guarde. "Achando que não valia nada, o garoto jogou-o no mato", diz a história.

Não apareceu mais nenhuma caça naquele dia, e ao anoitecer o pai pediu ao menino o rato, para que o pudessem cozinhar e ter alguma coisa para comer. O menino disse: "Joguei-o no mato." E então, de acordo com a história: "O pai pegou o machado e golpeou o filho, dei-

xando-o caído onde estava."

Os homens que ouvem essa história sabem, com detalhes espantosos, exatamente onde foi dado o golpe do machado. Um deles diz que atingiu o lado esquerdo da cabeça. Outro, que foi na área do peito. Um terceiro disse: "No meu ombro." Um outro: "Atrás da cabeça." Um quinto: "Bem no centro do crânio." Um sexto: "Na barriga." Outro, finalmente: "Na virilha", e assim por diante. Quase todo homem se lembra do momento do golpe. Assim, esse acontecimento parece ser parte do material pai-filho: o pai dá o golpe, filho o recebe. E o menino se lembra desse ferimento durante anos. E os golpes desfechados pela mãe? "Você é muito fraco, não deve brincar com aqueles meninos." "Como você pôde matar um passarinho tão bonito?" "Se não parar com isso, mando-o para o internato! Veremos se você vai gostar!" "Você é muito grande para fazer isso." "Você está agindo exatamente como seu pai." O pai desfecha contra o filho um golpe vivo e inesquecível com um machado, o que encerra uma sugestão de assassinato; muitas mães fazem com que o filho receba o batismo da vergonha. E continuam jogando a água da vergonha sobre sua cabeça, para não falhar.

Um homem disse: "Minha mãe tinha uma raiva trípode: a necessidade irresistível de chutar tudo o que tivesse três pernas."

Por vezes, esse processo de envergonhamento produz uma ferida duradoura, que não se fecha. Os gregos que iam para a Guerra de Tróia deixaram Filotectes para trás, numa ilha, porque sua ferida cheirava muito mal. Mais tarde tiveram de ir buscá-lo, porque o oráculo disse que era a única maneira de ganhar a guerra. O homem ferido sabe alguma coisa, ou é alguma coisa.

Surras, tapas na cara, ataques verbais, são ferimentos. Golpes que atingem o amor-próprio, perfuram nosso senso de grandeza, poluem nosso entusiasmo, envenenam e destroem a confiança, provocam equimoses na alma, minando e degradando a imagem do corpo... e tudo isso é um aviltamento. Faz mal, causa dano.

Ouvir uma mentira de um homem mais velho equivale a uma perna quebrada. Quando os jovens chegaram ao Vietnã e descobriram que lhes haviam mentido, sofreram ferimentos muito profundos.

Não ser bem recebido pelos homens mais velhos, no mundo masculino, é um ferimento no peito. O chefe de polícia de Detroit comentou que os jovens que prende não só não têm em sua casa um homem mais velho que seja responsável, como também nunca encontraram

um homem assim. Quando vemos uma quadrilha de jovens, estamos vendo, como observou Michael Meade, rapazes que não convivem com homens mais velhos. Os membros dessas quadrilhas tentam desesperadamente aprender a coragem, a fidelidade familiar, a disciplina, uns dos outros. Isso funciona para alguns, mas não para a maioria.

A julgar pela vida dos homens na Nova Guiné, Quênia, África do Norte, territórios dos pigmeus, terras zulus, e na cultura árabe e persa influenciada pelas comunidades sufistas, os homens viveram juntos, em uniões de coração e ligações de alma, durante centenas de milhares de anos.

A vida econômica contemporânea só permite relações competitivas, nas quais as principais emoções são ansiedade, tensão, solidão, rivalidade e medo. Depois do trabalho, o que fazem os homens? Reúnem-se num bar para conversas ligeiras frente a uma cerveja, aproximações que são desfeitas sempre que surge uma mulher. A falta de comunhão com outros homens pode ser a mais perniciosa das feridas.

Essas feridas penetram em nós quer honremos ou não os nossos pais, quer sejamos bons ou maus. Em sua maioria podem ser descritas como feridas que atingem nossa grandeza. Quando somos pequenos, temos a sensação de sermos Deus. Nossa vida de rei no ventre sugeria uma possibilidade assim, e se alguém tenta, quando estamos fora do ventre, dizer-nos que não somos Deus, não o ouvimos. A esse sentimento precoce de nossa divindade poderíamos chamar de Grandiosidade Infantil, e precisamos distinguir entre ele e a grandeza, ou Grandiosidade Verdadeira, que também é parte de nós. De qualquer modo, como adolescentes, ainda temos bastante grandiosidade infantil, e por isso imaginamos que podemos decidir se o rato é ou não grande e se vale a pena guardá-lo. E então, quando o pai nos golpeia com o machado e nos deixa estendidos no chão, sentimos que nossa situação — feridos, caídos no chão — é difícil de ser conciliada com nossa fantasia de príncipes.

Todas as feridas ameaçam a nossa condição de príncipes. Os golpes de vergonha: "Quem você está pensando que é? Não passa de um menino ranhento como qualquer outro", são como golpes na barriga do príncipe. E há sempre alguma coisa errada conosco. Um menino se sente magro demais, ou baixo demais, ou musculoso demais; outro gagueja, ou manca. Um é excessivamente tímido, outro "não é atleta" ou não sabe dançar, ou tem uma pele ruim. Ou orelhas grandes, ou marcas de nascimento, ou é "burro", ou não é bom de espor-

tes, e assim por diante. Em geral, resolvemos o problema inchando-nos de orgulho. Uma pequena ascensão nos coloca acima de tudo isso.

Talvez alguma grandeza, ou semelhança com Deus, seja útil para nos protegermos quando somos muito jovens. Alice Miller observa (3) que quando começam as agressões, quando os pais praticam crueldades que a criança não pode imaginar que pratiquem, ela toma o caminho da grandiosidade ou da depressão. Se tomar o primeiro, passa por cima da chaga e da vergonha. Talvez obtenha boas notas, acabe sendo aquele na família a quem cabe ser alegre, torna-se uma espécie de médico do próprio sofrimento, toma conta dos outros. Alguma coisa prodigiosa a empolga. Pode ser alegre, mas não muito humana.

Se seguimos pela estrada da depressão, vivemos dentro da mazela e da vergonha. Estamos na realidade mais próximos da ferida do que os seguidores do caminho da grandeza, mas não somos necessariamente mais humanos. A vítima é também imponente. A vítima aceita a coroa da sua condição, torna-se um príncipe ou princesa de outro modo. Por vezes, homens sem pai seguem esse caminho.

Todos nós seguimos por esses dois caminhos, embora usemos um deles aos domingos e feriados, e outro nos dias úteis. Algumas pessoas escolhem um terceiro caminho: o da paralisia, do comportamento de robô, do entorpecimento levado a sério — um vazio central, nenhuma afeição, nenhuma emoção no sentido ascendente ou descendente, uma vida de autômato.

A velha prática da iniciação afetaria todas essas reações, ou causaria uma ferida calculada, bastante dolorosa — embora menor — para que o jovem se lembrasse de suas chagas interiores. A iniciação mostra então ao jovem o que deve fazer com as feridas, novas e antigas.

Os velhos contam histórias aos meninos tão logo estes entram no mundo dos homens. Se não tivermos histórias, não podemos controlar a ferida. Ou ficamos acima dela, tão alto que não podemos abaixar para tocá-la, ou nos transformamos nela, somos pisados por alguma coisa tão grande que só vemos o chão abaixo de nós.

Aceitando, portanto, que o dedo machucado do menino representa várias afrontas da infância, voltemos à história para imaginar como aconteceu essa ferida. Tentamos soltar da jaula o "Homem Natural", que aqui representa nosso próprio brilhantismo, fortuna, vigor, grandeza e espontaneidade, e nesse momento nos ferimos.

Em nossas famílias, podemos elevar-nos acima da vergonha causada por um pai alcoólatra aumentando secretamente o combustível de nosso foguete de grandeza, afastando-nos da família, elevando-nos com esse combustível. Ou podemos mergulhar na criança envergonhada, passar a ser essa criança e mais ninguém, viver em nossa indignidade secreta, perder nosso rei e nos tornarmos um escravo. Há prazer em tornar-se escravo. Podemos então ser um viciado, não ser nunca responsável pela nossa vida, nem nos envergonharmos ainda mais.

O estado de viciado é o que mais cresce nos Estados Unidos, superando o crescimento dos estados da Califórnia e Havaí. Nessa maneira de enfrentar a ferida do machado, dizemos "Eu sou aquela criança". Como sabemos pelo *Centuries of Childhood* [Séculos de infância] de Philippe Arie, (4) antes do século XIX, mais ou menos, não havia roupas desenhadas especialmente para crianças. Durante e depois da Idade Média, a criança dizia "Sou um adulto pequeno", e usava roupas iguais às dos adultos. Essa prática tem certos inconvenientes, mas sua mudança foi catastrófica. Quando as pessoas se identificam com a sua criança ferida, ou permanecem crianças, toda a cultura desmorona. A gravidez adolescente mostrou-nos que as crianças não podem ser mães, ou pais, de seus próprios filhos. As pessoas vivem uma vida que irradia destruição para a família mais imediata, bem como para os vizinhos. Todos estão numa ala de emergência.

O restabelecimento de alguma forma de iniciação é essencial para a cultura. Os Estados Unidos sofreram um inequívoco declínio desde 1950, e creio que se não encontrarmos um terceiro caminho além dos dois mencionados, esse declínio continuará. Temos o caminho grandioso seguido pelos corretores de ações lucrativas mas pouco seguras, os grandes especuladores e os proprietários de jatos particulares; e temos o caminho da depressão, trilhado pelos alcoólatras, pelas mães solteiras e paupérrimas, pelos viciados em drogas e pelos homens sem pai.

Ascender à excitação e ao êxtase também não nos leva à chave. Esta permanece escondida.

O êxtase demasiado cedo — ou a excitação generalizada — pode ser, como observou James Hilman, (5) apenas uma outra maneira que a Grande Mãe tem para evitar que o homem desenvolva qualquer disciplina. Quando a chave fica debaixo do travesseiro da mãe, acaba-se, mais cedo ou mais tarde, num centro de tratamento. Os conselheiros e terapeutas farão o possível para nos libertar, mas em

geral nós enfiamos a chave debaixo do travesseiro deles, quando não estão olhando.

Suponhamos que conseguimos roubar a chave que estava debaixo do travesseiro materno, e aliviamos a ferida do dedo — e depois? Partiríamos com o Homem Natural, a essa altura? Provavelmente não. Poderíamos passar dez anos sentido o dedo ferido, culpando por isso nossos pais e o patriarcado. Provavelmente processaríamos o Homem Natural por ter uma aparência de ferrugem, e processaríamos nossa mãe por não guardar melhor a chave. A história do Homem Natural termina abruptamente se acharmos que somos o Homem Natural (caminho grandioso), ou se admitirmos que somos a criança indefesa vitimizada (caminho da depressão).

As pessoas que se dedicam sinceramente à grandiosidade infantil — o homem de Wall Street, o harpista da New Age — por que iriam com o Homem Natural? Elas já se imaginam sendo o Homem Natural — consideram-se o que há de mais moderno em liberdade, podem passar toda a noite brincando com seus computadores, ou ter pensamentos não-poluentes durante quatro dias consecutivos.

Poucos americanos, nas últimas décadas, passaram do detalhe da chave.

Quando o homem se considera o Homem Natural ou a criança vítima, a adoção de um mentor está fora de cogitação. Podemos perguntar-nos: há alguém que conheçamos, ou de quem tenhamos ouvido falar, dotado de verdadeira grandeza? Se há, devemos partir com ele — ou ela.

Precisamos entender que o Homem Natural não está "dentro" de nós. A história sugere que o Homem Natural é na realidade um ser que pode existir e florescer durante séculos fora da psique humana. Ele pode ser comparado, no plano humano, a um mentor, que continuará vivendo e crescendo, quer nos tenha como discípulo ou não.

Portanto, o antigo costume da iniciação — ainda muito vivo em nossa estrutura genética — oferece um terceiro caminho, entre os dois caminhos "naturais" da excitação entusiasta e da excitação vitimária. Um mentor, ou "mãe masculina", entra em cena. Atrás dele está um ser de intensidade impessoal, que em nossa história é o Homem Natural, ou João de Ferro. O jovem investiga ou sente sua ferida — ferida do pai, ferida da mãe, ou ferida da vergonha — na presença desse ser mitológico, intemporal, independente e iniciatório.

Se o menino rouba a chave e monta nos ombros desse ser, três coisas mudarão: a ferida, em lugar de ser considerada má sorte, passará a ser vista como um dom. Segunda, a água sagrada ou secreta — não importa o que seja isso — irá aparecer. Finalmente, a energia do sol será colocada, de alguma maneira, no corpo do homem. Repetiremos essa parte da história.

Quando o Homem Natural chegou novamente à floresta escura, tirou o menino dos ombros, colocou-o no chão e disse: "Nunca mais verás tua mãe nem teu pai, mas eu ficarei contigo, pois me libertaste, e tenho pena de ti. Se fizeres tudo o que eu mandar, as coisas correrão bem. Tenho muito ouro e tesouros, mais do que qualquer outra pessoa no mundo."

O Homem Natural preparou uma cama de folhas para o menino dormir, e pela manhã levou-o a uma fonte. "Estás vendo esta fonte dourada? É clara como cristal e cheia de luz. Quero que fiques sentado junto dela e vigies para que nada caia dentro dela, pois se isso acontecer, a fonte será prejudicada. Voltarei todas as tardes para ver se me obedeceste."

O menino ficou sentado à beira da fonte. Vez por outra, via um peixe ou uma cobra dourados, e vigiava para que nada caísse lá dentro. Mas seu dedo começou a doer muito e, sem pensar, ele o mergulhou na água. Retirou-o imediatamente, mas viu que o dedo ficara dourado e, por mais que o lavasse, o dourado não saía.

João de Ferro voltou naquela tarde e perguntou: "Aconteceu hoje alguma coisa com a fonte?"

O menino escondeu o dedo às costas para que João de Ferro não o visse, e disse: "Não aconteceu nada."

"Ah, mergulhaste o dedo na fonte!", observou o Homem Natural. "Deixaremos passar desta vez, mas não o faças de novo."

O Homem Natural leva o menino para uma Fonte Sagrada, para a água. Notamos que peixes e cobras dourados nadam nessa água. Mitologicamente, ela é a velha fonte sagrada guardada pelo Homem Natural e por vezes também pela Mulher Natural. Se a fonte for poluída, dizem os velhos sábios celtas, tudo na terra morrerá. Portanto, a água é um lugar importante. É o lugar tradicional a que o Homem Natural se recolhe para as suas meditações, e sabemos pela Vita Merlin (6) que Merlin ali ficou, refletindo, durante sua loucura. Eram também

lugares onde as pessoas comuns procuravam inspiração, alimento espiritual e sabedoria. Os viajantes receberam, durante séculos, alimento no poço sagrado de Logres. No lago de Connla, o grande salmão sagrado nadava, à espera de que, uma vez por ano, as árvores pendentes sobre o lago deixassem cair as avelãs da loucura inspirada. (7)

Psicologicamente, trata-se da água da vida espiritual mas apenas para os que estão preparados para nela entrar. Mircea Eliade diz, sobre a iniciação masculina: "A iniciação da puberdade representa acima de tudo a revelação do sagrado... antes da iniciação [os meninos] ainda não compartilham plenamente da condição humana, precisamente porque não têm acesso à vida religiosa." (8)

Religião, aqui, não significa doutrina, ou piedade, ou pureza, ou "fé", ou "crença", ou minha vida entregue a Deus. Significa a disposição de ser um peixe na água sagrada, ser pescado por Dioniso ou outros pescadores, baixar a cabeça e aceitar as sugestões dos próprios sonhos, ter uma vida secreta, rezar às escondidas, ser baixo, engolir a dor como o peixe engole água e vive. Significa ser ao mesmo tempo pescador e peixe, não ser a ferida mas dominar a ferida. Ser um peixe é ser ativo; não com carros ou futebol, mas com a alma.

Os que trabalharam com famílias alcoólatras nos últimos dez anos deram grande destaque à palavra negação, e é uma palavra adequada. Negação representa amnésia, esquecimento, olvido. Um mar de olvido varre uma criança quando ela é envergonhada. Uma mulher sofre abuso sexual aos quatro anos e esquece totalmente o fato até os 38 anos — e não se pode culpá-la pelo esquecimento. A negação significa que entramos num transe; vivemos durante anos num transe.

Em "O Corvo" (irmãos Grimm) uma menina se transforma num corvo quando a mãe censura seu comportamento, e permanece encantada durante anos; em "Os Seis Cisnes", seis meninos se transformam em cisnes quando o pai, por covardia, abre a casa para o mal, e permanecem encantados durante anos.

Escrevi um poema chamado "Cinqüenta Homens Juntos", a respeito de um jovem que está na iminência de um transe:

A mulher fica na cozinha e não quer
gastar combustível com o lampião
enquanto espera
que o marido bêbado volte para casa.
Então ela lhe serve

comida em silêncio.
O que faz o filho?
Ele se afasta,
perde a coragem,
vai para fora comer com coisas
selvagens, vive entre covis
e choças, come distância e silêncio;
crescem-lhe longas asas, entra em espiral, ascende. (9)

Ser levado à água por um mentor significa o fim do encantamento. A água do Homem Natural não cura a ferida que levou à fuga ou ascensão; mas dá força àquela parte de nós que quer continuar o esforço de ganhar coragem e ser humana.

Quando João de Ferro leva o menino para a água, a energia do sol se transfere de alguma forma, para o seu corpo. A história diz o seguinte:

Sem pensar, ele o mergulhou na água. Retirou-o imediatamente, mas viu que o dedo ficara dourado.

O dourado simboliza, em todo o mundo, a glória solar, o poder real, a radiação autogeradora, a não-decadência, a imortalidade, a luminosidade espiritual, e é esse o dourado que surge no dedo do menino. Promovendo a surpresa da ponta do dedo dourada, o Homem Natural, agindo como guia espiritual, faz a promessa.

Essa promessa é uma redescoberta, poderíamos dizer uma redescoberta do ouro que sempre esteve ali. Não acumulamos laboriosamente, pelo trabalho árduo da escola primária, um estoque de energia solar no armazém do espírito. O ouro existia em nós enquanto estávamos no ventre.

A criança nasce, como disse Wordsworth, "arrastando nuvens de glória". A criança é a herdeira de milênios de trabalho espiritual e imaginativo. Diz Kabir:

Sentimos haver um espírito que ama pássaros
e animais e formigas —
Talvez o mesmo que te deu radiação, no ventre de tua mãe.
Seria lógico que andasses agora totalmente órfão?
A verdade é que te afastaste
E resolveste entrar sozinho na escuridão (10)

Sabemos, por um papiro famoso que descreve a mumificação, que os

sacerdotes egípcios aplicavam ouro às unhas do morto, ou da morta. Ao fazerem isso, diziam as palavras "Agora o ouro que pertence a Horus vai para as tuas unhas e te faz imortal."

A imagem dourada da ponta do dedo em nossa história é, portanto, muito antiga, e pode vir do segundo ou terceiro milênio a.C. Mas em lugar dos templos egípcios, com suas estátuas de ouro maciço representando os deuses, temos os dourados peixes e cobras nadando na fonte.

Podemos encontrar na vida greco-romana mais um detalhe que nos ajuda a compreender o significado do ouro que não desaparece. Os romanos acreditavam que todo ser humano tem, dentro de si, um anjo ou "daimon", que acompanha toda a linhagem familiar e é a semente da boa sorte individual dessa pessoa. Chamavam de "gênio" a essa semente, ou centelha, ou estrela da sorte quando a observavam num homem, e de "juno", quando numa mulher.

Os romanos imaginavam o "daimon" como um guia, entre divino e humano, um mensageiro do mundo sagrado, uma espécie de anjo da guarda, ou o que o poeta norueguês Rolf Jacobsen chama de "a sombra branca". Observamos que o dourado aparece no mesmo dedo que ousou abrir a jaula do Homem Natural, portanto a sorte do menino está intimamente ligada ao uso que fez da chave.

Isso quanto à maneira mitológica de ver as coisas. Psicologicamente, o que é o ouro no dedo? Quando surge ele na vida comum?

A história diz que quando estivermos na presença de um mentor, ou do "Homem Natural", ouviremos uma sugestão sobre a localização de nosso gênio.

As vezes, num caso amoroso, os amantes fazem amor com o Homem Natural — e a Mulher Natural — ali mesmo, na sala; e se somos esses amantes, podemos sentir que se tornam douradas certas células do corpo que julgávamos totalmente feitas de chumbo. Amantes e santos sentem que as pontas de seus dedos são douradas, sim; podem sentir uma liberdade em relação aos limites ordinários, durante dias ou meses.

O artista sente uma curiosa intensidade quando está trabalhando num objeto de arte, um poema, uma pintura ou escultura; poderíamos dizer que o poço sagrado está exatamente no estúdio; e o artista torna-se capaz de pensamentos e sentimentos muito mais extremos do que comuns. Os dedos que seguram a caneta ou o pincel tornam-se

dourados, e vemos de súbito imagens espantosas, e compreendemos que somos bons naquilo que fazemos.

O Homem Natural, no caso, equivale a uma presença invisível, à companhia dos ancestrais e dos grandes artistas entre os mortos. Um poema de amor ou de meditação extática é na realidade uma maneira engenhosa de preservar a lembrança do momento em que a ponta do dedo se torna dourada.

A jovem corredora atravessa a linha de chegada na presença de seu treinador, e as pontas dos dedos de seus pés são douradas. O físico que trabalha com seu mentor em Princeton escreve, de repente, no quadro, uma equação com seu giz dourado. Bons jardineiros têm polegares dourados, e não verdes; e por vezes o mentor ou mestre, sentado com um aluno, mergulha na água espiritual e a língua se transforma em ouro.

Creio que podemos considerar a terapia, quando boa, como uma espera junto à fonte. Toda vez que mergulhamos nossa ferida na água, recebemos alimento, a força para continuar no processo. A iniciação, portanto, não significa ascender além da ferida, nem permanecer embotado dentro dela; o processo está em saber como, ou quando, na presença do mentor, enfiar o dedo na água.

A ferida que nos dói tanto que "involuntariamente" a mergulhamos na água deve ser considerada como um dom. Como iria o menino da nossa história descobrir o seu gênio, se não se tivesse ferido? Os que não têm feridas são os dotados de menos sorte. (É claro que não podemos pensar isso, pois essa pessoa sem feridas não foi jamais encontrada.) Os homens ouvem dizer muitas vezes, quando crianças, que uma ferida que dói é uma vergonha. Uma ferida que nos impede de continuar a brincar é uma ferida de menina. Aquele que é realmente homem continua ativo, arrastando a sua macheza.

Nossa história encerra um ensinamento diametralmente oposto. Diz que o gênio do homem está onde está a sua ferida. Onde quer que a ferida surja em nossa psique, venha de um pai alcoólatra, de uma mãe ou um pai que nos envergonham, de uma mãe agressiva, venha do isolamento, inabilidade ou doença, é precisamente esse o modo pelo qual daremos nossa maior contribuição à comunidade.

O artista norueguês Eduard Munch ofereceu, evidentemente, seu enorme dom a partir dessa ansiedade castrante. Sentimos também em Franz Kafka o mesmo dom e, em Charles Dickens, Emily Dickinson, Ana Akhmatova, César Vallejo.

Antes de concluir estas observações sobre a ferida e o gênio, devemos fazer a pergunta: Que gênero terá a água? Será feminino ou masculino?

Ambas as coisas — mas neste século é improvável que tal resposta seja dada muito rapidamente. Aconteceu uma coisa estranha. Em nossa sociedade, a terra e toda a água que nela existe são consideradas femininas, e, por extensão, como pertencentes às mulheres. No Ocidente, o céu pertence aos homens e a terra, às mulheres; há o "pai do céu" a "mãe da terra". Essas frases nada têm de errado, mas duas outras caíram no esquecimento: mãe do céu e pai da terra.

Os egípcios, quando Platão os visitou, observaram que os gregos eram apenas crianças; que os egípcios tinham base mitológica e religiosa mais antiga. Conheciam bem Ra, o pai do céu, e Ísis, a mãe da terra. Mas havia dois outros deuses importantes entre os egípcios, Nut e Geb. Nut, a mãe do céu, era pintada na parte interior de todo caixão ou cofre de múmia, de modo que o morto, ao olhar para cima, via um ser que se inclinava para ele, desde as estrelas. As estrelas eram mostradas no corpo da deusa e à volta dela. Suas mãos e pés tocavam a terra e o resto do corpo se arqueava entre os céus. "Eu saí nua da mãe e estarei nua ao voltar", dizia o morto ou morta. "A mãe deu e a mãe tira. Abençoado seja o nome da mãe."

E havia Geb, o pai da terra. Libby e Arthur Coleman, em seu livro *The Father [pai]*, (11) reproduzem belas pinturas de Geb, que tem as costas na terra, e a barriga e um falo ereto, cor de terra, que se elevam para a mulher no céu ou anseiam pelas estrelas. Os gregos, e depois deles os europeus, perderam o rastro dos quatro deuses e preservaram apenas a lembrança de dois. Quando lembramos apenas dois deuses, os sexos se polarizam e começam a parecer opostos. Cada gênero se identifica, os homens com o céu, as mulheres com a terra. Os homens são identificados com o fogo do céu, as mulheres com a água da terra.

Muitas mulheres dizem hoje: "A terra é feminina." Um homem me disse que, ao ouvir isso, sente ter perdido o direito de respirar. E quando um homem diz: "Deus é masculino", as mulheres dizem sentir que não têm o direito de rezar. A mitologia é importante. A polarização vinda de nossa mitologia grega fragmentária já causou enorme dano. Hoje, quando um homem ou mulher sonha com um lago, o terapeuta supõe que a água se refere ao feminino. Para os que sabem latim, maré (o mar) se associa com Maria, e o mar se torna logo feminino, e como o mar é o inconsciente, este é também feminino, e assim por

diante.

A história de João de Ferro, que é pré-grega, não polariza terra e céu. João de Ferro vive na água, sob a água. Vive também muito bem na terra; seu aspecto natural e cabeludo pertence, na verdade, à terra e seus animais. Nem a terra, nem a água, parece exclusivamente feminina ou masculina.

Os velhos celtas tinham um deus masculino chamado Domu, ou "Profundeza das Águas", sendo possível que tal deus vivesse na fonte que o Homem Natural mostrou ao menino. Como o Homem Natural e a Mulher Natural vigiam, ambos, o poço em algumas histórias celtas, é mais adequado dizer que a água é a água da alma, e como tal masculina e feminina ao mesmo tempo.

A água, em termos simbólicos, não representa impulsos metafísicos ou espirituais (melhor sugeridos pelo ar ou pelo fogo), e sim vida terrena e natural. A água pertence às circunstâncias baixas, à vida no chão, ao nascimento do ventre, à descida do reino eterno para a terra aquosa, onde adotamos um corpo composto principalmente de água. Quando nossa mitologia se abriu novamente para as mulheres no firmamento — céu, e os homens na água-terra, então os gêneros não parecerão tão distantes. Os homens brancos acharão mais natural proteger a terra, tal como o nativo americano sempre achou que era certo fazer.

Ao terminarmos nossa análise do primeiro dia, devemos notar que nem todos os jovens que colocam a mão na água vêem o dedo ficar dourado. O analista Alexander Mitscherlich conta o sonho de um jovem alemão de quem certa vez tratou.¹² Filho ilegítimo, abandonado pelo pai, foi tratado pela mãe com "mimos e castigos" ao mesmo tempo. Em seu sonho, um velho num carro, tendo uma caveira como cabeça, avança diretamente sobre ele. Mais tarde, diz o jovem, "caminhei muito, entrei num parque e vi alguns peixinhos dourados num lago. No fundo do lago vi uma cidade e ouvi sinos tocando. Coloquei a mão na água, mas fiquei com um medo terrível, pois quando retirei o braço faltava a mão. Fugi e vi que o velho estava me seguindo, apontando uma pistola para mim. Vi um relâmpago e perdi a consciência" (*Society Without the Father*) [A sociedade sem o pai]. Não parece nenhum mentor ou João de Ferro. Um velho malvado tenta matá-lo duas vezes. O lago com o peixinho dourado tem uma espantosa semelhança com a fonte em nossa história, mas esse lago isolado fica com a sua mão. O que vemos hoje nas quadrilhas juvenis de rua são muitos rapazes manetas.

A HISTÓRIA: O SEGUNDO DIA

Na manhã seguinte, bem cedo, o menino sentou-se junto à fonte, vigiando-a. Seu dedo ainda doía, e, depois de algum tempo, ele passou a mão pelos cabelos. Um fio, porém, soltou-se e caiu na fonte. Abaixou-se imediatamente e apanhou-o, mas o fio de cabelo já ficara dourado.

Quando João de Ferro voltou, viu o que tinha acontecido. "Deixaste um cabelo cair na fonte. Vou lhe perdoar ainda, mas se acontecer uma terceira vez, a fonte estará arruinada e não poderás mais ficar comigo."

Poderíamos dizer que desta vez o menino levantou o dedo ferido, o que é um pouco diferente de mergulhá-lo. Primeiro o homem mergulha sua ferida, poderíamos dizer, na água psicológica, e depois a levanta para o espaço mitológico. Todas as histórias do ferreiro com uma ferida — o Rei Pescador, o homem cuja chaga não fecha — ajudam-nos a ver nossas próprias mazelas de maneira impessoal. E sabemos pelas histórias de xamã que suas feridas eram impessoais. As feridas precisam ser expostas ao ar, levantadas sobre idéias que nossos ancestrais conheciam, de modo a subir através do telhado da casa de nossos pais, para que vejamos de súbito como a nossa ferida (aparentemente tão particular) se enquadra numa história grande e impessoal.

A mitologia nos ajuda a dar peso às nossas feridas particulares. Sentir a ferida numa determinada parte de nosso corpo dá peso a ela, e compreendê-la como parte de uma história antiga dá-lhe peso também. Sem o peso dado por uma ferida conscientemente compreendida, o homem levará uma vida provisória.

O dedo ferido associa-se, desta vez, ao cabelo. Os cabelos cobrem o Homem Natural e a Mulher Natural, como sabemos de muitas fontes. A questão do cabelo surge com frequência nesta história.

Quando buscamos associações culturais com a palavra cabelo, observamos pelo menos quatro ligações. A primeira é com a energia sexual. Quando uma jovem romana tornava-se uma das Virgens Vestais, as outras mulheres raspavam-lhe ritualmente a cabeça. Os monges durante a Idade Média eram torturados, e as mulheres judias ortodoxas usam, até hoje, perucas para esconder seus cabelos autênticos.

Como os animais exibem cabelos em profusão e como vemos a nos-

sa própria sexualidade como animal, a ligação é inevitável.

O bigode do homem pode representar os seus pêlos púbicos. Um amigo meu deixou crescer o bigode quando tinha cerca de 30 anos. Ao visitar a mãe, esta ficou olhando para os cantos da sala ao falar com ele, e não para o seu rosto, qualquer que fosse o assunto. Os cabelos podem representar a energia sexual.

Os caçadores usam, tradicionalmente, cabelos compridos, como os animais que caçam. O cabelo, portanto, pode representar a vida animal em geral, particularmente a vida dos animais selvagens. Muitos meninos, fascinados pela caça, fazem pequenos arcos e flechas, formam grupos para caçar e abatem coelhos ou pássaros. Isso nem sempre dá bom resultado. O menino leva para casa, entusiasmado, um coelho ou um tordo que matou, mas muitas mulheres, e alguns homens, acham que o instinto caçador do menino é deplorável e é preciso desencorajá-lo. Os pais do tipo New Age querem, em geral, que o menino vá diretamente para a ética, sem passar pela caça. O problema é que o menino está vivendo mitologicamente a história passada do homem, com séculos de caçadas alegres que, podemos supor, as mulheres da época também apreciavam.

Durante a era da caça, a vida emocional do homem, e mesmo a sua vida religiosa, ressoavam pelos espaços vazios da floresta e planície, e ele ficava sabendo de Deus através da caça aos animais, os desenhos das cavernas da Dordogne deixam claro. Se o pai ou a mãe que humilham o filho impedem que viva essa fase, ele jamais chegará à idade contemporânea. Continuará a trazer um gamo de volta a Detroit no alto do seu carro, quando tiver 50 anos.

Os cabelos sugerem não apenas a proximidade dos animais, pela caça ou domesticação, mas também todas as formas de sangue quente animal. Os répteis — de sangue frio — não têm pêlos, de modo que os pêlos passam a representar a apaixonada natureza chamejante peculiar aos mamíferos: irritabilidade, temperamento feroz, impulsividade passional, espontaneidade, emoções explosivas, ferocidade leonina, ciúme felino.

Mas quer as pessoas peludas sejam maestros de sinfônicas com cabelos soltos, ou homens de empresa de cabelos grisalhos bem penteados, ou os verdadeiros podadores da extravagância, os fundamentalistas, que preferem cabelos cortados rente ou cabeças raspadas, o volume de pêlos deixados sugere até que ponto os instintos foram sufocados e a espontaneidade, controlada.

Certas pessoas não estabelecem distinção entre o instinto de ferocidade e o instinto de agressão. Nas últimas décadas, a ala separatista do movimento feminista, num temor justificado da brutalidade, empenhou-se em acabar com a ferocidade dos homens.

Finalmente, o cabelo sugere excesso. Os pêlos de Enkidu, o Homem Natural babilônico, ou de Pan, o Homem-bode, sugerem que o cabelo representa aquilo que está além das fronteiras da civilização moderadora. Pan está fora das cercas. Quando uma mulher deixa cair seus cabelos abundantes e ricos, ouvimos essa cabeleira falar sobre o valor do excesso.

Diz Blake: "O caminho do excesso leva ao palácio da sabedoria." Ele associa o cabelo com a terra. "Os olhos de fogo, as narinas de ar, a boca d'água, a barba de terra."

Quando, portanto, o rapaz da nossa história inadvertidamente deixa cair um fio de cabelo na fonte, e esse cabelo se torna dourado, poderíamos dizer que ele aprende o seguinte: que a energia sexual é boa, que o instinto de caça do qual os mamíferos são dotados sem dele se envergonharem é bom, que o calor, a ferocidade é a espontaneidade animais são bons, e que o excesso, a extravagância e o ato de acompanhar Pan para além dos limites do castelo também é bom. O cabelo sugere ainda pensamentos. O cabelo brota na cabeça dia e noite, portanto assemelha-se aos pensamentos que surgem até quando dormimos. Mesmo quando o sistema consciente está apagado, à noite, os pensamentos continuam acontecendo: alguns deles são chamados de sonhos.

Sabemos que os sistemas hormonal e digestivo continuam a trabalhar fora de qualquer controle consciente do ego. "Podes, pelo pensamento, acrescentar sequer um centímetro à tua altura?" Crescimento, reabastecimento de oxigênio, purificação do sangue, substituição de células, tudo isso acontece quando ninguém está olhando.

Tanta coisa acontece quando
ninguém está olhando,
talvez porque
ninguém está olhando...

Os piratas entram com seu navio
quando a noite chegou;
a dançarina aperfeiçoa sua arte
depois que
não dança mais...

... O planeta gira e as vacas
esperam que o capim
lhes entre pela boca. (13)

Os cabelos, portanto, representam todas as intuições que não parecem ter nenhum ponto de partida, seguindo canais que não podemos observar; ao cientista ocorre de repente a solução de um problema no qual vinha trabalhando sem êxito há semanas. Friedrich Kekulé, por exemplo, viu num sonho um grupo de cobras, e uma delas mordeu o próprio rabo. Através dessa imagem ele percebeu, súbito, a estrutura da cadeia de benzeno.

Quando um artista está trabalhando num quadro, imagens nas quais nunca pensou lhe ocorrem, em vez das que tinha planejado pintar. Alguns paranormais ficam conhecendo estranhos através de imagens que lhes surgem no olho da mente, e que ocorrem sobretudo se não se esforçam por saber. Yeats faz um grou dizer:

É certo que há trutas em algum lugar
e talvez eu apanhe uma delas
se não mostrar que a quero. (14)

O cabelo é intuição. Cabelo é abundância de percepções, introversões, pensamentos, ressentimentos, imagens, fantasias que esperam e estão prontas a aparecer sempre que estamos pensando em alguma outra coisa. Marian Woodman contou, certo dia, um sonho de uma cliente sua que havia meses vinha trabalhando contra uma grande resistência interior. A mulher sonhou que estava andando numa floresta densa e pantanosa durante dias ou semanas, e quando pensou que dela já estava saindo, chegou a um rio largo e perigoso. Sem coragem e sem ânimo, olhou para a margem, também tomada pela floresta. Viu que longe, no alto do morro, alguém estivera abrindo um caminho em direção ao rio.

Se o ser humano age, a alma age. Quando um fio de cabelo cai na água, a alma o torna dourado. Assim é a alma, aparentemente. A água da fonte parece ser dourada, com cobras e peixes dourados — é a própria alma, que nada faz, se nada fazemos. Mas se acendemos uma fogueira, ela corta a lenha; se fazemos um barco, ela se torna o oceano.

É possível que surja à noite um sonho em resposta a alguma flecha verbal ou gesto corporal que tenha saído de nós, durante o dia. A água compreende um sopro ou um beijo como um movimento em dire-

ção a ela, e reage com uma imagem ou uma narrativa, talvez todo um sonho tão complicado quanto Hamlet. Diz Rainer Maria Rilke:

Meus olhos já tocam o monte ensolarado,
indo muito à frente da estrada que tomei.
Assim somos compreendidos pelo que não podemos compreender;
e que tem sua luz interior, mesmo a distância —
e nos modifica, mesmo que não o alcancemos,
em alguma outra coisa, que sem sentir já somos.
Um gesto nos acena, respondendo ao nosso próprio gesto...
mas o que sentimos é o vento na face.

Mas a generosa resposta da fonte sagrada depende de um esforço sério e decisivo feito por nós. Em nossa história, esse esforço seria o roubo da chave pelo menino, a decisão de soltar o Homem Natural da jaula e ir com ele, e a concordância em sentar-se junto à fonte e tentar fazer as tarefas do Homem Natural.

Poderíamos dizer que o menino aprendeu a diferença entre o espaço secular e o espaço ritual. Este último dá alguma coisa de volta a quem, preparado pela disciplina e silêncio, nele penetra.

A HISTÓRIA: O TERCEIRO DIA

No terceiro dia, sentado junto à fonte, o menino decidiu que, por mais que o seu dedo doesse, não o movimentaria. O tempo passava lentamente, e o menino começou a fitar o reflexo do seu rosto na água. Teve vontade de olhar nos próprios olhos, e, ao fazê-lo, inclinou-se cada vez mais. Seus longos cabelos caíram-lhe então sobre a testa, e em seguida na água. Recuou, mas agora os seus cabelos, todos, estavam dourados e brilhavam como se fossem o próprio sol. O menino teve medo!

Pegou um lenço e cobriu a cabeça para que o Homem Natural não visse o que tinha acontecido. Mas quando João de Ferro chegou, percebeu imediatamente. "Tira o lenço da cabeça", disse ele. A cabeleira dourada caiu sobre os ombros do menino, e ele se manteve calado.

As mãos do menino ficam agora às suas costas. Não são elas que se estendem, mas os olhos. Estes começam a olhar à volta, a curiosidade intensificada talvez pela compreensão de que o ouro está por toda parte, misteriosamente presente até mesmo na água clara. Ele olha o próprio rosto, finalmente os próprios olhos. Sabemos que a vergonha

nos impede, muitas vezes, de encontrar os olhos de outras pessoas — ou mesmo os nossos. Mas quando olhamos os nossos olhos, seja num espelho ou num lago — temos a inevitável, forte e surpreendente impressão de que alguém nos olha de volta.

Rilke disse, sobre seu próprio rosto no espelho:

No arco das sobrancelhas resta alguma firmeza
Dos ancestrais de grossos sobrolhos há muito disciplinados.
Dentro dos olhos perdura o temor da infância
E certo azul também, e certa modéstia, que não é do trabalha-
dor,
Mas a humildade de quem serve...
O rosto traz até agora apenas uma sugestão de unidade.
Nunca se concentrou, seja na dor
Ou no êxtase, para uma tarefa permanente.
Mesmo assim, com toda a sua dispersão, parece
Que alguém ali planejava um trabalho sério.

"Auto-retrato do ano 1906"

Essa experiência de sermos olhados nos deixa imediatamente sóbrios. Se, como seres humanos, temos dúvida sobre a existência da alma interior, elas cessam imediatamente. Quando olhamos no espelho, alguém nos olha de volta questionando, sério, alerta, e sem pretender consolar; e sentimos mais profundidade nos olhos que nos olham do que habitualmente nos nossos próprios ao olharmos o mundo. Como é estranho! Quem poderia nos estar olhando? Concluimos que é uma outra parte de nós, a metade que não deixamos expressar-se pelos nossos olhos quando olhamos para os outros — e essa metade mais sombria e mais séria só nos devolve o olhar em raras ocasiões. Antônio Machado disse:

Procura a tua outra metade
que caminha sempre a teu lado
e tende a ser o que não és. (15)

Quem olha no espelho recebe uma consciência da sua outra metade, sua sombra ou homem oculto; a consciência desse homem oculto é um objetivo adequado a toda iniciação. A experiência ensina a quem olha no espelho que os olhos que vê não são apenas "ele", mas outro homem qualquer, não muito bem coberto pelo nome que lhe foi dado por seus pais, Edward, ou Lance ou Kerry. Esses olhos pertencem a algum outro ser que nunca conhecemos. Juan Ramon Jiménez disse:

Eu não sou eu.

Eu sou aquele
Que caminha ao meu lado, a quem não vejo,
A quem por vezes consigo visitar,
E outras vezes esqueço.
O que perdoa, doce, quando odeio,
O que fica calado quando eu falo,
O que passeia quando fico em casa,
O que ficará de pé quando eu morrer. (16)

Aquele que vemos nos espelho é complicado, e o olhar, que na história leva apenas um momento, poderia levar, na vida, vários anos. Aquele que olha de volta é ao mesmo tempo a sombra de um homem, ou o lado escuro, e também seu gêmeo espiritual, sua sombra branca. Rolf Jacobsen, o poeta norueguês, chama-o de

tua sombra, a branca,
que não podes aceitar,
e que nunca te esquecerá. (17)

Os gnósticos falaram muito sobre o gêmeo que eles julgavam ter sido separado de nós ao nascimento. O gêmeo conserva o conhecimento espiritual que nos é dado antes de nascermos. Quando ele reentra na psique, insiste na intensidade e seriedade.

Um adulto, por exemplo, poderia sonhar que uma pessoa desconhecida entra no seu apartamento, mexe nas coisas e leva uma jóia, ou deixa uma jóia. Um homem que conheci viu certo dia, ao meditar, um tipo luminoso no final do corredor; tinha dois metros e meio, e portava uma lança. O homem aproximou-se e disse: "Se não fizer alguma coisa com a sua vida, eu a tirarei de você." Meu amigo tinha então 38 anos de idade.

Falamos do "outro" que vemos às vezes ao olhar no espelho. Em nossa história não há espelho; este é criado pela natureza, ou mais exatamente, é a natureza. Poderíamos dizer que o menino da nossa história viu olhos que o olhavam de volta desde a natureza.

A história deixa implícito que nós, como seres humanos, não somos a única fonte de inteligência organizada e de consciência. "Os olhos na água" podem ser considerados um emblema da consciência na natureza, a inteligência "lá fora". Sabemos que nem consciência, nem "inteligência", são palavras adequadas. Os seres humanos inventaram a palavra "consciência" para descrever sua senciência específica, mas a consciência da natureza não é exatamente inteligência nem senciência—encaixa-se entre todas essas palavras. Blake disse:

Como sabes que todo Pássaro que corta o aéreo caminho
É um imenso mundo de delícia, fechado pelos teus cinco senti-
dos? (18)

Gosto da expressão "Como sabes que..."

Precisamos agora dar mais um passo. Suponhamos que em lugar de descrever a inteligência na natureza usando uma palavra abstrata como consciência, ou mesmo uma frase como "um imenso mundo de delícias", a imaginássemos como uma personalidade?

Alguns antropólogos especulam que os primeiros caçadores fizeram exatamente isso.

A cultura americana nativa está cheia de histórias que descrevem exatamente a visão dessa personalidade. A tribo humana e a tribo de búfalos estabelecem ligação através de um búfalo chefe, ou um búfalo branco sagrado se declara ao mesmo tempo búfalo e deus. Quando os caçadores fazem a sua parte do ritual ou tarefa, a tribo de búfalos participa da caçada.

Supomos que os caçadores americanos nativos viam esse ser, parte animal, parte deus, parte humano, com os seus olhos interiores; e parece claro que os artistas das cavernas da Dordogne também o tinham visto.

As mulheres viram com seus olhos interiores outro ser, a quem chamaram de a Grande Mãe, e supomos que elas, durante milhares de anos, fechavam nas palmas das mãos pequenas estátuas suas, durante o parto.

Podemos examinar a possibilidade de que o menino da nossa história veja uma certa personalidade na natureza a olhá-lo de volta, e por isso sua cabeça fica dourada. Não sabemos. A história deixa-nos apenas com a imagem do menino olhando para a água, e podemos interpretá-la como quisermos.

E uma imagem estranha. Um menino sentado junto a uma fonte. Todos lembramos a conhecida cena da mitologia grega na qual Narciso está sentado junto a uma fonte. Ele já se distanciou de seus companheiros de caçada, quando a história começa. Isso, em si mesmo, é interessante. Revela-se também que Hera está irritada com ele, e mandou uma ninfa chamada Eco, que repete cada uma das palavras que Narciso diz, mal as pronuncia. Ele está encerrado dentro do seu

próprio circuito. Quando fita a fonte, enamora-se de seu rosto. O menino da fonte de João de Ferro, guiado ou protegido pelo Homem Natural, não se enamora do próprio rosto, mas vê, através dos olhos, a consciência da natureza. Ele se liberta, por assim dizer, dos seus próprios circuitos, sendo essa diferença importante entre as histórias.

SAINDO PELO MUNDO

Poderíamos resumir dizendo que quando um homem tem uma visão do seu gêmeo psíquico, e quando viu a inteligência na natureza, sua consciência ou intenção, então os cabelos desse homem se tornam dourados — ele tem uma "cabeça dourada". Notamos que o menino da nossa história parece muito jovem para ter uma cabeça dourada. Deduzimos, da maneira pela qual a esconde sob o lenço, que não acha adequado e certo mostrá-la.

Passaram-se três dias de tempo ritual. Esses três dias poderiam ser 15 anos em nosso tempo. O iniciador deu-lhe uma tarefa e ele talhou três vezes em executá-la. Mas, de qualquer modo, recebe um dom em cada uma dessas vezes. As falhas foram provocadas pela dor que sentia e pela incapacidade humana de manter-se atento. Mas o dom veio da água, com a qual estabeleceu uma certa relação. Deduzimos que aceitar uma tarefa iniciatória é mais importante do que ter êxito ou falhar nela. Supomos que o menino se saiu bem. João de Ferro lhe diz:

Não podes mais ficar aqui, porque não passaste na prova. Agora, sai pelo mundo onde aprenderás o que é a pobreza. Não vejo, porém, o mal no teu coração e te desejo o bem, motivo pelo qual te concedo um dom: sempre que estiveres em dificuldades, vem à orla da floresta e grita: "João de Ferro, João de Ferro!" Eu virei ao teu encontro para te ajudar. Meu poder é grande, maior do que pensas, e tenho ouro e prata em abundância.

Vimos um pouco do comportamento do Homem Natural nesses três dias junto da fonte. Quando ouvimos as palavras "o Homem Natural", nossas fantasias se voltam para um monstro, ou um selvagem, mas é claro, agora, que o Homem Natural está mais perto de um instrutor de meditação do que de um selvagem. Ele se assemelha, em parte, a um rabino ensinando a Cabala; em parte, ao conhecedor de uma tradição esotérica; e, ainda em parte, a um deus da caça.

Supomos, às vezes, que a iniciação contemporânea é realizada pela confirmação, ou pela cerimônia de Bar Mitzvah, ou pela obtenção de

uma carteira de motorista. Receber realmente a iniciação significa expandir-se por todos os lados para a glória dos carvalhos, montanhas, geleiras, cavalos, leões, relvas, cachoeiras, gamos. Precisamos do mundo natural e da extravagância. Aquilo que afastar o ser humano da cachoeira e do tigre o matará.

A história de João de Ferro conserva lembranças das cerimônias de iniciação masculina que remontam a 10 ou 20 mil anos na Europa do norte. A tarefa do Homem Natural é ensinar ao jovem como a sua condição adulta é rica, vária e múltipla. O corpo do menino herda capacidades físicas desenvolvidas por ancestrais há muito tempo desaparecidos, e sua mente herda poderes espirituais e basilares desenvolvidos há séculos.

A tarefa do iniciador, seja homem ou mulher, é provar ao menino ou menina que é mais do que simples carne e sangue. O homem não é apenas uma máquina de proteger, caçar e reproduzir; a mulher não é apenas uma máquina de proteger, recolher e reproduzir; cada um deles tem desejos que alcançam muito além do necessário à sobrevivência física. William James louva "o número e o caráter fantástico e desnecessário" dos desejos do ser humano.

As metáforas da história de João de Ferro referem-se a toda a vida humana, mas estão em sintonia com a psique dos homens. Pede-se ao jovem que desça às suas próprias feridas, suba ao reino "dos gêmeos", e se expanda para todos os lados, penetrando na consciência que existe nas árvores, nas águas, nos animais, e "nas 10 mil coisas". Quando o jovem realizou essas três tarefas, ou completou essas três viagens, seu cabelo se torna dourado. Isso não resolve todos os seus problemas; pelo contrário, cria outros, novos, e aquela cabeça dourada vai se tornar um problema.

NOTAS

1. Mircea Eliade, *Rites and Symbols of Initiation* (New York, Harper & Row, 1975).
2. Robert Moore, *Rediscovering Masculine Potentials* (Wilmette, 111. Chiron, 1988, quatro fitas cassete).
3. Alice Miller, *Drama of the Gifted Child* (New York, Basic Books, 1981).
4. Philippe Aries, *Centuries of Childhood* (New York, Knopf, 1962).
5. James Hillman, "The Great Mother, Her Son, Her Hero and the Puer", em *Fathers and Mothers* (Dálias, Spring Publications, 1990).
6. Geoffrey de Monmouth, *Vila Merlin* [Vida de Merlin] (Cardiff,

- 1973).
7. Aries, *Centuries of Childhood*.
 8. Eliade, *Rites and Symbols*.
 9. "Fifty Males Sitting Together", de Robert Bly, *Selected Poems* (New York, Harper & Row, 1986).
 10. Robert Bly, tradutor, *The Kabir Book* (Boston, Beacon Press, 1977).
 11. Libby e Arthur Coleman, *The Father* (Wilmette, Ill.Chiron, 1988).
 12. Alexander Mitscherlich, *Society Without the Father* (Londres, Tavistock, 1969).
 13. "Four Ways of Knowledge", de Bly, *Selected Poems*.
 14. "The Three Beggars", de W.B. Yeats, *The Poems of W.B. Yeats*, org. Richard J. Finneran (New York, Macmillan, 1983), p. 111.
 15. "Moral Proverbs and Folk Songs", de António Machado, *Times Alone*, trad. por Robert Bly (Middletown, Conn., Wesleyan University Press, 1983), p. 147.
 16. Juan Ramón Jiménez, de Lorca and Jiménez: *Selected Poems.*, trad. Robert Bly (Boston, Beacon Press, 1973), p. 77.
 17. "Guardian Angel", de Rolf Jacobsen, *Twenty Poems*, trad. Robert Bly (Madison, Minn., Seventies Press, 1976).
 18. "The Marriage of Heaven and Bel", de William Blake, *The Portable Blake*, org. Alfred Karen (New York, Viking, 1946).

Capítulo 3

O CAMINHO DE CINZAS, DESCIDA E DOR

Chegamos a uma nova parte da história e poderíamos passar em revista o progresso do menino até agora. O filho do rei, ao acompanhar o Homem Natural, não seguiu o caminho da delinquência, da droga e da autovergonha. Pelo contrário, foi elevado ao que havia de grande nele. É como se o seu professor na escola secundária fosse Pablo Casais, que lhe ensinou o que é o gênio, e comentando a ponta dourada do seu dedo, convenceu-o de que era um tanto genial. Aprendeu também a confiar no seu corpo instintivo ou "cabelo", e finalmente ele vê olhos que o olham de volta desde a água, e, por extensão, que o olham da relva das árvores, das montanhas. Aprendeu que o mundo inteiro está em fogo. "Tudo é inteligente!" Todos os seus cabelos tornaram-se dourados.

Esse ensinamento pode ter efeitos estranhos. Se uma coisa tão boa nos tivesse acontecido, um amigo provavelmente nos advertiria de que corríamos o perigo de nos tornarmos grandiosos demais. Esses ensinamentos, além do mais, foram ministrados a um rapaz ainda

muito jovem — e esse é um dos problemas de ir a uma fonte sagrada com um homem natural. Não obstante, a maioria dos homens recebeu ensinamento semelhante, embora as lições lhes possam ter chegado de forma fragmentária, um pouco agora e um pouco depois, dispersas por meses ou anos.

Para alguns, a lição sobre os olhos chegou no começo da infância, quando os bosques e jardins nos espantavam, e sabíamos que estavam "vivos". A lição dos cabelos dourados surgiu aos 12 ou 14 anos, quando, estimulados pelo instinto sexual, nos enamoramos profundamente, e soubemos que isso era bom, muito bom. Mais tarde em plena adolescência, sentimos em nós capacidades mentais ou físicas jamais imaginadas.

Todos nós já havíamos sonhado que éramos filhos de reis e rainhas, e que, por alguma razão, tínhamos acabado erroneamente em nossa prosaica e chã família. Nossa generosidade, então, já estava em nós, mesmo que nenhum homem natural viável nos levasse para a sua fonte mágica. Conhecemos o sentimento da , e desejamos tê-lo sempre.

Para conservar esse sentimento, a criança pode recusar-se a lembrar fatos desagradáveis da infância, pode desviar os olhos da desorganização, abuso, abandono e falta de proteção e passar por cima da indiferença, dos vícios ou do lado obscuro dos pais. Os animais parecem não ter de se preocupar tanto com a inflação, mas nós somos seres humanos, e um pouquinho de ouro — ou um sentimento de gênio — pode nos colocar nas alturas, das quais não queremos descer. Foi Robinson Jeffers que, falando do conhecimento científico da humanidade e a imponência dele resultante, disse:

Um pequeno conhecimento, uma pedrinha do cascalho,
Uma gota dos oceanos, quem teria sonhado esse demasiado
infinitamente pequeno? (1)

O QUE ACONTECE

Quando são guindados às alturas, os jovens se podem transformar em cisnes brancos, em grandiosos seres ascendentes, "meninos voadores", tal como as moças elevadas da mesma maneira se podem transformar em meninas voadoras, ambos fazendo amor com pessoas invisíveis a grandes altitudes. Os pensadores junguianos saíram-se bem no registro e descrição desse fenômeno, e as expressões *puer aeternus* (menino sagrado ou eterno) e *puella aeterna* (menina sagrada ou eterna) são bastante familiares. Os junguianos evocam o

menino eterno com muitos detalhes; Puer Aeternus, de Marie-Louise von Franz e o livro clássico sobre o assunto. (2)

Essas pessoas que voam, atacadas de vertigem espiritual não vivem bem em seus próprios corpos, e estão sujeitas a choques terríveis de abandono; são incapazes de aceitar limitações, tornando-se avessas a certa aborrecida qualidade peculiar à vida humana Marie-Louise von Franz indicou O pequeno príncipe com a história genérica. Foi escrita por Antoine de Saint-Exupery, literalmente um piloto herói, sempre ansiando pela vida pura em outros planetas, mas cujo "pequeno príncipe" morreu após ser picado por uma cobra neste planeta. Peter Pan pertence aos voadores, como a maioria dos adeptos do ashram, o retiro religioso indiano, devotos da "consciência superior", dispostos a evitar alimentos terrenos, amantes platônicos e celibatários, e alguns don-juans que buscam a perfeição celestial nas mulheres e se sentem obrigados a abandonar todas aquelas nas quais não encontram a pérola buscada.

Essas pessoas de ascensão grandiosa sonham por vezes que sobem num elevador colocado na fachada, mas quando chegam ao último andar, vêem-se impedidos de entrar no edifício. O homem voador gosta, geralmente, das mulheres, mas pode fazê-las encolher e as guarda numa garrafa a fim de poder levá-las no bolso. Os rapazes puer aeternus não são negativos: amam o espírito e encerram muito da energia espiritual do país. Suas ascensões trazem grandes vantagens à cultura. Sem eles, a cultura americana provavelmente se tornaria mais pesada e se transformaria em concreto. Assim, as pessoas da ascensão grandiosa são complicadas.

Tais pessoas — eu fui e sou um bom exemplo — vêm de todos os tipos de famílias, e às vezes a ascensão é vista como um inteligente método de sobrevivência. Já citei antes estes versos:

O que faz o filho?
Ele se afasta,
perde a coragem,
vai para fora comer com coisas
selvagens, vive entre covis
e choças, come distância e silêncio;
crescem-lhe longas asas, entra em espiral, ascende.

A cena já ocorrera quando eu tinha mais ou menos 12 anos. Chegando aos 28, ainda sentia o desejo de pureza, de "estar acima de tudo" e não me envolver.

Marie-Louise von Franz concluiu, pela sua experiência com esses voadores celestes, ou estilhaços voadores, que eles escolhiam a ascensão como um protesto contra o materialismo materno e o conservadorismo feminino. Voam para o alto, acredita ela, pelo medo dos imãs que algumas mulheres escondem no solo, com a esperança de atrair homens de cabeça leve para o chão dos casamentos, dos empregos e dos compromissos a longo prazo.

A evolução do menino até transformar-se numa criatura semelhante a um pássaro é um movimento natural; ele olha para cima, para a luz, quando quer escapar, como fazem os pássaros. Os pássaros presos voam ao longo da parede, em direção a quaisquer frestas de luz. Da mesma forma, o jovem em ascensão chega com frequência ao espírito, mas às expensas da vida, ou da sua própria base na vida masculina.

Como está longe dos trabalhadores aos 40 anos! De todos os homens...

Não estou dizendo que o trabalho espiritual seja errado por si mesmo, absolutamente; é importante, porém, considerar quando, na vida de uma pessoa, ele deve ocorrer. Lembramos o Baal Shem Tov, aquele gênio do espírito de princípios do século XVIII na Polônia, que não deixava seus discípulos lerem certos textos espirituais enquanto não tivessem 35 anos. Há quem diga que a tarefa do homem, na primeira metade da sua vida, é prender-se à matéria: aprender um ofício, familiarizar-se com a madeira, a terra, o vento ou o fogo. Quando Jung criou um centro de treinamento em Zurique, não aceitava quem já não tivesse obtido êxito em alguma carreira. Era um modo de dizer 35 anos ou mais.

Devemos acrescentar que nem todos os jovens são pretendentes à ascensão. Alguns estão voltados para as coisas terrenas, assumem responsabilidades cedo demais, comprometem-se com a manutenção de outros; caminham devagar, andam perto do chão, carregam fardos enormes, sentem que não têm o direito de olhar fragmentos da luz solar. Sua tradição familiar diz que a magnificência do filho deve ser eliminada cedo; nessas famílias, às vezes as mulheres é que são infladas, e não os homens. Estes seguem a estrada da depressão. Não se tornam artistas ou músicos; sua vida transcorre onde as solas dos seus sapatos tocam o solo. Alguns contos de fadas os chamam de "sapateiros", e notam a tensão entre eles e os "alfaiates" de coração mais elevado.

A cultura da escassez da Europa na Idade Média — para falarmos

apenas de uma cultura da escassez — não dava aos jovens muitas possibilidades de ascensão; nossa cultura de abundância, ou de direitos, cria poucos limites, e para muitos universitários a deusa da necessidade é quase desconhecida.

O menino da nossa história está agora no momento da ascensão. Assim, é parecido, no melhor ou pior, com milhões de pessoas da cultura americana de hoje. Temos de examinar cuidadosamente esses jovens ascendentes, esses "alfaiates" ou voadores, se pretendemos fazer qualquer mudança na vida de homens e mulheres, e poderíamos examiná-los à luz de três palavras: passividade, ingenuidade e insensibilidade.

Todos nós sabemos que o ascensionismo das mulheres é muito intenso e generalizado; creio, porém, que uma mulher poderia falar com muito mais exatidão do que eu sobre a sua natureza, e creio ser conveniente que seja descrita por uma mulher. Por isso, vamos limitarnos aqui ao ascensionismo dos homens.

Sabemos que durante centenas de milhares de anos os homens se têm admirado mutuamente, e têm sido admirados pelas mulheres, sobretudo por sua atividade. Homens e mulheres, igualmente, concitaram homens a desbravar lugares perigosos, levar sua coragem às cataratas, perseguir javalis selvagens. Todos sabiam que, se os homens fizessem isso adequadamente, as mulheres e as crianças poderiam dormir em segurança. Agora, porém, os javalis transformaram-se em porcos nos chiqueiros, e os rios caudalosos, na cascata do pátio do Museu de Arte Moderna. A atividade pela qual os homens eram outrora amados deixou de ser necessária.

Os homens ousavam entrar no reino dos animais, desafiá-los, lutar com eles, combater a alma do animal, aprender suas danças, manter contato com eles. Alguns homens, chamados xamãs, entraram também no reino dos espíritos, lutaram com eles, superaram-nos, e salvaram pessoas que tinham adoecido devido às atividades maléficas desses espíritos. Os homens foram amados por sua iniciativa espantosa: enfrentar oceanos enormes, criar uma fazenda em terreno rochoso e, a partir do nada, imaginar um negócio novo, realizá-lo com habilidade trabalhando com o desconhecido, fazendo coisas nunca feitas antes. Os jovens viquingues costumavam treinar andando nas pontas dos remos enquanto os remadores continuavam a remar.

Até recentemente, as mulheres não eram notadas por sua atividade. Durante séculos, tiveram de viver numa passividade forçada, que delas exigiam os padres, médicos, filósofos, moralistas, teólogos e jui-

zes. As mulheres começam a participar da atividade, no momento em que os homens partiram na direção oposta, a caminho da passividade. (A passividade do "macho frouxo" do primeiro capítulo é, com frequência, uma grande surpresa para as mulheres.)

Nos últimos trinta anos os homens tiveram de aprender a acompanhar a correnteza, a seguir e não a liderar, a viver de uma maneira não-hierárquica, a ser vulneráveis, a adotar a decisão pelo consenso. Algumas mulheres querem um homem passivo, se é que chegam a querer um homem; a Igreja quer um homem domado — são os chamados padres; a universidade quer um homem domesticado — são os voltados para a estabilidade e a rotina; a empresa quer alguém que trabalhe em equipe, e assim por diante. Na época de Blake, chamavam as empresas de companhias autorizadas, e ele disse:

Perambulo pelas ruas autorizadas,
Perto das quais corre o Tamisa autorizado,
E noto em todo rosto que encontro
Marcas de fraqueza, de sofrimento.

A passividade cresce exponencialmente na medida em que o sistema educacional fabrica "produtos".

Aos 18 anos, o jovem americano médio já viu quatro mil horas de comerciais, e ainda assim bem poucos aparelhos de televisão foram desfeitos a machado, bem poucos debates presidenciais interrompidos por "ativistas", bem poucos aumentos de orçamentos militares sustados por protestos em massa. Blake coloca na primeira infância as raízes da passividade:

Lutando nas mãos de meu pai,
Brigando com os meus cueiros,
Amarrado e cansado achei melhor
Chorar no peito de minha mãe.

O menino luta contra as mãos do pai, combatendo o desejo narcisista que este tem de amarrá-lo ou de matá-lo; e luta contra os cueiros, combatendo o desejo narcisista da mãe de transformá-lo de acordo com o seu gosto. Se o menino não consegue libertar-se, então Blake diz que ele aprende a chorar. Muito amiúde, todo homem adulto se aborrece quando não compreende a interpretação peculiar que uma mulher dá ao seu comportamento — tão diferente da interpretação que ele mesmo lhe dá. Aos 20 anos, podemos ficar uma semana no estado de espírito chamado "fossa" — não nos parece muito tempo — e durante esse prazo provavelmente nos recusaremos a falar de

nossos sentimentos magoados, e podemos mesmo não falar nada. Nesses estados de espírito não nos ocorre nunca gritar, berrar, lamentar-nos — são coisas demasiado ativas. Quando o homem se torna triste, ele acaba passivo ante suas próprias feridas.

Quando não surge um velho para romper a influência da criança magoada sobre o homem, o hábito da passividade se estende a outras partes da sua vida.

O homem passivo pode, por exemplo, pedir à mulher que faça por ele a parte que lhe cabe no amor. Conversar não é tudo, mas é parte do amor, como comprar presentes, chegar à "conclusão" num diálogo, louvar a outra pessoa, manter ininterrupto o fio da intimidade. Maggy Scarf observa em *Intimate Partners (3) [Sócios Íntimos]* que cerca de três quartos dos casamentos americanos seguem um roteiro curioso: a mulher quer mais intimidade, e o homem não quer; ela corre atrás, mas não com velocidade suficiente para alcançá-lo, e ele foge, mas não com velocidade suficiente para escapar. Esse jogo pode durar anos.

O homem passivo pode não dizer o que quer, e a namorada ou esposa tem de adivinhar. Como compensação pela passividade em casa, ele pode começar a produzir feito um robô no trabalho, mas também não é isso o que ele realmente quer.

Podemos ir mais longe. O homem passivo pode pedir aos filhos que façam amor por ele. Os filhos observam os pais com muita acuidade. Os terapeutas de família que trabalham com Murray Bowman, ao tratar da ansiedade familiar, estudam as proporções da mesma e sobre quem pesa. Concluem que um adolescente "com problemas" que está "representando" pode na verdade estar transferindo para si um pouco da ansiedade existente entre seus pais, e nesse sentido a ansiedade pesa sobre ele. As crianças são ativas no amor, a ponto de se sacrificarem.

O homem passivo pode fugir à condição de pai. Tal condição envolve sentimentos, mas também a execução de todos os tipos de tarefas aborrecidas: levar os filhos à escola, comprar-lhes jaquetas, comparecer a concertos, estabelecer horários e regras de comportamento, decidir as reações quando tais regras são violadas, vigiar os amigos do filho, ouvir o que a criança diz com interesse, etc. O homem passivo deixa isso para sua mulher.

Um suéco, quando lhe perguntei quais as queixas que as mulheres da Suécia tinham em relação aos homens, disse-me recentemente

que suas amigas reclamavam que o sueco não tem um visãõ geral do relacionamento. Ele sabe o que pretende hoje ou amanhã, mas não o que deseja desse relacionamento dentro de dois anos ou dez anos. Poderíamos chamar isso de passividade da visãõ.

Finalmente, o marido ou amante pode evitar uma participaçaõ ativa na vida da mulher.

Amarrado e cansado achei melhor
Descansar no peito de um mulher.

A mulher não quer que o homem lhe diga o que fazer, mas outras forças podem tê-la afastado de uma açãõ ou ato proveitoso. Se o marido vê isso acontecer, deve falar-lhe. O homem espera que a mulher faça o mesmo com ele, se o vê aceitar a direçaõ de forças invisíveis.

INGENUIDADE

Vemos uma passividade cada vez maior nos homens, mas também uma ingenuidade crescente. O tipo ingênuo orgulha-se de ser atacado. Se sua mulher ou namorada, furiosa, grita que ele é um "chauvinista", um "sexista", um "homem", ele não revida, mas aceita a acusaçaõ. Abre a camisa, para que ela possa ver mais claramente onde golpear: termina com três ou quatro lanças espetadas no corpo, e o sangue espalhado pelo chão. Se fosse um toureiro, ficaria impassível ao ataque do touro, não agitaria o pano nem giraria o corpo, e os chifres o atingiriam diretamente. Depois de cada luta, os amigos têm de levá-lo nos ombros para o hospital.

Ele acha, ao absorver os ataques, que está sendo corajoso e avançado; certamente será capaz de se recuperar, no isolamento. Uma mulher, tão misteriosa e superior, deu-lhe atençaõ. Ser atacado por alguém que se ama — o que pode haver de mais maravilhoso? Talvez as feridas possam pagar algum ato chauvinista, e isso permita que ele continue sendo especial por mais tempo ainda.

O homem ingênuo se orgulhará de recolher as dores dos outros. Em particular, as duas mulheres. Quando, aos cinco anos de idade, sentava-se à mesa da cozinha, é possível que sua mãe lhe tivesse confiado seus sofrimentos, e ele se sentiu lisonjeado pelo fato de um adulto lhe contar tais coisas, mesmo que fossem depreciativas para seu pai. Mais tarde ele se sente atraído por mulheres que "desabafam suas dores". Sua especialidade faz dele, aos próprios olhos, uma espécie de médico. Em geral, tem mais ligaçaõ com os sofrimentos das mulheres do que com seus próprios sofrimentos, e se prontificará a

carregar a dor de uma mulher antes de ver, no seu íntimo, se isso é conveniente na sua situação. Em geral, acho que cada sexo abandona a própria dor quando tenta carregar a dor do outro. Não estou dizendo que os homens não devam ouvir. Mas ouvir a dor de uma mulher, e carregá-la, são duas coisas diferentes. As mulheres tentam, há séculos, carregar as dores dos homens, e isso não vem dando certo.

A palavra "especial" é importante para o homem ingênuo, que tem relações específicas com certas pessoas. Todos nós temos algumas relações especiais, mas ele cerca a pessoa escolhida com uma forma desagradável de boa vontade. A relação é tão individual que ele nunca examina o lado sombrio da outra parte, que poderia ser um filho, filha, esposa, amigo ou namorada. Aceita reações despropositadas, conspira, de alguma forma, com o lado sombrio. "Certas pessoas são especiais", afirma ele.

Poderíamos dizer que se ele não investiga o lado nebuloso de um filho ou filha, talvez eles não investiguem o seu. Também pode ter uma relação secreta e especial com um menino magoado dentro de si. Se assim for, não o questionará, nem mostrará sua autopiedade, nem sequer ouvirá o menino. Simplesmente, deixará que ele governe a sua vida.

A sinceridade é para ele uma coisa importante. Supõe que a pessoa, o estranho ou a amante com quem fala é sincera, bem intencionada e lhe fala francamente. Concorda com Rosseau e Whitman que toda pessoa é basicamente nobre, e apenas um pouco deformada pelas instituições. Põe muita fé na própria sinceridade. Acredita nela, como se fosse um cavalo ou a muralha de uma cidade. Supõe que ela o protegerá das conseqüências que costumam afetar as pessoas menos abertas. "É verdade que a trai com sua melhor amiga quando você estava fora, e mesmo depois que voltou, mas fui franco com você, e lhe contei tudo. Assim, por que está furiosa comigo?"

O homem ingênuo representa estranhas peças de auto-isolamento. Por exemplo, quando uma mulher irritada o critica, ele pode dizer, muito sensatamente: "Você tem razão. Eu não tinha o direito de fazer isso." Se a irritação dela se transforma em raiva, ele baixa a cabeça e diz: "Eu sempre fui assim." No terceiro ato, pode envolver o pai. Ele nunca estava presente; nunca me deu qualquer apoio." Se a raiva da mulher continuar, curva-se ainda mais. Perde terreno rapidamente e no quarto ato pode dizer: "Todos os homens são uma merda." Está agora muito mais sozinho do que alguns minutos antes. Sente-se rejeitado pela mulher e também isolado de todos os outros homens. Um homem que conheci representava essa peça toda vez que tinha uma

briga séria com a mulher, o que ocorria uma vez por semana.

O homem ingênuo perderá o que lhe é mais precioso devido à falta de limites. Isso ocorre em particular com o homem da New Age, ou o que busca uma "consciência superior". Ladrões entram e saem da sua casa, levando grandes sacos, e ele não parece vê-los. Fala de suas experiências de "luz branca" durante festas, conta o sonho da noite passada a um estranho total. Mitologicamente, quando encontra o gigante revela-lhe todos os seus planos. Raramente luta pelo que é; dá os ovos e os outros criam as galinhas. Poderíamos dizer que, sem ter consciência dos limites, ele não desenvolve um bom recipiente para a sua alma, nem para duas pessoas. Há um vazamento em algum lugar. Ele pode romper o recipiente quando vê um rosto bonito. Como artista, improvisa; como poeta, sua obra não tem métrica nem forma. A improvisação não é um erro, mas ele tende a orgulhar-se de sua falta de forma porque sente desconfiança dos limites. A falta de limites acabará por prejudicá-lo.

O ingênuo tende a ter uma relação inadequada com o êxtase. Ele o deseja no momento errado ou no lugar errado, e desconhece todas as suas fontes masculinas. Quer tê-lo através do feminino, através da Grande Mãe, da deusa, embora o que pode trazer a mulher à terra possa ter sobre ele um efeito contrário. Usa o êxtase para separar-se do fundamental ou da disciplina.

O homem ingênuo afunda num estado de espírito tal como num grande buraco. Algumas mulheres conseguem superar um estado de espírito. Se estão de mau humor antes de uma festa, por exemplo, pode contorná-lo, isolá-lo e livrar-se dele, pelo menos temporariamente. Mas o humor do homem ingênuo parece preso a uma montanha. Não consegue separá-lo. Se está magoado ou deprimido, identifica-se com esse humor, e todos à sua volta têm de afundar com ele no buraco. Naquele estado de espírito não está presente para a mulher, filhos, amigos.

O homem sem limitações também pode especializar-se no mutismo. Por exemplo, se ele e outros decidem que algumas cadeiras devem ser arrumadas antes de um espetáculo, e ele é incumbido disso, provavelmente não dirá a ninguém que resolveu deixá-las como estão. Os outros, em geral pessoas mais velhas, ficam furiosos e gritam. Basicamente, ele os induziu a carregarem o peso da ira. Ele continua a sentir-se limpo e leve, e se pergunta por que os outros ficam irritados com tanta frequência.

De regra, o homem ingênuo não sabe, que há nele um ser que deseja

continuar doente. Dentro de cada homem ou mulher há uma pessoa doente e uma pessoa sã: é preciso saber qual delas se manifesta em determinado momento. Mas a consciência do ser doente, e de sua força, não é parte do campo de percepções do ingênuo.

Ao homem ingênuo falta muitas vezes o que James Hillman chamou de "brutalidade natural". A mãe gavião expulsa os filhotes do ninho, num determinado dia; o pai raposa manda embora os filhotes em princípios de outubro. Mas o homem em ascensão deixa as coisas se estenderem demais. No começo de um relacionamento, umas poucas palavras ásperas e verdadeiras teriam sido úteis. Em lugar disso, ele espera e espera, e então acontece, mais adiante, uma ferida séria.

Seu ritmo está desequilibrado. Observamos que há nele, muitas vezes, um compasso a mais ou a menos, depois que recebe um golpe verbal ou físico. Passa diretamente da dor de receber esse golpe para o entendimento empático da razão por que foi desfechado, afastando totalmente a raiva.

Como observação final sobre a ingenuidade, poderíamos dizer que há nela alguma coisa que provoca a traição. O homem ingênuo terá uma ligação curiosa com a traição, o engano, a mentira. Ele trairá os outros facilmente, convencido de que os seus motivos são sempre bons; e uma mulher, quando vive com um homem realmente ingênuo por algum tempo, sente-se impessoalmente levada a traí-lo. Havendo ingenuidade excessiva, o universo não tem outra escolha senão cristalizar uma traição.

INSENSIBILIDADE

O homem espiritual pode amar a luz, e não obstante ficar totalmente insensível na área do peito. É difícil explicar isso adequadamente, e a origem dessa insensibilidade não é clara. Vou contar uma fábula pessoal:

Quando eu tinha dois ou três anos, pedi proteção a meu pai. Mas ele era um homem agitado, e sua companhia provocava uma sensação de perigo maior do que estar na rua. Dirigi-me então à minha mãe e pedi-lhe proteção. No momento em que ela disse sim, fiquei insensível do pescoço até as virilhas.

A fábula é essa. Pode não ser verdade. Não sei em que idade aconteceu tal insensibilidade. Talvez eu tivesse a expectativa genética de que meu pai me protegeria, e quando isso não aconteceu, fiquei insensível com o choque. É possível também que eu soubesse, ou a-

creditasse saber, que se aceitasse a proteção de minha mãe teria de aprender a sentir como mulher. Mas eu era homem, e por isso resolvi não ter sentimento algum.

A fábula sugere que a proteção materna, por mais bem intencionada que seja, não substitui a proteção paterna.

Minha área do peito continuou adormecida durante todo o curso secundário. Minha cabeça era agitada e cheia de sangue, e meus órgãos genitais eram também agitados e curiosos. O problema era a parte intermediária.

Na escola secundária, se uma garota me perguntava: "Você me ama?", eu não sabia responder. Se eu lhe fizesse a mesma pergunta, ela poderia responder: "Bem, eu o respeito, eu o admiro, gosto de você e estou até mesmo interessada em você, mas não o amo." Evidentemente, quando ela olhava para seu próprio peito, via todo um espectro de afeições, toda uma procissão de sentimentos e podia distingui-los facilmente. Se eu olhasse para o meu peito, não via nada. Tinha de ficar calado, ou de fingir.

Certas mulheres se sentem magoadas quando o homem não "expressa seus sentimentos", e podem concluir que ele está se poupando, ou "dizendo alguma coisa" com essa reserva. O mais provável, porém, é que quando esse homem faz uma pergunta ao seu coração, não obtenha resposta.

Parte dessa minha insensibilidade desapareceu agora. Posso responder a perguntas sobre meus sentimentos, e posso ver no meu peito pessoas com roupas de cores diferentes, caminhando, e distinguir entre elas. É possível que, quando o homem fica mais velho, certas partes do seu corpo comecem naturalmente a reviver. É possível também que a insensibilidade se afaste à medida que aprendemos a procurar outras pessoas, além de nossos pais, em busca de proteção. Os homens da minha idade me protegem, ou pelo menos assim penso, e também algumas mulheres enérgicas e amantes, e uns poucos homens mais novos e decididos.

A HISTÓRIA: TRABALHO DE COZINHA

Se o menino dourado da nossa história é um jovem em ascensão e um voador depois que deixa a fonte, então João de Ferro tem razão ao dizer-lhe, em essência: "Você agora conhece muito sobre o ouro, mas nada sobre a pobreza." Na verdade, ele diz: "Você sabe muito sobre subir, mas nada sobre descer." Eis o que diz a história:

"Agora sai pelo mundo, onde aprenderás o que é pobreza. Não vejo, porém, o mal no teu coração, e te desejo o bem, motivo pelo qual te concedo um dom: sempre que estiveres em dificuldades, vem à orla da floresta e grita: 'João de Ferro, João de Ferro!' Eu virei ao teu encontro para te ajudar. Meu poder é grande, maior do que pensas, e tenho ouro e prata em abundância."

O filho do rei deixou então a floresta e caminhou por trilhas abertas e por matas cerradas até finalmente chegar a uma grande cidade. Procurou trabalho, mas não encontrou — nada tinha aprendido que lhe pudesse ser útil. Por fim, foi ao palácio e perguntou se o aceitavam para algum serviço. A gente da corte não sabia o que fazer com ele, mas gostou do menino e permitiu que ficasse. O cozinheiro tomou-o a seu serviço, mandando-o carregar lenha e água, e varrer as cinzas.

Decair de filho de rei para cozinheiro é a evolução pedida pela história. Carregar lenha e água, trabalhar no porão do castelo — onde fica a cozinha — representa a Queda Através do Assoalho, a Descida, a humilhação, estar "sem eira nem beira". Encontramos essa expressão no título de George Orwell, *Down and Out in Paris and London* [Sem eira nem beira em Paris e Londres].⁴ Quando Orwell resolveu superar a ingenuidade que herdara da sua formação de classe média, foi trabalhar num porão, e seu romance conta a vida miserável dos ajudantes de cozinha nos grandes hotéis. Para jovens que se formaram em universidades privilegiadas, ou que ascenderam pela onerosa cultura dos títulos, sua vida espiritual com frequência começa com esse trabalho de porão, na cozinha.

CATÁBASE

A marca da Descida, quer empreendida consciente ou inconscientemente, é uma inferioridade nova, associada à água e à alma, assim como a superioridade está associada ao espírito. "A água prefere os lugares baixos." A inferioridade acontece particularmente a homens que são inicialmente superiores, afortunados, elevados.

A descida separa, em geral, o jovem de seus companheiros voadores e do apoio destes, e torna-o consciente de uma depressão que pode ter passado despercebida durante anos. Tem início uma vida mediana, de coisas comuns, pesadas, com silêncios, buracos na estrada, dificuldades e sobriedade.

Nossa história diz simplesmente que depois de vagar um pouco, não tendo um "ofício", o jovem finalmente consegue trabalho na cozinha — que fica tradicionalmente no porão — de um castelo. A história diz que depois dos dedos e cabelos dourados, o que é adequado, a seguir, para o homem, é o torvelinho, o afundamento no solo, a Queda, condição que os gregos antigos chamavam de catábase.

Há nessa Queda algo mais do que um pequeno susto. Nosso ego não a quer, e, mesmo quando caímos, ele não quer vê-la. Os sons de "catábase", duros e ásperos, parecem adequados a essa viagem.

O que estou dizendo, portanto, é que o passo seguinte na iniciação dos homens é encontrar o buraco do rato, o "caminho sombrio" para o qual nenhuma universidade nos prepara, a viagem que o homem em ascensão imagina que só os da classe média inferior fazem, o caminho para tornar-se "sem eira nem beira."

Quando ocorre a catábase, o homem deixa de sentir-se uma pessoa especial. Não é mais. Hoje está na universidade, alimentado e abrigado — frequentemente, com o dinheiro de outro —, protegido por paredes de tijolos construídas por homens que morreram há muito, e amanhã está desabrigado, vagando pelas ruas, em busca de uma refeição e uma cama. Aquele que está caindo, ou já caiu, é imediatamente reconhecido: porteiros lhe voltam as costas, garçons o esnobam, ninguém segura para ele a porta do metro.

Sua psicologia interior se altera quando uma vergonha antiga vem à tona, ele caminha de cabeça baixa e acha que tudo aquilo é inevitável. O eu masculino interior se transforma. Quando ainda tem grandeza e ingenuidade, vive em seu interior um jovem de rosto brilhante, esperançoso, elegante, um príncipe. Quando a Descida começa, um velho toma o lugar do príncipe. Para sua surpresa, o controle é assumido por uma pessoa abandonada, desamparada, anti-social, frágil.

Lembremo-nos de Édipo em sua catábase: num dia, rei exigente e arrogante; no dia seguinte, um cego levado por outros. Atualmente, a catábase é provocada pelo vício — álcool, cocaína, craque. O homem perde a saúde e acaba com pernas finas, sem energia, privado da mulher e filhos, privado de amigos, de abrigo. Perde o emprego, o respeito próprio "e todas as marcas de sua arte e vida anteriores".

Para quem se envolve profundamente com o trabalho, a catábase pode ocorrer sem vício ou doença. Um homem vai bem no seu trabalho, vive uma vida tranqüila com um lar e família, desfruta seus fins de semana no Lago Tahoe, e numa manhã de domingo se vê no grama-

do, com um rifle carregado e na iminência de puxar o gatilho. Ele vive, mas perde "todos os vestígios de sua vida e arte anteriores". (5)

Lembramos que os irmãos de José o colocam num poço de areia — a versão árabe fala de um poço seco e profundo. Alguns dias depois vendem-no a mercadores de escravos, que por sua vez o levam para mais longe ainda, para o Egito, onde faz uma terceira Descida para uma masmorra, depois de desagradar a esposa do comandante.

É como se a própria vida, de alguma maneira, o "dispensasse". Há muitas maneiras de ser "dispensado": um acidente sério, a perda de um emprego, o rompimento de uma velha amizade, um divórcio, um "esgotamento", uma enfermidade.

Conta-se que sempre que um amigo lhe dizia, entusiasmado: "Fui promovido!", Jung respondia: "Sinto muito; mas se nos unirmos, creio que superaremos isso." Quando um amigo chegava deprimido e envergonhado dizendo: "Fui demitido", Jung dizia: "Vamos abrir uma garrafa de vinho; essas notícias são maravilhosas; alguma coisa boa vai acontecer agora."

O jovem em "O Irmão do Diabo" (um conto dos irmãos Grimm) encontra um homem moreno enquanto vagava pelo bosque, logo depois de ter sido dispensado do exército. Aceita um trabalho de ferver caldeirões num lugar subterrâneo, unindo nessa imagem a cozinha e a Descida. Podemos dizer que "dispensado" é um estado bom e sagrado, que prepara para a Descida, e que João de Ferro dispensa o menino depois de seus três dias ao lado da fonte.

Sabemos que os homens do século XIX eram caracteristicamente incapazes de ver o sofrimento das mulheres. The Mad-woman in the Attic [A doida no sótão], de Sandra Gilbert e Susan Gubar, (6) descreve a intensidade desse sofrimento. Neste século, os homens acrescentaram uma outra inatenção: deixaram de notar seu próprio sofrimento.

A ferida que o homem recebe de seu pai, ou da vida, ou do contato com o Homem Natural, surgiu em nossa história pela primeira vez quando o menino fere seu dedo. Graças a esse ferimento, seu modo de tratar o mundo foi prejudicado.

Alguns pais nos causam a ferida com sua indiferença ou frieza, com espancamentos ou agressões verbais e sexuais, ao nos considerar um zero ou ao nos fazer sentir fundamentalmente envergonhados. Como dissemos no capítulo anterior, o filho pode mergulhar a ferida numa água terapêutica ou ritual para torná-la consciente, ou para

sentir-lhe a injustiça, a enormidade, o efeito prejudicial sobre a sua espontaneidade e alegria, a ligação com a sua raiva evidente ou disfarçada.

O trabalho na cozinha significa a intensificação do mergulho da ferida na água. Aquele que deixa a vida comum e respeitável através da ferida, agora considerada uma porta. Se o pai o abandonou, ele fica realmente no abandono; durante essa fase não tem casa, nem mãe, nem mulher. Se a vergonha o feriu, por meio da agressão sexual, do espancamento físico, ou pela influência de pais envergonhados, durante essa fase ele vive a sua vergonha — junta-se a homens e mulheres cronicamente envergonhados, coloca-se numa posição de "sem eira nem beira" em que sentirá vergonha cinquenta vezes por dia.

Se a mãe o feriu com sua possessividade, fazendo com que se sentisse inadequado e pequeno demais, nessa fase ele se tornará realmente desamparado, sem situação e sem "contatos". Confirma-se a consciência da sua pequenez.

Se uma pressão dos pais, ou uma pressão cultural, separou a sua "cabeça" do seu "corpo", prendeu-o numa posição de observador, nessa fase de sua catábese ele fica realmente preso. O poeta peruano César Vallejo, que passou dez anos em Paris totalmente "sem eira nem beira", assim definiu esse estado:

É uma enorme aranha, que já não se move;
uma aranha sem cores, cujo corpo,
cabeça e abdome, estão sangrando.

Hoje a observei com grande atenção.
Com que tremenda energia
para todos os lados
estendia suas muitas patas.
E fiquei pensando nos olhos invisíveis,
nos ferrões mortais da aranha.

É uma aranha que se contorcia, presa
na ponta aguçada de uma pedra;
o abdome de um lado, e do outro a cabeça.

Com tantas patas, a pobrezinha, e não podia sair!
E ao vê-la
confusa nesse grande perigo
que dor estranha essa viajante me causou hoje!

É uma enorme aranha, cujo abdome
a impede de acompanhar sua cabeça.
E fiquei pensando em seus olhos
e em suas muitas, muitas patas...
E que dor estranha essa viajante me causou! (7)

O comportamento do Vallejo foi chamado de "saída heróica através da ferida". Ele não sai, como faz o herói, graças ao seu heroísmo, nem à sua invencibilidade, como faz o guerreiro, mas graças à sua ferida. Vallejo disse, em outro poema:

Bem no dia em que nasci
Deus estava enfermo. (8)

O caminho para ficar "sem eira nem beira" não exige necessariamente pobreza, desabrigo, privação física, trabalhos humildes, mas parece exigir uma perda de situação, de ser humano para aranha, da classe média para a miséria. A ênfase recai na consciência dessa queda.

No divórcio, quando a segurança emocional do homem é capaz de se desintegrar, ele pode ou recuar através da porta enquanto vê filmes engraçados, ou tentar compreender a verdadeira escuridão da porta, ao enfrentá-la. O próprio divórcio pode ter surgido em consequência de algum ferimento sofrido pelo homem na infância — ou talvez o casamento tenha resultado desse ferimento — mas, em ambos os casos, o seu colapso o revive.

O divórcio é sentido pela maioria dos homens como uma dispensa, como se o homem fosse demitido de um emprego assumido no dia do casamento. E a agonia da separação de uma figura substituta da mãe, o sentimento de inadequação em meio às exigências de mais dinheiro, a falta de calor ou graça no apartamento ou casa novos, a rejeição e o isolamento quando a comunidade retira da sua aprovação e apoio, as dúvidas que a mudança provoca — tudo isso forma uma nova espécie de solidão. Se o homem se recusa a ser consolado, se considera todos os inconvenientes como expressões malévolas de uma ferida isoladora recebida na primeira infância, então esse homem pode usar o divórcio — ou qualquer outro colapso sério — como um convite para atravessar a porta, aceitar a catábese, mergulhar na ferida e, através dela, sair da sua vida antiga.

O momento da catábese encerra, muitas vezes, o seu próprio humor negro. Um mestre espiritual que conheci chegou, certa noite, a uma

encruzilhada na estrada, ao dirigir de volta a casa depois de uma palestra sobre iluminação. A estrada da esquerda levava a um motel onde estavam amigos é onde ele sabia haver bebidas e mulheres; a estrada da direita levava a um centro de meditação ascética por ele dirigido. Não conseguiu decidir-se e o carro foi de encontro a uma parede de tijolos amarelos na qual estava pintado em letras grandes um anúncio da LOJA DA PIADA. O resultado não foi engraçado. Ele saiu do hospital parcialmente paralítico de um lado e assim permaneceu o resto da vida.

Lembro-me dessas histórias com um certo temor. As energias que pedem a catábese têm poderes imensos sob seu controle. A disposição é a mesma da observação do Cristo: "Não recebereis enquanto não tiverdes pago o último tostão."

A catábese também encerra todo o conceito do desastre, talvez de seu aparecimento na vida do homem pela primeira vez. Um outro homem, animado em sua disciplina espiritual, um voador mas também trabalhador enérgico, sempre pronto a ajudar a comunidade, viu um incêndio no mato, numa vala. Parou o carro, correu a ajudar a apagar o fogo, e de repente sentiu que alguma coisa enorme se aproximava do seu lado esquerdo. Um segundo depois um carro, voando, o derrubou no chão. Acabou também num hospital, com as costelas e a bacia quebradas, estendido numa cama. Até agora, o barco da sua vida continua flutuando. A maioria dos homens, como diz Tomas Tranströmer, (9) transfere pesos de um bolso para outro a fim de manter o barco equilibrado. De repente, o barco vira. Quando cai n'água, seu tripulante se lembra das pessoas que afundaram no Titanic, no escuro, na água gelada, a grande montanha de gelo flutuando ao lado. Antônio Machado disse:

A humanidade tem quatro coisas
Que de nada servem no mar:
Leme, âncora, remos,
E o medo de afundar. (10)

Um ministro luterano da nossa pequena cidade no estado de Minnesota conseguiu sempre equilibrar o seu barco, menos nas agitadas águas ciumentas da congregação. Ele age com firmeza; e usa a abordagem firme com o filho de 16 anos, que insiste em pedir emprestado o carro da família mesmo depois de ter o pai dito que não. O rapaz rouba o carro. O pai, ao constatar isso, chama a polícia, que localiza o veículo e o persegue e detém. O rapaz pega um fuzil 22 no banco traseiro e mata o guarda. E o barco afunda para pai e filho.

Tem-se a impressão de que alguma força na psique provoca uma catábase séria se o homem não sabe o suficiente para afundar por si mesmo. A depressão é uma pequena catábase provocada por alguma coisa que não somos nós. A depressão em geral nos surpreende pela sua chegada e pela sua partida. Nela, recusamo-nos a descer, e por isso uma mão nos vem puxar. Na dor, preferimos afundar.

Não havendo mais indicadores em nossa cultura, não receberemos instruções sobre como afundar sozinhos. Poderíamos usar expressões como "ser dominado pela dor" para o ato consciente de descida, mas temos por vezes a sensação de que nos Estados Unidos o homem só pode ser dominado pela dor num enterro.

Certos grupos sufistas turcos começam seu trabalho noturno com a repetição de uma palavra que lhes lembra a dor pelo que não fizeram no ano passado. Não é um sentimento por pecado, culpa ou vergonha, mas sim por não ter feito. A própria alma pede para afundar. D. H. Lawrence:

Não sou um mecanismo, a reunião de várias peças.
E não estou doente porque o mecanismo esteja funcionando mal.
Estou doente com as feridas da alma, no eu emocional profundo,
e as feridas da alma exigem muito, muito tempo, e só o tempo pode ajudar
e a paciência, e certo difícil arrependimento,
longo e difícil arrependimento, compreensão do erro da vida, e a libertação
da interminável repetição do erro
que a humanidade em geral quer santificar}. (11)

O "longo e difícil arrependimento" é uma maneira de referir-se à descida, embora eu prefira a verticalidade da catábase e a imagem de uma porta. A bebida é uma porta que se abre para alguns. Em lugar de repetir "Posso enfrentar isso", e "Nunca perco o controle", esse homem diz: "Sou um alcoólatra, isso é evidente." Os Doze Passos dos Alcoólatras Anônimos o fazem afundar.

No princípio deste capítulo falamos de algumas características do homem ingênuo, entre as quais a decisão de não olhar para o lado sombrio, a suposição de que todos falam sinceramente, uma relação inadequada com o êxtase, a incapacidade de notar que uma parte dele quer continuar doente, e assim por diante. Suponho que a cada ponto em que encontrarmos uma dessas ingenuidades, acabaremos encontrando uma catábase correspondente.

Ver o lado negro de uma pessoa que está perto de nós é uma disciplina aceita pelo homem que desce. Pergunto a alguém sobre um amigo comum; a resposta: "Confio nele na maioria das coisas." Isto está certo: "na maioria das coisas."

O chamado homem da rua aprende cedo a idéia de uma confiança parcial. E devemos ver-nos da mesma maneira, com uma confiança parcial. Diz-se que no casamento o homem e a mulher se dão mutuamente "sua parte animal mais profunda". Cada um deles segura a trela da "parte animal mais profunda" do outro. É uma frase maravilhosa.

O homem ingênuo, que voa diretamente para o sol, não será c&paz de ver a própria sombra. Ela fica muito atrás dele. Na catábase, a sombra o alcança.

Bem, no dia em que nasci,
Deus estava enfermo...
Todos sabem que estou vivo,
que mastigo minha comida... e não sabem
por que ásperos ventos assobiam nos meus poemas,
o estreito constrangimento de um caixão,
ventos desentranhados da esfinge
que prende o deserto para interrogatório de rotina...

No dia em que nasci,
Deus estava enfermo,
gravemente.

César Vallejo

Ao cair, aprendemos um pouco sobre o lado negro de Deus. O homem ingênuo pode aprender igualmente um pouco sobre o lado negro da Grande Mãe. Mais cedo ou mais tarde, também, o lado negro da Grande Mãe se cristaliza do universo; a amada negra tem de aparecer, aquela com chifres de javali nascendo dos lábios. Talvez ela apareça na vida comum como uma mulher irritada, uma mulher espantada com uma incoerência e traição.

O que o homem vê é uma mulher irritada. Mas alguma coisa na malícia da mulher irritada o coloca, talvez pela primeira vez, em contato com o Raivoso, o Lado Negro da Lua, o Ogro que vive no outro lado da lua com asas de morcego e pássaros rasgados ao meio. Sentir o Malicioso é uma compensação para a vida anterior "acima do chão", em que comia e dispunha do melhor.

Quando somos traídos, as presas do universo se revelam em sua boca: cães negros correm atrás da carruagem, o cruel cozinheiro mata a filha e a entrega no jardim; o cavalição desnordeado corta a cabeça do cavalo mágico, e manda-se a princesa cuidar dos porcos.

O lado negro da Grande Mãe na Índia é chamado de Kali. As flores em volta do seu pescoço podem transformar-se em caveiras, e novamente em flores, numa fração de segundo. Só Xiva, uma das formas do Homem Natural, pode enfrentá-la, e isso nos sugere a razão pela qual, em nossa história, é o Homem Natural que guia a iniciação do menino.

Pwyll, príncipe de Dyved, cuja história está em *The Mabinogion*, (12) só se torna rei depois de trocar de lugar, durante um ano, com o Rei do Inferno. Praticamente, isso significa que durante um ano ele sente ao seu lado na cama, toda noite, o corpo da Amada Negra, a Rainha do Inferno.

Assim, não descemos ao fundo do morro apenas porque vemos o lado negro de nós mesmos, de nossos amigos, por mais difícil que isto seja. Baba Yaga, nos contos russos, pergunta: Estás aqui para praticar uma boa ação ou para fugir dela? Chegamos ao fundo quando a hostil energia de javali de Baba Yaga substitui completamente — por algum tempo — o eros infantil que cada um de nós sentia quando nossa mãe colocava um seio em nossa boca, ou mais tarde colocava uma xícara de leite para nós na mesa, ou quando nossa primeira e maravilhosa namorada nos convidou para a cama. Esses amores são todos bons; mas a descida é completa quando ambos foram substituídos pela energia de Baba Yaga, com seus chifres de javali, pêlos de porco, boca grande, colar de caveiras e de um espírito insanamente elevado.

Alguma coisa nos quer aqui, quer o encontro com a Rainha Escura, quer que o javali abra a boca, quer que o lago de Grendel se encha de sangue, quer que as espadas se fundam, quer que a Gigante ponha o menino no seu saco.

Os rapazes da nossa cultura imaginam, amiúde, quando anseiam por encontrar Baba Yaga, que podem "matá-la". Imaginam a aniquilação, a vitória total; mas as histórias deixam claro que essas fantasias pertencem aos não iniciados. A única solução para o poder dessa bruxa é o rapaz desenvolver em seu desejo uma energia tão grande, tão dura, selvagem, arguta e clara quanto a dela. Quando um jovem chega à casa de Baba Yaga, e mostra-se à altura do seu nível de intensidade, determinação e respeito à verdade, ela às vezes dirá: "Está bem, o que queres saber?"

SEGUINDO O CAMINHO DA CINZAS

A descida ou o "trabalho de cozinha" pode tomar três outras formas. Vamos dar-lhes os nomes de Seguir o Caminho das Cinzas, Aprender a Tremer, e Passar do Mundo da Mãe para o Mundo do Pai.

"O cozinheiro tomou-o a seu serviço, mandando-o carregar lenha e água e varrer as cinzas." É uma referência ao menino das cinzas do conto de fadas norueguês chamado Askaladden (Menino das Cinzas), e à Cinderela, ou Gata Borracheira (Menina das Cinzas), nos contos de fadas de muitos países. As cinzas não pertencem à copa ensolarada da árvore, nem às suas raízes fortes. A cinza é, literalmente, a morte do tronco.

"Cinzas" e "carvão" nos contos de fada (5) são palavras-códigos para a época cinzenta, fuliginosa, deprimida, "descompassada". Imaginamos hoje que ser incumbido da lareira ou do fogão é uma forma de castigo, mas nas histórias de fadas tal atribuição cabe ao afortunado terceiro filho, que é o bobo borracheiro mágico, e à afortunada terceira filha, Cinderela, a filha mágica e sofredora que pertence à mãe. Para esses dois, cuidar do fogo é tarefa adequada.

Sabemos o que é pegar as cinzas com as mãos. Como são leves! As pontas dos dedos as sentem como um pó. As cinzas são por vezes amareladas, outras vezes cinzento-claras, ou brancas, como a renda, e delicadas como asas de um inseto. As cinzas encontram o caminho das espirais das pontas de nossos dedos, agarram-se nelas, tornam tais espirais mais visíveis, mais claras para nós. Podemos tirar impressões digitais com as cinzas.

Viver a vida das cinzas é diferente da queda na catábase. Não é necessária uma perda de situação social. Não é tão explosivo; há nas cinzas alguma coisa regular, até mesmo letárgica.

Na época dos viquingues os rapazes, segundo o estudioso norueguês R. Keyser, (13) dispunham de dois ou três anos de cinzas. Naquela época, os noruegueses viviam em compridas casas comunais, parecidas com as compridas casas dos índios da Costa Oeste. Em seu livro sobre os velhos nórdicos, Keyser descreveu como 30 ou 40 pessoas dormiam nas camas, ao longo das paredes. No centro do salão havia uma elevação que funcionava como lareira. A fumaça saía pelos buracos no telhado. As cinzas se amontoavam no pavimento, a uma distância de 60 a 90 centímetros das camas. Os rapazes por vezes se deitavam no espaço entre o fogo e as cinzas e ali ficavam dois ou três anos. "Esses rapazes podiam ser vistos constantemente agachados junto ao fogo, rolando nas cinzas, comendo cinzas, sem se preocupar com nenhum trabalho útil nem com a limpeza pessoal." Ao

que parece, alguns deles também comiam carvão, e eram chamados Comedores de Carvão. É claro que estavam atravessando uma espécie de hibernação, ou letargia ritual, permitida pelos mais velhos. Se um jovem sente hoje a necessidade de deixar a escola, não há um ritual para isso, e ele pode, facilmente, acabar envergonhado, ou, o que é pior, na prisão.

Keyser menciona um Comedor de Cinzas do século XI, chamado Starkad, que permaneceu junto às cinzas vários anos, até que seu padrao o convidou a participar de uma expedição. Ele levantou-se, barbeou-se, vestiu-se e tornou-se um dos melhores guerreiros da expedição, e mais tarde também um poeta famoso, rememorado nas sagas.

Lembramos a ênfase dada pela Igreja Católica à Quarta-Feira de Cinzas, às cinzas na testa.

Mircea Eliade conta em seus livros o uso brilhante das cinzas pelos velhos iniciadores na Austrália, África, Oriente Próximo, América do Sul e Pacífico. A iniciação diz que antes que o menino possa tornar-se homem, um ser infantil que nele existe deve morrer. O Tempo das Cinzas é o momento reservado à morte do menino voltado para o ego. O menino entre 8 e 12 anos de idade, depois de afastado da mãe, passa para as mãos dos velhos guias que lhe cobrem o rosto, e às vezes todo o corpo, com cinzas, para dar-lhe a cor dos mortos e lembrar-lhe a morte interior que está na iminência de sofrer. Ele pode ser colocado no escuro durante horas, talvez dias, e apresentado aos espíritos dos ancestrais mortos. Depois, pode arrastar-se por um túnel — ou vagina — feito de mato e arbustos. Os velhos esperam por ele no outro extremo, só que agora o menino tem um novo nome. Em certas culturas, as mães têm um sentimento tão forte em relação à importância do ritual que, ao rever os filhos, fingem não conhecê-los, e têm de lhes ser apresentadas. As mães participam alegremente dessa iniciação.

O homem obcecado pelo ouro, seja um homem da New Age ou um homem da bolsa de valores, pode ser considerado como alguém que ainda não lidou com cinzas.

A palavra cinzas contém um sentimento sombrio de morte; as cinzas, quando colocados no rosto, o embranquecem — como a morte. Jó cobriu-se de cinzas para dizer que o Jó comodista de antes estava morto; e o Jó vivo chorou o Jó morto. Mas nós, como poderemos olhar para o lado cinza das coisas quando a sociedade insiste em criar um mundo de centros comerciais e complexos de entretenimento nos

quais somos levados a acreditar que não existe morte, deformação, doença, insanidade, pobreza, letargia ou miséria? Disneylândia significa "as cinzas não existem".

Apesar da nossa cultura modelo Disneylândia, alguns homens começarão, aos 35 ou 40 anos, a ter uma experiência particular das cinzas, sem ritual, até mesmo sem velhos. Começam por perceber quantos dos seus sonhos se tornaram cinzas. Um jovem na escola secundária sonha que será um corredor, um alpinista, que se casará com Miss América, se tornará milionário aos 30, ganhará o Prêmio Nobel de física aos 35, será arquiteto e construirá o mais alto edifício do mundo. Deixará sua cidadezinha e irá para Paris. Terá amigos fabulosos... e aos 35 anos todos esses sonhos são cinzas.

Aos 35 anos, seu fogão interior também começa a produzir cinzas. Quando estava na série dos 20 anos, o fogão ardia com uma ventilação tão boa que ele ali queimou noites até o amanhecer, em festas com bebidas, extravagâncias sexuais, entusiasmo, loucura, excitação. Certo dia ele observa que o fogão já não aceita coisas tão grandes. Abre a porta do fogão e as cinzas se espalham no chão. É tempo de comprar uma pequena pá preta na loja de ferragens e ficar de joelhos. As cinzas caem da pá no chão, e ele pode ver, nelas, a marca dos seus sapatos.

Robert Frost disse, sobre o "Pássaro do Forno":

A pergunta que ele faz, mas não em palavras,
é o que fazer com uma coisa que encolhe. (14)

Novas dietas, novos cantores pop, novos escritores, tudo são cinzas quando chegamos aos 35 anos.

Quando eu tinha 38, escrevi este poema:

Aquelas grandes extensões de neve que param de repente a
dois metros da casa...
Pensamentos que fazem o mesmo.
O rapaz deixa a escola secundária e não lê mais livros;
O filho deixa de visitar os pais.
A mãe deixa de lado o rolo e não faz mais pão.
E a mulher olha o marido certa noite numa festa e já não o
ama.
A energia deixa o vinho, e o ministro cai deixando a igreja.
Não chegarei mais perto...
O que está dentro recua, as mãos nada tocam, e estamos
salvos.

O pai sofre pelo filho e não deixa a sala onde o caixão está.
Afasta-se de sua mulher e ela dorme sozinha.
E o mar sobe e desce a noite toda, a lua continua sozinha
pelos céus livres.

A ponta do sapato roda
no pó...

E o homem de casaco preto se volta e desce de novo o morro.
Ninguém sabe por que veio, ou por que se foi e não subiu o
morro.

"Bancos de neve ao norte da casa"

Um erro que continuamos a cometer em nossas relações produz mais cinzas do que calor. Vários homens com cerca de 35 anos disseram-me que têm medo de estabelecer uma nova relação que venha a terminar, como terminaram as últimas dez ou doze, em "cinzas". Um jovem, porém, nunca considerava as cinzas suficientes. Os viciados em iluminação acham que querem o êxtase da associação com seus gurus, mas podem, na realidade, querer as cinzas. Não tendo um fogão ao lado do qual se sentar, nem um Homem Natural que o mande para lá, o jovem passa fuligem no rosto e espera que sua mãe não o reconheça.

Pablo Neruda diz:

De tudo o que fiz, de tudo o que perdi
de tudo o que ganhei sobressaltadamente,
em ferro amargo, em folhas, posso oferecer um pouco...
aqui estou com aquilo que perde estrelas,
vegetalmente, só.15

de "Bruxelas"

As cinzas representam uma grande redução em relação à árvore viva, com sua enorme copa e sua sombra abundante. O reconhecimento dessa redução é uma experiência adequada para homens com mais de 30 anos. Se eles não sentirem agudamente tal redução, conservarão sua inflação, e continuarão a identificar-se com tudo que neles pode voar: seu impulso sexual, sua mente, sua recusa a comprometer-se, seu vício, sua transcendência, sua frieza. A frieza de alguns americanos significa que eles não conheceram as cinzas.

Franklin Roosevelt encontrou as suas na poliomielite; Anwar Sadat, na prisão; Soljenitsin, no gulag. Alguns de nossos maiores escritores — John Steinbeck, William Faulkner, Thomas McGrath, Tillie Olson, David Ignation, Kenneth Rexroth — encontraram suas cinzas na pobreza da Depressão.

Catábase e cinzas são um pouco diferentes. Poderíamos dizer que o homem só encontra a catábase com a queda, a pobreza, a mudança abrupta de classe social; e que a prisão é um lugar tradicional para se sentir tanto a catábase como as cinzas. Mas o homem pode conservar seu emprego e sua família e ainda assim sentir as cinzas, se sabe o que está fazendo.

Murray Stein diz, em seu livro *In Midlife [Na meia-idade]* (16) que o período por mim chamado de Tempo de Cinzas pode ser visto como o de uma busca do cadáver. Em algum tempo de nossa vida passada há um corpo morto. Pode ser uma carreira frustrada; pode ser uma relação que não deu certo; pode ser o cadáver de um menino envergonhado.

Depois que Aquiles matou Heitor, o pai deste, Príamo queria muito levar o corpo de volta para Tróia, para um funeral adequado. Com a ajuda de Hermes, "o do Chapéu Invisível", Príamo foi guiado, diz Stein, "através da noite, sorrateiramente, atravessando as linhas dos gregos até o centro do seu campo".

Temos, portanto, de passar sorrateiramente à noite "pelos linhas" para encontrar o cadáver. Isso é um trabalho de cinzas. Exige astúcia e habilidade. Exige a ajuda de um Deus.

APRENDENDO A TREMER

A descida tem uma terceira face, que chamaremos de "aprendendo a tremer". Na primeira coleção de histórias dos irmãos Grimm há uma sobre um jovem que parece normal sob todos os aspectos, exceto pelo fato de que não podia tremer. Todos os tipos de choques foram preparados para ele: fantasmas, enforcados, gatos do diabo, corpos em caixões — nada o fez tremer.

As crianças tremem com facilidade, e com freqüência choram ao ver um animal ferido. Mais tarde, porém, o sistema de dominação entra em atividade, e alguns meninos começam a torturar e matar insetos e animais para perfumar sua própria insignificância.

A essa altura, os meninos transformam-se em Titãs. Lembramos que os Titãs estavam no mundo antes dos deuses. Foi um deles — Cronos — quem castrou seu pai Urano, e mais tarde comeu os próprios filhos ao nascerem, exceto Zeus. Este acabou derrotando os Titãs decisivamente, e colocando-os debaixo da terra, mas eles continuaram nela, de alguma maneira, e mais tarde comeram "acidentalmen-

te" Dioniso, seu neto, o tremedor, aquele que podia sentir dor. Em sua ira, Zeus queimou os Titãs, transformando-os em cinzas. Mas seres humanos, diz a história, foram feitos com essas cinzas. O próprio Dioniso foi reconstituído a partir de seu coração, que os Titãs não conseguiram obter.

É uma idéia mitológica maravilhosa, fazer com que os seres humanos tenham sido criados das cinzas dos Titãs; isso ajuda a explicar nossa própria crueldade e frieza. É claro, nós também recebemos nas cinzas o corpo de Dioniso, mas não seu coração, infelizmente. Podemos dizer que é Dioniso, o último dos deuses gregos a ser desenvolvido, quem guia esse processo secreto no qual o jovem—ou a jovem—aprende a tremer. Depois da adolescência, um jovem precisa aprender precisamente aquilo que os Titãs não souberam nunca. Esse é um objetivo legítimo da iniciação.

O filme *Casualties of War* [Baixas de guerra] faz uma exposição brilhante sobre a dificuldade dessa iniciação. O filme conta um fato real, durante a guerra do Vietnã, no qual quatro homens de um pelotão de cinco aprisionam uma vietnamita, em seguida a estupram e finalmente a matam. Do ponto de vista do iniciador, nenhum dos quatro é exatamente um homem, mas todos são meninos brutais, atolados nalguma fase entre as cinzas e a Descida. São homens inacabados, imperfeitos, perigosos em sua incapacidade de tremer.

Michael J. Fox faz o papel do quinto homem, que se recusa a participar da violação, mais tarde tenta salvar a vida da mulher e, mais tarde ainda, denuncia o estupro e assassinato brutais, mesmo com o risco da própria vida. O horror do que esses "Titãs" podem fazer provoca-lhe tremores. Sua capacidade de tremer é o seu aspecto mais adulto.

A maioria das pessoas lembra-se, de sua infância, o quanto os não-tremedores odeiam os meninos que podem tremer. Os quatro homens do filme ameaçam isolar Fox, dar-lhe um gelo e colocá-lo fora da comunidade dos homens, e fazer isso estuprando-o, se quiserem.

Ser capaz de tremer significa sentir a fragilidade dos seres humanos, e como é terrível ser um Titã. Quando trememos, as convulsões ajudam a afastar a insensibilidade de que falamos. Se o homem tem empatia, isso não significa que tenha desenvolvido apenas o instinto feminino; é claro que o desenvolveu, e isso é bom; mas quando aprende a tremer, ele está desenvolvendo também uma parte do corpo emocional masculino. Assim como Hermes o ajuda a "atravessar as linhas" no caminho para ficar com o cadáver, ele é ajudado a tremer pelo deus Dioniso, o neto dos Titãs.

INDO DA CASA DA MÃE PARA A CASA DO PAI

Quando a iniciação começa, os velhos ajudam os meninos a passar do mundo materno para o mundo paterno. Os meninos viveram felizes, desde o nascimento, no mundo da mãe, e o mundo do pai parece-lhes, naturalmente, perigoso, incerto e cheio de coisas desconhecidas.

Lembramos que a maioria das culturas descreve a primeira etapa da iniciação como um rompimento acentuado e evidente com a mãe. Os velhos simplesmente entram certo dia nas áreas das mulheres, com lanças, quando os rapazes têm 8 e 12 anos, e os levam embora. Até então, os meninos viviam exclusivamente com as mulheres. Na Nova Guiné, para citarmos um exemplo, os homens iniciados vivem juntos em casas na orla da aldeia. As mães se abstêm cuidadosamente de dizer aos meninos qualquer coisa sobre os acontecimentos iminentes, conservando o elemento de surpresa. Quando os homens os estão levando, os meninos talvez chorem, gritando: "Salve-me, mamãe, salve-me!" O mundo materno parece então maravilhoso. As mulheres resistem, mas é inútil. Os velhos começam a levar os meninos, digamos, para uma ilha onde foi levantada a cabana do iniciador. As mães dos meninos seqüestrados aparecem na ponte com lanças. "Estou aqui, mamãe! Salve-me!", pedem os meninos, mas os velhos expulsam as mães. Elas vão para casa, tomam um café, encontram-se com outras mulheres e dizem coisas como: "Que tal me saí? Fui bastante feroz?" "Você foi grande!" (17)

Quando as "questões de gênero", como as chamamos, são bem compreendidas, as mulheres não se opõem ao trabalho iniciatório com os meninos, nem anseiam inutilmente por ele, mas participam, com entusiasmo e tristeza, daquele drama. A frase relevante é a aceita na Nova Guiné por homens e mulheres de cerca de 80 tribos: "Um menino não pode transformar-se num homem sem a intervenção ativa dos mais velhos." Uma menina torna-se mulher sozinha, com a evolução corporal que marca essa mudança; as velhas lhe contam histórias, cantam e celebram. Mas no caso dos meninos, sem velhos não há mudança.

Portanto, a primeira fase é um rompimento claro com a mãe. Isso acontece em nossa história quando o Homem Natural põe o menino nos ombros. Mas o rompimento é apenas um rompimento, e não significa nenhum movimento interior, dentro do menino. Tudo isso ainda está por acontecer; com a maioria dos homens, ainda está acontecendo.

Em termos simples, o menino precisa mudar da casa da mãe para a casa do pai. O Hamlet de Shakespeare descreve, com um espírito fantástico e em detalhe comovente, a dificuldade dessa mudança. O fantasma dá a Hamlet uma ordem clara: "Treme pela minha morte, vê as cinzas do meu reinado, abandona a tua vida de estudos." Hamlet, porém, ainda não fez o trabalho "na cozinha". Conhece muito bem o seu gênio, mas está preso em algum ponto. Talvez tenha colocado, cuidadosamente, a chave debaixo do travesseiro da mãe. Em toda a peça, ele luta para afastar-se da esfera materna. Sentimos que dá excessivo valor à vida sexual da mãe, está obcecado por isso. Ele não a considera como um "outro", com o temor e respeito próprios de uma pessoa adulta. O pai tem de voltar do túmulo várias vezes para fazer com que as coisas andem, para impedir que Hamlet seja totalmente arrastado de volta para o ponto de onde tinha parado.

Se nenhum velho, ou iniciador competente, está presente a essa altura — e Polônio sem dúvida não é esse homem — tudo se movimenta lentamente. Aprendemos uma coisa valiosa, se observarmos: um jovem não pode fazer sozinho a mudança para a casa do pai, sem levar consigo o Prestidigitador e, particularmente, o lado negro do Prestidigitador. O lado bom não serve. A história dos irmãos Grimm chamada "O Corvo" diz isso claramente: o menino afastado da mãe tem de aprender a roubar dos ladrões, ou ele não pode chegar ao fim da história. O Prestidigitador, no Hamlet, reescreveu algumas frases da peça dentro da peça, e fez com que os atores as dissessem. O mesmo Prestidigitador Negro também mata Polônio, depois que este ouviu uma conversa. A bordo do navio, quando Hamlet descobre que seus velhos amigos Rosencrantz e Guildenstern levam uma carta de Cláudio ao rei da Inglaterra, pedindo-lhe que mate a ele, Hamlet poderia simplesmente ter agido com firmeza. O que faz é forjar uma outra carta, ordenando ao rei da Inglaterra que mate os dois amigos. E notamos que ele volta para a Dinamarca com a ajuda de piratas, o que é outra deferência ao Prestidigitador Negro.

Hamlet tenta, repetidas vezes, fazer a mudança decisiva para o mundo do pai, mas essa mudança lhe parece demasiado drástica. Enquanto isso, Ofélia morre — o mundo feminino jovem sofre quando o homem não consegue passar para o mundo do pai. Poderíamos dizer também que uma moça sentimental dentro de Hamlet, aqui chamada Ofélia, enlouqueceu com essa mudança mal realizada e "vai morrer". Lembramos Parsifal, outro homem sem um mentor mais velho, que viveu com a mãe durante toda a infância e juventude, e que ao encontrar certo dia os cavaleiros considerou-os "anjos", sentindo imediato desejo de acompanhá-los. Quando a mãe o viu partir, morreu. Algumas mortes representam a ingenuidade que morre quando o filho

aceita o mundo do pai.

O Hamlet termina com uma cena muito complexa de uma prestidigitação dúplice e tríplice. Na última cena, Hamlet chega finalmente à casa paterna; sua mãe morre e ele mata o assassino de seu pai. Quase que imediatamente ele próprio morre, mas nada é perfeito. Shakespeare permite que o palco seja ocupado no momento final por Fortinbras e seus homens, que não sabem como tremer. É um momento não-sentimental.

O esforço do homem para mudar a casa do pai exige um longo tempo; é difícil, e cada um tem de fazê-lo sozinho. Para Hamlet a mudança significa abrir mão da imortalidade ou da vida segura prometida ao filho da mãe fiel, e aceitar o risco da morte, sempre iminente no mundo do pai.

A história de Pwyll, que já mencionamos, descreve a mudança como uma troca de casas, durante um ano, com o Senhor da Morte. Entre as tarefas do homem está a de recuperar a própria dor. O homem que recupera sua dor e investiga sua ferida pode descobrir que elas se assemelham à dor e à ferida do pai, e a recuperação o coloca em contato com a alma dele. Aguçados os seus sentidos, poderá descobrir a ferida paterna. Poderíamos dizer que o filho sente o cheiro do pai, como sentimos o de uma serpente, que perde a pele e vive.

A mudança para a casa do pai não significa necessariamente rejeitar a mãe ou gritar com ela — quanto a isso, Hamlet está errado — mas sim um movimento para convencer o menino ingênuo, ou amante do conforto, de que deve morrer. Outros meninos interiores continuam vivos; este, morre. Os peixes e as tartarugas tornam-se independentes da mãe desde seu primeiro dia. Mas a independência do mundo do ventre materno se processa num movimento agoniadamente vagaroso para os homens em desenvolvimento. Eles querem correr, mas as pernas não se movem. Acordam esgotados.

A imagem da cobra leva-nos a uma imagem final nessa complicada questão da mudança para a casa do pai. Em seu livro *Occidental Mythology* [Mitologia ocidental], Joseph Campbell (18) diz que em numerosos selos babilônicos vê-se repetida a mesma cena, com variações. Trata-se de uma figura masculina de pé, e perto dela uma figura feminina, em geral sentada, provavelmente uma deusa, ou a sua sacerdotisa, e vemos ainda uma terceira figura — uma grande cobra. É possível que esse selo equivalesse a um objeto de meditação para homens criados numa cultura fortalecida, governada ou influenciada pela Grande Mãe.

Supomos que a mãe do homem, nessa cultura, fosse também forte. O jovem, para que viva, terá de desligar-se dessas duas mães. Ou o faz, ou não escapa do campo da Grande Mãe. A especulação de Campbell é a seguinte: a figura masculina que vemos de pé é o corpo masculino de um homem, que o recebeu da mãe no ventre. Odiá-la, conquistá-la, destruí-la — todas essas fantasias não são possíveis. Em lugar delas o homem, meditando, apega-se na imaginação ao pai serpente. Devemos lembrar que o mundo antigo não considerava a serpente maligna. Pelo contrário, era um animal sagrado. Essa serpente vive sob as raízes da Árvore do Mundo — na terra — embora saibamos que as cobras também sobem nos ramos das árvores.

O apego ao pai serpente nos lembra Hamlet. Nas cenas iniciais, a certa altura ele chama a voz de seu pai de "toupeira", porque ela se move sob a terra, e fala ora aqui, ora ali. É possível que a identificação com o pai-serpente fosse uma meditação masculina característica dos segundo e terceiro milênios a.C. Outras meditações foram criadas pelos homens nos séculos posteriores, e poderíamos falar das meditações jesuítas de fins do século XVII. Nelas, o homem se dissocia do lado da Grande Mãe que é amante da matéria, e de todo o paganismo. (Guarda uma certa identificação com a Virgem.) Dissocia-se de seu próprio corpo, incentivando-o com palavrões, castigando-o com vigílias, jejuns e, ocasionalmente, açoites. Identifica-se, porém, com um espírito celestial, imaterial, dourado, eterno, acima de tudo. A serpente, como força, não é mencionada. É uma grande transformação, se comparada à meditação anterior.

Nessa meditação anterior, ainda praticada em essência na Índia, África, Nova Guiné e na Austrália aborígine, o jovem se muda para juntar-se ao Pai Interior. Este conserva a sua forma através de muitas modificações, tal como as cobras. Além disso, sendo uma cobra, está associado à coluna vertebral. Diz-se que uma cobra poderosa vive em nós, no fundo da coluna vertebral, na casa da sobrevivência.

O homem de hoje, ao dirigir-se para a casa do pai, está entre essas duas mitologias. Se estiver em ascensão, foge da terra, água, pó e carne, e efetivamente pede às mulheres que se encarreguem da terra. Em contraste, os homens velhos na iniciação tradicional levam o jovem para o Pai Interior, perto do qual vivem os ancestrais, e onde estão as cobras. A viagem não representa para ele um exílio do céu, pois as cobras podem ser encontradas até mesmo nas copas das árvores. As cobras também nadam na água. A cobra é a Senhora das Águas. Mitologicamente, portanto, ela se assemelha ao Homem Natural, ao Rei e a outros seres que ficam na água, no fundo de nossa

psique.

Supomos, então, que quando o homem aceita a Descida como uma maneira de mudar-se para a casa do pai, aprende a olhar o lado mortal das coisas, olha para o buraco do rato, que é também o buraco da cobra, e aceita antes a cobra do que o pássaro como o seu animal. Na família de classe média, o pai pode ser o dono do carro e dos cartões de crédito, mas a mãe vive mais tempo e volta do cemitério depois de enterrado o pai. O filho sente a atração de identificar-se com a robustez materna e, além dela, com a vibrante energia da Grande Mãe.

A iniciação pede ao filho que transfira a sua energia amorosa da mãe atraente para o pai serpente, relativamente pouco atrativo. Tudo isso é um trabalho de cinzas. Quando o homem chega a essa fase, considera a Descida como sagrada, aumenta a sua tolerância pelas cinzas, come-as como as cobras, aumenta seu apetite pelas introvisões aterrorizantes, aprofunda sua capacidade de digerir os fatos negativos da história, aceita a tarefa de trabalhar sete anos debaixo do solo, deixa o celeiro, quando quer, pelo buraco do rato, come carvão, aprende a tremer, e segue a voz da velha toupeira sob o chão.

Em cada fase do processo de iniciação de João de Ferro há a participação de um deus masculino. Apoio estava presente junto à fonte. E poderíamos dizer que, escondido nas cinzas, está o velho deus mediterrâneo Saturno, depositário natural da contenção, melancolia, vastos sistemas, repetição disciplinada, padrões do mentor e sofrimento intenso. Quando Saturno está presente, fracasso também está, e não pode ser afastado com explicações.

Saturno, portanto, ajuda os homens a se tornarem pesados com o peso total de sua ferida, e o peso total de seus fracassos. Depois que Saturno apresenta o homem ao Senhor da Melancolia, o homem começa a corte sombria da alma, que acaba levando-o ao Jardim.

NOTAS

1. "Science", de Robinson Jeffers, *Selected Poetry* (New York, Random House, 1953).
2. Marie-Louise von Franz, *Puer Aeternus* (Boston, Sigo Press, 1981).
3. Maggy Scarf, *Intimate Partners* (New York, Random House, 1987).
4. George Orwell, *Down and Out in Paris and London* (New York, Viking Penguin, 1962).

5. "Every mark of his former art and life", de "The Thirty-Three Ring Circus", John Logan, Collected Poems (Brockport, N.Y. BOA Editions, 1989, p. 133).
6. Sandra Gilbert e Susan Gubar, *The Madwoman in the Attic: A Study of Women and the Literary Imagination in the Nineteenth Century* (New Haven, Conn, Yale University Press, 1979).
7. "The Spider", César Vallejo, segundo a versão de Robert Bly e James Wright em *Neruda and Vallejo, Selected Poems* (Boston, Beacon Press, 1971).
8. "Have You Anything to Say in Your Defense?", de César Vallejo, em *Neruda and Vallejo*.
9. "Standing up" de Tomas Transtròmer, em *Friends, You Drank Some Darkness: Three Swedish Poets*, trad. Robert Bly (Boston Beacon Press, 1975).
10. "Fourteen Poems" de António Machado, segundo a versão de Robert Bly em *Times Alone* (Middletown, Conn., Wesleyan University Press, 1983), p. 113.
11. "Healing", de D. H. Lawrence, em *The Complete Poems of D. H. Lawrence*, vol. 3 (New York, Viking Penguin, 1971), p. 50.
12. Charlotte Guest, trad., *The Mabinogion* (Chicago, Academy Chicago Publishers, 1978).
13. R. Keyser, *Private Life of the Old Northmen* (Londres, Chapman and Hall, 1868).
14. "The Oven Bird" de Robert Frost, em *The Poetry of Robert Frost*, org. Edward C. Lathen (New York, Hemy Holt, 1979).
15. "Bruxelas", de Pablo Neruda, em *Residência em la Tierra - II*.
16. Murray Stein, *In Midlife* (Dálías, Spring Publications, 1983).
17. Gilbert P. Herdt, org. *Rituais of Manhood: Male Initiation in Papua New Guinea* (Berkeley e Los Angeles, University of Califórnia Press, 1982), p. 121.
18. Joseph Campbell, *Occidental Mythology* (New York, Viking, 1964), p.14.

Capítulo 4

A FOME DE UM REI NUM TEMPO SEM PAI

PERTURBAÇÕES DA CONDIÇÃO FILIAL

Como participante de reuniões masculinas desde princípios da década de 1980, tenho ouvido repetidamente uma declaração dos homens americanos, formulada de cem maneiras diferentes: "Não há pai suficiente." A frase supõe que o pai é uma substância como o sal, que nos tempos antigos costumava escassear, ou como a água subterrâ-

nea, que em certas áreas hoje simplesmente desapareceu.

Geoffrey Gorer observou em seu livro *The American People* [O povo americano] (1) que para um rapaz tornar-se homem nos Estados Unidos, em 1940, era preciso apenas uma coisa: que rejeitasse o pai. Observou, ainda, que os pais americanos esperam ser rejeitados. Os jovens europeus, em contraste, imaginaram tradicionalmente que o pai é um ser demoníaco com o qual têm de lutar (e o filho em "O julgamento", de Kafka, tem com o pai uma luta de morte e perde). Muitos filhos nos Estados Unidos, porém, vêem o pai como um simples objeto de ridículo, do qual devem rir, como acontece tantas vezes nas histórias em quadrinhos e nos comerciais da televisão. Um jovem desse tipo resumiu: "O pai é uma pessoa que faz barulho com os jornais na sala de jantar."

Evidentemente, o "pai água" na casa afundou abaixo do lençol de muitos poços.

PAI POUCO DEMAIS

Quando o nível de pai, o nível da água subterrânea, por assim dizer, baixa, e há pouco pai, em lugar de pai demais, os filhos se encontram numa situação nova. O que devem fazer: perfurar para encontrar mais pai água, racionar o pai água, guardá-lo, destilar a mãe água para fazer dela um pai água?

As culturas tradicionais ainda existentes parecem ter muito pai. Nas chamadas culturas tradicionais, muitos pais substitutos trabalham com os jovens. Os tios estimulam seu crescimento ou lhes falam de mulheres. Os avós lhes contam histórias. Tipos guerreiros instruem-nos sobre armas e disciplina, os velhos ensinam ritual e alma — todos eles, pais honorários.

Bruno Bettelheim (2) observou, também, que na maioria das culturas tradicionais a versão freudiana do ódio entre filho e pai não ocorre. A tensão tácita entre pais e filhos em Viena, que ele supôs ser universal e baseada no ciúme sexual, foi, na opinião de Bettelheim, verdadeira principalmente na Viena de fins do século XIX.

Na maioria das culturas tribais, pais e filhos vivem numa divertida tolerância mútua. O filho tem muito a aprender, e por isso ele e o pai passam horas juntos, tentando (e fracassando) fazer pontas de flechas, ou consertar uma lança, ou rastrear um animal esperto. Quando pai e filho passam longas horas juntos, o que alguns deles ainda fazem, poderíamos dizer que uma substância, quase como alimento,

passa do corpo mais velho para o mais jovem.

A mente contemporânea poderia desejar descrever o intercâmbio entre pai e filho como uma aproximação de atitudes, uma imitação, mas eu creio que ocorre uma troca física, como se uma substância estivesse passando diretamente para as células. O corpo do filho — não a sua mente — recebe, e o pai fornece, esse alimento, em um nível muito abaixo da consciência. O filho recebe uma cura, não por imposição das mãos, mas do corpo. Suas células recebem o conhecimento do que é um corpo masculino adulto. O corpo mais jovem aprende em que frequência o corpo masculino vibra. Começa a compreender a canção cantada pelas células masculinas adultas, e como dançam as encantadoras, elegantes, solitárias, corajosas e semi-envergonhadas moléculas masculinas.

Durante os longos meses que o filho passou no ventre da mãe, seu corpo afinou-se bastante bem com as frequências femininas: aprendeu como as células da mulher transmitem, quem se inclina ante quem naquele campo de ressonância, que animais correm pela clareira relvada, o que o corpo escuta à noite, quais os seus medos superiores e inferiores. Quão firme se torna o corpo do filho, antes do nascimento e depois, um bom receptor para as frequências superiores e inferiores da voz materna! Ou o filho sintoniza essa frequência, ou morre.

Agora, junto do pai, ao consertar pontas de flechas ou arados, ou lavar pistões na gasolina, ou cuidar do parto junto de animais, o corpo do filho tem a oportunidade de se reafinar. Lentamente, com o passar de meses ou anos, as cordas corporais do filho começam a vibrar em consonância com o corpo masculino mais velho, um corpo por vezes imperioso, de um humor difícil, irreverente, irritado, teimoso, impulsivo, amante do silêncio. Tanto as células masculinas como as femininas encerram uma música maravilhosa, mas o filho precisa vibrar na frequência masculina tão bem quanto na feminina.

Os filhos que não tiveram passado por essa resintonização sentirão fome de pai durante toda a vida. Creio que chamar esse anseio de "fome" é exato: ao corpo do jovem faltam sal, água ou proteínas, exatamente como faltam proteínas ao corpo e ao aparelho digestivo inferior de uma pessoa faminta. Se não as encontrar, o estômago acabará devorando os próprios músculos. Esses filhos famintos se juntam em torno de homens mais velhos como desabrigados em torno de um caldeirão de sopa. Como os desabrigados, eles se envergonham da sua condição, e essa vergonha é sem nome, amarga, inexpurgável.

Por mais que se solidarizem com seus filhos famintos, as mulheres não podem substituir para eles essa substância específica que lhes falta. Mais tarde, o filho pode tentar consegui-la de uma mulher da sua idade, mas também isso não será possível.

DESCONFIANÇA DOS HOMENS MAIS VELHOS

Transcorreram apenas 140 anos desde que o trabalho industrial começou a desenvolver-se no Ocidente, e vemos a cada geração uma afrouxamento do laço entre pai e filho, com resultados catastróficos. Um estudo detalhado da Lei de Fechamento das Terras, na Inglaterra, mostra que o governo inglês, ao fim daquele prolongado processo legislativo, negou ao pai sem terra o acesso aos pastos livres e à terra comum, com o objetivo preciso de forçá-lo a ir para a fábrica, com ou sem a família. Os sul-africanos até hoje fazem isso com os pais negros.

Em meados do século XX ocorreu, na Europa e América do Norte, uma mudança maciça: o pai estava trabalhando, mas o filho não podia vê-lo trabalhar.

Em todas as antigas sociedades de caçadores, que duraram, ao que tudo indica, milhares de anos — talvez centenas de milhares — e durante as sociedades coletoras que se seguiram, e nas subseqüentes sociedades agrícolas e artesanais, pais e filhos trabalharam e viveram juntos. Ainda em 1900, nos Estados Unidos, cerca de 90% dos pais se dedicavam à agricultura. Em todas essas sociedades, o filho via, caracteristicamente, o pai trabalhar em todos os momentos do dia e em todas as estações do ano.

Quando o filho deixa de ver isso, o que acontece? Depois de 30 anos trabalhando com jovens alemães, tão desprovidos de pai em sua sociedade industrial quanto os jovens americanos de hoje, Alexander Mitscherlich, (3) de quem já falamos no primeiro capítulo, criou uma metáfora: aparece um buraco na psique do filho. Se o filho não vê o local de trabalho do pai, ou aquilo que o pai produz, como poderá imaginar que o pai é um herói, um lutador do bem, um santo, ou um cavaleiro branco? A resposta de Mitscherlich é triste: os demônios ocupam aquele lugar vazio — os demônios da suspeição.

Os demônios, invisíveis mas loquazes, estimulam a desconfiança em relação a todos os homens mais velhos. Tal suspeita provoca uma separação da comunidade de velhos e jovens. Podia-se sentir o aprofundamento da desconfiança na década de 1960: "Nunca confie em ninguém com mais de 30 anos."

Os homens mais velhos na estrutura militar e no governo americano realmente traíram os jovens no Vietnã. Mentiram sobre a natureza da guerra, enquanto permaneciam eles próprios em lugares seguros, depois de terem pedido aos jovens que fossem guerreiros e, na verdade, depois de enviá-los para serem simples assassinos. Assim, os demônios tiveram muito trabalho na história americana recente. Os demônios insistem com todos os jovens que vejam Lawrence da Arábia e A sociedade dos poetas mortos, porque nos lembram como são corruptos todos os homens que têm autoridade e como traem absolutamente o jovem idealista. Torna-se difícil a posição de mentor; a iniciação é rejeitada.

Os antropólogos afetados por esses demônios disseram que os mais velhos, nas culturas primitivas, sempre praticaram atos sádicos e humilhantes contra os jovens, protegidos pelo manto do ritual de iniciação. Um jovem arquiteto controlado pelos demônios regozija-se secretamente quando um edifício de Louis Sullivan é derrubado; e o músico de rock toca com certa malícia a música que seu avô jamais iria compreender.

Essa desconfiança não é boa também para a estabilidade do filho. Tendo consumido grande parte de sua energia crítica, cínica, na desconfiança dos velhos, o filho pode compensar, sendo ingênuo em relação às mulheres — ou homens — de sua própria idade. Um homem contemporâneo supõe, muitas vezes, que a mulher sabe mais do que ele sobre um relacionamento, deixa que o temperamento dela governe a casa, supõe que quando ela o ataca, o faz "para o bem dele". Muitos casamentos se perdem dessa maneira. O filho pode ser igualmente crédulo nos negócios: deixa que outro homem da sua idade lhe roube o dinheiro, ou aceita uma humilhação de outro homem, sob o disfarce da amizade ou da lição. Concentrar toda a desconfiança apenas num ponto contra os homens mais velhos — é uma atitude que geralmente leva ao desastre nos relacionamentos e a um grande isolamento do espírito e da alma.

Podemos esperar que, na próxima década, esses demônios da desconfiança provoquem danos cada vez maiores à visão que os homens têm do que um homem deve ser, ou do que significa masculino. Entre 20 e 30% dos rapazes americanos vivem hoje em sua casa sem a presença de um pai, e os demônios têm ali plena permissão para agir.

Pode-se prever, também, que, à medida que um número cada vez maior de mães trabalha fora de casa, e não pode mostrar às filhas o

que produzem, emoções semelhantes venham a desenvolver-se na psique dessas filhas, com uma conseqüente desconfiança em relação às mulheres adultas. Isto, porém, por enquanto não passa de uma possibilidade.

TEMPERAMENTO SEM ENSINAMENTO

Quando o pai, ausente durante o dia, volta para casa às seis da tarde, seus filhos recebem o seu temperamento, mas não as suas lições. Se o pai trabalha para uma empresa, o que tem para ensinar? Ele reluta em dizer ao filho o que realmente acontece. A fragmentação da tomada de decisões na vida empresarial, o esforço maciço que leva as empresas a destruírem o meio ambiente em favor do lucro, a prudência, a covardia mesmo, que se aprende na burocracia — quem quer ensinar isso?

Sabemos de raros casos nos quais o pai leva os filhos ou filhas à fábrica, gabinete de juiz, loja de carros usados ou empresa de seguros, e esse esforço para ensinar colhe algumas das recompensas proporcionadas pelo treinamento nas culturas artesanais. Na maioria das famílias atuais, porém, filhos e filhas só recebem, quando o pai volta do trabalho às seis, a sua disposição, ou o seu temperamento, em geral irritado e distante.

O que o pai leva para casa hoje é, geralmente, um humor irritadiço, conseqüência da impotência e desespero misturados com uma vergonha e um torpor há muito existente, peculiares aos que odeiam o seu trabalho. Antigamente os pais podiam, muitas vezes, dominar seu temperamento humanamente inadequado ensinando aos filhos a trançar cordas, a pescar, a plantar flores, a colher o cereal, a fazer arreios, a cuidar dos animais, e até mesmo a cantar e contar histórias. Esses ensinamentos amenizavam os efeitos do mau humor.

O desejo da bênção paterna através de lições ainda existe, embora um pouco fossilizado; contudo, os filhos não recebem tal bênção. O filho homem, em particular, recebe em vez disso o negador da bênção, o ameaçado, o ciumento "Não-Pai", como diz Blake: "O Pai de Ningüém" — o princípio masculino que vive no Reino do Ciúme.

A distância do pai pode prejudicar seriamente a capacidade que tem a filha de participar com prazer em relações posteriores com os homens. Grande parte da raiva que certas mulheres têm pelo patriarcado vem de enorme decepção com essa falta de ensinamento que deveria ser transmitido por seus pais.

Dissemos que o pai, como força viva no lar, desapareceu quando as exigências da indústria por mão-de-obra o mandaram para as ferrovias fora da sua aldeia.

Nenhum modelo histórico nos prepara para a condição psíquica do filho. Para compreender a psique do filho, temos de imaginar um mobiliário novo, novas figuras psíquicas, novas possessões demoníacas, novos terrores, novas incapacidades, novas fugas.

Ocorreram alterações enormes no último minuto. Poucos homens — pais ou filhos — estão preparados para mudanças tão grandes. Mencionei até agora a fome de pai experimentada pelos jovens, os corpos famintos dos filhos; e também os demônios da suspeita que invadiram a psique dos jovens; além da revolta do filho quanto recebe apenas temperamento, e não lições. Poderíamos examinar agora o desaparecimento dos reis positivos.

O PAI OBSCURO

O patriarcado é uma estrutura complicada. Mitologicamente, é matriarcal por dentro, e um matriarcado é igualmente confuso, sendo patriarcal por dentro. A estrutura política tem de assemelhar-se à nossa estrutura interior. E sabemos que todo homem tem uma mulher dentro de si, e toda mulher tem um homem dentro dela.

O patriarcado autêntico faz baixar o sol através do Rei Sagrado, dentro de todo homem e mulher daquela cultura; e o matriarcado autêntico faz baixar a lua, através da Rainha Sagrada, para toda mulher e todo homem daquela cultura. A morte do Rei e da Rainha Sagrados significa que vivemos agora num sistema de dominação industrial, que não é o patriarcado. O sistema no qual vivemos não confere honra ao modo masculino de sentir, nem ao modo feminino de sentir. O sistema de dominação industrial determina como as coisas se passam conosco no mundo dos recursos, valores e fidelidade; que animais vivem e que animais morrem, e como as crianças são criadas. E no sistema de dominação industrial não há rei nem rainha.

A morte do Rei Sagrado e o desaparecimento do Rei Grupai significam que a escassez de pai torna-se ainda mais aguda. Quando um pai senta-se agora à mesa, parece fraco e insignificante, e nós todos sentimos que os pais já não ocupam um espaço tão grande na sala quanto foi ocupado pelos pais do século XIX. Há quem considere isso bom, mas sem compreender todas as suas implicações.

Esses fatos contribuíram para levantar em volta do pai uma cerca

com a sua própria insignificância. D. H. Lawrence disse: (4) "O eu masculino e resplendente dos homens vem sofrendo, há anos, uma repressão, até a dejeção e quase abjeção. Não é isto um mal?"

À medida que o pai parece cada vez mais enfraquecido, desanimado, insignificante, parece também ser instrumento de forças negras. Lembramos que em Guerra nas estrelas existe um personagem, "Darth Vader", cujo nome é um trocadilho com "dark father" [o "pai negro"]. Ele está totalmente do lado das forças do mal. Quando os reis políticos e mitológicos morrem, o pai perde a radiação que antes absorvia do sol da hierarquia dos seres solares. A sociedade o vê como se ele tivesse escurecido.

Os demônios que instalaram uma agência de propaganda na psique do filho convencem-no de que a escuridão no pai é mais profunda do que se pode imaginar. O que fazer? O filho descobre logo que a mãe não pode redimir o pai; além disso, na maioria dos casos, ela não quer fazê-lo. Só o filho tem condições para isso.

Enquanto os reis políticos foram fortes, o pai recolheu radiação vinda do alto; e o filho tentava acompanhar o pai, tornar-se tão brilhante quanto ele, alcançar sua altura. Para o filho, o pai é brilhante. Embora isso possa não corresponder à realidade, vemos que a literatura, ainda no século XVIII, está impregnada deste tipo de deferência, dessa reverência pelo pai, e dessa emulação.

Em nossa época, quando o pai é visto como objeto de ridículo (o que acontece na televisão, já dissemos), ou como objeto alvo de suspeita (como em Guerra nas estrelas), ou como um idiota de mau humor (quando volta para casa do trabalho, sem trazer nenhum ensinamento), ou como um fraco poço de indecisão (quando deixa de herdar a radiância real), o filho tem um problema. Como imagina a sua própria vida de homem?

Alguns filhos mergulham num desespero secreto. Provavelmente adotaram, lá pelos seis anos, a visão que a mãe tinha do pai, e aos 20 terão adotado a visão crítica que a sociedade tem dos pais, e que equivale a uma rejeição. O que podem fazer, senão pedir a ajuda das mulheres?

Esse pedido não é um mal. Mas nem mesmo a mais bem intencionada das mulheres pode corresponder. Certos filhos famintos de pai guardam um desespero secreto que sequer mencionam para as mulheres. Sem terem investigado realmente o próprio pai e as razões pelas quais ele é o que é, caem num desespero terrível, aceitando

plenamente a idéia geral, aviltada, do pai. "Sou filho de um material masculino deficiente, e provavelmente serei igual a ele." Esse segredo os leva a desistir, desabar, a viverem com um ponto adormecido no seu interior, a se sentirem obrigados a ser negros porque o pai é negro. Perdem a participação vigorosa nas batalhas políticas, tão característica dos homens do século XIX nos Estados Unidos, sentem que as suas opiniões não têm importância, caem na ilegalidade e no segredo, e por vezes se afogam no álcool, enquanto vivem num buraco sob a terra.

Outros filhos reagem saltando e voando pelo ar. Quanto mais o pai cai na sua opinião, mais extensos seus vôos se tornam. Um número crescente de provas surge diariamente nos jornais e livros sobre abusos sexuais cometidos por pais, sobre a incapacidade de os pais se relacionarem de maneira humana, a rígida posição paramilitar de muitos deles, o vício do trabalho, o alcoolismo, a violência contra a esposa, o abandono da família. Todas essas notícias intensificam o brilhantismo que certos filhos se acham no dever de alcançar, porque o pai é obscuro.

Podemos sentir nessa situação uma resposta à pergunta: "Por que há cada vez mais homens ingênuos no mundo?" Se os pais são realmente mais negros do que no passado, não importa: os filhos assim os vêem, e o filho se atribui a tarefa de redimir o pai negro.

Podemos examinar novamente o fenômeno que mencionamos antes, o do filho em ascensão, "o eterno rapaz", a mariposa enlouquecida pela luz, o "puer", ou "menino constante", como é às vezes chamado. Marie-Louise von Franz, em *Puer Aeternus*, (5) vê esse vôo ascendente como uma revolta contra a parte do feminino materno que é terrena, conservadora, possessiva, limitadora.

James Hillman, em seu ensaio "The Great Mother, Her Son, Her Hero and The Puer" [A grande mãe, seu filho, seu herói e o poeta] (6) vê tudo isso de maneira diferente. Ele relaciona o fenômeno como pai. É característico da psicologia contemporânea o fato de ter, até agora, relacionado tudo com a mãe. Tanto Freud como Jung eram ligados à mãe, e nossa psicologia vem deles.

Dissemos que um jovem da nossa época pode achar que seu pai está mergulhado na escuridão demoníaca, do tipo de escuridão sugerido pelas palavras vício do trabalho, debilidade, submissão, isolamento, alcoolismo, vício das drogas, violência, evasão ou covardia.

Muitos filhos contemporâneos, portanto, não combatem o pai, como

noutras eras, nem imaginam estratégias para derrotá-lo, mas elevam-se acima dele, além dele. Temos a Psicologia Transcendental, a psicologia de homens como Thoreau, dispostos a ter uma consciência superior à de seus pais. Isso não é errado, mas é um vôo.

Incluo-me entre os filhos que sofreram anos de carência, desligamento da terra, ar rarefeito, solidão do corredor de longa distância, a fim de subir mais alto no ar e ser visto. Filhos assim procuram redimir o "pai obscuro" tornando-se "iluminados".

Isso não é totalmente novo, a novidade está apenas no grau. James Hillman disse que podemos encontrar um modelo de redenção no deus egípcio Horus, o filho de Osiris. Ele é um deus gavião e falcão, com olhos que vêem longe.

Todos nós nos lembramos que Osiris penetrou nas trevas. Seu irmão Set o enganou, fazendo-o deitar-se num caixão; a tampa foi pregada e o caixão lançado no Nilo. Ali, encerrado na escuridão, Osiris acabou vagando pelo Mediterrâneo até Biblos, onde enfrentou nova escuridão, ficando preso dentro do tronco de uma árvore por vários anos. A subida do falcão de Horus pode ser vista como uma reação à prisão do pai.

Horus declara que pretende voar mais longe do que qualquer dos outros deuses. Um texto diz:

Horus eleva-se no céu, além do vôo da alma do deus original, e além das divindades dos tempos antigos... Ultrapassei os limites de Set. Sou o único no meu vôo.

Podemos fazer muita coisa com essa imagem. Dissemos que o filho, ao voar para o sol, não vê sua própria sombra, que fica atrás dele enquanto voa. Vê a sombra do pai, mas a sua permanece escondida.

Um vôo assim também não resgata o pai. O filho em ascensão está voando para longe do pai, e não em direção a ele. O filho, ascendendo à luz, eleva-se mais alto na escada empresarial e conseguindo a iluminação, de certo modo redime o nome paterno.

Essa explicação do desejo de ascensão comove-me, porque sugere que nem todo esse trabalho é feito pelo medo da mãe possessiva, mas parte dele é realizado por amor ao pai obscuro.

Alguns filhos sempre procuraram ascender, mas nunca tantos como hoje. É claro que o homem pode buscar a espiritualidade cedo de-

mais em sua vida. Nesse caso, inclui a ascensão entre os desequilíbrios provocados pela diminuição e apoucamento do pai.

A sociedade sem pai produz esses homens semelhantes a pássaros, tão intensos, tão encantadores, tão abertos à entrega, tão sinceros, como as grandes baías de Helesponto produziam os grous que, como observou Homero, voavam aos milhões em direção ao sol.

A HISTÓRIA: A VISITA AO REI

O menino da nossa história subiu quando o Homem Natural o colocou sobre os ombros. Depois caiu com o seu dedo machucado dentro d'água, subiu acentuadamente quando toda sua cabeça ficou dourada, e desceu novamente, e mais fundo, quando atravessou o seu Tempo das Cinzas na cozinha.

Essa inalação e exalação parece a forma certa de respirar, e como o menino a aprendeu, talvez o possamos deixar aqui e concluir a história. Todo homem que subiu e desceu tornou-se um homem caído; por isso ele se assemelha a José, que desceu para o Egito, e a Jó, que caiu de uma grande altura, e a de Huckleberry Finn, que desceu o rio. Mas a história não está pronta para terminar; nada foi dito ainda sobre o segundo Rei.

Um grande tema nas histórias de fadas é a existência de dois Reis. Os problemas surgem com o próprio pai — o primeiro Rei. Temos então de deixar o primeiro castelo. Depois de algum tempo de dor e isolamento, entra em cena um segundo Rei, encontra o herói (ou a heroína) durante uma caçada, adota-o e dá-lhe uma tarefa. Começa então uma dança complicada, enquanto o aventureiro tenta estabelecer uma ligação proveitosa com o novo Rei.

Lembramos que o rapaz da nossa história, não tendo ofício — e esse detalhe evidencia uma certa carência de ensinamento paterno —, aceita o emprego de ajudante de cozinha num castelo que não é de seu pai. Ali entra em contato com fuligem e cinzas, embora ainda conserve sua cabeleira dourada. Depois de algum tempo na cozinha, o cozinheiro manda-o levar comida para o Rei. Eis o que diz a história:

Certa vez, não havendo mais ninguém para fazê-lo, o cozinheiro mandou o menino levar a comida à mesa real, mas como ele não queria que seu cabelo dourado fosse visto, não tirou o gorro. Isso jamais tinha acontecido na presença do rei, e este disse: "Quando você vier à mesa real, tem de tirar o gorro."

ro." O rapaz respondeu: "Ah, senhor, não posso; tenho um ferimento na cabeça." O rei chamou o cozinheiro, censurou-o e perguntou por que tomara aquele rapaz a seu serviço, e ordenou que o mandasse embora do castelo.

O cabelo de ouro nos ajuda a sobreviver na adolescência, mas é mais uma intrusão do que uma ajuda, e o rapaz diz, muito exatamente: "Tenho um ferimento na cabeça." Esse cabelo é dom do céu, mas não sabemos o que fazer com ele quando encontramos o Rei — deixar que seja visto e vangloriar-se dele, ou escondê-lo e ser fingido.

Todos querem ser "o Rei". Sabemos a intensidade com que as meninas queriam estar na presença de Elvis, o Rei, ou, mais recentemente, estar perto do "Prince". Ouvimos falar de uma mulher que entra com frequência na casa de David Letterman, e de pessoas que roubam guardanapos dos aposentos do príncipe Charles, ou acampam diante da casa de Michael Jackson, ou estão dispostas a fazer qualquer coisa para serem convidadas a uma festa na Casa Branca. Todos querem estar na presença do "Rei". O Dalai Lama agora significa "o Rei" para muita gente, substituindo até mesmo o papa.

A fome de pai transforma-se na fome de Rei. Mas a história diz que a posse de uma cabeleira dourada não representa uma licença para permanecer em seus aposentos.

Todos nós talvez tenhamos feito algum tipo de trabalho de cozinha, familiarizando-nos com as cinzas, suportando a catástrofe, mas isso não significa que possamos ficar muito tempo com o Rei. Os guardas nos levam até ele e nos trazem de volta. É o que diz a história.

Surgem, portanto, várias perguntas: Por que sentimos tanta fome de "Rei"? E por que nos nossos 20 e 30 anos, são as visitas tão rápidas? Todos nós nos lembramos dos professores com os quais simpatizamos na adolescência durante algum tempo, as breves visitas de celebridades, de artistas de concerto, as conversas embaraçosas com escritores famosos dos quais buscamos conselhos. Se o "Rei" nos aceita, podemos nos ver num aprendizado que não temos a disciplina para manter. A mulher que vai ao guru pode descobrir, horrorizada, que ele quer fazer amor com ela. Às vezes a preocupação com "o Rei" é sincera, e dizemos a coisa errada—queremos louvor e confirmação a tal ponto que, quando ficamos confusos, a coisa errada salta fora — e recuamos, irremediavelmente embaraçados.

Evidentemente, o Rei ou Rainha pode não ser físico, isto é, pode não ser deste mundo. Crianças de 12 anos têm inexplicáveis experiências

de luz, para as quais não encontram nomes, e geralmente não conhecem mitologia que possa ajudá-las a situar essas experiências numa história. Um jovem de 14 anos compreende toda a matemática num lampejo, ou sabe exatamente do que estão falando os santos indianos; ele viaja a uma parte do cérebro nunca visitada antes, tem vislumbres de um êxtase religioso. Esse acontecimento equivale a uma ascensão ao Sétimo Céu, seguida abruptamente por uma queda de volta na terra.

Como românticos, ansiamos pelo sentimento oceânico experimentado no ventre, quando éramos divinos e alimentados pela ambrósia. O vícios equivalem a uma tentativa de fugir às limitações e ficar na sala do Rei. A maioria dos homens sobe as escadas antes mesmo que o cozinheiro lhes peça isso, e através do álcool, sexo ou cocaína, estendem a visita além dos momentos permitidos. Poderíamos dizer que toda a nossa cultura está agora obcecada com essa cena do "João de Ferro", da visita do rei. Mas quem comparece antes de ser convidado, ou fica demasiado tempo, cai de volta nas cinzas.

Os bares de solteiros parecem-se com a sala do Rei. O caçador sexual, dentro tanto do homem como da mulher, misturado pelo momento com o amante, faz promessas extravagantes de visitas estáticas, longas permanências na câmara celestial e delícias eróticas. O espírito sofre perdas durante essas uniões pobres.

Essa caça, diz Shakespeare,

Tão logo desfrutada é sempre desprezada,
Buscada a qualquer custo e logo que possuída
Odiada sem razão como uma armadilha
Feita para tornar louco quem nela cai.

Louco na caçada e louco na tomada,
Extremado na posse, e na busca da posse.
Bênção ao provar, e provada, desgraça,
Antes, promessa de alegria, depois, um sonho.

Tudo isso é bem sabido, mas quem pode
negar o céu que a esse inferno acode?

Os bares de solteiros, portanto, são fantásticos fornos alquímicos nos quais se realizam, dia após dia e noite após noite, tentativas de fundir metais grosseiros.

Por alguma razão, as visitas ao Rei, quando somos jovens, não du-

ram muito. Os alquimistas diriam que embora tenhamos feito um bom trabalho com cinzas, a alma ainda está contaminada pelas raivas infantis, pelas esperanças irreais, pela ira contra os pais, ou contra nós mesmos. Outra maneira de dizer isso é que sabemos na cozinha que aprendemos com os sentidos; conhecemos a lenha, o fogo e as cinzas, e pronto.

Nossa alma, quando está na cozinha, assemelha-se a uma espécie de pedra grosseira, ou mista. O espírito, iluminado e único, não pode deixar uma impressão clara nesse material grosseiro senão mais tarde.

Em contraste, o Rei, que vive em sua sala no alto do castelo em meio ao ar e à luz, sugere o poder solar e o intelecto sagrado. O Rei chegou à unidade. Não sofreu deformação, nem mistura, em comparação com o rapaz das cinzas ou a moça da fuligem, e vê coisas de maneira diferente. Não nos devemos surpreender se a visita do rapaz, em nossa história, é breve.

Edward Edinger, resumindo a conclusão dos alquimistas sobre esse ponto, diz: "O [casamento] menor é uma união ou fusão de substâncias ainda não totalmente separadas ou discriminadas. É sempre seguido por uma morte..." (7)

Os alquimistas falam de um casamento mais longo, ou um "grande casamento", que acontece mais tarde; e nós também o veremos acontecer no final de nossa história.

A história de João de Ferro equivale a uma dança, na qual o jovem, aos poucos e com muitas hesitações, consegue aproximar-se do segundo Rei.

Sabemos que em nossa vida a história pode terminar exatamente ali na cozinha, e de uma vez por todas. Se lhe pedem para levar a sopa ao Rei, o homem pode responder: "Não há ninguém lá em cima", ou "Que ele venha buscar a sua sopa". Se confundir os níveis, poderá dizer: "Eu só sirvo a sopa a mim mesmo, e a ninguém mais; e certamente não a um Rei."

Os que não tomam conhecimento do "cozinheiro" podem ficar presos no estágio da cozinha durante anos, identificados, feliz ou infelizmente, com a criança vítima, que só conhece cinzas. Algumas crianças sentem medo de atravessar o umbral; parece mais seguro ficar enfiado nas cinzas. Escritores de linguagem dura, como William Burroughs ou John Hawkes, falam desde as cinzas onde ficaram presos, e insis-

tem que só há cinzas.

Se a visita à sala do Rei é tão importante — e emocionalmente tão carregada — devemos examinar mais detalhadamente o que o mundo antigo entendia pela palavra "Rei".

O REI E SEUS TRÊS REINOS

"Rei" e "Rainha" têm uma longa e honrosa história no reino do mito e dos contos de fadas, onde essas palavras não subentendem seres humanos — e muito menos do gênero —, bem como uma longa história no reino visível da monarquia, onde indicam seres de carne e osso.

Distinguiremos entre três reis: o Rei Sagrado superior, o Rei político intermediário, e o terceiro, o Rei interior.

O REI SAGRADO

Há um Rei no mundo imaginativo, ou invisível. Não sabemos como foi parar lá. Talvez os seres humanos, depois de terem amado o rei político durante séculos, elevaram-no até o mundo invisível, ou talvez fosse o inverso. De qualquer modo, há um Rei num espaço sagrado. A partir desse mundo mitológico, ele age como um ímã e redispõe as moléculas humanas. Entra na psique humana como um turbilhão, ou um furacão, e casas voam pelo ar. Sempre que a palavra rei ou rainha é falada, alguma coisa no corpo treme um pouco.

"O Rei" e "a Rainha" enviam energia para baixo. Eles se assemelham ao sol e à lua que atravessam a atmosfera da terra. Mesmo nos dias enevoados, alguma coisa da sua energia radiante atravessa as nuvens.

Esses ímãs ou turbilhões fazem coisas, são verbos: afetam nossos sentimentos e ações da mesma maneira que o ímã move fragmentos de ferro. Os fragmentos se movimentam dentro de um padrão. Da mesma forma, um ser humano tem os seus sentimentos redistribuídos num padrão, quando está numa sala com um Rei. John Weis Perry chama o Rei Sagrado de "o Senhor dos Quatro Cantos" (8) e seu livro com esse nome expõe a mitologia e os rituais que cercam esse ímã específico.

O Senhor dos Quatro Cantos tem a sua Rainha, que é a Rainha dos Quatro Cantos. O poder de um não é enfraquecido pelo poder do outro. Ambos vivem num reino mitológico, eterno e luminoso, que cha-

mamos de "camada mitológica", ou o reino eterno.

Essa camada tem sido vista, frequentemente, como um céu interior em forma de arco. Ela não está vazia, pois os "imãs" ou os "turbilhões" ou os "deuses" vivem ali. Dioniso ainda está vivo ali, Freya, Odin e Thor, a Virgem Maria, Kali, Buda, Zeus e Alá, Atena e Ártemis e Sofia. Pensar mitologicamente significa ter a capacidade de imaginar esses "deuses" e o que fazem, ruidosamente, vigorosamente bem, enquanto mantêm bem distintas a sua esfera e a esfera humana.

Eu calcularia que o homem do Ocidente perdeu a sua capacidade de pensar mitologicamente aí pelo ano 1000, quando a mitologia entrou em colapso. Talvez porque o cristianismo não permitisse nenhuma história e nenhum deus novo, ou talvez porque depois do Renascimento a excitante pesquisa científica absorveu cada vez mais a energia imaginativa, e a mitologia não se reconstituiu nunca. Os homens e mulheres europeus deixaram aos poucos de alimentar os numerosos deuses e deusas com a sua energia imaginativa. O céu interior desmoronou e vemos à volta de nossos pés os vidros quebrados. Os deuses jazem também aos nossos pés.

John Weir Perry diz que o Rei Sagrado ou Solar é o princípio da ordem e espaço. Quando o Rei está presente, há um espaço sagrado livre do caos. O Rei não cria ordem; mas simplesmente, onde ele está, há ordem. O Rei Sagrado abençoa; esta é uma segunda qualidade que tem. Robert Moore, (9) que falou maravilhosamente do Rei, ressalta uma terceira: ele estimula a criatividade como seu reino.

O poder da Rainha também é grande. Às vezes ela lidera, às vezes lidera ele. Como Rei e Rainha estão juntos no espaço adequado, a figueira floresce, as macieiras dão frutos abundantes, corre o leite e o mel. Os contos de fadas celtas, alguns dos quais começam com imagens desse tipo, não descrevem o estado de coisas na terra, mas o estado de coisas no "Céu", ou a esfera mitológica.

O Rei, na nossa história, em seus aposentos no alto, representa esse Rei Sagrado e Eterno. Em nossa história, falta-lhe uma Rainha; e não sabemos se o contador da história perdeu a Rainha ou se a ausência dela tem algum significado. Entretanto ele tem uma filha e esta, mais adiante na história, com seu grande poder, se tornará Rainha.

Pela sua presença na história, o Rei indica que a paisagem à volta de João de Ferro é um espaço organizado. É um cosmos, e não um caos.

O REI TERRENO

Como líderes de grandes cidades e impérios, dotados de amplos poderes, os reis aparecem primeiro no segundo milênio a.C., nas cidades-estados da Mesopotâmia. Não se sabe ao certo se o Rei Sol da China foi anterior ou posterior ao Rei da Mesopotâmia. O rei político funde o poder solar celestial com a autoridade terrena. Os chineses desenvolveram esse duplo reinado em detalhes fantásticos que ainda correspondem a modelos de imaginação mitológica. O Rei Sol e a sua Rainha Lua, de qualquer modo, mantiveram as sociedades unidas durante cerca de quatro mil anos. Como princípios da ordem, começaram a falhar nos séculos XVIII e XIX, na Europa. Sob o título de kaiser, tzar, imperador, marajá, sultão, rei — um após o outro os reis caíram, por toda a Europa e depois em suas colônias.

Na Idade Média, os reis percorriam os seus reinos terrenos. Centenas de pessoas esperavam nas estradas das aldeias inglesas, por exemplo, para vê-lo passar. Provavelmente elas sentiam que uma bênção emanava do Rei Sagrado quando o rei físico passava silenciosamente.

O problema é que quando o rei político desaparece das estradas, mesmo por uma boa razão, temos dificuldade de "ver" ou sentir o Rei eterno. Não estou dizendo que a morte do rei tenha sido um erro, nem que devemos ressuscitá-lo e mandá-lo novamente para as estradas rurais, mas precisamos notar que nossa imaginação visual se torna confusa quando já não podemos ver o rei físico. O desaparecimento dos reis prejudica severamente a imaginação mitológica. Todos têm de recuperar, sozinhos, essa imaginação.

A rejeição do rei Jorge em carne e osso (1776) pela nossa nação antecedeu de alguns anos a decapitação de Luís XVI, e comemoramos esse momento com fogos de artifícios do Quatro de Julho. Repetimos essa rejeição do rei político com uma alegria cada vez menor, a cada mês de julho, talvez porque a brilhante e ascendente explosão de vitória, seguida pelo fracasso descendente, lança sua sombra sobre os nossos pais.

Os reis de carne e osso que sobrevivem agora vivem suas vidas na revista *National Enquirer*, juntamente com o Duke [duque] Ellington, Count [conde] Basie e Prince [príncipe].

Parte da confusão popular sobre os contos de fadas está no fato de que os leitores contemporâneos supõem que "o Rei", neles, é um rei

político. "Não acredito nessa história", dizemos. "Ele me parece um mau rei. Por que não vive na cozinha?"

O rei político parte de um ponto de três camadas, e sua energia e autoridade vêm da sua capacidade de ser transparente ou receptivo em relação ao Rei que está acima dele. Poucos reis físicos têm essa capacidade, mas o mundo de três camadas depende de tentarem.

Quando os reis perdem o respeito, não podem realizar seu trabalho, perdem sua ligação com o Rei Sagrado, tornam-se diletantes ou deuses, são mortos, desaparecem da nossa vista, e então as coisas mudam. A imaginação tem mais o que fazer. Não o faz. Nossos pais tornam-se então diminuídos para o olho da nossa mente.

Se os reis políticos vivem hoje no National Enquirer, então os nossos pais também estão ali. Se o Rei Sagrado jaz como pedaços de vidro quebrados à volta de nossos pés, então nosso pai também é uma xícara quebrada. As mulheres sabem disso em relação à Rainha. Se todas as rainhas vivem no National Enquirer, então todas as mulheres estão ali, presas numa página de mexericos. Se Sofia e Kali caíram devido ao colapso das camadas celestiais, e jazem no barro da rua, então todas as mulheres jazem no barro da rua.

As mulheres têm de assumir a tarefa de erguer Sofia e Kali novamente; não é um trabalho que nós, como homens, possamos fazer. Nossa tarefa é erguer Dioniso, Hermes, e a energia de Zeus, embora já não vejamos reis passarem nas carruagens puxadas por cavalos. Precisamos ver o Rei Sagrado não "com, mas através, dos olhos" (como disse Blake), e ver nosso radiante Rei interior não contaminado pelas imagens de Herodes decaídos ou de Stalins mortos. Na verdade, nossos pés tropeçam, a cada manhã, ao sairmos de casa, em pedaços do Rei Sol espalhados na calçada.

O REI INTERIOR

Temos então dentro de nós um terceiro Rei, a quem podemos honrar ou não, e vamos chamá-lo de Rei interior.

O Rei interior é aquele que, dentro de nós, sabe o que queremos fazer pelo resto da vida, ou o resto do mês, ou o resto do dia. Ele pode deixar claro o que queremos sem ser contaminado na sua escolha pelas opiniões dos que nos cercam. O Rei interior está ligado ao nosso fogo de propósitos e paixões.

É de supor que quando tínhamos um ou dois anos, o Rei interior esti-

vesse vivo e vigoroso. Quase sempre sabíamos das nossas pretensões, e deixávamos isso claro, tanto para nós mesmos quanto para os outros. Algumas famílias não se preocupam, naturalmente, com o que as crianças querem.

Para a maioria dos homens o Rei foi morto ainda cedo. Nenhum Rei morre para sempre, mas cai e morre. Quando os guerreiros interiores não são bastante fortes para proteger o Rei — e aos dois ou três anos, quem poderia esperar que fossem? — ele morre.

Outra maneira de ver o Rei é dizer que ele representa, depende e dá substância ao nosso temperamento. A criança tem um temperamento — quer brincar, ou ficar na sala, ou estar só. Os adultos têm estados de espírito mais acentuados. O progenitor agressivo, ou deprimido, ou alcoólatra, ou viciado no trabalho, ou doído, têm um humor enorme, e só esse humor conta. Os filhos, e o outro cônjuge têm que se adaptar a esse humor, servir a ele, cuidar dele, sacrificar o seu próprio humor àquele humor maior. O Rei, então, é sacrificado — ele morre. Quando a criança chega aos 12 anos, não sabe mais, realmente, qual é o seu temperamento.

O homem cujo Rei morreu não sabe se tem o direito de decidir até mesmo como passar o dia. Quando meu Rei é fraco, pergunto à minha mulher ou aos meus filhos o que se deve fazer. Passei por aventuras estranhas, comprando um suéter. Por exemplo, sou incapaz de decidir o que é melhor, o verde ou o vermelho. Minha mulher diz: "O vermelho é bonito." O verde se apaga ante os meus olhos, a cor se altera, torna-se feia. Não posso acreditar que tivesse achado aquele suéter atraente.

Algumas pessoas têm um Rei forte quando falam para um público, um Rei moderadamente forte quando trocam opiniões com mais cinco ou seis pessoas, e um Rei fraco quando têm apenas um interlocutor.

Muitos homens da geração que tem hoje cerca de 45 anos projetaram seu Rei interior não desenvolvido em Jack Kennedy, que falava abertamente de Camelot, e em Martin Luther King e Bob Kennedy. Quando certas forças nos Estados Unidos contrárias a qualquer reinado espiritual, mataram os Kennedys e King na metade de suas carreiras, foi uma catástrofe para os homens daquela geração. Houve quem me contasse, em lágrimas, que tinha perdido alguma coisa que nunca conseguiu reaver. Não voltaram nunca aos trilhos.

Os líderes, portanto, precisam ser bastante fortes para que o jovem os deixem carregar, por algum tempo, o seu Rei interior, e devem vi-

ver o bastante para que os jovens possam tomar o Rei de volta, sem danos, e deixar que viva dentro deles.

Os jovens que se tornaram adultos nos governos de Reagan e Bush têm um problema diferente — a dificuldade de encontrar alguém que possa carregar seu Rei. Edwin Meese certamente não podia carregá-lo, nem John Poindexter, nem qualquer dos outros envolvidos nas mentiras dos Contras. Reagan, como ator, desempenhou o papel, mas não pôde ser sincero. A traição ao País durante o escândalo das poupanças e empréstimo por senadores, tanto democratas como republicanos, agrava a situação. Se os jovens não têm um homem público a quem possam entregar seu Rei, como podem desenvolvê-lo no seu interior?

Minha geração entregou o seu Rei a Roosevelt, Eisenhower, General Bradley, senador Fulbright e outros homens que o levaram com honra. Nada sabíamos da mitologia que cerca o Rei quando tínhamos 20 anos, mas venerávamos alguns homens que, embora não fossem reis, trouxeram a ordem, até mesmo a bênção.

Quando o rei exterior, ou de carne e osso, cai, sua queda influi sobre os frágeis Reis das duas outras camadas, aumentando a rapidez de sua descida. A queda de reis podres acelera a queda dos outros dois, pela magia simpática.

Como pode então o Rei interior ser revivido, se a mitologia desapareceu e não há líderes políticos que a possam levar avante, mesmo que sejam por uns poucos anos?

O processo de ressuscitar o Rei interior, se examinado por dentro, começa com a atenção aos pequenos desejos — às indicações daquilo de que realmente gostamos. William Stafford, descreve isso (10) como pegar em nossos dedos a ponta do fio dourado. Notamos a forma de pensar, ou de falar, que nos agrada. Lembramos, aos 40 ou 50 anos, que tipo de mulher ou homem realmente gostamos. Quais os prazeres que sentíamos na infância, antes de dedicarmos nossas vidas a agradar outras pessoas, ou cuidar delas, ou fazer o que elas querem? Mitologicamente, pegar a ponta do fio dourado é descrito como tirar uma única pena do peito cadente do Pássaro de Fogo.

A diminuição do pai e o colapso do rei exterior intensificam o anseio pelo Rei interior, tornando-o quase insuperável. Eu diria que, depois da atenção para os pequenos desejos, o passo seguinte começa, não com resoluções, mas com um longo lamento pelo Rei interior morto,

cercado pelos seus guerreiros também mortos.

Uma vez recuperado o Rei interior, é preciso alimentá-lo e honrá-lo para que permaneça vivo, e cada homem ou mulher, por si mesmo, tem de imaginar como fazê-lo. As mulheres também têm um Rei, além de uma Rainha. A diferença entre eles é assunto para outra ocasião.

Está em contato com o Rei Sagrado simplesmente por 20 minutos valia, para Yeats, todos os anos de trabalhos que antecederam isso. Eis o seus poema:

Meus 50 anos chegaram e passaram.
Sentei-me, homem solitário,
Num repleto café de Londres,
Com um livro aberto e xícara vazia
Sobre o tampo de mármore da mesa.

Ali, enquanto olhava café e rua
Meu corpo inflamou-se um instante,
E vinte minutos, mais ou menos,
Tão grande minha alegria,
Que fui abençoado, e pudeabençoar.

A DUPLA CORRENTE DENTRO DO REI SAGRADO

O Rei sai do seu aposento nas alturas e chega a nós com um rosto brilhante — ele abençoa, estimula a criatividade, estabelece a ordem no universo apenas com sua presença. Mas há, como Robert Moore disse com tanto acerto e vigor, um segundo lado do Rei, mais sombrio, que maldirá os jovens, desestimulará a criatividade, estabelecerá — apenas com a sua presença — a desordem.

Se esses seres de turbilhão ou furacão são parte da natureza, então podemos assegurar-nos de que o dia será acompanhado pela noite, e que as plantas produzirão substâncias tanto venenosas como curativas.

O Rei Sagrado manda sua radiação para baixo através da atmosfera, e o Rei Envenenado também faz baixar a sua. Isso significa que no mundo político haverá tanto um Herodes como um Artur. Sabemos que se Herodes perceber até mesmo uma insignificante manifestação de criatividade masculina em seu reino, mandará matar todos os jovens para acabar com ela. O Rei Deformado e o Rei Integral existem juntos no reino eterno, tal como certas tradições sustentam ser o dia-

bo irmão de Cristo.

Podemos deduzir, portanto, que todo homem na terra conhecerá um Guerreiro Destruidor Brutal, bem como um Guerreiro Construtivo, e um Prestidigitador Brincalhão. Aprendemos com "Branca de Neve" que as jovens conhecem tanto a Rainha Venenosa como a Rainha Alimentadora; e com a mitologia grega, que há uma Atena Petrificante bem como uma Atena Vivificadora.

Duas correntes, portanto, fluem do Rei Sagrado. O Rei Abençoador vai diretamente para Churchill, e o Rei Deformado para Stalin.

A DUPLA CORRENTE DENTRO DO PAI

Michael Meade descobriu uma vigorosa história africana que aqui já contamos em parte, e que começa com o pai e o filho caçando juntos. O pai pega um rato. Depois que o filho joga fora o "rato" do pai (que poderia ser a ocupação paterna) este o golpeia com um machado. Depois de ficar inconsciente algum tempo, o filho recupera os sentidos e, no meio da noite, entra na casa dos pais, pega suas roupas, e parte.

Depois de uma "longa caminhada no escuro" o rapaz chega a uma aldeia onde todos estão dormindo, exceto o chefe, cuja cabana, no centro da praça, está bem iluminada. O menino conta-lhe a sua história, e o chefe pergunta: "Você sabe guardar um segredo?" "Que segredo?"

"Eu tinha um filho que foi morto numa batalha e não voltou mais para casa; quero que você seja meu filho. Pode guardar esse segredo?"

Estamos vendo agora um mentor neste mundo, ou um Rei Sagrado no outro. O menino concorda em ser o filho do chefe, passa por todas as provas, fica com ele na cabana real. Um dia seu pai verdadeiro aparece, procurando-o. "Quero meu filho de volta." Assim, o problema do pai ainda não está resolvido.

Podemos dizer que todos nós temos de fazer face a essa questão do pai. Mais cedo ou mais tarde, devemos enfrentar novamente aquele lado do pai que nos golpeia com o machado.

Em A metamorfose, de Kafka, (11) o filho acorda uma manhã transformado num inseto com uma carapaça. Desconfiamos que o lado envenenado do Grande Pai, de alguma forma, está por ali, o filho-inseto se arrasta para debaixo da cama, exercitando-se oca-

sionalmente com um passeio, arrastando-se pelas paredes da sala quando a família está ausente. O pai volta inesperadamente, certo dia, e, vendo o filho-inseto na parede, joga-lhe uma maçã que fura a carapaça e fere o tenro corpo interior do filho.

Quando a maçã do Jardim do Éden atinge a carapaça, saímos do pensamento psicológico para entrar no mitológico. O pai adquire imediatamente alguma coisa de um Jeová malvado e faz com que o filho se envergonhe, num nível fantástico, elevado.

Kafka é muito bom para descrever como o pai encerra os dois Reis ao mesmo tempo. Em seu conto "O julgamento" (12) o pai idoso e aparentemente senil muda de lado várias vezes. Enquanto o filho o carrega para o seu quarto, do qual abriu mão para o pai, o velho parece um bebê brincando com a corrente do relógio do filho. Mas quando é colocado na cama do filho, levanta-se e toca o teto com os dedos. Declara que o melhor amigo do filho é seu confidente, e condena o filho à morte por afogamento. Sua autoridade é tão grande que o filho cumpre imediatamente a sentença. Ao atirar-se da ponte nas águas do rio, ele diz: "Queridos pais, eu os amava assim mesmo."

Todo pai herda milhares de anos de paternidade astuta e elaborada. Um pai evidentemente fraco pode controlar toda a família, debaixo, com seus silêncios. Se for um alcoólatra, seu alcoolismo pode ser uma operação maciça, realizada com minúcia napoleônica, de modo a governar a casa da maneira mais econômica. O Pai Destruidor não fornece energia aos membros da família, mas a deles extrai para um buraco negro que tem dentro de si. E o faz sub-repticiamente, como os grandes tiranos que conhecemos a extraem de seus cidadãos.

O pai-Rei na história dos irmãos Grimm chamada "Os Seis Cisnes" concorda, por covardia quando se perde na floresta, em casar-se com "a filha da feiticeira", pois essa é a maneira de encontrar o caminho. Foi o pai quem levou as forças do mal para casa. Nosso pai, por sua covardia ou medo, pode ter organizado nossas desgraças antes de nascermos.

Estive em reuniões masculinas nas quais a tentativa de enfrentar o pai-machado é feita com gritos de raiva que se podem prolongar por 20 minutos. A maioria dos homens, se consultada, lembra-se muito bem do golpe desfechado pelo pai, e exatamente que ponto atingiu.

Um homem disse: "O machado atingiu o lado esquerdo da minha cabeça"; um outro: "As costas, entre os ombros"; outro: "Bem no meio

da cabeça"; e outro ainda: "Bem nas virilhas." Alguns homens dizem: "Ele me batia quando eu tinha 13 anos e eu o mataria neste momento, se estivesse na sala." Ouvimos histórias claras de falta de orientação, de apoio, de afeição, substituídos pelo sarcasmo, brutalidade, frieza. "Você não será nunca nem a metade do que sou." Ouvimos sobre abandono, com uma sugestão de assassinato de tempos em tempos.

Admiro muito a capacidade que certos homens têm de ver o aspecto machado de seus pais. É claro que eles podem ser percebidos bem aqui. James Hillman observa: "Se você ainda está sendo machucado por alguma coisa que lhe aconteceu quando tinha 12 anos, é a lembrança que o está magoando agora."

Outros homens — um número surpreendente — não sofrem raiva nem culpa. Pelo contrário, sentem um forte laço por seus pais, e para eles a disciplina era um aspecto menor. Alguns contam histórias de pais generosos e amigos, que elogiavam, amavam e protegiam os filhos da melhor maneira possível, e até os iniciavam da melhor forma, na ausência dos velhos iniciadores. Para o primeiro grupo, isso parece um modo hipócrita de embelezar o pai. Talvez não seja.

Alguns homens do segundo grupo foram capazes de pensar psicologicamente em seus pais. Se adotarmos o pensamento psicológico em relação ao pai, podemos encontrar em nós o perdão, a complexidade, o humor, a sutileza simbólica e a compaixão. O coração começa a derreter. Compreendemos como o pai teve pouco amor, pouco empenho. Levamos em conta os traumas da sua infância. O pensamento psicológico, porém, raramente amplia um pai. Em lugar de ver o que ele fazia como sendo bom ou mau, vemos o que ele não podia deixar de fazer. O pensamento psicológico pode deixar o pai do mesmo tamanho, ou talvez menor, e ao mesmo tempo torná-lo mais aceitável e menos original.

Não existe uma coisa a fazer que seja a certa. Não há nenhum pai que seja sempre bom. Deduzimos isso da imagem das duas correntes — uma sagrada, outra envenenada — que fluem não só até os reis físicos na terra, mas também até os nossos pais.

Se considerarmos o pai como insignificante, ridículo, absurdo, no estilo que é moda na América, nós o teremos diminuído a tal ponto que já não haverá lugar para ele na história. Se insistirmos em que ele é uma pessoa má, que procurava envergonhar-nos sempre, estaremos querendo ser vítimas, e já não haverá na história lugar para nós.

A mitologia nos ajuda a ver o lado sombrio de nossos pais de maneira

nítida e inesquecível. A compreensão de que nós e nosso pai existimos numa grande história nos eleva acima de nosso transe particular, e nos faz sentir que o sofrimento não é pessoal, apenas nosso.

É através da radiação da Virgem Maria, brilhando desde o alto sobre uma mulher, que os europeus vêem a pureza e a doçura femininas. É através da radiação das grandes bruxas, Baba Yaga, Kali e Durga, que os russos e os hindus vêem a violência da mulher, sua força, sua abertura para a morte, seu anseio de conquistar a morte.

É através da radiação do Rei Sagrado, o luminoso Artur, brilhando lá de cima sobre o nosso pai, que podemos ver sua coragem e sua generosidade; e sabemos que é através dos grandes Pais e Reis Envenenados—Herodes, Cronos, Stalin—que podemos ver a fome devoradora do pai, seu medo da morte, sua insistência em que todos vivam na desordem.

O DESEJO DE VIVER COM O REI

Devido à tremenda fome de Rei que todos nós sentimos, pelo Rei Sagrado ou Abençoador, queremos começar a viver com ele imediatamente. Queremos pular sobre nosso pai e mudar para a casa dele. Mas parece que não podemos mudar enquanto não tivermos resolvido a questão do pai-machado.

À pergunta "Por que não podemos ficar mais tempo com o Rei?", temos de responder: "As crianças visitam o Rei, mas os adultos prepararam um lugar onde o Rei os possa visitar."

Perguntamos então sobre o espaço vital que temos na cabeça para o nosso pai. Que tipo de aposentos preparamos para ele? Se temos por ele o respeito relutante e avaro sugerido por Geoffrey Gorer e as comédias de situação, é possível que tais aposentos estejam num bairro pobre, com uma porta que não fecha direito, cortinas de plástico, uma geladeira mal-cheirosa cheia de comida ordinária. Os demônios da desconfiança, podemos ter certeza, visitaram esse lugar. Certo dia lançam fora o sofá sem abrir as janelas. Colocam retratos de Pinochet e Jesse Helms, e amarram cachorrinhos pretos ao radiador.

Portanto, a primeira tarefa de um filho, num país como os Estados Unidos, é rearrumar o quarto, limpá-lo, ampliá-lo, mobiliá-lo de novo, venerar o lado claro e colaborador do pai. Os homens que amam seus pais, simples e totalmente — e são muitos — acharão fácil esse trabalho. Podem ainda pendurar retratos de George Washington. Alguns, é claro, só conhecem conscientemente o lado positivo do seu

pai, e não têm nenhuma indicação do lado negativo. Lembro-me de um jovem de 25 anos que compareceu a uma pequena conferência de homens no Alasca. O pai dele era policial e fora morto no cumprimento do dever. Para guardar uma imagem paterna positiva para os filhos, a mãe o colocara num pedestal, e ele deixara de ser inteiramente humano. Anos depois, alguns dos velhos amigos policiais do pai convidaram o jovem para uma conversa. Começaram logo a contar histórias de como o pai roubava no jogo de cartas, no que era muito bom, e histórias de como bebia, e depois, histórias sobre mulheres. Com suas histórias, os velhos amigos deram àquele filho um presente.

Os homens que têm um pai ideal na cabeça precisam construir toda uma sala para o lado deformado, secreto, destrutivo, vulgar e sombrio do pai, mesmo que ele tenha sido um herói para os outros. Todos nós, numa situação dessas, precisamos acrescentar uma sala ao apartamento para abrigar o Rei Destrutivo e seus parentes.

Em contraste, o filho que sempre conheceu o lado cruel e destrutivo do pai achará fácil mobiliar um desses quartos escuros. Talvez uma mesinha de centro seja bom, com um exemplar da Carta a meu pai, de Kafka, encadernado em couro, alguns dardos envenenados na parede, paredes forradas com rótulos de Jim Bean, e uma cama cuja guarda tenha sido elegantemente entalhada com cenas da vida de Cronos, o devorador de filhos.

Para aumentar o quarto do Pai Deformado, precisamos, como Kafka e Blake, aumentar nossa capacidade de horror, ódio à vida, tirania, ciúme, violência. Blake inventou um deus chamado Urizen, que amaldiçoou e destrói "as mais belas alegrias". Suas tabuinhas de escrever parecem túmulos, e com as mãos ele escreve coisas que você não fará. A fantasia de Blake equivale a um quarto extra acrescentado ao apartamento de seu pai.

Mas aquele mesmo filho precisa construir um segundo quarto para abrigar o lado generoso e abençoado do pai. De novo, os amigos do pai podem ser úteis, porque às vezes ele pode esconder seu humor e sua generosidade até mesmo da mulher e dos filhos. Muitos homens me falaram de ajuda desse tipo. "Descobri que meu pai foi um grande dançarino na sua juventude." "Meu pai salvou um homem da prisão, e nunca mencionou isso a ninguém." Eu gostei quando velhos me disseram: "Seu pai era o único que lia livros durante a Depressão." Algumas pessoas têm de construir esse quarto contra obstáculos, reconhecendo que temos uma memória seletiva, que alguma coisa na cultura quer que sejamos injustos com o lado masculino do pai, que en-

contremos razões egoístas para suas palavras generosas, que acreditemos ser ele um monstro, como certas pessoas dizem que todos os homens são. Para alguns homens construir o quarto significa encontrar o túmulo do pai e deitar-se nele por um longo tempo, uivando.

Se ainda não fizemos dois quartos, e os mobiliámos, não podemos esperar que o nosso pai, vivo ou morto, se mude para lá. Os homens que fizeram os dois quartos dentro de suas almas poderiam logo pensar em convidar um mentor para viver neles. Ele também precisará de dois quartos.

Estou certo de que os leitores podem continuar sozinhos a imagem que proponho aqui. O Rei é um "homem do mundo" e nunca irá viver nesses apartamentos baratos de um quarto que temos disponíveis. Depois da chegada do mentor, poderíamos pensar em convidar o Rei para os quartos renovados onde o mentor viveu.

E Deus, seja masculino ou feminino, também tem, segundo se diz, dois lados, e Deus certamente nunca irá viver com uma pessoa que não abriu espaço na alma para o Rei, para o mentor, e para os lados abençoado e envenenado do seu pai.

O HOMEM COMO UM SER À PARTE

Sabemos que toda criança começa no ventre pertencendo ao sexo feminino, e o feto que deve ser homem atravessa centenas de alterações antes de nascer. John Layard conta que, segundo uma velha tradição, uma pedra, quando ainda presa à montanha ou à pedreira, é feminina. Torna-se uma pedra masculina quando é afastada da sua origem e isolada. As pedras da Ilha da Páscoa, portanto, são masculinas, como também as de Stonehenge.

Concluímos, portanto, que todo pai é isolado. Ele está só, não apenas separado da sua mulher, mas também dos seus filhos. Sentado no rochedo ocidental da principal ilha de Aran, escrevi sobre meu pai o seguinte:

Não estás mais distante
do continente
do que até mesmo esses rochedos graníticos?
Talvez eu te queira
ainda mais distante da terra
do que estas ilhas de Aran
te queira à margem
de todo sentimento humano.

Em sua maioria, os homens querem que o pai esteja perto e, ao mesmo tempo, "à margem de todo sentimento humano", onde ele já se encontra.

A mitologia está cheia de histórias do mau pai, do comedor de filhos, do aventureiro distante, do gigante possessivo e ciumento. Um pai bom, do tipo que todos nós queremos é raro nos contos de fadas ou na mitologia. Não há bons pais nas principais histórias da mitologia grega — um fato chocante. E no Velho Testamento, eles são bem poucos. Urano, Cronos e Zeus evidenciam três estilos de paternidade horrenda. Abraão, um pai famoso do Velho Testamento, estava perfeitamente disposto a sacrificar Isac; e seu neto Jacó foi bom para José, mas evidentemente não para seus outros onze filhos, e afinal não protegeu o preferido contra a ira dos irmãos.

É interessante que encontremos poucos exemplos do pai próximo ou amigo na literatura mitológica. O Rei Artur irradia generosidade, mas como tio, como iniciador e guia de jovens, não como pai.

É possível que não tenhamos nunca a proximidade que desejamos com os nossos pais. Diz John Layard que "o homem simboliza aquilo que é 'separado'." (13)

Falo para os muitos jovens que querem ter no pai uma repetição da afeição materna, ou um cuidado feminino do qual não tiveram o bastante. O que o pai nos dá, não será o mesmo tipo de proximidade oferecido pela mãe. E alguns homens têm de se satisfazer com uma relação paterna que não é próxima. Em muitas culturas tradicionais essa educação e esse cuidado são proporcionados por homens mais velhos do que o pai. O poder que o velho tem de educar começou com o alicerce lançado pela educação feminina, o calor, o amor, o acalento materno. Mais tarde, o menino passa para os cuidados da terra, com a qual aprende a caça, o frio, o vento, o tempo. Quando a base da educação materna e da companhia da terra está formada, então o homem velho pode entrar em cena e trazer a educação masculina e sua visão.

Os homens parecem ser separados no nascimento, mas sabemos que também a mulher sente esse sentimento de estar separada, em particular quando, como adulta, começa a desenvolver seu lado masculino.

O dom paterno concedido ao nascer é, portanto, uma coisa, e o dom dos velhos, outra. O pai coloca, com seu esperma, uma capa negra à volta da alma, invisível em nossas noites escuras. Ele colocou, e co-

loca, um envoltório, um envelope, uma cobertura em torno da alma, feitos de intensidade, argúcia, desejo de penetrar, vivacidade, impulso, ousadia. O dom de natalidade do pai não pode ser quantificado. Seu dom contribui para o amor do conhecimento, o amor da ação, e as maneiras de honrar o mundo das coisas. Parece particularmente importante, hoje, mencionar alguns dos dons paternos.

Ao encerrarmos este capítulo sobre o Rei e o pai, reconhecemos ter abordado aqui algo difícil. Os filhos e filhas, nos Estados Unidos, ainda sentem "pai pouco demais" e isso provavelmente não deve melhorar. Os próprios pais não mudaram muito; eles nos parecem menores porque não vemos atrás deles, ou através deles, o Rei Abençoado ou Destrutivo. O pai parece opaco; o Rei Sagrado parece mais distante, e nossa visão não é boa.

Quando a camada mitológica desmorona, e os reis políticos caem, então o patriarcado, como força positiva acaba. As energias do sol e da lua já não podem descer para a terra. A mitologia celta antiga tem uma imagem para o fim do patriarcado, que é a seguinte:

Águias estão pousadas nos ramos superiores da árvore sagrada, tendo nas garras animais mortos. Pedacos de carne podre caem através dos ramos até o chão lá embaixo, onde os porcos os comem. Nós somos os porcos quando toda carne que vem do alto está podre, então nem os filhos nem as filhas, recebem a verdadeira carne. As mulheres tinham, e ainda têm, razão de queixar-se do alimento que encontram na terra, mas os homens também não são bem alimentados. Naturalmente todos estão descontentes, pois nem os homens, nem as mulheres, estão recebendo a verdadeira carne.

Isso não significa que precisemos reconstruir o patriarcado, mas sim que precisamos compreender que estamos morrendo de fome. Quanto mais difícil é visitar o Rei, mais famintos todos estão. A ausência percebida do pai é na realidade a ausência do Rei. O vício não tem relação com os senhores colombianos da droga, mas corri a ausência do Rei.

Os homens e mulheres estiveram, antes, separados do Rei; essa separação aconteceu muitas vezes em séculos passados. É interessante, então, voltar atrás em nossa história e ver o que acontece em seguida.

NOTAS

1. Geoffrey Gorer, *The American People* (New York, W. W. Norton,

- 1964).
2. Bruno Bettelheim, *Symbolic Wounds* (Glencoe, N. Y., The Free Press, 1954).
 3. Alexander Mitscherlich, *Society Without the Father* (Londres, Tavistock, 1969).
 4. D. H. Lawrence, *Apocalypse* (Londres, Penguin, 1978), p. 21.
 5. Marie-Louise von Franz, *Puer Aeternus* (Boston, Sigo Press, 1981).
 6. James Hillman, "The Greath Mother, Her Son, Her Hero, and the Puer", em *Fathers and Mothers* (.Dálias, Spring Publications, 1990).
 7. Edward Edinger, *Anatomy of the Psyche* (La Salle, 111., Open Court, 1985), p. 211.
 8. John Weir Perry, *Lord of the Four Quarters. Myths of the Royal Father* (New York, Braziller, 1966).
 9. Robert Moore and Douglas Gillette, *King, Warrior, Magician, Lover. Rediscovering the Archetypes of the Mature Masculine* (New York, Harper&Row, 1990).
 10. William Stafford, "The End of the Golden String", em *Writing the Australian* (CrawKAnn Arbor, University of Michigan Press, 1978).
 11. Franz Kafka, *Metamorphosis* (New York, Schoekn, 1968).
 12. Franz Kafka, *The Complete Stories* (Sew York, Schocken, 1983).
 13. John Layard, "On Psychic Consciousness" em *The Virgin Archetype* (Zurique, Spring Publications, 1972).

Capítulo 5 O ENCONTRO COM A MULHER-DEUS NO JARDIM

O MATERNAL E O PARTICULAR FEMININOS

Já avançamos muito nesta história. O rapaz, depois de partir com o Homem Natural, foi bem apresentado à alma. Se dermos um fio de cabelo à alma, ela o cobrirá de ouro. Se fizermos uma estrada em direção a ela, responderá derrubando um galho para fazer uma estrada em direção a nós. Depois disso, o menino consegue entrar no castelo, mete-se entre as cinzas e finalmente faz uma rápida visita aos aposentos do Rei.

O que falta? Não podemos parar a história aqui, porque o feminino ainda não apareceu. Sua mãe, como a forma maternal do feminino, foi evidentemente conhecida por ele, mas isso é tudo. E agora ele vai

encontrar o feminino numa forma não-material, na sua forma poderosa, vicejante, saborosa, selvagem, instigadora, erótica, brincalhona. Ela é a saborosa mulher no plano terrestre. No plano mitológico, ela é "A Mulher que Ama o Ouro", como certas histórias de fadas a chamam, ou "A Mulher do Cabelo Dourado". Os russos dão-lhe o nome de "O Tzar Fêmea", e os celtas às vezes a chamam de "O Rastro da Lua sobre a Água".

Os celtas empenham-se em distinguir duas formas da energia feminina, ou energia "yin", uma forma terrestre e uma forma estrelada, enluarada ou ensolarada. Parte do pensamento celta pode ser encontrada na história muito antiga, preservada em *The Mabinogion*, de "Culhwch e Olwen". (1)

A história diz que a mãe de Culhwch enlouqueceu durante a gravidez e, aterrorizada com os porcos, deu-o à luz nos chiqueiros onde as porcas ficavam. Uma forma da energia "yin" é a mãe-porca, e podemos recordar que Deméter também está associada aos suínos. A segunda forma do feminino, mais erótica e espiritual, era associada pelos celtas à água e à lua.

"Olwen" significa "Caminho Traçado pela Lua na Água". Quando estamos na praia olhando a serpeante estrada, não podemos dizer se olhamos para a água ou para a lua. A imagem apreende o espírito elusivo, reflexivo, privado, mutável, alegre, prateado do conhecimento prático feminino. A lua é atraída pelo sol, dele retira a luz, portanto chamá-la de "A Mulher Prateada" ou "A Mulher que Ama o Ouro" não é contraditório.

A HISTÓRIA: O ENCONTRO COM A FILHA DO REI

Na vida comum, cotidiana, o homem encontra o feminino maternal no nascimento — antes do nascimento, na verdade —, sendo um encontro inevitável, que não depende da mãe e da sua capacidade de prender. O homem tem muitos encontros com o feminino na escola primária e na primeira adolescência. Encontramos o feminino erótico muitas vezes antes de seguirmos realmente a Estrada das Cinzas. Nossa história simplesmente não toma conhecimento desses encontros iniciais, pois eles, embora doces, não são "o importante".

O homem mais ou menos inconsciente, de 24 anos, pode ter um caso com uma mulher mais ou menos inconsciente de 24 anos, e nada acontece. Mesmo que ela seja uma mulher lua, nada de importante acontece se ele e ela não tiverem experiência. Em geral, ambos têm menos consciência depois do caso do que antes. John Cheever des-

creve tudo isso em sua história "A Casta Clarissa". (2)

Nossa história vai falar de um encontro com o feminino que acontece depois das cinzas, e a narrativa sugere que um encontro frutífero como esse só ocorre depois que o homem deixou o porão e foi para "o jardim".

Vamos ver o que diz a história.

O rei chamou o cozinheiro, censurou-o e perguntou-lhe por que tomara aquele rapaz a seu serviço, e ordenou que o mandasse embora do castelo.

O cozinheiro, porém, teve pena dele, e trocou-o por um ajudante de jardineiro.

Agora o rapaz do cabelo dourado tinha de cuidar das plantas no jardim, regá-las, tratá-las com enxada e pá, e deixar que o vento e o mau tempo fizessem o que lhes aprouvesse.

Certa vez, no verão, quando trabalhava no jardim sozinho, o calor aumentou tanto que ele tirou o gorro para que a brisa lhe refrescasse a cabeça. Quando o sol tocou seus cabelos, estes brilharam de tal modo que os raios se refletiram até o quarto da filha do rei, que foi olhar o que era. Viu o rapaz lá fora, e o chamou: "Rapaz, traga-me um ramalhete de flores!"

Ele recolocou depressa o gorro, colheu flores silvestres para ela e amarrou-as num ramo. Quando ia subir as escadas com as flores, o jardineiro o viu, e disse: "O que é isso, você está levando essas flores ordinárias para a filha do rei? Anda, compõe outro buquê com as melhores e mais belas flores que tivermos." "Não", respondeu o rapaz, "as flores silvestres têm perfume mais forte e agradarão mais à filha do rei."

Quando o rapaz entrou no quarto, a filha do rei disse: "Tire o gorro, não deves usá-lo na minha presença."

Ele respondeu: "Não ousou fazer isso. Tenho sarna na cabeça." A moça, porém, agarrou o gorro e o arrancou; os cabelos dourados caíram sobre os ombros do rapaz, num belo espetáculo. Ele correu para a porta, mas a moça segurou-o pelo braço e entregou-lhe um punhado de moedas de ouro. Apanhou-as e saiu, mas não lhes deu valor. Na verdade, entregou-as ao jardineiro, dizendo: "Leve-as para seus filhos — eles as usarão

para brincar."

No dia seguinte a filha do rei chamou novamente o rapaz ao seu quarto e ordenou-lhe que trouxesse mais flores silvestres. Ao chegar com elas, a princesa tentou arrancar-lhe o gorro, mas o rapaz o segurou com as duas mãos. Mais uma vez, a princesa deu-lhe um punhado de moedas de ouro, mas ele se recusou a guardá-las, dando-as ao jardineiro como brinquedos para seus filhos.

No terceiro dia, as coisas aconteceram do mesmo modo: a moça não conseguiu arrancar-lhe o gorro e ele não guardou as moedas de ouro.

Um dia, talvez em agosto, o rapaz tira o gorro. Revela ao céu, sem querer e apenas por um momento, a cabeça dourada. A princesa não a vê diretamente. Numa maravilhosa demonstração do talento do narrador, digno de Shakespeare, o sol se reflete da cabeça dourada até a parede do quarto no segundo andar.

Os suecos chamam a esses reflexos de luz que se movimentam numa parede de "gatos do sol". É muito belo o fato de o sol poder participar da primeira visão que a princesa tem do rapaz, para quem esse encontro será fatídico. A princesa encontra o rapaz com o cabelo de ouro, mas a cabeça de ouro também encontra o sol. O cabelo dourado de nada servira até então, era uma coisa que tinha de ser escondida. Agora faz realmente alguma coisa. O rapaz sente que está sendo observado e recoloca o gorro, mas é tarde demais. Esse momento foi o kairós, como dizem os gregos, exatamente o momento apropriado para a revelação do que jazia oculto no destino de alguém.

Sabemos estar agora na presença de alguma coisa cuidadosamente preparada, quando o contador da história diz que o sol bateu nos cabelos dourados e foi se refletir na parede do quarto da princesa, e dali até os seus olhos. Por meio desse diagrama geométrico o autor adota uma forma indireta magnífica, uma maneira de apresentação que envolve a luz solar. Nunca será demais elogiar esse detalhe. É claro que estamos mais uma vez em algum ponto na área do intelecto sagrado, só que agora associado à mulher.

Frederico Garcia Lorca diz:

Mulher que podes matar dois galos num segundo,
Mulher que não temes a luz..?1

A essência de tudo isso é a jovialidade da luz. Se alguns temas alquímicos apareceram na última parte da história, quando o rapaz subiu as escadas com os seus metais grosseiros para o "breve casamento", então sentimos que o humor alquímico continua aqui.

Sabemos, graças a centenas de textos, que é Mercúrio ou Hermes quem vigia o processo da alquimia. Essa cena do jardim, com a luz correndo como uma bola de mercúrio que tentamos em vão pegar, é realmente de intenção mercurial: espirituosa, surpreendente, brincalhona, séria, que se deleita com saltos. Muitos homens se lembrarão de ter conhecido uma mulher que foi fatídica em sua vida de uma maneira assim travessa — um número de telefone que cai de uma carteira, ou a ida dele ao restaurante errado, ou ambos tropeçam na calçada no mesmo momento, ou escolhem o mesmo livro na biblioteca, descobrindo isso na hora de registrar o pedido, ou as trelas dos seus cachorros se embaraçam uma na outra, ou recebem a mesma tarefa numa festa beneficente e discutem quem vai realizá-la. Todas essas experiências de coincidência, simultaneidade, acasos felizes, sincronismo, luz, sugerem que alguma coisa está na iminência de acontecer e que pertence ao "outro mundo", ou é parte dele. Concluímos, então, que essa "mulher" tem alguma ligação com o outro mundo.

Vamos anotar as quatro coisas que sabemos sobre essa mulher misteriosa até agora. Primeiro, ela dá início às coisas; ela pede flores ao rapaz.

Segundo, ela é a "filha do Rei", portanto está evidentemente relacionada com o Fogo Solar, o Rei Sagrado, ou quaisquer palavras que desejemos usar para esse ser que está nas alturas, em seu aposento ensolarado.

Terceiro, ela gosta do dourado. Gosta muito da cabeça dourada do rapaz. Notamos que ela oferece moedas de ouro em troca de flores silvestres.

Finalmente, ela sabe de alguma coisa. O rei não sabe ao certo o que estava sob o gorro, mas ela sabe.

ENTRANDO NO JARDIM

Tudo isso começou quando o cozinheiro transferiu o rapaz para o trabalho no jardim. A palavra jardim faz lembrar, na tradição mitológica, um recinto murado. "Jardim" sugere um lugar distinto, separado do quintal, do campo plantado, da floresta ou do deserto, para que nele

os seres humanos possam cultivar plantas ou flores preciosas. O jardineiro leva para o jardim rosas raras, plantas incomuns, mudas de pêras persas, novas variedades de maçãs, trepadeiras. Plantas naturais são intencionalmente desenvolvidas dentro do jardim murado.

Sabemos que os jardins murados europeus da Idade Média guardavam muitos traços inspirados em jardins que floresceram na Pérsia, Arábia e outros países do Oriente Médio. Entre esses traços estavam o desenho geométrico dos canteiros, os chafarizes de forma curiosa ao centro, e a estranha associação com a alquimia. Os textos alquímicos da Idade Média mostram como eram o jardim e o chafariz. Um chafariz de pedras, por exemplo, de meio metro a um metro de altura, construído sobre um poço, tinha silos ou canais que levavam a água em quatro direções. Os alquimistas chamavam esse chafariz de fons mervurialis, isto é, a Fonte de Mercúrio, ou de Hermes.

O deus grego Hermes tinha uma ligação muito antiga com os jardins murados, na verdade com tudo o que é fechado intencionalmente. Parece-me muito interessante que uma lata de pêssegos, por exemplo, seja considerada, até hoje, como "hermeticamente fechada". Hermes guia a formação de contenedores, o estabelecimento de lugares cercados, particularmente as áreas reservadas a trabalho interior. Um claustro de freiras, uma sala de meditação, um poço profundo, um nicho para um deus, uma relação na qual pretendemos cultivar uma árvore sagrada, um túmulo fechado, o quarto do amante, o gabinete do filósofo, o vaso do alquimista, todos eles são contenedores herméticos.

As universidades eram, outrora, jardins murados; conheci pessoas de 50 anos que deixaram seus negócios e se matricularam em estudos medievais numa universidade. Algumas delas vão até mesmo viver na universidade. Para elas, esse estudo é um jardim murado.

Em toda a literatura latina e, mais tarde, nas literaturas italiana, francesa e espanhola, a imagem do hortus conclusus, ou jardim murado, proporcionava o tema e o ambiente de muitos poemas. Um bom poema é, em si mesmo, um hortus conclusus — privado, enigmático, misterioso.

Os críticos do século XX referem-se à poesia de Eugênio Montale, Stéphane Mallarmé e Paul Celan como hermética. Gerard Manley Hopkins, num poema de que gosto muito, descreve o desejo humano de um jardim murado, e à medida que o poema avança, seus sons vão se transformando num jardim murado. Chama-se "Porto-Celeste", e tem como subtítulo "A freira toma o véu":

Eu desejei ir
Para onde a primavera não falta,
A campos não batidos pela geada
Onde florescem lírios.

E pedi para ficar
Onde não chegam tempestades
Onde o verde ondular nos portos silencia
Sem o balanço do mar (4)

Ao entrar no jardim, fugimos da chuva de golpes desfechados pelo "mundo" e encontramos um abrigo temporário. Os jardins do Renascimento, no norte da Europa, conservaram o espírito do pátio bem ordenado da casa romana clássica.

"Onde a primavera não falta" é uma qualidade do jardim. O homem ou mulher que sofreu abusos sexuais na infância, ou viveu em qualquer forma de "família disfuncional" necessitará, mais cedo ou mais tarde, de um "porto celeste". A história diz que todos nós precisamos dele.

O jardim murado é um abrigo do mundo, e um lugar para nos recuperarmos de uma decepção. Em "Allerleirauh" (Ásperas peles de animais), uma história dos irmãos Grimm, o jardim toma a forma de uma árvore oca; nela a heroína, Allerleirauh, com o corpo coberto por uma capa de peles ásperas, vive durante algum tempo.

O jardim murado é também um lugar para se desenvolver a introversão. Diz Rilke:

Estou muito só, mas não o bastante para que cada momento
seja sagrado.
Sou muito pequeno neste mundo, mas não bastante para jazer
apenas à tua frente como uma coisa, sagaz e secreta.
Quero a minha própria vontade, e quero simplesmente estar
com a minha vontade,
que se prepara para a ação,
e nos momentos silenciosos, que por vezes mal se movem,
quando alguma coisa se aproxima.
Quero estar com os que conhecem as coisas secretas,
Ou então sozinho?

Poderíamos dizer que a deusa grega Deméter é dona da superfície da terra, dos campos de trigo, dos campos de cevada, dos olivais,

das hortas, dos pastos. Lembramos que sua filha Perséfone estava brincando certo dia num desses campos floridos quando Plutão, ou Hades, a levou para baixo e para dentro. Ela vai viver com Plutão, cujo nome significa "riqueza", e o mesmo acontece com todos nós quando entramos no jardim murado, ao encontro da riqueza da psique, especialmente abundante em sofrimento.

Para os homens, um deus inominado do dever domina a superfície da terra; e todas as bolsas de valores, campos de futebol, pátios de estacionamento de empresas, todos os lotes suburbanos, todos os escritórios, todos os campos de tiro, pertencem a ele. Ali, o homem toma uma posição, constrói uma fazenda, deixa uma marca, faz um império, mas mais cedo ou mais tarde, se tiver sorte, chega o momento de interiorizar-se e viver "no jardim". O Homem Natural é, aqui, como Perséfone. É no jardim que o homem encontra a riqueza da psique.

Poderíamos dizer que no jardim murado, como no vaso alquímico, formam-se novos metais com a fusão dos velhos. O chumbo da depressão funde-se e transforma-se em dor. O desejo de sucesso, um estanho insistente, junta-se ao cobre de Afrodite e faz o bronze, bom tanto para escudos como para imagens dos deuses. O jardim fechado sugere então o cultivo em oposição ao inculto, limites em oposição a uma sociabilidade ilimitada, preocupações da alma em oposição a obsessões exteriores, paixão em oposição à sexualidade bruta, crescimento dos anseios da alma em oposição a um desejo generalizado de coisas.

Um pequeno poema de Lorca fala desse misterioso crescimento do desejo da alma que o jardim estimula:

A rosa
não buscava o amanhecer:
quase eterna em seu ramo,
buscava outra coisa.

A rosa
não buscava a escuridão ou a ciência:
limite entre carne e sonho,
buscava outra coisa.

A rosa
não buscava a rosa.
Imóvel no céu,
buscava outra coisa. (6)

Esse novo trabalho no jardim significa o afastamento do porão e a saída para o vento e o ar livre. Sementes brotam, as estações mudam, folhas caem, batatas desabrocham na horta. Theodore Roethke diz:

Estudo as vidas da/olha: os pequenos
Adormecidos, que se acotovelam em frias dimensões,
Besouros em cavernas, tritões, peixes surdos,
Piolhos amarrados a longas e flexíveis ervas subterrâneas,
Contorcionistas em pântanos
E trepadeiras bacteriais
Sacudindo-se através deferidas
Como enguias nos lagos,
Suas pálidas bocas beijando suturas cálidas
Limpando e acariciando
Subindo e curando. (7)

O esterco transforma-se em folhas, rosas e maçãs; nossos desastres, sabemos que não são nossa culpa, e pode não ser certo nos culparmos por todos eles, ou qualquer deles. No jardim, estamos ainda fazendo um trabalho "no escuro", mas o escuro assemelha-se agora à terra preta. O poeta persa Rumi menciona alegremente como poemas e imagens surgem nele quase que sem esforço. Depois, diz:

Mas o verdadeiro trabalho está sendo feito fora,
Por alguém que cava o chão. (8)

No jardim, casam-se a alma e a natureza. Quando amamos o cultivo mais do que a animação, estamos prontos para começar um jardim. Nele cultivamos anseios e saudades — esses estranhos sentimentos não-americanos — e registramos desejos miúdos. O jardim faz atentarmos para pequenos sentimentos que mal são perceptíveis. É assim que se comportam os amantes.

O jardim fechado é o lugar adequado para os amantes furtivos da literatura medieval — Tristão e Isolda, por exemplo — têm ali seus encontros perigosos. No jardim pode-se encontrar uma jovem, um velho sábio, ou o Rei passeando "à fresca do dia". É espantosa a frequência com que a imagem do jardim aparece na poesia amorosa, particularmente entre os árabes. Al-Muntafil disse:

Há uma pinta no rosto de Ahmad que atrai todos os que não
estão agora enamorados;
É um jardim de rosas, cujo jardineiro é um abissínio. (9)

De uma bela maneira, o poema evoca o "homem escuro" que pertenc-

ce, de alguma forma, ao jardim. Os acontecimentos mais importantes na vida dos grandes amantes ocorrem no Jardim Que Não Está Aberto a Todos, e por extensão, podemos dizer que os acontecimentos mais significativos em nossa alma ocorrem nesse mesmo jardim.

O jardim fechado estimula o verdadeiro desejo do infinito, mais do que a ambição pelos objetos; e sabemos que todo desejo verdadeiro é perigoso. Ibn Hazm diz:

O encontro que tem de ser secreto atinge
uma intensidade que o encontro aberto não tem.
É um prazer misturado com perigo,
como andar num caminho em instáveis montes de areia. (10)

Quando duas pessoas estão fechadas nas intimidades de um caso de amor, especialmente o que é secreto, podem sentir que os sólidos em seu interior se transformam em líquidos, e os líquidos, em ar. O calor de Eros é um prazer misturado com o perigo.

Portanto, a iniciação pede a todo jovem, num certo momento, que se torne amante: isto é, que desenvolva o amante que há nele, a partir da semente até a flor. Sabemos pelo Romeu e Julieta, de Shakespeare, e por outros relatos do Renascimento, que não era raro os jovens daquela época ficarem dois ou três anos de férias e passar esse tempo aprendendo a ser amantes. Nós, em vez disso, passamos esses anos na escola primária. O jovem renascentista aprendia a tocar um instrumento musical porque a ressonância das cordas afeta o coração; aprendia poemas de cor, praticava colocá-los em música de sua autoria e em seguida cantá-los para mulheres introvertidas, sentadas atrás das grades de ferro das janelas. Era um trabalho de jardim, com desejo nele.

Robert Moore sugere a expressão "consciência apreciativa" como uma descrição da natureza do amante. Se apreciarmos as harmonias das cordas, a luz do sol sobre uma folha, a graça do vento, as dobras de uma cortina, então poderemos entrar no jardim do amor em momentos inesperados. Além disso, depois que nos enamoramos, a folha parece melhor, as frases de espírito têm mais graça, os ombros são mais belos. Observei que amamos até as pequenas cidades:

Quando nos apaixonamos,
Amamos a relva, os celeiros e os postes,
E as pequenas ruas principais abandonadas toda a noite. (11)

Os amantes são pródigos em louvores:

Foi entre as samambaias que aprendi a eternidade. Abaixo do teu ventre há um lugar encaracolado. Contigo aprendi a amar a samambaia nessa margem, e a curva que a pata do gamo deixa na areia. (12)

Além disso, quando um homem se enamora de uma mulher, ou de um homem, ele está no jardim. Rumi diz:

Vem para o jardim na primavera,
Há vinho, e amadas nas flores da romã.
Se não vieres, essas coisas não terão importância. Mas se vieres, elas também não terão. (13)

O trabalho no jardim pode começar inesperadamente. Uma enfermidade que encerra o doente num quarto durante semanas pode ser o seu jardim fechado. Um acidente pode provocá-lo. Thoreau, por outro lado, preferiu viver alguns meses numa cabana construída por ele mesmo, e ele e a sua cabana e Walden Pond foram o seu jardim. Thoreau sabia muito bem que se tinha enamorado, e disse: "Foi-me finalmente encontrado um casamento: enamei-me de um carvalho ainda pequeno."

Ao entrar no jardim, alguns homens começam a levantar-se às cinco da manhã e reservam uma hora exclusivamente para si mesmos, antes de começarem a trabalhar. O pai, para fazer isso, tem de resistir à convicção de que sua vida pertence ao trabalho, aos filhos e ao casamento.

Fazer um jardim, e viver nele, significa atenção aos limites, dos quais por vezes precisamos para evitar que o cuidado do jardim venha a ocupar todo o nosso tempo.

Sou muito pequeno neste mundo, mas não o bastante
Para fazer apenas à tua frente como uma coisa .. (14)

O vício da perfeição, como Marian Woodman nos lembra, equivale a não ter jardim. A ansiedade de ser perfeito faz murchar a vegetação. A vergonha nos impede de cultivar um jardim. Homens e mulheres profundamente envolvidos pela vergonha terão, ao cuidar do seu jardim, a tendência de arrancar tanto as ervas daninhas como as flores, porque muitos dos seus sentimentos parecem deficientes ou conspurcados.

O que amamos tanto, que queremos proteger dos estranhos? Eis

uma boa pergunta para quem faz um jardim.

Por mais profundamente que desça em mim mesmo,
meu Deus é escuro, e como uma teia feita
de centenas de raízes, que bebem em silêncio. (15)

A MULHER DE CABELOS DOURADOS E A DELICIOSA CONFUSÃO

A moça na nossa história conseguiu levar ao seu quarto o rapaz de cabelos dourados debaixo do gorro. Como seria, para um rapaz comum, encontrar a Mulher Que Ama o Ouro?

Lembro-me de um homem que me contou sobre um verão passado aos 15 anos, trabalhando como mensageiro num balneário em Catskills. Ele, e outros rapazes, estavam se saindo bem até que um dia uma moça alta, loura, bela, perfeita, de maçãs do rosto salientes, entrou na sala de jantar. Tudo acabou num momento. O rapazinho de 15 anos afundou nas ondas, subiram bolhas, e ele estava perdido.

É interessante que nem ele, nem seus amigos igualmente emocionados, sequer falaram com a moça. Em vez disso, passavam horas, depois do trabalho, comentando com quem ela havia conversado, o que vestia ao desjejum, com quem passeara, quem se sentara à sua mesa. Seu rosto e sua beleza, que pareciam inacessíveis, provocava nelas a sensação de serem matutos, blocos inarticulados de terra, rústicos irremediavelmente grosseiros. Ela estava acima da matéria.

Essa obsessão durou três semanas; eles acordavam febris todas as manhãs. E então o verão acabou; ela partiu, e foi o fim de tudo. Houve apenas um acontecimento naquele verão, e foi este.

A moça de 16 anos não era a Mulher de Cabelos Dourados, mas os rapazes não sabiam disso. Viam nela o que viam; viam os Traços da Lua sobre a Água e estavam deliciosamente confusos.

A moça, por sua vez, está igualmente confusa. Pode faltar-lhe, na realidade, autovalorização, pode ser insegura, estar envergonhada, ou mesmo vitimizada, mas exteriormente, na radiação de seu rosto, ela é real, controlada, dourada e invulnerável. A Mulher Dourada no outro mundo manda sua radiação através da atmosfera, e a radiação aparece no rosto da moça. Sua beleza é um gancho bastante bom para os anseios de outro mundo experimentados pelos rapazes; ela talvez corresponda até mesmo a um modelo na memória genética desses jovens. Eles dão uma olhada, e o verão está completo.

Se os rapazes tivessem 18 anos, um deles poderia ter falado com ela, poderia tê-la cortejado. Poderia até mesmo tê-la namorado, e durante tudo isso teria compreendido que a moça não era "ela". Que decepção! "Como pude errar tanto?", ele diz a si mesmo.

Quando ela lhe pergunta por que perdeu o interesse, o rapaz pode até mesmo falar-lhe da sua decepção.

Estamos examinando a fonte de muito desespero em certos homens, aqui, e de muito sofrimento para certas mulheres. O homem pode repetir o namoro e a decepção muitas vezes. Um homem de cerca de 35 anos contou-me que a confusão sobre as camadas lhe tinha arruinado a vida. O que acontecia era mais ou menos isto: ele vê uma mulher do outro lado da sala, sente imediatamente que é "Ela". Abandona o relacionamento que tem, persegue-a, sente agitação, paixão, pulsações, obsessão. Depois de alguns meses, tudo desaba: ela se torna uma mulher comum. Ele fica confuso e intrigado. Mas vê então mais um rosto radiante do outro lado da sala e a velha certeza volta. O rosto dela parece murmurar: "Todos os que amam a Mulher do Cabelo Dourado vêm a mim." Ela não parece perceber que transmite essa mensagem. É claro que seu murmúrio lhe dá grande poder, porque os homens se dispõem a reformular suas vidas por ela. Mas não é um poder real, e quando eles a deixam, ela se sente insignificante, abandonada, impotente. Há uma geração atrás, milhões de americanos ofereceram a Marilyn Monroe o seu anseio pela Mulher de Cabelos Dourados. Ela se prontificou a aceitá-lo e morreu em consequência disso.

A glória do Rei Sagrado desce até uma figura pública, um líder, e a um pai que a possa receber. A glória da Mulher dos Cabelos Dourados desce de seu espaço luminoso, eterno, sobre uma figura pública como Marilyn Monroe ou Meryl Streep, e depois a uma menina de 16 anos no balneário de Catskills. Sob a sua face invulnerável há uma moça humana comum, muito vulnerável, sendo puxada de um lado para outro por essas impiedosas forças impessoais.

Nos séculos XII e XIII tudo isso era compreendido. Os poetas trovadores, instruídos pela inteligência religiosa dos muçulmanos, escreveram poemas para a Mulher Dourada. Mantinham nítidos os planos, descrevendo-a como "a esposa do Senhor do Castelo". Com isso, o poeta também oferecia razões justas para a necessidade de manter o segredo e a contenção. As mulheres dos senhores do castelo eram compreensivas e sabiam que, com isso, estava sendo satisfeito um desejo da alma. Algumas mulheres da época tornaram-se, elas pró-

prias, poetas trovadores. Quando uma delas, como a Condessa de Dia, que foi grande poeta, elogia um homem, está vendo através dele uma figura luminosa, tal como os poetas homens fazem quando louvam uma mulher.

Quando um grego antigo via um homem dotado da energia de Zeus, não dizia nunca: "Este homem é Zeus." Sua mitologia distinguia as camadas ou esferas. Agora, que a mitologia desmoronou, os homens contemporâneos amiúde confundem a mulher viva com a Mulher que Tinha Cabelos Dourados. Uma mulher viva, com estômago, intestinos e uma infância perturbada, não é a mulher da luz. Uma pessoa que peida discretamente no elevador não é um ser divino, e o homem precisa saber disso.

O que acontece quando o homem se enamora de um rosto radiante do outro lado da sala? Pode significar que ele tem algum trabalho da alma a fazer. Sua alma é a questão. Em lugar de perseguir a mulher e tentar ficar sozinho com ela, longe do marido, precisa ficar sozinho consigo mesmo, ir talvez para uma cabana na montanha, por três meses, escrever poesia, praticar canoagem descendo o rio, e sonhar. Isso evitaria muitos problemas para muitas mulheres.

Não estou dizendo que apaixonar-me seja uma ilusão todas as vezes que isso acontece, e que o amor romântico deve ser tratado sempre com desconfiança e desgosto. Toda essa questão é delicada. É possível que Robert Johnson, frequentemente tão preciso e maravilhoso em seus escritos, desconfie demais do amor romântico. Outro erro dos junguianos é adotar a horrível palavra *anima* e considerar todas as mulheres bonitas que encontramos como nossa *anima*.

Quando um homem diz a uma mulher, "Você é a minha *anima*", ele devia gritar e sair correndo da sala imediatamente. A palavra *anima* não tem a grandeza da Mulher de Cabelos Dourados nem a grandeza de uma mulher comum que quer ser amada como mulher.

Quando uma mulher que um homem nunca viu aparece em seus sonhos, isso pode significar que a Mulher de Cabelos Dourados está se aproximando. O poema seguinte chama-se "Sonho de uma Tarde com uma Mulher que Eu Não Conhecia":

Acordei e saí. Ainda não era madrugada.
Um galo pretendia estar na lua nova.
O moinho de vento era uma escada que terminava numa nuvem cinzenta.
Uma máquina de moer rosnava numa fazenda vizinha. A geada

transformou as ervas em nuvens durante a noite. No meu sonho paramos para tomar café, sentamo-nos sozinhos perto de uma lareira, perto de delicadas xícaras. Amei aquela mulher, pelo resto da minha vida. (16)

John Fowles observou que seu romance *The French Lieutenant's Woman* [A mulher do tenente francês] nasceu de uma única imagem, vista por dez segundos num sonho. Aparecia uma mulher de rosto parcialmente coberto por um lenço, de pé na ponta de um cais, durante uma tempestade.

Meryl Streep representou a cena de maneira magnífica, no filme. Cenas posteriores deixam claro que a Misteriosa Mulher Oculta, como a chamei em outro lugar, gosta de privacidade, árvores pendentes, saias compridas, lugares sombreados debaixo das pontes, salas com luz mortiça. Uma intensa tempestade sexual num celeiro de feno significa mais para ela do que três anos de amor morno; ela quer paixão e decisão num homem, e leva com ela um desejo pesado, uma paixão que fica entre o sentimento erótico e a intensidade religiosa.

Dante, que conhecia muito bem os trovadores da Provença, escreveu vários poemas sobre a menina ingênua do balneário de Catskills; ou, mais precisamente, escreveu sobre uma mulher que tinha consciência do que encerrava, portanto não era ingênua, mas sabedora.

Nos olhos leva minha amada o Amor,
E enobrece tudo o que olha.
Onde ela passa, todos a admiram,
E aquele que saúda, treme tanto.
E abaixando o olhar, pálido, suspira,
Por todos os seus defeitos, um a um.
Fogem diante dela o orgulho e a ira.
Ajudai-me, senhoras, a louvá-la.
Toda a doçura e toda a humildade
Nascem no coração de quem a escuta.
E bem-aventurado o que a viu primeiro,
E ao que ela se parece, ao rir um pouco
Não se pode dizer, não se pode pensar,
tão raro e estranho milagre ela é. (17)

A beldade irlandesa Maud Gonne foi visitar a casa de Yeats quando o poeta tinha 18 anos. Foi um acontecimento para ele. Escreveu-lhe muitos poemas, tornou-se um orador público para ela, amou-a e quis casar-se com ela durante 30 anos, até que desistiu e resolveu casar-se com uma mulher comum. Mesmo depois dessa decisão, foi difícil

não pensar nela. Enquanto os amigos procuravam uma noiva para ele, Yeats escreveu este poema:

Uma, tinha um rosto adorável E duas ou três tinham encanto Mas encanto e rosto foram inúteis Porque a relva da montanha Não deixa de trazer a marca de onde deitou-se a lebre. (18)

As lebres das montanhas são selvagens; Yeats sugere a ligação de Maud Gonne com tudo o que é livre. Lembramos que o rapaz da nossa história faz a seguinte observação sobre a Mulher-Deus: "As flores silvestres lhe agradecerão mais."

Sabemos que a palavra "feminino" não é intercambiável com "mulher". As mulheres participam do feminino tal como a água de um jarro participa da luz que a atravessa. Kabir diz: "Tome um jarro cheio d'água e coloque-o dentro d'água—agora ele tem água dentro e água fora."¹⁹ Assim, a feminilidade é tão abundante quanto o oceano ou a luz, infundável, além dos jarros, e não obstante é aprisionada aqui e ali, envolvida aqui e ali — por vezes nos corpos das mulheres, por vezes nos corpos dos homens. Cada corpo, porém, contém apenas uma mostra do oceano, uma fragrância do mar. Blake diria: "O corpo nu da mulher é uma porção de eternidade demasiado grande para o olho do homem."

Em nossa história, esse jarro de água do mar aparece como a filha do Rei. Por que não poderíamos completar a iniciação sem ela? Todos nós temos idéias sobre isso, e vou apresentar uma.

Todo homem e toda mulher neste planeta está na estrada que vai da Lei às Lendas. Sem dúvida, toda pessoa que lê este livro está nessa estrada. A Lenda significa o que é úmido, pantanoso, selvagem, não domado. As Lendas são aquosas, se comparadas à secura da Lei. São necessários 20 anos para compreender as Leis, e, depois, toda uma vida para passar dali para as Lendas.

A Lei representa os mandamentos de que necessitamos para ficar vivos, a regra que diz em que lado da estrada andam os carros, a lei da gravidade. Precisamos aprender o axioma de que não podemos deixar a água entrar nos pulmões e continuar respirando; o ditame que nos impede de nos matarmos mutuamente por um pequeno desentendimento; o cânone contra a autodestruição; os postulados que encorajam a prudência, a polidez e a adequação; os preceitos que nos ajudam a controlar a nossa loucura. Alguns homens ficam com as regras. Yeats, falando dos homens que se tornaram eruditos, diz:

Todos se misturam ali; todos tosem tinta;
Todos gastam o tapete com seus sapatos;
Todos pensam o que os outros pensam;
Todos conhecem o homem que o vizinho conhece.
Senhor, o que pensariam
Se o seu Catulo andasse assim? (20)

Estamos todos a caminho da Lei para as Lendas, do dogma para o Midrash, do homem excessivamente obediente para a selvajaria. O rapaz da nossa história está, claramente, caminhando nessa direção. Prova disso é sua conversa com o Homem Natural sobre a bola dourada e, mais tarde, sua partida com ele. Quanto mais perto uma pessoa chega das Lendas, mais perto está da profundidade, da umidade, da espontaneidade e do desleixo. Alguns contos celtas descrevem "um pássaro com cabeça humana" que fala a um jovem herói sobre um cavalo peludo, que então leva o jovem para a orla do mar e o joga na água, onde o jovem lança pedaços de pão para os dragões no momento exato. Passamos assim de São Jorge para o dragão.

Como começou esse movimento? O escritor e analista John Layard diz que quando o homem está pronto para um movimento decisivo em direção às "Lendas", uma figura feminina cujo rosto "olha para os dois lados" pode surgir em seus sonhos.²¹ É como se ela tivesse duas faces: uma olha na direção do mundo das regras e leis, e a outra, na direção do mundo do desejo adragonado, umidade, selvajaria, condição masculina adulta. Essa figura onírica não é uma mulher de carne e osso, mas uma figura luminosa e eterna. É a Mulher dos Cabelos Dourados.

Supomos que alguma coisa parecida acontece com a mulher que está pronta para um movimento decisivo. Num certo momento, uma figura masculina cujo rosto olha para os dois lados aparecerá em seus sonhos. Mas estou apenas fazendo uma suposição. As mulheres sabem mais do que os homens sobre isso.

De qualquer modo, "A Mulher que Olha para os Dois Lados" surgiu agora em nossa história. Os russos a chamam, em seus contos de fadas, de "O Tzar que é também uma Mulher"; ela pode ser chamada de "A Mulher Atraída pelo Ouro", ou qualquer nome que possamos imaginar. Se lhe fosse dado um nome definitivo, como diz o Tao Te Ching, ela não seria o ser luminoso real, portanto não nos preocupemos com seu nome.

O mundo da Lei e o mundo das Lendas são duas partes distintas do universo, e talvez depois do aparecimento da Mulher que Olha para os Dois Lados, o homem seja capaz de ver esses dois mundos com

mais precisão, porque ela pode vê-los. A história do homem anda mais depressa.

Em sua capacidade de colocar em movimento a trama da vida, a Mulher de Cabelos Dourados assemelha-se ao feminino hindu, a Shakti, mais do que ao feminino ocidental, que o costume imagina como receptivo e passivo. Shakti, que vemos em muitas pinturas indianas, é ereta, instigadora, saltadora, feroz, ultrajante. Em algumas pinturas, Xiva jaz no chão, perto dela, ou mesmo sob os seus pés, evidentemente adormecido. Ele é, em contraste, receptivo, frio, deitado, profundamente interiorizado.

A relação dessa mulher instigadora com Maria Madalena merece ser examinada. Seu impulso de causar problemas, lançar a fagulha sobre a lenha seca, retirar energia da psique estagnante, agitar o mar com um único fio de cabelo, merece certo estudo e certa atenção.

Antônio Machado, baseando seu conhecimento na velha cultura árabe e persa, observa que mais cedo ou mais tarde o homem preocupado, ou que caminha, ou o homem concentrado, senta-se à beira da estrada.

Junto à estrada nos sentamos um dia
Toda a nossa vida agora se resume ao tempo, e nossa única
preocupação
as atitudes de desespero que tomamos
enquanto esperamos. Mas Ela não deixará de chegar. (22)

HERMES E A MULHER-DEUS

Saturno é o deus das cinzas, é o letárgico, deprimido deus que come cinzas e a quem o jovem adora quando é o momento de sua vida adequado às cinzas. Saturno é denso, condensado, pesado, impelido; torna-se disciplina em homens de sorte, e amargor em homens azarados. Ele é o deus do fracasso correto.

Hermes é o deus do sistema nervoso interior. Sua presença equivale a uma sabedoria celeste. Quando estamos na área de Hermes, as mensagens passam com velocidade fantástica entre o cérebro e as pontas dos dedos, entre o coração e os dutos lacrimais, entre os genitais e os olhos, entre a parte de nós que sofre e a parte de nós que ri. Hermes é Mercúrio, e sabemos que o mercúrio não pode ser agarrado na mão — rola para todos os lados, separa-se em minúsculas gotas, junta-se novamente, cai no chão, rola para baixo da mesa, movimentava-se com surpreendente rapidez. Em inglês, é corretamente

chamado de quicksilver, ou "prata rápida".

A energia mercurial é chamada, entre outras coisas, Odin no norte da Europa, Mercúrio na Itália, Hermes na Grécia. Seu dia da semana é wednesday (Dia de Odin) em inglês, e mercredi em francês.

Por vezes, quando amigos conversam numa sala fechada, o calor da palestra começa a aumentar; coisas espirituosas são ditas; as contribuições voam de todos os lados; surgem lampejos de imaginação; o genuinamente espiritual segue-se um instante depois do genuinamente obscuro. Hermes chegou. Nalgum belo momento da conversação, ocorre um silêncio que parece misterioso; todos hesitam em quebrá-lo. Na Espanha, até o século XV, esse silêncio era chamado "silêncio de Hermes". É o que diz López-Pedraza em seu belo livro sobre Hermes. (23)

A velha tradição sustenta que o verdadeiro aprendizado só ocorre quando Hermes está presente. Isso é desanimador porque os departamentos de inglês, os departamentos de sociologia, os departamentos de religião das universidades em geral mandam embora os professores dotados de energia Hermes. Todo o sistema de Ph.D. [doutorado] foi criado pelos alemães assassinos de Hermes. Hermes é mágico, amante do detalhe, malicioso, dançarino, simplório, e não um carreirista.

Hermes introduz informações verídicas na fração de segundo entre o momento que a língua começa uma palavra e o momento em que termina. Você planeja dizer "Esta é a minha mãe" e diz "Esta é a minha mulher". Eu fiz isso. Minha mãe pareceu muito contente. Você planeja dizer "farther" [mais longe] e diz "father" [pai], porque Hermes anda mais depressa do que o nosso pensamento. O que é chamado de lapso freudiano é, na verdade, uma precisão de Hermes. Ele esvazia a pomposidade, o pieguismo, a certeza, a auto-satisfação.

Hermes esteve ativo no jardim, escolhendo o momento em que o rapaz tira o gorro, mandando o raio de sol até o quarto da Princesa no segundo adequado, escolhendo as flores silvestres e não as cultivadas, e na oferta das moedas de ouro, mais tarde. Todo esse trabalho solar é dele. O planeta Mercúrio é o mais próximo do Sol e, portanto, o parente mais próximo do astro.

Os alquimistas sabiam que o mercúrio tem a capacidade de liquefazer o ouro e a prata. Sentimos como o masculino se pode tornar preso e rígido, e o feminino também. Mercúrio os torna mais flexíveis de alguma maneira, de modo que possam fluir. Na presença de Hermes,

um fluxo entre masculino e feminino em nossa história começou a acontecer.

O jovem, aluno de João de Ferro, recebe uma bênção múltipla: uma de Afrodite, que é outro nome da Mulher que Ama o Ouro; outra de Hermes. Hermes e Afrodite se entendem bem. Várias esculturas gregas que chegaram até nós mostram Afrodite passando a mão nos cabelos de Hermes. Sabemos que nem todo deus e deusa faziam um bom par: Hera e Zeus são exemplo disso. Mas Hermes e Afrodite juntos são tão bons que se tornam o modelo do hermafrodita. É uma união de almas — a do Hermes que há no homem com a da Afrodite que há na mulher, ou vice-versa.

A Mulher que Ama o Ouro arranca o gorro do rapaz, sabendo perfeitamente bem aquilo que o rei não sabia: o que havia sob o gorro. Ela dá ao rapaz moedas de ouro em troca das flores silvestres, e em cada ocasião ele diz: "Eu as darei aos filhos do jardineiro para brincarem com elas."

Isso significa que tudo o que se recebe no jardim deve ser dado. E o gorro tem de continuar na cabeça. Uma mulher pode estar muito ansiosa que um rapaz lhe mostre o seu ouro. Em geral, o público quer que os artistas mostrem o seu ouro imediatamente. Mas a história de João de Ferro deixa sempre implícito que o artista deve ser prudente em mostrar seus quadros aos 20 anos ou em publicar um livro cedo demais.

Se, como Keats, vamos morrer aos 25 anos, então tudo tem um tempo diferente. Mas para os que concordamos em viver mais, é importante colocar o gorro na cabeça, e dizer em relação às moedas: "Vou dá-las aos filhos do jardineiro para brincarem."

Já falamos no papel de Hermes em selar hermeticamente certos espaços interiores, mantendo do lado de fora o que deve ficar fora, e dentro o que deve estar dentro. Os homens que podem impedir-se de dar tudo ao trabalho e ao mundo, são capazes de entrar, finalmente, no espaço murado dentro do qual ocorrem certos fatos mágicos. Hermes, com seus poços e seus muros, organiza o jardim:

E pedi para ficar
Onde não chegam as tempestades
Onde o verde ondula nos portos silenciosos
Sem o balanço do mar.

João de Ferro quer que o jovem conheça o jardim. Uma vez conheci-

do o jardim—que pode levar dez anos para se desenvolver—, então poderíamos dizer que o jovem começou a honrar a sua própria alma, que aprendeu a ser um amante, e aprendeu a dançar.

NOTAS

1. Charlotte Guest, trad., *The Mabinogion* (Chicago, Academy Chicago Publishers, 1978).
2. John Cheever, "The Chaste Clarissa", em *The Stories of John Cheever* (New York, Knopf, 1978).
3. "Little Infinite Põem", de Federico Garcia Lorca, na versão inglesa de R. Bly, em *Lorca and Jiménez: Selected Poems* (Boston, Beacon Press, 1973).
4. "Heaven-Haven", de Gerard Manley Hopkins, *Poems and Prose*, org. W. H. Gardner (New York, Viking Penguin, 1953).
5. "I am too alone in the world", de Rainer Maria Rilke, na versão inglesa de R. Bly, em *Selected Poems of Rainer Maria Rilke - New York*, Harper & Row, 1981).
6. "Little Infinite Põem" de Federico Garcia Lorca, em *Lorca and Jiménez: Selected Poems*.
7. "The Minimal", de Theodore Roethke, *The Collected Poems - New York*, Doubleday, 1975).
8. "Someone Digging in the Garden", de Rumi, *Open Secret*, na versão inglesa de John Moyne e Coleman Barks (Putney, Vt., Threshold Books, 1984).
9. "The Mole" de Al-Muntafil, em Robert Bly, org., *The Sea and the Honeycomb*(Boston, Beacon Press, 1971).
10. "The meeting", de Ibn Hazm, em Bly, org., *The Sea and the Honeycomb*.
11. "When we are in love", de Robert Bly, *Silence in the Snowy Fields* (Middletown, Conn., Wesleyan University Press, 1962).
12. "It was among the ferns", de Robert Bly, *Loving a Woman in Two Worlds* (New York, Doubleday, 1985).
13. "Come to the Garden in Spring", de Rumi, *Open Secret*.
14. Marian Woodman, *Addiction to Perfection* (Toronto, Inner City Books, 1982).
15. "I have many brothers in the South", de Rilke, *Selected Poems*.
16. "A Dream of an Afternoon with a Woman I Did Not Know", de Robert Bly, *This Tree Will Be Here for a Thousand Years*(New York, Harper & Row, 1979).
17. "Ne li occhi porta" de Dante, *Vita Nuova*, XXI.
18. "Memory", de W. B. Yeats, *The Poems of W. B. Yeats*, org. Richard J. Finneran (New York, Macmillan, 1983), p. 149.
19. "Põem nQ 4", de Robert Bly, trad., *The Kabir Book* (Boston, Beacon Press, 1977).

20. "The Scholars", de W. B. Yeats, The Poems, p. 140.
21. John Layard, "On Psychic Consciousness, em The Virgin Archetype (Zurique, Spring Publications, 1972).
22. "Close to the road", de Antônio Machado, segundo versão inglesa de R. Bly, em Times Alone (Middletown, Conn., Wesleyan University Press, 1982).
23. Rafael López-Pedraza, Hermes and His Children (Zurique, Spring Publications, 1977).

Capítulo 6

TRAZER OS GUERREIROS INTERIORES DE VOLTA À VIDA

Michael Meade nos recorda o velho ditado celta: "Nunca dê uma espada a um homem que não sabe dançar." Nossa história diz que o passo seguinte para o rapaz é ser guerreiro; essa fase segue-se à do jardim.

O iniciador só oferece a espada depois que o coração do rapaz foi tocado pela privacidade e pela dança do amante. Notamos que os Fuzileiros levam o rapaz sem essa condição; oferecem uma espada a um homem que saiba ou não dançar.

Os Fuzileiros desenvolvem o guerreiro exterior; nós começaremos com o guerreiro interior.

OS GUERREIROS INTERIORES

O guerreiro no interior do homem americano tornou-se fraco nos últimos anos, e sua fraqueza contribui para uma falta de delimitações, condição de que já falamos antes como uma ingenuidade. Um homem adulto de 1,80m permite a outra pessoa que cruze seus limites, entre na sua casa psíquica, ofenda-o verbalmente, leve seus tesouros, e bata a porta atrás de si. O homem invadido ficará ali com um sorriso simpático e confuso no rosto.

Quando um menino cresce numa família "disfuncional" (talvez não exista nenhum outro tipo de família), seus guerreiros interiores serão mortos muito cedo. Os guerreiros, mitologicamente, erguem suas espadas para defender o rei. O Rei numa criança representa e defende o estado de espírito dela. Mas quando somos crianças nosso humor é condicionado facilmente, e dominado, pelo humor mais poderoso,

mais forte, mais aterrador, dos pais, na família confusa. Podemos dizer que quando os guerreiros interiores não podem proteger nosso humor da desintegração, ou defender nosso corpo da invasão, os guerreiros desabam, entram em transe, ou morrem.

Os guerreiros interiores de que falo não atravessam o limite agressivamente: eles existem para defender esse limite. A Fianna, aquele famoso grupo de guerreiros que defendeu as fronteiras da Irlanda, seria o seu modelo. A Fianna ficava alerta toda a primavera e verão, vigiando as fronteiras, e durante o inverno, recolhia-se.

Mas uma criança típica não tem essa proteção. Se um adulto faz um gesto de bater numa criança, ou enfia comida pela sua boca, não há defesa — isso acontece. Se o adulto decide gritar, e penetrar os limites auditivos da criança pela simples violência, isso acontece. A maioria dos pais invade o território da criança sempre que quer, e ela, tentando manter seu direito pelo choro, é simplesmente anulada, inclusive o seu estado de espírito.

Toda criança vive bem dentro da sua casa psíquica, ou castelo da alma, e tem o direito de soberania na área dessa casa. Sempre que os pais ignoram a soberania da criança, e a invadem, a criança sente não só raiva, mas também vergonha. Ela conclui que, se não tem soberania, não deve valer nada. Vergonha é o nome dado à sensação de que nada valem e somos inadequados como seres humanos. Gershen Kauffman descreve esse sentimento brilhantemente em seu livro *Shame [Vergonha]*, (1) e Merle Fossum e Marilyn Mason, no livro *Facing Shame [Enfrentando a vergonha]*, (2) ampliam o trabalho de Kauffman na área dos sistemas de vergonha familiar e seu funcionamento.

Quando nossos pais não respeitam nosso território, tal desrespeito parece prova esmagadora da nossa inadequação. Um tapa no rosto atinge profundamente, pois o rosto é o limite concreto de nossa alma, e fomos penetrados. Se o adulto decide cruzar as fronteiras sexuais e nos toca, não há nada que nós, como crianças, possamos fazer. Nossos guerreiros morrem. A criança, tão cheia de expectativas de bênçãos quando em companhia do adulto, enrijece com o choque, caindo na confusão intemporal e fossilizada da vergonha. E o que é pior, uma invasão sexual, ou um espancamento, geralmente leva a outro, e os guerreiros, se renasceram, morrem novamente.

Quando um menino cresce numa família alcoólatra, seus guerreiros são arrastados para o rio por uma enorme onda, e ali lutam, arrastados rio abaixo. A criança, menino ou menina, desprotegida, fica isola-

da, e tem mais em comum com o ganso branco do que com pessoas.

Os gansos brancos, trilhando as cortantes neves de Dakota,
Chegam às cercas de pequenas fazendas,
Deslizando entre gritos lançados à noite,
E fechando as asas móveis,
Pousam de leve por fim nos campos nus e nevados.
O pai bêbado arrasta o menino para dentro.
O menino foge, liberta-se, deixa a casa,
Passa aquela noite ao relento comendo com os gansos.
AH onde, alerta e equilibrando-se nos largos pés,
Cruzando fileiras, caminham pelos ramos quebrados. (3)

Não é de surpreender que essa criança, quando adolescente, procure aposentos de solteiro, mulheres maternais, gurus, sistemas, introversão, "não-alinhamento". Quando é mais velho, aos 30 ou 35 anos, ainda se sentirá desprotegido, e será incapaz de defender-se de outras pessoas enraivecidas pela sua própria desproteção.

Todo adulto ou irmão mais velho entra no quarto psíquico da criança quando quer, porque é como se não houvesse trinco do lado de dentro da porta. A porta abre-se livremente, levando-nos a intimidades impróprias, nas quais a mãe pode insistir, a um rebaixamento impróprio no qual o pai pode insistir, a um apalramento sexual no qual qualquer outra criança mais velha, ou babá, pode insistir, ao incesto físico ou psíquico. A porta abre-se livremente, poderíamos dizer, porque o trinco está do lado de fora.

Parece-me provável que a morte precoce dos guerreiros do homem impeça o crescimento da criança que existe nele. É possível que impeça também o desenvolvimento da mulher que existe no menino. Sabemos que Dickens, por exemplo, teve uma infância horrível, e observamos também que seus personagens femininos tendem a ser sentimentais e infantis. É possível que esses seres femininos infantis sejam projeções da sua atrofiada mulher interior, a quem seus guerreiros não puderam proteger contra a violência que o cercava.

O menino interior de uma família confusa pode continuar sendo envergonhado, invadido, decepcionado e paralisado, durante anos e anos. "Sou uma vítima", diz ele repetidamente. E é. Mas exatamente essa identificação como vítima mantém aberta a casa da alma e permite mais invasões. A maioria dos homens americanos de hoje não tem no seu interior guerreiros vigilantes ou vivos em número suficiente para defender suas casas da alma. E a maioria das pessoas, homens ou mulheres, não sabe como seriam os guerreiros exteriores ou

interiores autênticos, ou que sensação produziriam.

O GUERREIRO EXTERIOR, OU INDISCIPLINADO

O historiador cultural e mitólogo Georges Dumézil (4) fez-nos um grande presente com sua descoberta, e documentação maciça, da idéia de que a terra fértil das civilizações indo-européias é composta de três camadas distintas de solo: o Rei, o Guerreiro e o Agricultor. Esses três fios formam a tapeçaria. Há três tipos de cerimônias, três maneiras de viver a vida, três visões do mundo com deuses e deusas para cada uma delas.

A cultura romana tinha Júpiter na área real, Marte na área guerreira, e Quirino na área agrícola. A antiga cultura grega tinha Zeus e Hera na área do rei e rainha, Ares na área guerreira e Dioniso e Ariadne na área agrícola e vinícola. O norte da Europa tinha Odin na área do rei; os guerreiros tinham Thor e os agricultores, Frey e Freya.

A visão agrícola vê "fecundidade, abundância nos homens e bens, alimento, saúde, paz, satisfação sensual". A identificação habitual dos deuses e deusas com temas da fertilidade no século XIX parece hoje ser uma obsessão com esse nível de alimentação.

A visão real, dos olhos do Rei e da Rainha, vê a soberania, a paternidade política, a realeza, o sagrado e como administrá-lo. Examinamos essa visão no Capítulo Quatro.

Dumézil mostrou que a visão do guerreiro constitui o nível médio. Os olhos do guerreiro vêem combate e o uso da força no combate. Se Dumézil estiver certo, um terço das visões da raça indo-européia, no passado remoto ou próximo, foram visões da cabeça do guerreiro. Poderíamos dizer que um terço do cérebro de toda pessoa é de guerreiro; um terço dos instintos transmitidos pelo nosso DNA relacionam-se com o comportamento guerreiro; um terço de nossos pensamentos — quer isso nos agrade ou não — são pensamentos de guerreiro. É uma idéia moderadora.

Robert Moore, (5) psicólogo e teólogo, refletiu compulsiva e intensamente sobre o guerreiro, e vamos resumir algumas de suas idéias. Ele ressalta que, para os homens, o guerreiro é o que há de duro, em contraposição ao que é tenro. Ele pode dizer aos homens: "Você tem muito do guerreiro em si — não se preocupe com isso —, mais do que vai precisar. A questão é se você o honrará: se você o terá consciente ou inconscientemente."

A área de habilidades e experiência do guerreiro é o campo de batalha. A guerra que ali ocorre pode ser física, psicológica ou espiritual. Dentro daquele espaço ritual e reverberante, exército, tribos, divindades, até mesmo idéias, se organizam como adversários. Bandeiras são hasteadas, as vozes se tornam mais profundas, os cérebros se aguçam, a premência contrai os músculos. Velhos filósofos no estado de espírito guerreiro imaginam oposições: o reto e o curvo, o longo e o curto, o amargo e o doce. Homens extrovertidos com espírito guerreiro, como o general Patton, imaginam a batalha, aço contra o aço, a santidade do campo de luta — tão santo para eles quanto o campo semeado é para o agricultor—, imaginam a intensificação da adrenalina, o combate pessoal, o prazer do perigo, até mesmo a alegria de uma nobre morte.

Moore ressalta que a qualidade do guerreiro autêntico é estar a serviço de um objetivo maior do que ele próprio, isto é, de uma causa transcendental. Mitologicamente, ele está a serviço do Rei Verdadeiro. Se o Rei que serve é corrupto, como no caso de Ollie North, ou se não houve nenhum Rei, ele está servindo por ambição, ou poder, e então já não é um guerreiro, e sim um soldado.

Os astecas, quando conquistaram a cultura tolteca no México, aí pelo ano 1200, colocaram a classe dos guerreiros acima da casta dos cavaleiros. Era uma novidade na organização do mundo tolteca, e essa simples modificação condenou toda a cultura asteca. Os japoneses, cuja sociedade vem honrando o guerreiro há séculos, contam uma história sobre um lago que tinha perdido seu Rei; sem saber o que fazer, os habitantes do lago elegeram por fim uma garça (que no Japão está associada ao guerreiro) como Rei. A garça comeu todos os que viviam no lago.

Quando o guerreiro está, porém, a serviço de um Rei Verdadeiro — isto é, de uma causa transcendental — sai-se bem, e seu corpo se torna um servo trabalhador, que lhe é necessário para suportar o frio, o calor, a dor, as feridas, o medo, a fome, a falta de sono, durezas de todos os tipos. O corpo geralmente responde bem. A pessoa em contato com a energia guerreira pode trabalhar muitas horas, desconhecer a fadiga e fazer o que é necessário, terminar o Ph.D. e todas as notas de rodapé, suportar chefes de departamento desagradáveis, viver frugalmente como Ralph Nader, escrever como fazia T. S. Eliot sob uma única lâmpada pendente durante anos, limpar fezes e sujeiras interminavelmente como São Francisco ou Madre Teresa, suportar o desprezo, desdém e exílio como Sakharov. A mão de garras leva para longe o menino que ama o conforto, e o guerreiro adulto passa a habitar o corpo.

Como pode qualquer cultura complexa viver sem uma vigorosa energia guerreira? Os guerreiros exteriores dentro de certas mulheres são hoje fortes, por vezes mais fortes do que os existentes nos homens. Forças da sociedade contemporânea estimularam recentemente as mulheres a serem guerreiras, ao mesmo tempo que desestimulavam o espírito guerreiro nos meninos e homens.

Michael Meade ressalta a estratégia como uma qualidade essencial do verdadeiro guerreiro. A estratégia inclui a esperteza, a mundaneidade, a inteligência. O herói de alguma velha história, que procura encontrar a Mulher dos Cabelos Dourados, ou capturar os Três Garanhões Negros que vivem sob o mar, pode descobrir um gigante ou uma bruxa, ou os dois, obstruindo a estrada. A parte dele que é soldado diz: "Ataque o gigante ou a bruxa frontalmente. Mate-os!" O guerreiro tem de ser chamado para planejar uma estratégia. Aqui, a estratégia consiste no menino entrar na floresta do gigante batendo um tambor e, quando o gigante lhe pergunta por que faz isso, responde que está indicando o caminho a 10 mil homens que o seguem. Ele explica que os homens são pequenos, mas levam um martelo e serão capazes de arrancar o cérebro do gigante, quando este se deitar e dormir. O gigante gosta de dormir, e as coisas pequenas o aterrorizam, por isso geralmente ele procura o entendimento. A visão do guerreiro inclui essa estratégia astuta.

O GUERREIRO ETERNO, OU SAGRADO

Neil Forsythe inclui uma impressionante variedade de material mitológico sobre o Guerreiro Eterno em seu livro *The Old Enemy: Satan and the Combat Myth* [O velho inimigo: Satã e o mito do combate]. (6) O guerreiro físico, seja Rolando, Joana d'Arc ou Patton, ama o campo de batalha. O campo amado pelo Guerreiro Sagrado é o do bem e do mal, onde as Forças das Trevas combatem contra as Forças da Luz. A literatura antiga, como o Ramayana, encerra um número muito maior de descrições dessas batalhas abstratas, invisíveis, do que dos campos de batalha nos quais os seres humanos vivem e morrem.

No épico de Marduque, o nome do seu inimigo, Tiamat, (7) sugere, na língua babilônica, as forças caóticas do mar. Mitologicamente, o caos e o mal estão relacionados. O caos de Tiamat tem um tom feminino, e o de Humbaba, o gigante babilônico, tem um tom masculino.

Os textos cristãos chamam de Satã todas as forças do caos, dando-lhes assim um tom masculino; portanto, a batalha sagrada, para os cristãos, coloca frente a frente, um contra o outro, os dois

irmãos Cristo e Satã.

Milton, cuja vida teve muitas qualidades do guerreiro exterior, perdeu a vista combatendo com palavras a pequena nobreza agrária que queria voltar ao poder, depois da execução de Carlos I. Ele imaginou uma condição eterna de guerreiro ao escrever seu Paraíso Perdido. Ele amava o campo de batalha entre o bem e o mal tanto quanto Patton amava a batalha de tanques no norte da África.

Os antigos persas criaram o mais complexo desses campos divinos de batalha, onde Ahura Mazda (cujo último nome ainda enfeita algumas lâmpadas de iluminação) combate como o Guerreiro da Luz, e o Espírito Destrutivo, Ariman, combate como o Guerreiro das Trevas. O judaísmo imagina lavé como o Guerreiro da Luz, e Satã como o Guerreiro das Trevas.

O autor de Jó sugere que dentro de lavé existe um lado escuro. Quando ele destrói a saúde e a família de Jó, este percebe o "lado monstruoso e terrível de Deus", como diz Neil Forsythe. A Batalha Eterna pode, portanto, ser uma guerra entre Deus e Seu Inimigo, ou uma guerra entre as duas metades de Deus. Como seres humanos, sentimos essas guerras dentro de nós mesmos.

António Machado disse:

Todo homem tem duas
batalhas que trava:
luta com deus em seus sonhos,
e luta com o mar ao despertar.

Um Rei e Rainha Sagrados vivem no Reino Luminoso, perto de Dioniso e Jesus, mas o Guerreiro Sagrado também vive ali, ligado no universo. Sua batalha contra o caos, contra o mar, contra tiranos ambiciosos, contra a Grande Mãe, contra o Grande Pai Titã, contra anões, diabos e todos os inimigos de Deus, não terminará nunca. O judaísmo adotou como Deus um Deus Guerreiro Jeová, e não um Deus Rei; e todos nós herdamos do judaísmo-cristianismo aqueles músculos contraídos, e peitos cobertos de armaduras, do Guerreiro que Luta para Sempre.

O Guerreiro Sagrado tem um lado abençoado e um lado envenenado. Não causa surpresa, portanto, que os guerreiros da terra tenham também um lado sagrado e outro, mau. Um homem é um guerreiro abnegado que luta por uma causa além dele mesmo; outro, é um soldado enlouquecido, estuprando, pilhando, matando insensivelmente, lançando napalm sobre aldeias inteiras.

O Guerreiro Sagrado nos invade a partir do espaço eterno, como uma energia de furacão e uma força de torvelinho. O poder do guerreiro, alimentado de energia elétrica ou magnética, move-se além do véu de carne, e altera estados de espírito e impulsos, brilha através da cortina de pele e ossos, obriga o corpo a fazer o que o poder quer.

A força do torvelinho, quer seja do Homem Natural, do Guerreiro ou do Rei, pode ser imaginada como uma grande garra que atravessa a parede e retira o bebê humano. A garra invasora é perigosa. Mas devido a ela o ser humano vive momentos no outro mundo. O velho guerreiro viquingue, por exemplo, que ficava alucinado — vestido de urso —, fazia uma viagem ao outro mundo, da qual finalmente voltava. O folclore do norte da Europa inclui muitas histórias sobre essa experiência. Um guerreiro veterano adormece sentado numa cadeira, certo dia, em sua casa. Naquele exato momento um enorme urso surge no campo de batalha, ataca e luta contra o inimigo. Se o urso for ferido na pata direita, o homem, ao acordar exausto e confuso, encontrará um ferimento em sua mão direita.

O guerreiro físico, quando bem treinado, pode atravessar uma porta, e na outra sala encontrar o guerreiro "quente", de mente sombria. A literatura descreve os guerreiros celtas e viquingues que foram "longe demais" naquele mundo, seguindo a mão de garras; e homens e mulheres os resfriaram e os reintroduziram com grande cuidado na comunidade humana. Nós deixamos nossos guerreiros enlouquecer, e depois simplesmente os atiramos nas ruas.

Podemos dizer, então, que foi perdido o conhecimento da condição guerreira, e de como tratar do seu lado escuro e como admirar seu lado positivo. Simultaneamente, o próprio guerreiro, ou a imagem que dele temos, sofreu um colapso em todos os três mundos.

Milton, como observou Blake, realmente queria que Satã ganhasse. Para as velhas mitologias, o desejo de Milton é uma grande traição. Nós, e Milton, romantizamos o caos. Talvez nós, como povo industrial, desejemos secretamente que o caos venha afrouxar nossas vidas rigidamente estratificadas. A Índia continua exultando com as vitórias de Krishna contra os gigantes e demônios, e os adoradores de Bali representam diariamente, nos templos, cenas fantasticamente vívidas da batalha entre os princípios do mal e os princípios do bem, e a vitória do bem no Ramayana. Mas não temos muita certeza de que desejamos a vitória de Krishna, e preferimos Woody Allen ao Ramayana. Planejamos enfrentar os inimigos de Deus com um pouco de humor e uma multa por não-aceitação. A falta de imaginação torna-nos inca-

pazes de ver o que é o caos, e a história recente do Irã deixa claro que um fundamentalismo sem humor não substituirá a imaginação ausente. A condição de guerreiro sagrado no mundo muçulmano foi reduzida a uma guerra entre o Irã e o Iraque, tal como o nosso acalorado e imaginativo prazer nas guerras da imaginação, durante a época de Artur, tornou-se concretizado na "Guerra Fria".

Quando o Guerreiro Sagrado cai, ele arrasta os guerreiros dos outros dois lugares em sua queda. A tradição cavaleiresca, que surgiu na Europa nos séculos XI e XII, tentou, valendo-se de fontes árabes e persas, manter o ideal guerreiro na vida culta, modificando-o no sentido da elegância, compaixão, sacrifício e identificação de ideais. Ainda no século XVIII, na Itália, a linguagem dos guerreiros incluía imagens do amante.

Terry Dobson, estudioso e mestre do aikido, que ensinou a tantos de nós a bondade possível dentro do guerreiro, encontrou esse trecho, dito em 1465 pelo cavaleiro francês Jean de Breuil:

A batalha é algo alegre. Amamo-nos uns aos outros tanto na batalha. Se vemos que nossa causa é justa e nossos parentes lutam com valentia, as lágrimas nos vêm aos olhos. Uma doce alegria se eleva em nossos corações, no sentimento de nossa sincera lealdade mútua; e ao ver nosso amigo expor tão corajosamente o seu corpo ao perigo, a fim de cumprir o mandamento de nosso Criador, decidimo-nos a avançar e morrer ou viver com ele, pelo amor. Isso provoca tal prazer que quem não o tenha sentido não pode dizer como é maravilhoso. Achas que alguém que sente isso tem medo da morte? Absolutamente não! Fica tão fortalecido, tão satisfeito, que não sabe onde está. Realmente, ele não teme nada no mundo! Vemos aqui a fusão do amante e do guerreiro. Essa fusão, porém, agora desapareceu quase totalmente. O guerreiro físico desintegrou-se no soldado quando começou a guerra mecanizada.

Algumas pessoas acreditam que o guerreiro consciente e seus ideais acabaram durante as últimas batalhas da Guerra Civil Americana, que foram uma carnificina. O general Grant viu isso e preferiu continuar bêbado. Em Ypres, em 1915, cem mil jovens morreram num dia, todos eles sem ter visto os metralhadores que os mataram.

O que restou do guerreiro desapareceu com os bombardeios em massa de Dresden, as bombas sobre Nagasaki e Hiroshima, e os bombardeios dos campos de arroz do Vietnã pelos B-52.

A guerra contemporânea, com sua destruição mecânica e insensível, fez o calor da agressão parecer horrível. Ares não está presente no campo de batalha contemporânea. Os veteranos do Vietnã sofreram danos em sua alma quando foram para a batalha, imaginando que serviam a um deus guerreiro, e voltaram sem deus. "As mulheres odeiam a guerra mas amam os guerreiros", diz-se com freqüência. Isso já não é verdade. A maioria das mulheres no Ocidente não vê razão para distinguir o guerreiro do soldado, ou o soldado do matador. Foi uma loucura associada ao guerreiro que — na última guerra — destruiu a própria essência da cultura que cumpria outrora ao guerreiro preservar. Mulheres de outros países podem ver isso de maneira diferente. Uma russa de Kiev, cuja geração de mulheres viveu por muitos anos sem homens da sua idade, disse-me: "Todos os jovens que ficaram depois da batalha de Kiev foram para Moscou, defendê-la. Nenhum deles voltou." Ela continuou: "Sei que as mulheres nos Estados Unidos estão irritadas com os homens porque são agressivos demais, e outras coisas assim. Não sentimos o mesmo. Se os homens russos não tivessem neles um grande impulso de agressão, os alemães estariam em Moscou neste momento. Quando se foi invadido, a questão da agressividade assume outro aspecto."

Todos nós podemos acrescentar outros detalhes ao relato que fiz do declínio do guerreiro para soldado, e deste para matador, mas é importante observar o resultado. O guerreiro disciplinado, que a guerra mecanizada tornou irrelevante, desdenhado e abandonado pela cultura da alta tecnologia, está desaparecendo nos homens americanos. O sumiço do guerreiro contribui para o colapso da sociedade civilizada. Um homem que não sabe defender seu próprio espaço não pode defender suas mulheres e filhos. Os guerreiros envenenados, chamados senhores das drogas, buscam recrutas principalmente entre rapazes sem rei e sem impulsos guerreiros.

E tudo isso se move rapidamente. As mortandades maciças de 1915 acabam com o guerreiro disciplinado ou exterior e, em seguida, dentro de 30 anos, os guerreiros dentro do homem ocidental começam a enfraquecer. O duplo enfraquecimento nos faz compreender como o mundo exterior está ligado ao mundo interior, como são sérios os fatos da História.

Nosso conto remonta a uma época em que o guerreiro ainda era respeitado. Veremos agora como o autor apresenta esse guerreiro.

A HISTÓRIA: A CENA DA BATALHA

Pouco depois, o país foi varrido pela guerra. O rei reuniu suas

forças, embora duvidando que pudesse vencer o inimigo, que era poderoso e dispunha de enorme exército. O ajudante de jardineiro disse: "Eu agora estou crescido e irei para a guerra se me derem um cavalo." Os homens mais velhos riram e disseram: "Quando tivermos partido, procure na cocheira. Vamos deixar um cavalo para você."

Quando todos se foram, o rapaz foi à cocheira e tirou o cavalo: era manco de uma perna e capengava. Montou-o e dirigiu-se à floresta escura.

Quando chegou à orla, gritou três vezes "João de Ferro", tão alto que o grito ecoou pelas árvores.

Num momento o Homem Natural lhe apareceu e perguntou: "O que desejas?"

"Quero um cavalo de batalha bem forte, porque pretendo ir à guerra."

"Tu o terás, e mais ainda do que pediste."

O Homem natural voltou-se, retornou à floresta, e pouco depois um moço de cavalaria saía de entre as árvores puxando um cavalo de batalha que soprava pelas ventas e era difícil de conter. Correndo atrás do cavalo vinha um grande grupo de guerreiros totalmente vestidos em armaduras, as espadas brilhando ao sol. O rapaz entregou ao cavalaria o seu cavalo manco, montou o novo animal e saiu cavalgando à frente dos soldados. Quando se aproximava do campo de batalha, uma grande parte dos homens do rei já tinha sido morta, e pouco faltava para que ele sofresse uma derrota total.

O rapaz e seus guerreiros galoparam sobre o inimigo como um furacão e derrubaram todos os seus adversários. O inimigo fugiu, mas o rapaz o perseguiu até o último homem. Depois, em vez de voltar para a presença do rei, levou seu grupo por caminhos pouco conhecidos de volta à floresta, e chamou João de Ferro.

"O que queres?", perguntou o Homem Natural.

"Podes levar de volta o teu cavalo e teus homens, e devolve-me o meu cavalo manco."

Tudo foi feito como ele pediu, e lá se foi o rapaz de volta ao

castelo num animal que mancava.

Quando o rei voltou, sua filha congratulou-se com ele pela vitória.

"Não fui eu quem a conquistou, mas um cavaleiro estranho com seus guerreiros, que chegaram para me ajudar."

A filha perguntou quem era esse estranho cavaleiro, mas o rei não sabia e acrescentou: "Ele galopou em perseguição do inimigo, e não o vi mais." A moça procurou o jardineiro e perguntou pelo rapaz, mas ele riu e disse: "Acabou de chegar em seu cavalo de três pernas. Os ajudantes de jardinagem zombaram dele, indagando: 'Adivinhe quem chegou? O manquitola?' Depois, disseram-lhe: 'Você esteve escondido, hein? Que tal?' O rapaz respondeu: 'Lutei, e muito bem; se não fosse por mim, quem sabe o que teria acontecido?' Eles quase morreram de rir."

O trecho começa com a afirmação de que o reino foi invadido. Se os personagens de um conto de fadas formam todos uma psique — a nossa —, teremos de concluir que a nossa própria psique foi invadida. Parece-me que a batalha surge neste momento da história não porque um inimigo tenha ocupado a psique há um ou dois dias, mas porque o ajudante do jardineiro compreende por fim que a invasão ocorreu. E que agora está se intensificando.

Há séculos os observadores vêm notando que, quando o esforço de mudança aquece a psique, o próprio calor atrai demônios, ou complexos adormecidos, ou acerbos inimigos do espírito — algum tipo de problema.

As pessoas que fazem parte de um grupo de meditação podem contar, durante horas, histórias sobre este fenômeno: começam a meditar; tudo corre melhor do que nunca para eles durante duas ou três semanas, e, subitamente, a proprietária os põe fora do apartamento; uma obturação cai de um dente; a lavanderia perde sua roupa; alguém arromba seu carro — e assim por diante.

Essas histórias indicam uma invasão renovada ou mais intensa. Mas quem está invadindo?

Durante todo o tempo em que freqüentávamos a universidade, ou preparávamos uma carreira, ou ansiávamos pela pureza, uma força misteriosa estava invadindo o Reino. Frequentemente, homens e mu-

Iheres em torno dos 20 e poucos anos sentem-se, de repente, em perigo. Uma voz secreta diz: "Você deve mudar, agora. Se não o fizer, será tarde demais."

Quando eu tinha cerca de 30 anos, descrevi o invasor como uma serpente:

O macaco, sozinho em sua jaula de bambu, sente
O cheiro da cobra, e grita, mas ninguém ouve.
O túmulo avança de sua emboscada,
Contorcendo-se lentamente, com seu movimento sinuoso,
Passando sob ramos e através de túneis de folhas,

Deixando cães e ovelhas mortos onde dormiam.
Alguma coisa brilhante dentro de nós, que
Nos serviu bem, sacode as barras de bambu.
Ela pode ter ido antes de acordarmos?

Há um país invadido, e há um invasor, há uma parte de nós espiritualmente esperançosa, e uma parte perigosamente hostil. Há uma parte da alma que é como uma pomba, e outra parte que tem presas. César Vallejo disse:

E se depois de tantas asas de pássaros,
O pássaro parado não sobreviver!
Será realmente melhor
Que sejamos todos engolidos agora, e acabemos! (10)

A invasão é mais do que uma manobra diversiva ou um aborrecimento. A história diz que o Rei está perdendo a batalha. Evidentemente, o centro da psique não pode proteger seu território. Um inimigo foi ativado, e a alma já não tem apoio, nem companhia, nem harmonia, não está in harmonium, como diria Wallace Stevens.

Recordando o campo de batalha onde luta o guerreiro eterno, poderíamos supor que o inimigo invasor da alma é o próprio mal, mas não parece ser assim. O invasor poderia ser o caos, mas o inimigo também sente como se ele fosse parte da nossa própria alma.

"O leão e o favo de mel, o que disse a Escritura?" Abelhas fazem mel dentro da carcaça do leão hostil.

Se o Rei estiver realmente perdendo a batalha, é tempo de o guerreiro em nós aprender a lutar. Notamos que o guerreiro leva a batalha até o fim, sem pensar em meias medidas — sem recuo.

O lobo que engoliu seis crianças tem de ser morto; não se fala em meias medidas como uma terapia para o lobo. Tudo isso é trabalho interior com lobos interiores, mas a atitude tem de ser decisiva. Se não houver uma atitude decisiva, o lobo simplesmente continuará a comer nossos "filhos".

Sentimo-nos aqui numa situação religiosa, talvez num ritual religioso. Aquilo que é "morto", transforma. Sabemos que quando um homem, por exemplo, adotava a religião mitríaca na época romana, um sacerdote matava um touro na sua presença, e o noviço dizia: "Tal como o Deus mata o touro, mato as minhas paixões."

Também sabemos que na caverna mitríaca, onde eram realizadas as cerimônias, um quadro sobre a execução do touro girava sobre dobradiças, e do lado oposto mostrava o vinho — pois o sangue do animal se transformava em vinho — e trigo, que cresce do touro morto. Da mesma forma, no Egito, a cada primavera mostravam o trigo nascendo da camada de terra que tinha sido cuidadosamente colocada em volta e sobre o corpo morto de Osíris.

É possível que a cena de batalha que discutimos aconteça num espaço ritual, e esperamos que alguma espécie de trigo, ou milho, ou mel, venha desses "corpos".

Mas em primeiro lugar podemos considerar a cena de batalha como a iniciação do rapaz nas intensidades guerreiras. Ela lhe diz que é certo estar em contato com o inimigo. Ser passivo, ou contratar um especialista para combater nosso inimigo, não tem valia. Gosto muito do fato de o inimigo em nossa história não ser nunca identificado.

GANHAR UM CAVALO DE QUATRO PATAS

Um detalhe notável que se destaca dessa cena e requer certa interpretação é o cavalo de três pernas que o rapaz encontra na cocheira. Esse cavalo não parece uma boa notícia quando o vemos de pé, e evidentemente parecerá ainda pior quando montado. Poderíamos examinar o que representa um cavalo numa história como esta, e qual poderia ser a diferença entre três pernas e quatro.

"Quatro" é completo pelo fato de representar a cidade de quatro portas, as quatro direções, os quatro rios do Paraíso, as quatro estações, as quatro letras do Sagrado Nome, os quatro cavalos da carruagem solar, as quatro cordas do sistro. Um velho poema diz:

Um para o sofrimento,
Dois para a alegria
Três para o casamento,
Quatro para o nascimento.

Três, por outro lado, fica um pouco aquém. Uma cidade com três portas não é tão impressionante quanto outra de quatro, e um planeta com apenas três direções nos pareceria estranho. Amanhecer, meio-dia e poente representam as três partes de um dia, mas a noite fica de fora. Outono, inverno e verão não seriam aceitáveis para os agricultores, pois precisam da primavera. Temos, portanto, de pensar que alguma coisa importante está faltando.

Quanto ao cavalo, suas associações abrangem céu e terra. O cavalo lembrou aos seres humanos as ondas do mar, os mortos, o trovão, a energia sexual, em particular a energia dos homens, da Grande Mãe, pois Lady Godiva montou um cavalo de glória e riqueza, e de energias divinas, como os quatro cavalos do Apocalipse.

O cavalo, quando contrastado com seu cavaleiro, lembra aos homens e mulheres o lado animal dos seres humanos, e do corpo. O cavaleiro representa a inteligência, ou intelecto, ou mente, e o cavalo, os desejos e instintos e energias animais que têm ali sua origem.

Vou considerar a quarta perna como uma perna envergonhada. Suponho que o corpo animal do rapaz tenha sido aleijado pela vergonha; o adolescente desajeitado é coxo porque tem uma perna envergonhada.

Já falamos da vergonha e do seu poder. A vergonha pode vir de muitas fontes: de pais que deliberadamente envergonham os filhos para torná-los mais controláveis, de pais viciados que nos envergonham como o efeito colateral do seu vício, ou de pessoas como nós, que nos envergonham para se livrarem de parte de sua própria vergonha. Pedir uma resposta de um dos pais e não a receber é motivo suficiente de vergonha; podemos assimilar um progenitor envergonhado e receber a vergonha como legado; toda invasão, seja o abuso sexual ou físico, produz em cinco minutos uma vergonha que dura 30 anos. Fingir, simplesmente, uma falsa personalidade para agradar nossos pais pode provocar vergonha a vida inteira. A vergonha que recebemos de professores irritáveis, padres católicos maníacos, ou do nosso próprio perfeccionista interiorizado, aumenta o volume de vergonha que é jogado dentro da nossa perna oca, e cada gota de vergonha aumenta nosso isolamento. Frequentamos encontros secretos de desculpas, submissão, ressentimento e colaboração.

Quando éramos muito pequenos, nosso cavalo tinha todas as quatro pernas e vivia alegremente todas as sensualidades em que pudesse galopar. Quando a criança em nossa cultura chega aos 12 anos, pelo menos uma de suas pernas estará manca devido à vergonha, quer ela viva numa família "disfuncional" ou não.

Nenhum de nós sabe, aos 12 anos, como curar da vergonha o nosso cavalo. A história sugere que o cavalo de um menino tem de ser levado a um homem mais velho, ou a um mentor, ou, colocando a cena no nível imaginativo, precisa ser levado ao Homem Natural. Tiramos o rocim do celeiro, onde os "rapazes mais velhos" o deixaram para nós; cavalgamos até a orla da floresta; e então pedimos ao Homem Natural um cavalo melhor. Sabemos que temos de devolvê-lo, mas para saber o que seria montar um animal não manco, mesmo por uns poucos minutos, vale tudo.

Numa versão sueca, o cavalo de quatro pernas vem diretamente da terra. Em nossa versão, ele aparece vindo da floresta com cerca de 50 homens armados correndo junto com ele, "suas espadas brilhando ao sol". Esses homens decididos, agora, serão úteis. Suas armas são importantes.

João de Ferro, ao emprestar-nos o cavalo, não acaba com a nossa vergonha antiga, pois ela não pode ser eliminada. Podemos, porém, trabalhar para impedir novas vergonhas. E podemos aprender que ligação ainda temos com aquele antigo cavalo de quatro pernas da infância. É isso que o Homem Natural quer dizer, quando afirma: "Eu te darei o que pedes, e mais."

A CONDIÇÃO DE GUERREIRO NO ENSINO, NA LITERATURA E NA CIÊNCIA

Nos mosteiros tibetanos dos séculos XII e XIII os jovens noviços budistas ficavam em fila num corredor, uns de frente para os outros. O mestre budista caminhava entre eles, gritando perguntas: "Qual era o rosto de Buda antes de nascer?" Os jovens ouviam os gritos animados uns dos outros, e os do mestre, dando as respostas. A adrenalina enche o cérebro, as cordas do instrumento musical do pensamento são retesadas, o cérebro torna-se um falcão que mergulha e volta a elevar-se no ar, afastando-se do pulso, na caça de comida.

Padre Ong, sacerdote e autor de *Orality and Literacy*, escreveu recentemente um artigo sobre o destino daquele combativo método de ensino no Ocidente. Os famosos debates sobre anjos, na Idade Média,

pertenceram a esse ensinamento combativo, hoje ridicularizado, embora Henri Corbin (11) tenha mostrado que equivaliam a uma batalha entre Aristóteles e Avicena. Questões fundamentais da alma — por exemplo, a existência do que Corbin chama de "mundo imaginário" — estavam em jogo. Avicena afirmou que havia um terceiro reino entre o espírito e o corpo; Aristóteles negou isso.

Padre Ong observa que os debates combativos sobrevivem em certas universidades européias, mas quase desapareceram das universidades americanas. Homens sem tradição familiar de debates vivos podem sentir-se esmagados nessas discussões. Além disso, alguns homens e mulheres não gostaram desse modo de aprender: o modo competitivo, a agressão e a ferocidade da frase não lhes agradavam, e uma certa piedade pelo perdedor afetava a alegria do combate.

Mas o desaparecimento de debates acalorados é uma perda. Quando desaparece o alegre combate verbal, a condição guerreira é reduzida ou restringida à luta livre, ao futebol, às artes marciais, à guerrilha, aos filmes violentos.

Tanto a ciência como a literatura avançam por meio de batalhas rituais entre gerações. Eliot inventa um novo estilo de monólogo poético, e expulsa do campo Robert Browning. A chamada "nova crítica" empreende a batalha ritual com a "crítica histórica" na mesma época. Mais tarde, a crítica esquerdista da década de 1930 ataca a nova crítica — e assim por diante. Se cada geração materializa certo impulso guerreiro, a literatura avança e escapa da estagnação. Os ossos da linguagem são quebrados, mas o fluxo continua.

José Ortega y Gasset (12) descreve em detalhe esse combate entre os pensadores astronômicos, começado aproximadamente cem anos antes de Galileu. A ciência adotou a luta das gerações durante o Renascimento, como um meio de progresso, e ainda a usa.

Blake travou uma luta mental contra Newton:

Não cessarei a Luta Mental,
Nem a Espada dormirá em minha mão
Até que eu construa Jerusalém
No verde e agradável solo da Inglaterra.

Os ideais do guerreiro também têm um lugar nos negócios. Desde o tempo dos xoguns, os japoneses estudaram os atos de auto-sacrifício exigidos pelo ideal guerreiro, e esse estudo parece ter fortalecido a

responsabilidade ou dever que assumem com os empregados das suas companhias. Nos Estados Unidos, os donos de companhias, durante o século XIX, tinham um senso do dever tão limitado que os sindicatos tiveram de agir para proteger os trabalhadores. Hoje em dia, os principais executivos na América passam de companhia para companhia com volubilidade, aprovam bônus para si mesmos pouco antes da bancarrota, vendem o fundo de pensões, e assim por diante. Tais homens certamente não estão construindo Jerusalém.

É estranho como os contribuintes usam tão poucas espadas contra esses crimes, ou contra a ambição das poupanças e empréstimos, ou contra a recusa dos candidatos a presidente a debaterem essas questões.

Mencionei, num capítulo anterior, o homem que estava literalmente impossibilitado de estender o braço quando sua mão se crispava numa espada, mesmo que fosse de madeira. O colapso do guerreiro significa que a espada é jogada fora. Desde então, encontrei muitos homens bons que dizem que se alguém lhes der uma espada, eles a quebrarão ou a enfiarão na terra e irão embora.

O MITO PELASGIANO DA CRIAÇÃO

Sabemos que mais de um homem americano precisa, hoje, de uma espada para separar sua alma adulta da sua alma voltada para a mãe. Os iniciadores aborígenes australianos usam tal espada precisamente para cortar esse cordão umbilical psíquico. A espada tem o gume que corta o apego ao amor, corta a jactância juvenil, separando-a da firmeza adulta, e afasta a agressão-passiva da fúria. Os tibetanos referem-se a essa aguçada espada interior como "a espada Vajra". Semeia, dizem, nenhuma vida espiritual é possível, nenhuma vida adulta.

Nós também precisamos de uma espada para nos separar da nossa autopiedade. A condição de vítima nos pode ter sido inadvertidamente imposta quando éramos crianças, por um tipo hostil, uma irmã ou irmão brutal, ou um pai ou mãe violentos. A alma da vítima fica amarrada, como um gêmeo siamês, à autopiedade, ressentimento, depressão, baixa auto-estima, passividade e raiva. Quem irá separar essas emoções da alma?

Os gregos admiravam um mito da criação pelasgiano, diferente do mito da criação olímpico, e mais antigo. Esse mito diz que havia outrora um ovo flutuando no oceano. Então uma espada começou a mover-se em direção ao ovo, e o cortou em dois. Acontece que Eros estava

dentro do ovo.

Se o ovo continuasse inalterado, não haveria Eros no mundo. Sem espada não há Eros, diz o mito. O amor dos pais pelo filho, o amor do homem por uma mulher, o amor da mulher por um homem, o amor da abelha pela colméia, o amor do crente por Deus — nada disso existe sem a espada.

Essa história da criação é uma história de separações. Quando apareceu a matéria, o Grande Separador chegou e a dividiu em pesada e ligeira. A ligeira subiu e a pesada afundou. Depois, o Divino Separador apareceu mais uma vez, e dividiu a ligeira, de modo que uma parte tornou-se Fogo e a outra, Ar. Em seguida o Divino Separador dividiu a matéria pesada, de modo que uma parte tornou-se Terra e a outra, Água. O Divino Separador ou Logos, dividiu a terra de modo que uma parte ficou sendo continente e a outra, ilha. Mais uma vez a espada dividiu a água em salgada e doce. A espada continuou dividindo e dividindo. Esses cortes resultaram, por fim, no mundo belamente articulado, cantante, maravilhosamente detalhado, brilhante de minúcias adoradas pelos paisagistas. Por que teríamos medo de cortes? Podemos ver como essa história é diferente do "E Deus criou o céu e a terra".

Pitágoras, que gostava desta história da criação, disse que, se olhássemos com atenção, poderíamos ver também os traços que o Divino Separador deixou à medida que avançava para o reino invisível. O Separador deixa atrás de si, como suas pegadas, pares de contrários que existem por toda parte. Poderíamos mencionar a direita e a esquerda, o reto e o curvo, o masculino e o feminino, o limitado e o ilimitado, o móvel e o imóvel, e assim por diante. Examinaremos esses contrários logo mais, neste mesmo capítulo.

Jung referiu-se ao valor do que é distinto em seu estranho trabalho chamado "Sete Sermões aos Mortos". (13) Notamos que o gavião continua sempre gavião, mesmo quando vive entre corujas; a coruja continua sempre coruja, mesmo quando vive entre porcos-espinhos. Os seres humanos, porém, são sugestionáveis e podem perder suas características. Quando se fundem nas "massas", como no fascismo, perdem a sua distinção. Os gnósticos imaginavam um lugar chamado Pleroma, que é uma grande abundância, mas também uma enorme indistinção. É desejável, portanto, que homens e mulheres pretendam a distinção, conscientemente. É perigoso se não o fazem.

Muito se discute hoje sobre quanto de distinções devem ser pretendidas pelos sexos. A implicação do mito pelasgiano é que a "prodigiosa

complexidade" que todos nós amamos depende, tanto na natureza como na cultura, de um amor pelo que é característico.

A CONDIÇÃO DE GUERREIRA NO CASAMENTO E NO RELACIONAMENTO

A luta consciente é uma grande ajuda nas relações entre homens e mulheres. Jung disse: "Os casamentos americanos são os mais tristes no mundo, porque o homem realiza toda a sua luta no trabalho."

Quando homem e mulher estão frente a frente discutindo, o que quer o homem? Em geral, ele não sabe. Quer que o conflito termine porque tem medo, porque não sabe lutar, porque "não acredita na luta", porque nunca viu sua mãe e seu pai lutarem de maneira proveitosa, porque seus limites são tão mal defendidos que todo golpe de espada penetra no centro mesmo do seu peito, que é frágil e temeroso. Quando o homem dá gritos de raiva, isso significa que seus guerreiros não foram capazes de proteger-lhe o peito: as lanças já penetraram e é tarde demais.

Michael Meade sugeriu que as duas partes do casamento comecem identificando as armas que lhes chegaram desde os seus antepassados. Talvez a mulher tenha herdado a adaga curta usada inesperadamente e a maça pontuda com que golpeia a cabeça do soldado infante quando a discussão vai adiantada. O marido pode ter herdado uma espada larga que gira quando tem medo, em grandes círculos indiscriminados, e que diz "nunca" e "sempre". "Você sempre fala como sua mãe." Ele poderia acrescentar a isso a fina lança da ironia.

Algumas pessoas também usam a "lança da porta". Quando a discussão termina, e a mulher está, digamos, saindo para trabalhar, o homem diz: "Por falar nisso", e a lança a prende na porta.

Homem e mulher poderiam dizer que armas planejam usar da luta específica que se aproxima. Nessas conversas preliminares, o guerreiro do homem e o guerreiro da mulher são bem recebidos e bem tratados na casa. Uma boa luta esclarece as coisas, e creio que as mulheres gostam de lutar e estar com homens que sabem lutar.

Quando ambos usam suas armas inconscientemente, ou sem mencioná-las, tropeçam na batalha, e no final as duas crianças interiores podem estar muito feridas.

O guerreiro adulto que existe dentro dos homens e mulheres, quando

treinado, pode receber um golpe sem cambalear ou cair, sabe como lutar por objetivos limitados, tem presentes as regras do combate, e em geral realiza uma luta limpa, podendo estabelecer limites.

Marie-Louise von Franz contou certa vez uma história sobre uma amiga. (14) "Essa mulher tinha feito vários casamentos, que corriam bem até haver uma discussão, quando, num acesso súbito, dizia coisas prejudiciais. As brigas ferozes continuavam, até que finalmente o homem a deixava. Um dia ouvimos dizer que ela havia encontrado um novo marido, e dissemos: 'Ora, vai começar tudo outra vez.' Mas alguma coisa diferente aconteceu. Poucas semanas depois da lua-de-mel, a mesma velha briga começou, ela soltou seu veneno e disse coisas terríveis. O marido empalideceu, mas, para surpresa dela, nada disse, e saiu da sala. A mulher o encontrou no quarto, arrumando as malas. 'O que está fazendo?', perguntou. 'Você agora espera que eu aja como um homem e grite também com você, mas não sou assim. Não permito que ninguém me fale da maneira como você falou, e estou indo embora.' Ela ficou espantada. Pediu-lhe que não se fosse, e o homem ficou. O casamento continua até hoje."

Essa história não é perfeita. Se uma mulher tem uma discussão justa, não está certo que o homem parta; ele deve ficar e lutar. Mas quando von Franz usa a expressão "num acesso súbito", está querendo dizer que sua amiga costumava ficar possessa. Seus ataques pertenciam, metaforicamente, ao reino de Kali, e não ao reino humano. Os homens também, com frequência, cruzam essa linha. Nosso guerreiro interior pode dizer quando o interlocutor está do nosso lado na linha humana, e quando passou para o outro.

Marian Woodman observa em *The Ravaged Bridegroom* [O noivo devastado]: "A irritação nasce do nível pessoal, a raiva de um núcleo arquetípico... A raiva em ambos os sexos vem de séculos de abusos. Se introduzida nas relações, ela destrói. Agredir-se mutuamente em estado de transe nada tem a ver com a liberação."¹⁵ O guerreiro interior, tanto nos homens como nas mulheres, pode ajudá-los a lutar no plano humano. Se homens e mulheres têm dentro de si apenas soldados ou crianças envergonhadas, terão de travar batalhas prejudiciais constantes.

FERRO X COBRE

Notamos que os soldados em nossa história, ao chegarem correndo junto com o cavalo de João de Ferro, "trajam armaduras", ou seja, estão cobertos de ferro. O ferro pertence a Marte e Ares. Acreditava-se que tinha relação com o sangue, devido ao vermelho que se oculta no

seu interior. Os antigos distinguiam entre duas espécies de ferro: o magnético, associado aos deuses do céu, "caído dos céus"; e o ferro comum, ligado aos deuses terrestres obscuros, como Set, que persegue e mata o deus solar, Osíris.

Na astrologia, o ferro governa o planeta Marte. O ferro é amiúde considerado portador de sorte, em especial se for encontrado numa estrada. Ferraduras são usadas como proteção contra o mal; e pregos são postos nos berços para proteger as crianças pequenas, ou nas camas para proteger as mulheres no parto; também tesouras podem ser escondidas na cama.

Blake associava o ferro com o intelecto e com a guerra espiritual. Notamos nos contos de fadas que a energia do Espírito do Pai benévolo surge às vezes na forma de homenzinhos vestidos de ferro. Quando o rapaz da nossa história leva consigo o ferro para o campo de batalha, está levando um grande grupo de poderes propiciatórios e colaboradores: ferraduras, ferro magnético, sangue, o planeta Marte, os deuses do céu, o Espírito-Pai, a luta intelectual.

Neste capítulo associamos, até agora, a condição guerreira ao auto-sacrifício e o serviço do rei ao combate intelectual, à luta limpa no casamento e à eficiência da espada Vajra. Esta deve movimentar-se de tal modo que separe o que foi unido impropriamente. Quando a espada realizou seu trabalho e a Faca-Logos cortou bem, ficamos menos pobres e mais prontos a entrar no par de contrários. Lembramos alguns desses pares, mencionados por Pitágoras: luz e trevas, limitado e ilimitado, masculino e feminino, repouso e movimento, e assim por diante.

E se nos sentimos demasiado jovens para habitar o perigoso espaço entre masculino e feminino? E se não gostamos da tensão entre o reto e o curvo, e de muitas outras oposições? A criança numa família conturbada pode sentir uma pavorosa tensão entre os pais, entre o viciado e o não-viciado, entre o frio do pai irritado e o calor da mãe amante, ou entre o frio da mãe furiosa e o calor do pai sofredor.

Nessa situação, é relativamente fácil deixar de lado o trabalho do ferro e tomar o trabalho do cobre. A criança pode facilmente tornar-se uma ponte profissional. Pode tornar-se um condutor feito do bom metal condutor que é o cobre.

O trabalho de cobre de um homem começa provavelmente ainda cedo, colocando uma das mãos no peito irado do pai e a outra na terra; ou talvez colocando uma das mãos no coração angustiado da mãe e

a outra na terra, ou uma das mãos na cabeça isolada de um adulto e a outra na terra.

O menino que se torna condutor valoriza-se pela complicada corrente que passa pelo seu corpo, pela sua capacidade de conduzir a ira para a terra com uma resposta tranqüila, pelo ato abnegado de estender os braços para tocar cada um dos pólos.

Muitas pessoas conhecem essa sensação de conduzir desde tenra infância: mãe e pai se comunicam através da criança. A vergonha do pai alcoólatra, por exemplo, passa pelo nosso corpo em direção leste, e a ansiedade da mãe dependente passa pelo nosso corpo em direção oeste. A fúria e o desprezo se cruzam, encontrando-se em algum ponto, no peito do filho ou filha.

Se a criança é menino, o intenso isolamento do pai pode passar através dele com pouca resistência ... o cobre é tão bom condutor que o menino nem se aquece. Também a intensidade do sofrimento feminino pode fluir através dele sem esquentá-lo muito. Não sei bem como seria com uma menina — acredito que iria aquecer-se um pouco mais.

O filho perde a sua característica como homem quando aprende a ser condutor; a filha que aceita essa tarefa torna-se igualmente uma ponte, e não uma mulher. Quando filho ou filha chegam à condição de adultos, notarão muitas oportunidades para exercer essa função de ponte.

Essa maneira de tratar os contrários tornou-se muito popular nos últimos 40 anos. Quando um homem ou mulher se torna condutor, o ato de conduzir-lhe dá o sentimento de que não é vergonhosamente estreito e limitado, mas sim que tem alguma coisa para oferecer a todos. É claro que, para manter a ilusão de ser ao mesmo tempo limitada e ilimitada, ao mesmo tempo criança e ponte, carne e cobre, uma pessoa tem de ignorar muitas percepções que ocasionalmente surgem nela.

Se o homem tornou-se cobre quando menino, provavelmente continuará trabalhando com esse metal quando adulto. Ele pode colocar uma das mãos no alto da cabeça da sua mulher furiosa e a outra na terra. Pode tornar-se um apologista público, conduzindo para a terra — através de seu próprio corpo — séculos de justificada fúria feminina.

À medida que perde contato com o guerreiro, um número cada vez

menor de pais procura outro modelo que não o da ponte de cobre quando enfrenta a ira feminina. "Meu pai nunca enfrentou minha mãe, e eu ainda fico furioso com isso." Centenas de homens disseram essa frase em reuniões. Talvez o pai tivesse que defender seu limite, ou os limites das ofensas verbais e simplesmente dizer com firmeza: "Basta!" Se o pai não pode impor limites à raiva da mãe, nem esta à "perda de calma" do pai, os filhos se transformam em fios de cobre.

Quanto mais o homem concorda em ser cobre, mais deixa de estar vivo ou morto, transformando-se numa terceira coisa, um condutor psíquico amorfo, desmasculinizado, semivivo. Creio que as mulheres se vêem, às vezes, canalizando a raiva de dezenas de mulheres mortas que não puderam expressá-la em vida. Servir de condutor para essa raiva é perigoso.

Conduzir grandes quantidades de encanto e bondade também é perigoso. A ingestão de excessos de cobre é um risco profissional para sacerdotes, terapeutas e ministros, semelhante ao risco de ingestão de chumbo que alguns operários correm. Ministros contemporâneos canalizam o conforto espiritual, consolando e animando, mas às expensas do risco e da solidão. Muitos ministros do sexo masculino desistem do seu desejo de solidão e aceitam a aspereza e fidelidade da companhia masculina; e quando um deles é enterrado, vê-se que na verdade é feito principalmente de cobre.

Homens e mulheres, portanto, tornam-se com freqüência condutores, não graças à coragem ou a uma abertura às mudanças, mas por um desejo de conforto, de paz no lar, de espadas amortecidas, de coloração protetora, um desejo de ser a codorniz que se esconde entre os juncos do outono.

Ser um condutor de correntes masculinas e femininas não é a mesma coisa que realizar a androginia. O Hermafrodita é uma imagem da alquimia e torna-se possível, como já dissemos, num plano interior, depois de anos de caracterização nítida: isto é, anos de cortes, de opostos e de discriminação. Uma androginia falsa é realizada logo de início pela condução, mas em geral nem Hermes nem Afrodite estão presentes.

Este é um assunto difícil, sendo difícil fazer adequadamente as ressalvas ao que se diz. Nenhum de nós recebeu orientação muito correta quanto ao trabalho do cobre. As mulheres, nos primeiros tempos do movimento feminista, exigiam que os homens fossem, para elas, mais condutores da ira. As mulheres cansaram-se há muito de ser o cobre das fantasias de dominação do homem. Creio que as primeiras

feministas não perceberam que os homens já estavam fazendo um grande trabalho de condução.

MANTER A TENSÃO ENTRE CONTRÁRIOS

Através da imagem de um ser humano que se torna um fio de cobre estou tentando provocar com palavras uma sensação que a maioria dos homens sentiu em seus lares da infância. Perdemos nossa infância e muito da nossa jovialidade quando nos tornamos fios de cobre. O que acontece conosco, quando ficamos mais velhos?

Tornamo-nos desconfiados de todas as formas de fusão. O amor romântico envolve muita fusão, mas não precisamos rejeitá-lo, e sim avaliá-lo. É conveniente examinarmos todas as fusões: as do ofensor e da vítima, do tirano e do cidadão, da companhia e do empregado, da Igreja e do crente, da década e do estilo, da mente grupai e da mente pessoal, do marido e da mulher.

Tchecov compôs, em seu conto "A Queridinha", (16) uma obra-prima sobre esta última forma de fusão. Encontramos uma mulher que, casada com um produtor de teatro, queixava-se de que o público só quer comédias musicais. Quando seu marido morre, casa-se com um comerciante de madeiras, e aprende a falar constante de "dois por quatro", "soalhos", "juntas de carvalho", coisas assim. Quando esse segundo marido morre, ela se apaixona por um veterinário, e fala calorosamente de aftosa, febres, doenças dos porcos, etc. Não tendo filhos, ela se apega ao filho pequeno do veterinário, e dentro em pouco começa a falar, com sentimento, de como os professores são injustos, como é difícil a vida no colégio, etc. A história termina com o menino gritando, enquanto dorme: "Basta! Vá embora! Cale a boca!"

Poderíamos facilmente escrever um conto paralelo, no qual um homem adapta seus sentimentos a uma mulher depois da outra. Fundir-se dessa maneira é belo, mas... Alguma criança sincera, dentro de cada um de nós, homem ou mulher, deve aprender, frente à fusão excessiva, a dizer, como o menino de Tchecov, "Vá embora! Cale a boca!" Certas fusões são boas, outras não.

É a intuição que nos pode dizer quando a fusão é adequada ou inadequada; e então é o guerreiro dentro de nós que nos pode ensinar como manter nosso limite. No estado de espírito não ligado ao cobre, os limites são mantidos, mas a relação continua vital.

Frost disse: "Alguma coisa existe que não ama o muro." Mas sabemos que um limite não é um muro. No casamento pode haver limites

e pontos de vista válidos em cada lado do limite. Eles não precisam fundir-se numa opinião só.

Quando o filho pequeno de Robert e Elinor Frost morreu, e o próprio Robert o enterrou, descobriu que sua mulher odiou a maneira como cavou a sepultura e odiou a maneira pela qual ele falou disso:

"E chegamos a isto.
Um homem não pode falar do filho que morreu."
"Você não pode, porque não sabe como falar.
Se tivesse sentimentos, você que abriu
Com suas próprias mãos — como pôde?— seu pequeno túmu-
lo;
Eu o vi, daquela janela,
Fazendo a terra saltar e saltar no ar,
Saltar, assim, assim, e pousar tão suavemente
E rolar de volta pelo monte ao lado do buraco.
Pensei: Quem é aquele homem? Não o reconheci..."
"Minhas palavras quase sempre são uma ofensa.
Não sei como falar sobre coisa alguma
De modo a lhe ser agradável. Mas poderia ensinar-me,
Creio. Não posso dizer que saiba como.
O homem deve deixar em parte de ser homem
no trato com mulheres..."
Ele disse duas vezes, antes de ter consciência:
"Um homem não pode falar do filho que morreu?"
"Você, não! Oh, onde está meu chapéu? Oh, não preciso dele!
Tenho de sair daqui. Preciso de ar.
Não sei ao certo se é possível falar."
"Amy! Não procure outra pessoa desta vez.
Ouça-me. Não descerei as escadas. " (17)

De "O Enterro em Casa"

Gosto de Robert Frost porque é capaz de manter a tensão entre contrários, aqui entre homem e mulher, sem que se considere errada nenhuma das duas atitudes, mas sim diferentes.

Quando uma pessoa tem idade suficiente para sentir os contrários e compreender que deve tomar uma atitude em relação a eles, ocorrem duas possibilidades — primeira, aproximá-los com o metal de Afrodite, o cobre, de que já falamos; e segunda, viver nos contrários, embora sem se colocar claramente de um lado ou do outro.

VIVER OS CONTRÁRIOS

Podemos falar, então, de viver entre os contrários. "Viver entre" significa que não só reconhecemos os contrários como também nos regozijamos com sua existência. Pitágoras, como dissemos antes, deixou uma cuidadosa lista de contrários, pelos quais respondia. Masculino e feminino constituem um par, luz e trevas, outro; o uno e o múltiplo, ainda outro, e o par e o ímpar, também um contrário. Para viver entre eles, estendemos nossos braços e os empurramos, separando-os o máximo que pudermos, e então vivemos no espaço ressonante entre eles.

Viver nos contrários não significa identificar-se com um lado e menosprezar o outro. O objetivo não é, por exemplo, que o homem escolha o papel masculino e considere o feminino como inimigo.

A Igreja Católica, obcecada com a oposição entre as atitudes pagãs e cristãs, identificou-se com um dos lados durante a Inquisição, e o resultado foi desastroso. Em qualquer religião, é uma tentação para os ascetas identificarem-se com o pólo masculino. Depois, disfarçados de guerreiros espirituais, podem continuar irritados com as mulheres durante toda a vida. Um número cada vez maior de mulheres, nas últimas décadas, começou a identificar-se com o pólo feminino, e sustenta que tudo o que é mau é masculino, e tudo o que é bom, feminino.

Regozizar-se com os contrários significa separá-los com nossa imaginação de forma a criar espaço, e em seguida desfrutar a música fantástica que vem de cada lado. Conseguimos sentir a força disso sentando-nos entre um sitar e um tabla quando ambos estão produzindo música.

Podemos sentir a ressonância entre contrários no bailado flamenco. Defensor e atacante observam-se, o que atrai e o que recusa, mulher e homem, vermelho e vermelho. Cada um é um pólo com sua carga magnética separada, cada um é uma nação defendendo suas fronteiras, cada um é um guerreiro que goza o calor da paixão extravagante, uma paixão notável, feroz, misteriosa, aquilina.

ADMIRAR A ESCOLHA DE PÁRIS

Lembramos que Ares, na mitologia grega, tinha uma irmã; seu nome era Éris (Discórdia), e foi ela quem causou problemas a Paris, emprestando-lhe uma maçã dourada e dizendo-lhe que a desse à deusa de sua predileção. Foi esse o problema. Paris viu Hera e sua Energia Enraizada na Terra, Afrodite e sua Alegria Erótica, e Atena e seu Conhecimento Espiritual Extático. Éris disse: "Escolhe!" A maioria das

pessoas finge não ouvir essa palavra. A tarefa de Paris é escolher uma deusa, e isso significa expor-se à raiva de duas delas. Quando uma pessoa escolhe o que lhe é mais precioso, esse ato é sério. A escolha termina bem, mas não para as divindades rejeitadas.

"Eu quero tudo". "Avance", é a expressão comum que indica uma ganância terrível, ingenuidade e amor ao ilimitado. Alguns homens e mulheres ingênuos não querem escolher, mas sim que os acontecimentos escolham. Richard Wilbur escreveu um poema maravilhoso sobre esse desejo:

Leio como Quixote, em sua cavalgada a esmo
Chegou a uma encruzilhada, e para não perder
A pureza do acaso, não queria decidir-se
Para onde ir, mas sim que o cavalo escolhesse.
Pois a glória está em qualquer parte.
Tinha a cabeça leve de orgulho, as ferraduras
do cavalo eram pesadas, e ele foi para o celeiro. (18)

Escolher uma deusa é muito diferente de identificar-se com um lado de um par de contrários. A questão, aqui, é saber o que realmente amamos. Éris diz para escolher o que se quer, e pagar por isso. O homem tem de escolher o desejo da sua vida, e o guerreiro nele concorda com os desagradáveis enfrentamentos que se seguirão. Não é diferente para a mulher.

O guerreiro dá ao homem ou à mulher permissão de viver no sofrimento. Yeats disse, na sua velhice:

Todos os homens vivem no sofrimento
Sei disso como poucos,
Quer sigam um caminho
Ou permaneçam no outro;
Remador curvado no barco
Ou tecelão curvado no tear.. (19)

O sofrimento, aqui, significa as tarefas difíceis aceitas em função do nosso desejo, mas também a dolorosa consciência de outros caminhos não escolhidos.

A paixão, em nossa natureza, pressiona o ser humano para escolher "a coisa preciosa", e força-o a pagar por ela com pobreza, conflito, privação, trabalho e suportar a ira das divindades rejeitadas. É o guerreiro que permite ao ser humano resolver se se torna apenas músico, ou apenas poeta, ou apenas médico, ou apenas eremita, ou apenas

pintor. É o amante no homem ou na mulher que ama a coisa preciosa e lhe diz o que é; mas é o guerreiro em Rembrandt ou Mirabai que concorda em suportar o sofrimento causado pela escolha.

O estudante do Talmude pode sentir-se atacado pela deusa da sexualidade. Sakharov escolheu, e por isso recebeu a hostilidade do mundo oficial, de seus próprios filhos, e o exílio em Gorki.

Os alquimistas da Idade Média extraíram muito da cena em que Paris escolhe entre as deusas. Uma xilogravura do século XVI, que Edward Edinger reproduz em *Anatomy of the Psyche* [Anatomia da psique]²⁰ mostra, perto de Paris e das deusas, um rei deitado no chão, profundamente adormecido. No momento em que Paris indica sua escolha com o bastão, o rei acorda.

Se escolhermos "a coisa preciosa" — o objeto do nosso desejo — então, segundo os alquimistas, o Rei interior em nós, que estava adormecido há tantos anos, acorda. Durante todos os anos de condutor, nos quais enterramos nosso ferro e nos fizemos de pontes de cobre, o Rei não tinha outra escolha senão dormir. Enquanto nada é claro, enquanto não escolhemos se vamos ser condutor ou humano, o Rei — e a Rainha — dorme.

A escolha de Paris assinala uma deusa, ou um caminho de vida, entre outras. Há nisso alguma coisa de cruel.

Poderíamos dizer que o pessoal da New Age está, em geral, viciado em harmonia. A xilogravura alquímica diz que uma criança não se tomará adulto enquanto não superar o desejo de harmonia, escolher a coisa preciosa e entrar numa jovial participação nas tensões do mundo.

Quando a batalha da nossa história termina, o rapaz é menos ingênuo sob um aspecto, pois sabe o que é uma espada. É claro que, como tudo mais na história, a batalha ocorre várias vezes. Encontramos nosso cavalo de três pernas; cavalgamos até a floresta; pedimos ao Homem Natural um cavalo perfeito; sem raiva, juntamos-nos às tensões do mundo. Todas as vezes que usamos bem o guerreiro, não estamos apenas travando batalhas, mas sobretudo acordando o Rei.

PASSAR DO COBRE AO FERRO

Esse processo de reviver os guerreiros interiores continua por anos e está associado à passagem do cobre para o ferro. Cada um de nós

precisa imaginar como trazer de volta à vida os guerreiros interiores, e esse trabalho é muito mais imaginativo do que físico.

Os membros da Fianna amavam a Irlanda e estavam dispostos a defender suas fronteiras. O que amamos o suficiente para querer defender?

Proteger as fronteiras e o Rei significa, na metáfora que mencionamos, colocar o trinco do lado de dentro da porta. O fato de ficarmos mais velhos não realiza isso automaticamente. Um homem de 35 ou 45 anos, tão logo ouve alguém mexer no trinco do lado de fora, pode cair em transe e deixar que tudo aconteça de novo. É tarefa do guerreiro romper o transe. Gradualmente, a pessoa aprende a reconhecer as marcas do transe e o tipo de mulher ou homem que o provoca. Metaforicamente, a tarefa é transferir o trinco para o lado de dentro da porta. Quanto mais honrarmos os guerreiros interiores, mais provável é que eles nos avisem quando alguém mexe no trinco.

Todas as vezes que pedimos à intuição de nossos guerreiros para fa-
rejar os que envergonham, ganhamos em astúcia. Podemos perder alguma "ingenuidade juvenil", é claro, algum "otimismo sobre a natureza humana", mas já não somos uma criança de seis anos ferida. Essa criança pode precisar ainda de alimento e defesa, mas já não nos possui.

A tarefa do guerreiro é advertir-nos quando a pessoa que fala conosco pretende transferir parte da sua vergonha. Por exemplo, ao terminarmos uma palestra ou conferência, alguém pode dizer: "Gostei da sua palestra, exceto por uma coisa. Quer saber o quê?" É esse o momento. A pessoa pode ter boa vontade ou não. Se o guerreiro diz que não, uma resposta possível é: "Não quero ser envergonhado por você hoje, faça-me o favor." Não há necessidade de bater-lhe com uma bengala. Por vezes, pronunciar simplesmente a palavra "vergonha" basta para estabelecer o limite. A pessoa parece chocada, e diz que não tinha a intenção... ah, certamente que não.

A proteção da casa interior implica substituir parte do cobre pelo ferro. "A Donzela Maleen", uma história recolhida pelos irmãos Grimm, aconselha Maleen e sua criada, ambas desprotegidas, a comer urtigas, que é na verdade uma fonte de ferro. Comer urtigas sugere a aceitação tanto dos espinhos como da rosa, viver na escassez, fazer o desagradável, e não falar de como as coisas poderiam ser melhores. Falar da realidade é uma boa maneira de introduzir ferro.

Um modo prático de evitar que nos tornemos uma ponte de cobre é

ter consciência da condução no momento em que ela acontece. A condução é inconsciente, e identificá-la ajuda a colocá-la no nível da comunicação. "Não quero mais ser um condutor para você."

A condição guerreira interior, portanto, equivale a um alerta da alma que ajuda a proteger o ser humano contra a transformação num fio de cobre e nos protege dos causadores de vergonha, dos espadachins inconscientes, das pessoas hostis e dos seres interiores gananciosos. A Odisséia diz que há dentro de nós enamorados que querem desposar a alma. Esses noivos dotados de presas têm planos para a nossa vida. Se a pessoa nunca levanta a espada, pode receber boas notas por gentileza, mas pode acabar como escravo dos pretendentes ou alvo de um casamento arranjado. Poderíamos dizer, sobre uma pessoa que se recusa a levantar a espada:

Tinha a cabeça leve de orgulhos, as ferraduras
do cavalo eram pesadas, e ele foi para o celeiro.

Isso também pode acontecer com uma cultura. Se a cultura não aceita a energia do guerreiro — não a assume conscientemente, não a disciplina e honra — ela se revelará externamente na forma de quadrilhas de rua, espancamento da esposa, violência por drogas, brutalidade com crianças e assassinato sem uma causa.

Uma das grandes tarefas do homem contemporâneo é reimaginar, agora que as imagens do guerreiro eterno e do guerreiro exterior já não constituem o modelo, o valor do guerreiro nas relações, nos estudos literários, no pensamento, na emoção.

E poderíamos imaginar o que se segue depois das intensidades guerreiras. Não precisa a energia que ama lutar, aprender a fazer tudo de novo? Como acontece isso?

Notas

1. Gershen Kauffman, *Shame* (Cambridge, Mass., Schenkman Books, 1980).
2. Merle Fossum e Marilyn Mason, *Facing Shame* (New York, W. W. Norton, 1986).
3. "Snow Geese", de Robert Bly, *Selected Poems* (New York, Harper & Row, 1986).
4. Georges Dumézil, *The Destiny of the Warrior*, trad. para o inglês de Alf Hiltebeitel (Chicago, University of Chicago Press, 1971).
5. Robert Moore, *Rediscovering Masculine Potentials* (Wilmette, 111., Chiron, 1988, quatro cassetes).

6. Neil Forsythe, *The OldEnemy. Satan and the CombatMyth* (Princeton, N.J., Princeton University Press, 1987).
7. Sobre Marduque e Tiamat, ver Joseph Campbell, *Occidental Mythology* (New York, Viking, 1964), pp. 74-84.
8. Citação de Jean de Breuil em Norbert Elias, *The Civilizing Process* (New York, Urizen Books, 1978).
9. "Defeated", de Bly, *Selected Poems*, p. 19.
10. "And what if after so many words", de César Vallejo, em Neruda and Vallejo, *Selected Poems*, trad. para o inglês de Robert Bly e James Wright (Boston, Beacon Press, 1971).
11. Henri Corbin, *Spiritual Body and Celestial Earth*, trad. para o inglês de Nancy Pearson (Princeton, N. J. Princeton University Press, 1977), pp. 171-175.
12. José Ortega y Gasset, *Meditations on Quixote* (New York, W. W. Norton, 1969).
13. C. G. Jung, "Seven Sermons to the Dead", Capítulo 11 de *Psychology and Religion* (Princeton, N. J., Princeton University Press, 1958).
14. Marie-Louise von Franz, comunicação particular.
15. Marian Woodman, *The Ravaged Bridegroom* (Toronto, Inner City Books, 1990).
16. Anton Chekov, "The Darling" em *Tales of Chekhov: The Darling*, vol. I (New York, Ecco Press, 1984).
17. "Home Burial", de Robert Frost, *The Poetry of Robert Frost*, org. Edward C. Lathem (New York, Henry Holt, 1979).
18. "Parable", de Richard Wilbur, *Ceremony and Other Poems* (New York, Harcourt Brace, 1950).
19. "The Wild Old Wicked Man", de W. B. Yeats, *The Poems of W. B. Yeats*, org. Richard J. Finneran (New York, Macmillan, 1983), p. 310.
20. Edward Edinger, *Anatomy of the Psyche* (LaSalle, 111., Open Court, 1985), p. 195.

Capítulo 7

MONTAR OS CAVALOS VERMELHO, BRANCO E PRETO

Sabemos que a nossa sociedade produz grande quantidade de meninos, mas um número cada vez menor de homens. Algumas culturas contemporâneas — as tribos da Nova Guiné seriam exemplos — forçam os meninos a ser homens por meio de vários ensinamentos e rigores engenhosos, cálidos, imaginativos, temerários, que podem desenrolar-se com muita rapidez para produzir um homem sólido. Em

nossa cultura, estamos no extremo oposto do espectro, pois não temos nenhuma idéia de como produzir homens e deixamos que tudo aconteça inconscientemente, enquanto desviamos os olhos para Wall Street e esperamos que ocorra o melhor.

Michael Ventura, num magnífico ensaio intitulado "The Age of Enderkenment" [A idade do obscurecimento], publicado recentemente na *Whole Earth Review* [Revista de toda a Terra], fala da selvageria adolescente e seu desafio à nossa falta de idéias. A música, as modas, as palavras, os códigos dos adolescentes, diz ele, anunciam que o momento da iniciação chegou. Essas extravagâncias são um pedido de reação. Ventura observa:

Povos tribais em toda a parte festejavam o início da puberdade, especialmente nos homens, com complicadas e difíceis iniciações — prática que evidentemente não teria sido necessária, a menos que os seus jovens fossem tão extremados quanto os nossos. ... Os adultos tribais não fugiam desse momento em seus filhos, como nós fazemos. Eles infundiam nos seus adolescentes um terror sagrado, literalmente; rituais que haviam mantido em segredo para os jovens até aquele momento... rituais que focalizavam sobre o jovem toda a luz e trevas da psique coletiva da tribo, todo o seu senso de mistério, todas as suas questões e todas as histórias contadas tanto para encerrar como para responder a tais perguntas. ... A palavra crucial aqui é "ênfase". Os adultos tinham alguma coisa a ensinar: histórias, habilidades, magias, danças, visões, rituais. Na verdade, se essas coisas não fossem aprendidas bem, mas muito bem mesmo, a tribo não poderia sobreviver. ... As culturas tribais satisfaziam o anseio, ao mesmo tempo em que criavam a necessidade, e a isso chamamos "iniciação". Essa prática era tão eficiente que em geral ao 15 anos um jovem da tribo era capaz de assumir seu lugar como adulto plenamente responsável. (1)

Ventura observa que durante cerca de 40 anos os jovens em nossa cultura criaram formas — música, moda, comportamento — "que prolongam o momento de iniciação... como se esperassem ser de alguma forma iniciados pelo acaso, ao longo desse caminho." Isso não acontece: Mick Jagger chega à meia-idade e os adultos continuam a não oferecer qualquer resposta.

O prolongamento do instante de iniciação — e a falta de reação dos adultos — tem muito a ver, diz Ventura, com o maciço mercado de drogas nos Estados Unidos.

Temos de saber muito mais sobre a iniciação do que sabemos agora, antes de podermos atender à demanda de uma iniciação. Mas não faz mal refletir sobre isso.

VISÃO GERAL DA INICIAÇÃO CLÁSSICA

Há muitos tipos de iniciação, muitos modelos, muitas seqüências de rituais e ensinamentos. Todas as seqüências de etapas iniciatórias são lineares, e a própria iniciação assemelha-se a uma esfera. Com essa advertência, poderíamos adotar uma visão linear da iniciação masculina, em cinco etapas. Primeira, ligação com a mãe e separação dela. (Fazemos a primeira moderadamente bem, mas nada bem a segunda, particularmente nos subúrbios e guetos.) Segunda, ligação com o pai e separação dele. (Amiúde adiamos a ligação com o pai até os 50 anos, aproximadamente, e em seguida a separação ainda fica por fazer.) Terceira, a chegada da mãe masculina, ou o mentor, que ajuda o homem a reconstruir a ponte para a sua própria grandeza ou essência. O rei Artur é um exemplo dessa mãe masculina. (Esta fase acontece ocasionalmente, quando acontece.) Quarta, aprendizado de uma energia de furacão, como ocorre com o Homem Natural, ou o Guerreiro, ou o Dioniso, ou Apoio. Quando se saiu bem, o jovem recebe um gole das águas do deus. (Essa bebida é uma das coisas que os adolescentes estão pedindo.) E por fim, quinta, o casamento com a Mulher Sagrada ou a Rainha.

Os acontecimentos da nossa história enquadram-se razoavelmente neste modelo da iniciação clássica. João de Ferro representa o mentor adulto que restabelece a ligação do menino com sua grandeza, e com sua "Cabeça Dourada". João de Ferro, como o Homem Natural, é também a energia divina de cujas águas o menino pode beber.

Tendo abandonado a iniciação, nossa sociedade encontra dificuldade para levar os meninos até a condição adulta. Mitologicamente, podemos dizer que o Grande Pai, em sua forma primitiva, bloqueia o caminho dos jovens, e a Grande Mãe, em sua forma primitiva, também bloqueia. Esses bloqueios têm de ser acrescentados à nossa explicação do motivo pelo qual temos tantos meninos e tão poucos homens. A principal razão parece-me estar em nossa ignorância da iniciação e nossa negação do seu valor.

O pai individual, através de quem se filtra principalmente o lado abençoado, ordenado e criativo do Rei Sagrado, poderá ajudar o filho a passar pelas fases iniciatórias jovialmente. Mas sabemos que o lado Deformado ou Envenenado do Rei Sagrado também se filtrará atra-

vés do pai. O Rei Envenenado "lançará sua maldição sobre as melhores alegrias", como disse Blake, e com isso prejudicará a criatividade, o amor-próprio e a sexualidade do filho, de modo que este se verá efetivamente bloqueado do jardim. Alguns pais cometem incesto com seus filhos, um incesto psíquico. Descrevemos essa faceta deformada do Grande Pai detalhadamente no Capítulo 4.

Precisamos olhar os dois lados também da Grande Mãe. Pelo lado positivo, a aceitação, o sustento, o louvor e a coragem chegam até o filho. Mas a Grande Mãe também tem um lado Deformado ou Envenenado, pois ela também é uma imensa energia turbilhonante que faz com que sua mão de garras atravesse a parede. Às vezes essas garras arrancam a parte humana da mãe, deixando apenas a parte mecânica que repete padrões psíquicos bem conhecidos de suas avós, bisavós e tataravós. Nossa história resume o lado possessivo da Grande Mãe numa única idéia: "É necessário roubar a chave que está debaixo do travesseiro da mãe."

Marian Woodman (2) pede-nos que distingamos entre a mãe consciente, que sabe o poder que exerce sobre filho ou filha, e a mãe inconsciente, que vive imaginando programas da Grande Mãe, mal distinguindo entre associação e dominação.

O lado Deformado da Grande Mãe não quer que o menino cresça, porque se crescer, sairá do seu reino. Ela não o amaldiçoa como faz o lado Deformado do Rei Sagrado, mas o prende.

A história celta chamada "Culwch e Olwen" (3) de que já falamos antes chama a atenção para um jovem de nome Mabon, que está preso debaixo d'água. O salmão pode ouvir seu choro noite e dia. Os companheiros de Culwch dizem a Artur que ele não pode completar suas tarefas enquanto Mabon não for salvo da sua prisão debaixo d'água, e isso só pode ser feito se Eidoel for trazido da sua torre solitária, o que só é possível depois de se encontrar o Grande Salmão, a mais velha criatura viva, e assim por diante. O rapaz preso debaixo d'água é o jovem colhido pela possessividade habitual da Grande Mãe. A mãe individual não pratica esse aprisionamento, o que é feito pela Grande Mãe, que influencia a mãe individual. Devemos repetir que não é esta última quem prende o filho — ela quer que o filho seja livre. É o lado possessivo ou primitivo da Grande Mãe que o mantém trancafiado.

Outras histórias descrevem como ocorre essa prisão. Uma delas é o conto russo chamado "A Donzela Tzar", (4) no qual o filho de um comerciante, chamado Ivã, perde a mãe quando muito jovem. Seu pai

casa-se novamente, de modo que Ivã passa a ter madrasta. "Madrasta" é uma palavra-código nos contos de fadas para o lado Envenenado da Grande Mãe. Um fato perturbador é relatado: a madrasta enamora-se de Ivã. Poderíamos dizer que a Grande Mãe enamorou-se indevidamente do rapaz não iniciado.

O pai vai viajar, e o preceptor que contratou para ensinar o menino leva-o para pescar na baía. Vários barcos aparecem à distância, e no maior deles há uma vigorosa mulher de cabelos dourados que saúda Ivã como se o conhecesse. Para contentamento dele, a mulher promete voltar na tarde seguinte. Ela é chamada "A Donzela que É Também um Tzar". Podemos reconhecê-la como a Mulher de Cabelos Dourados. Naquela noite a madrasta embebeda o preceptor e descobre tudo o que aconteceu. Dá-lhe então um alfinete e manda que o enfie no colarinho de Ivã tão logo o navio seja avistado, no dia seguinte, o que o fará dormir. O preceptor faz exatamente isso; Ivã fica cansado, deita-se e não acorda.

Esse ato da Grande Mãe, com a conivência do preceptor, é mais sutil do que a maldição do pai, e não deixa marcas: logo que o navio vai embora, o preceptor tira o alfinete; Ivã acorda. Mas o crescimento do rapaz, ou o processo de iniciação, pára exatamente antes que ele possa levar as flores silvestres à Mulher Sagrada. É paralisado pela madrasta. Durante os momentos cruciais para o passo seguinte de sua consciência, ele adormece.

Agrada-me o fato de que o preceptor, nominalmente um homem, e a madrasta, nominalmente uma mulher, façam esse trabalho mau juntos. A história sugere, com a palavra "preceptor", que o sistema educacional, que faz meninos e meninas dormirem durante anos, até a escola primária, está em conclusão com o lado escuro da Grande Mãe. Ensaios sobre a teoria da desconstrução são escritos por pessoas com alfinetes em seus pescoços. Todos nós conhecemos o suficiente sobre a educação coletivizada para levarmos essa idéia muito além. Os colégios se intitulam Alma Máter. E a matéria negativa no materialismo faz adormecer nações inteiras.

Marian Woodman (5) referiu-se a esse alfinete como um "falo falso" inserido perto da cabeça. Ela o associa com certos tipos de conversações intelectuais que a mente racionalista da mãe inconsciente mantém com o filho adolescente. Por vezes, as idéias intelectuais que a mãe transmite ao filho tarde da noite são uma bênção, outras vezes não. Esse menino pode acabar, anos depois, isolado numa alta torre mental.

Se, porém, a união ocorre no nível dos sentimentos, ele poderia acabar aprisionado sob a água, onde o salmão o ouve chorar dia e noite.

Nossa cultura voltou sua atenção, nos últimos anos, e com acerto, para o incesto físico dos homens com suas filhas, que é medonho e revoltante por seu alcance e seus danos. E dedicamos alguma atenção também ao incesto psíquico entre pai e filha. Temos consciência de um aumento perturbador no número de filhos que denunciam abusos sexuais pelas mães, bem como pelos pais, tios e irmãos mais velhos. Mas a cultura ainda não leva muito a sério o dano causado pelo incesto psíquico entre mãe e filho.

Mari Sandoz, em *These Were the Sioux* [Eram estes os Sioux] (6) conta que os meninos Sioux, depois da idade de sete anos aproximadamente, jamais olhavam para a mãe nos olhos. Todos os pedidos eram transmitidos através da irmã. "Você pede à mãe que conserte estas sandálias?" "Dumbo quer que suas sandálias sejam consertadas", e assim por diante. Quando a tarefa era concluída, a mãe não entregava as sandálias ao filho dizendo "Aqui estão suas sandálias", mas novamente o objeto percorria um caminho circular. Muita energia sexual pode ser intercambiada quando a mãe olha diretamente nos olhos do filho e diz: "Aqui está a sua nova camisa, bem lavada."

Essas precauções entre mãe e filho parecem absurdas para nós, inauditas, ridículas, inumanas. Não obstante, os homens Sioux, uma vez adultos, eram famosos pela sua falta de medo junto às mulheres, suas conversas desinibidas nas tendas, e sua naturalidade nas conversas sobre sexo com suas mulheres. Reconhecemos que as mulheres Sioux eram mais conscientes das possibilidades de incesto psíquico entre mãe e filho do que nós.

Já mencionei o fato de que as mães americanas confiam por vezes detalhes de suas vidas particulares aos filhos pequenos, detalhes que seriam melhor confiados à gente da sua idade. A revelação franca, é, com freqüência, melhor do que o silêncio, mas torna-se prejudicial se o filho achar que precisa fazer alguma coisa em relação a ela. Em muitas cozinhas, o menino é atraído para junto da mãe e diz essas palavras terríveis, de alguma forma: "Mamãe, quando eu crescer vou ter uma casa bem grande para você, e nunca mais terá de trabalhar." De 20 a 30% dos meninos vivem hoje em casas sem a presença de um adulto masculino; e a maioria deles diz essas palavras, aberta ou silenciosamente. Mas o incesto psíquico não se limita aos lares com apenas um dos pais. A ênfase dada nas últimas décadas à inadequação dos homens, e ao mal do sistema patriarcal, estimula as mães a

não levarem em conta os homens crescidos. As mulheres contemporâneas também adquiriram consciência de suas ricas vidas interiores. Poderíamos dizer que o romance europeu, notável fenômeno dos dois últimos séculos, mostrou a mais de uma mulher contemporânea o rico reservatório de impulsos e anseios que ela tem na alma, e que pode ser satisfeito, ou permanecer insatisfeito. Poucas mulheres dizem hoje: "Os limites da minha vida são os do meu marido", ou mesmo pensam isso. Uma mulher do século XX sente em si complicadas sensibilidades que nenhum homem comum ou mortal pode satisfazer. Estou dizendo que duas tendências contemporâneas encontraram-se. Uma delas é a crescente ênfase, na cultura americana, sobre a inadequação do homem adulto, até mesmo seu absurdo; a segunda é a crescente consciência que a mulher tem de sua riqueza emocional interior.

Quando essas duas tendências se reúnem, a esperança de mudança e realização recai sobre os filhos pequenos. A mãe volta-se para o filho em busca de satisfação emocional, e suas fantasias sobre isso podem ter-se aprofundado nos últimos anos. Não é incomum para homens adultos voltarem-se para mulheres jovens como companhias sexuais; uma mulher adulta pode voltar-se para seu filho de oito anos em busca de uma companhia espiritual. Suas fantasias podem incluir sonhos de que ele venha a redimir as grosserias de outros homens, que venha a desenvolver uma mentalidade aberta aos valores femininos, e que ela venha a ter nele um companheiro de alma. Talvez em suas fantasias o menino venha a realizar algum roteiro heróico que ela não conseguiu. Acima de tudo, espera que o filho possa aprender a ser bondoso para com as mulheres, mais bondoso do que seu pai, e seja capaz de satisfazer sua mulher, sexualmente. Em suma, ela terá esperanças de que ele venha a ser um amante melhor para a "sua mulher" do que o pai foi, ou é. Quem poderia ser a "sua mulher"?

Centenas de vezes homens me disseram que agora, aos 40 ou 45 anos, compreendiam que sua tarefa durante toda a vida tinha sido a de marido, amante e companheiro de alma substituto para a mãe. Eles se viam como um cavaleiro branco para as mulheres. Se eu perguntar a um homem desses: "O que sente você a respeito dos homens?", é provável que me responda: "Nunca pude confiar neles." Se interpretarmos a segunda fase da iniciação como uma ligação com o pai (e separação do pai), esse homem não está sequer próximo dela. Ele não confia nos homens; e supomos que nunca confiaria no Homem Natural o bastante para partir sobre os seus ombros.

O menino a quem a mãe faz exigências cedo demais sente-se impotente quando compreende que é muito pequeno para fazer o que lhe

pedem. Sua energia emocional é demasiado fragmentada para as necessidades maternas, e sua confiança masculina é muito instável para que ele substitua o pai.

Não é raro que esse menino se sinta um fracasso em relação ao pai, com quem não tem praticamente nenhuma relação. E então, quando não pode salvar a mãe, sente-se um fracasso também em relação a ela. Começa a vida com um duplo fracasso.

É preciso sermos capazes de dizer essas verdades sem lançar a culpa sobre a mãe, pois Freud já lhe atribuiu, erroneamente, a principal responsabilidade. Toda a tradição iniciatória, da qual Freud pouco sabia, lança a principal responsabilidade sobre os homens, em particular os mais velhos e os anciãos rituais. São eles que têm de levar o rapaz. Quando não o fazem, o lado possessivo da Grande Mãe começará a prendê-lo, embora a mãe individual não queira que ocorra um aprisionamento negativo. Com freqüência, sequer percebe que essas coisas estão acontecendo; o rapaz, porém, as vê.

Envergonhado pela sua inadequação, e com medo de ser arrastado para o lado da mãe antes de estabilizar-se como homem, o menino encontra em si mesmo uma raiva inexplicável, que impede a realização do sonho de sua mãe, de que ele seja um homem delicado. Essa raiva pode evidenciar-se quando o filho adolescente responde mal à mãe, na cozinha. É a sua forma privada de fazer letras para músicas "heavy metal" o que desnorteia a mãe. A raiva inexplicável pode revelar-se mais tarde de cem outras maneiras: isolamento, vício de trabalho, ou o comportamento de um Don Juan ou James Bond leviano, que estripa sexualmente as mulheres e em seguida as menospreza, ou, no caso de Bond, as elimina se atrapalharem.

O fato de ter grandes expectativas em relação ao filho pequeno, o desejo de que substitua um pai deficiente, que interrompe o processo de iniciação masculino na sua primeira fase, é chamado de "paixão da madrastra por Ivã."

Também a falta de mitologia, em particular a perda da mitologia grega na cultura em geral, e o fato de ter sido o conto de fadas relegado às crianças, contribuem para a incapacidade das mães de verem o que está acontecendo. É como se muitas fossem capazes de compreender o lado escuro ou negativo do Rei Sagrado, mas se conservassem ingênuas quanto ao lado negativo da Grande Mãe.

Recentemente, um público de mulheres muito alerta, quando lhes foram pedidos adjetivos relacionados com a Grande Mãe, respondeu

com uma abundância de palavras: alimentadora, úmida, receptiva, tolerante, terrena, apaixonada, não judicativa, gentil, solidária, amante. Nenhuma deles, porém, disse "inconsciente". A distinção entre o lado positivo e o lado negativo da Grande Mãe não é muito útil às mulheres. É preciso que os homens sejam lembrados, frequentemente, de como é difícil tornar-se um pai consciente, e que as mulheres sejam lembradas de como é difícil ser mãe consciente. Há uma parte do homem ou da mulher que permanece oculta até para ele, ou ela.

Sabemos que há muitas exceções para o que eu disse, e que há todos os tipos de mães e pais. Alguns pais são bons para os filhos e filhas; algumas mães não pedem aos filhos e filhas que as salvem, ou substituam seus esposos.

Mas quando o filho é chamado a isso cedo demais, a única coisa errada que faz é não salvar a mãe. Não a tornou feliz, nem eliminou a sua dor. Não conseguiu substituir seu (inadequado) pai, e portanto o pai está envergonhado, mas o filho se sente culpado, porque devia ter sido capaz disso.

Uma maneira tradicional de diferenciar entre culpa e vergonha é distingui-las da seguinte forma: a vergonha é o sentimento de sermos uma pessoa totalmente inadequada neste planeta, e provavelmente nada se pode fazer quanto a isso. A culpa é o sentimento de que fizemos alguma coisa errada, e não podemos reparar tal situação. Alguns filhos aos quais se fazem exigências cedo demais sentirão ao mesmo tempo vergonha e culpa.

Lembramos que Orestes, ao ser perseguido pelas Furiosas Mulheres Invisíveis (as Fúrias) depois de ter matado a mãe, arranca um dedo com uma mordida e o lança para elas; quando vêem isso, algumas das Fúrias negras se tornam brancas e o deixam em paz.

Uma estratégia tradicional, portanto, quando nos sentimos culpados demais, é cortar uma parte do corpo e jogá-la para trás. O homem que se sente culpado pode decidir-se a fracassar na primeira metade de sua vida. É o seu castigo por não ter salvo a mãe. Alguns homens adotam uma profissão que odeiam, cortam sua alegria, e só aos 50 voltam à atividade de que gostam. Podem casar-se com a "mulher errada" em meio à sua culpa; outros podem ficar impotentes. Outros, ainda, podem tornar-se sedutores compulsivos, e com isso continuar sentindo culpa por não satisfazer nunca as reais necessidades emocionais de uma mulher. Alguns homens que não conseguem salvar suas mães tornam-se terapeutas e tentam salvar repetidamente uma mulher. Eles arrancam com uma mordida o dedo das próprias emo-

ções e ficam ouvindo as emoções de outras pessoas o resto de suas vidas. Se o cavalo de nossa história tivesse feito isso, teria cortado uma de suas próprias pernas.

Quando o homem é incapaz de tirar a chave que está debaixo do travesseiro de sua mãe, talvez ele a tenha amado demais, talvez se tenha preocupado com ela por tempo demais. Quando o homem é incapaz de descer até as cinzas, ou de entrar no jardim, talvez tenha amado demais o seu pai, ou se tenha preocupado com ele por demasiado tempo.

Nem todos os homens, portanto, passam pelas fazes da iniciação com a rapidez do aluno de João de Ferro, que realizou cedo o rompimento claro com a mãe e o pai. E os homens que realmente não têm sorte, o homem que não ama sua mãe ou o pai, o homem severamente espancado ou abusado ou abandonado? São homens sofredores, cuja dor é mais profunda do que podemos imaginar.

Esse homem torna-se frio, preocupado em sobreviver às catástrofes, vivendo no Idaho da mente com seus cães e uma AK-47.

O homem que se preocupa com a sobrevivência continua combatendo numa pequena ilha do Pacífico anos depois de terminada a guerra. Sua beleza masculina não se apaga, e os limites rígidos, o menino enraivecido dentro dele, o Rei morto, os soldados interiores semelhantes a robôs, causam desespero à sua família e à sua mulher. Ele próprio está desesperado. A mãe não o protegeu do pai, é o que ele pensa, e o pai não o protegeu da mãe. Nessas condições, os dois hemisférios do seu cérebro não se comunicam bem. Não sabe quais são seus sentimentos, que não se formulam em palavras. Em 15 segundos, ele pode ser tomado de um impulso de espancar a mulher, ou praticar uma violência num sinal de trânsito, o que só aumenta o seu desespero.

Como pode o homem livrar-se desse estado de espírito, que leva à agressão a outras nações e outras pessoas, obsessiva e destrutivamente, durante toda a sua vida? Como podem os homens, amados ou não, livrar-se desse humor monotonamente agressivo? É uma pergunta que toda a nossa nação tem de fazer, depois do colapso da guerra fria.

Nossa história diz que o homem precisa de uma mãe masculina, neste mundo ou no mundo eterno, a quem possa levar o seu cavalo de três pernas, e de quem possa receber um cavalo com todas as quatro pernas.

A HISTÓRIA: O FESTIVAL DAS MAÇÃS DOURADAS

É tempo de voltarmos à nossa história. O jovem que estamos seguindo, dotado de muito mais sorte do que a maioria dos homens, passou pelas cinzas, pelo jardim e pela batalha. Entrou no campo de luta com um cavalo perfeito que lhe foi emprestado pelo Homem Natural. Desenvolveu seu cavalo de batalha à floresta e voltou para casa no seu rocim, vaiado pelos cavaleiros. Mas ele sabe o que fez.

Por que não concluir aqui a história? O jovem, durante a batalha, entrou alegremente no reino do conflito, como se fosse o seu próprio território. Os verdadeiros guerreiros são preciosos, de tal modo que quando alguém desenvolve um guerreiro interior ou exterior, temos a tentação de dizer: "Basta!" Vivendo nos contrários maravilhosos do mesencéfalo, suas fúrias oníricas contra a paixão, seu fluxo sanguíneo intensificado pela adrenalina, o homem pode dar ânimo ao mundo, proteger a comunidade, e ser, ele próprio, apaixonado.

Os homens recebem o dom do guerreiro, aquele elevado êxtase de servir, das mansões guerreiras impessoais lá no alto dos céus genéticos; há, porém, coisas que a vida exige de nós, além do espírito guerreiro. A capacidade tanto de lutar como de dançar, que constitui prova do desejo sincero de estar no mundo, não é tão saborosa quando o homem só pode ver outra pessoa, ou outro país, como inimigo, e não pode imaginar nenhuma maneira de relacionamento que não seja a luta. Homens brilhantes como Savonarola, Inácio de Loyola, fundador da ordem dos jesuítas, Karl Marx, general Patton, Nietzsche e Ibsen, todos ficaram presos no estado de espírito guerreiro.

Esse estado de espírito, além disso, tem um lado envenenado ou negativo. O lado deformado ou envenenado do guerreiro equivale à brutalidade, pilhagem, insistência na rendição incondicional, matança gratuita, espancamento da mulher, estupro, traição a todos os valores humanos do Rei.

Os homens revigorados pela energia guerreira precisam da capacidade de modular o estado de espírito guerreiro. Sabemos que não podemos terminar aqui a história porque a libertação da agressão, ou a passagem através dela, ainda não ocorreu.

Voltando à história, lembramos que a última parte terminou com a vitória sobre os inimigos do rei. Supomos que a princesa tenha ficado curiosa quanto à identidade do misterioso cavaleiro que salvou o reino. Lembramos que ela desconfia que o rapaz do jardineiro é alguém

excepcional. Acha que a única maneira de descobrir se o ajudante do jardineiro é o cavaleiro misterioso é convidar todos os cavaleiros das vizinhanças à corte para um festival; assim, eles teriam de mostrar-se.

O rei disse à filha: "Organizarei um festival que durará três dias, e você vai jogar a maçã dourada. Talvez o cavaleiro misterioso apareça."

Depois de anunciado o festival, o rapaz foi até a orla da floresta e chamou João de Ferro. "Do que precisas?", perguntou este. "Quero pegar a maçã dourada que a filha do rei vai jogar."

"Isso não é problema: já a tens praticamente em tuas mãos", respondeu João de Ferro. "Vou dar-te mais: uma armadura vermelha para a ocasião, e um vigoroso cavalo castanho."

O jovem galopou para a arena no momento adequado, juntou-se aos outros cavaleiros e ninguém o reconheceu. A filha do rei jogou a maçã dourada para o grupo de homens, e o jovem a apanhou. Mas depois de apanhá-la, afastou-se a galope.

No segundo dia, João de Ferro deu-lhe uma armadura branca e um cavalo também branco. Ainda nessa ocasião a maçã caiu nas suas mãos; e mais uma vez, o jovem não ficou nem um instante mais, e fugiu a galope.

O rei ficou irritado e disse: "Esse comportamento não é permitido; ele deve dirigir-se a mim e informar o seu nome. Se ele pegar a maçã uma terceira vez, e fugir, corram atrás desse cavaleiro", disse aos seus homens. "E mais: se não quiser voltar, dêem-lhe um golpe; usem a espada."

No terceiro dia do festival, João de Ferro levou ao moço uma armadura e um cavalo pretos. Naquela tarde ele também apanhou a maçã. Desta vez, porém, quando se afastou com ela, os homens do rei o perseguiram e um deles se aproximou o bastante para feri-lo na perna com a ponta da espada. O jovem escapou, mas o cavalo deu um salto tão grande para fugir que seu elmo caiu e todos viram os cabelos dourados. Os homens do rei voltaram e contaram ao soberano o que tinha acontecido.

Os temas ou detalhes desse trecho exigem atenção: o significado das maçãs douradas, a natureza curiosa desse festival, e a seqüência das três cores para os cavalos.

AS MAÇÃS DOURADAS

As maçãs douradas desta história, como de muitas outras, sugerem que os acontecimentos se estão desenrolando num espaço ou tempo especiais, ligados a um ritual.

Paris tinha uma maçã dourada para dar, e lembramos que Ihe pediram que escolhesse entre Hera, Atena e Afrodite. A maçã associa-se à imortalidade, e sabemos que alguns jovens, quando iam ser sacrificados no ritual grego de Adônis, recebiam uma maçã dourada como passaporte para o paraíso. A palavra >ara&osignifica um espaço murado em persa antigo, e os celtas o imaginavam como um pomar de macieiras no Oeste, onde fica a morte. Isso tem relação com todos os tipos de detalhes da velha vida européia. Por exemplo, é a maçã que é pescada no Halloween, quando os mortos voltam a este mundo. Os banquetes rituais costumavam começar com o ovo do Leste, e terminar com a maçã do Oeste. Mais um detalhe delicioso sobre a maçã: se a cortarmos transversalmente, veremos nas sementes escuras o pentáculo sagrado com suas cinco pontas. É esse o sinal secreto da Mulher Sagrada, ou Sofia. A maçã é a terra; e o pentáculo é a sua configuração secreta. Portanto Sofia é, nesse raciocínio a alma da terra.

Temos aqui, dessa forma, uma sugestão de que a filha do rei, a Mulher que Ama o Ouro, escolheu o rapaz para ser um Rei Sagrado.

É natural que nossa história entre agora no espaço ritual. Notamos que os cavaleiros não lutam durante o festival: a luta ocorre na última parte. O festival organizado pelo rei não é de lanças que derrubam das selas os cavaleiros, de armaduras perfuradas, golpes de espada que entram pelos intestinos ou arrancam um braço do ombro. Está sendo pedida uma mudança na expressão da energia guerreira. Poderíamos dizer que aqui o jovem aprende a modular a agressão através da exibição, forma e ritual. Os jovens exibem beleza ao desfilerem em parada, e a "sorte" determina quem fica com a maçã.

O ESPAÇO DA ENTRADA

Victor Turner (7), o antropólogo, recuperou nas últimas décadas o conceito quase esquecido do espaço ritual. Os seres humanos entram e saem do espaço ritual por uma entrada cerimonial, ou um "limiar". Esse espaço ritual também pode ser chamado de espaço limiar. Antes de entrar nele, o jovem recebe um preparo ritual, e o lugar físico também exige um certo preparo que caracterize. Dentro do es-

paço cerimonial, tempo e espaço se alteram, passam a ser diferentes do que são num lugar profano.

A mudança ou transformação só pode ocorrer quando o homem ou a mulher estão no espaço ritual. Para entrar, é necessário passar por um limiar, por meio de alguma cerimônia; e depois, o próprio espaço precisa ser "aquecido". O homem ou a mulher permanece dentro desse espaço cálido (como na dança ritual sufista) por um tempo relativamente curto, e em seguida volta à consciência habitual, à sua moeza ou estagnação.

A Igreja Católica recordava o espaço ritual na missa latina, mas para os protestantes ele caiu no esquecimento. Com algumas exceções, o protestantismo difundiu sua ignorância do espaço ritual por todo o mundo. Vivendo numa época que perdeu esse conceito, podemos cometer facilmente dois erros: não ter nenhum espaço ritual em nossas vidas, e portanto permanecer "frios"; ou ficar nele tempo demais. Alguns fundamentalistas insistem em permanecer durante 40 anos no espaço ritual sem saída — não se permitem ali frouxidões humanas. Quem entra no espaço ritual, fica como o barro mole; se permanecer por demasiado tempo, o ser humano termina como um pote rachado, cozido demais e enegrecido.

Diz-se que Dioniso criou o teatro grego. Sabemos que a iniciação dionisíaca ocorria num espaço ritual requintado. O teatro trágico grego equivale a uma transferência desse espaço para um acontecimento público.

O espaço ritual tem várias outras características. Quando estamos nele, a energia do nosso desejo não se precipita para seu clímax, seja este o orgasmo ou a batalha; o prazer substitui a fúria, e a elegância das frases ou de um símbolo substitui a elegância da espada.

Acrescentamos que os homens e as mulheres no espaço ritual podem ser apresentados ao homem ou mulher desconhecidos dentro deles mesmos. O rei e sua filha instituíram o festival porque — e esse detalhe é belo—queriam saber quem era o "cavaleiro misterioso".

Na Índia e no Tibete faz-se por vezes amor dentro do espaço ritual. Os mestres religiosos ajudam o homem e a mulher a criar esse espaço aquecido no qual o par se une sexualmente, mas nem o homem, nem a mulher, chegam ao orgasmo. O ato amoroso pode durar duas, três ou quatro horas. As cerimônias, algumas das quais muito requintadas, preparam o espaço. O homem se prepara com o conhecimento e precisa de energia imaginativa, porque sua tarefa é visualizar várias

deusas em detalhes, enquanto olha os olhos da mulher; esta, por sua vez, prepara-se com o conhecimento e usa sua energia imaginativa para visualizar vários deuses em detalhe, enquanto olha nos olhos do homem. As duas pessoas montam em seus instintos como num cavalo, e esse cavalo as mantém no espaço ritual, mesmo que seus instintos, antes daquele momento, tenham desfrutado toda uma existência de mergulho em seus objetivos.

O gozo do espaço ritual é, portanto, um ato íntimo e imaginativo, e gozar tal espaço é como estar encerrado numa vasilha ou num cesto. Morris Berman (8) observou que os museus apresentam, caracteristicamente, coisas duras, como machados e lanças, como provas de uma cultura inicial. Mas a cultura muito provavelmente começa com cestos de vime, que são "macios" e contêm o vazio.

O vazio interior de cada pessoa, poderíamos dizer, tem sua forma própria. Na vida comum, tentamos satisfazer nossos desejos e encher o vazio, mas no espaço ritual homens e mulheres aprendem a sentir o vazio ou o desejo, e não a preenchê-lo ou satisfazê-lo.

Esse homem pode estar na presença da inocência sem procurar ter relação sexual com ela, gozar sua brutalidade sem tentar realizá-la fisicamente, conhecer a necessidade de sua mãe sem agir para satisfazê-la. O guerreiro pode gozar a beleza de sua condição sagrada de guerreiro sem travar batalhas.

No festival, cada cavaleiro se junta aos demais cavaleiros numa parada, ou demonstração, onde não há violência. Tendo penetrado no espaço ritual, ele diminui sua velocidade, dá elegância aos seus movimentos, faz uma reverência ao rei e rainha, não força fronteiras, não apresenta hostilidade, está ali para ser visto. Poderíamos dizer que essa graciosa demonstração leva a princesa a lançar a maçã — precisamente no momento certo.

Os biólogos achavam outrora que as garças e gansos criavam seus intrigantes rituais de dança por motivos de fertilidade ou sobrevivência; que eram, na palavra que usamos para nós mesmos, práticos. Nos últimos anos, porém, e depois de detalhada observação das garças, gamos, gansos, pavões, etc., os biólogos concluíram que algumas danças rituais não têm valor específico para a sobrevivência — equivalem a uma exibição. A exibição encerra beleza e expressividade, frequentemente unidas com uma graça jovial. Os seres humanos tendem a exhibir-se no extremo frontal; damos ênfase à beleza no rosto, e este torna-se emocionalmente expressivo. O gamo, porém, exhibe-se nos dois extremos: o gamo de rabo branco mostra beleza na

área facial e na área anal, com suas maravilhosas caudas. As danças das garças, o andar solene do pavão, as procissões de veados, podem ser todas consideradas como exibições artísticas ou supérfluas.

Há uma expressão de desejo, beleza, espírito elevado. As energias aqui em jogo, contidas num momento formal, ativam alguma coisa nos outros pássaros ou animais que observam. Assim, a exibição ativa as danças. Ela é para ser vista.

Nossa cultura permite certa exibição, relacionada com o desfile do macho, a parada pela rua principal em carros grandes, que acontece quando o jovem (ou a jovem) está na fase pré-guerreiro, ou guerreiro. As quadrilhas praticam muito essa forma de exibição. Isso é parte do fogo adolescente, mas não é dele que estou falando aqui.

O espaço ritual tira o jovem do machismo, da batalha, das fantasias de dominador. Blake deu ao mais alto estágio de consciência o nome de "criatividade constante", ou "A Cidade Brilhante da Arte". A maçã dourada propicia a entrada no paraíso da forma. Os cavaleiros do festival participam da exibição como expressão do amor da forma e da beleza.. Estão mais perto da arte do que a parada com o andar empertigado. Eles estão sendo afastados da guerra pelo espaço ritual e aproximados da comunidade.

Quando um velho guerreiro celta, como Cuchulain, voltava da batalha, toda a comunidade participava do ritual. Às vezes um grupo de mulheres, inclusive sua mãe, desnudava para ele os seios visando provocar compaixão, e os homens o colocavam, ainda na loucura do mesencéfalo aquecido, em três tinas d'água, uma após outra, para refrescá-lo. A primeira tina desapareceria ao contato, a segunda ferveria, e assim por diante. Pedimos aos homens do Vietnã que se tornassem soldados. Mas não houve cerimônias que ressaltassem a compaixão, nenhum reconhecimento do calor, nem se honrou uma loucura pedida.

Os veteranos do Vietnã estariam hoje em melhor forma se tivéssemos organizado um festival em todas as cidades pequenas do país, no qual pudessem desfilar, e uma jovem lhes tivesse atirado maçãs douradas. Esse desfile honraria seu retorno à vida doméstica, e os incluiria nas cerimônias das maçãs douradas, que tem milhares de anos.

Os comandantes da era do Vietnã não dispunham de ritual para ajudar os veteranos que chegavam de volta. O exército os levava de avião para New York e os jogava na rua. Todos nós sabemos o que aconteceu. O número de ex-combatentes do Vietnã que se suicidou é

maior do que o número de baixas durante a guerra. O muro negro em Washington é uma tentativa de remediar o fracasso; é também um testemunho da falta de imaginação do exército, e de nosso leviano esquecimento de que todos os homens no passado sabiam dessa mudança de suprema importância, de guerreiro para não-guerreiro.

Muitos adolescentes estão conhecendo agora batalhas intensas nas cidades. Enfrentamos esses jovens superaquecidos com sentenças de prisão ou desviando dos olhos. Eles nada recebem, e, a cada ano, um número cada vez maior de adolescentes se suicida. Dentro em pouco precisaremos de um muro negro para evocar nossos fracassos rituais com os adolescentes.

Lembramos que o rapaz, durante a invasão inimiga, cavalgou seu rocim de três pernas até a orla da floresta, e o trocou temporariamente pelo cavalo de batalha que João de Ferro lhe deu. Embora a história não repita a imagem, supomos que durante o festival, a cada dia, ele cavalgou também seu rocim até a floresta. Tem de ser assim, porque cavalos estranhos postos na cachoeira teriam sido notados.

Se o cavalo de três pernas é, metaforicamente, o seu próprio corpo com uma perna envergada, o rapaz troca o seu corpo três vezes mais por um cavalo inteiro e sente o que é participar sem vergonha de uma exibição. A garça, o pavão e o gamo expressam, em sua demonstração desinibida, o que é a ausência de vergonha. "O orgulho do pavão é a glória de Deus", diz Blake.

O homem contemporâneo, no Kmart ou no porão da igreja ou no escritório do advogado, não tem João de Ferro de quem possa receber um cavalo de quatro pernas. Sabemos que o jovem tem de desenvolver o animal emprestado, mas a experiência de habitar um corpo sem se envergonhar dele lhe ensinaria o que é o orgulho.

Supomos que, durante a pausa entre a batalha e esse festival, os guerreiros interiores do rapaz se tenham tornado bastante fortes, de modo que ele agora não precisa se esconder nos cantos e atrás dos montes de feno, mas pode comparecer a uma função pública. Pode desfilar com outros homens e, por assim dizer, pedir que a maçã seja jogada.

Um amigo querido contou-me uma história parecida. Seu pai, envergonhado, abandonou a família quando o filho tinha cinco anos, e o filho, durante anos, sentiu-se envergonhado, por esse abandono. Aos vinte anos, aproximadamente, esse filho foi para o Japão e passou dez anos estudando artes marciais com um mentor enérgico. Só de-

pois de aprender ele pôde voltar para a família afim de ocupar ali o lugar adequado. Não ter um pai que o apóie é, para o homem, uma frase alternativa para "envergonhar-se". Seu apoio, como no caso desse menino, veio de um pai substituto—na história do meu amigo, o mentor das artes marciais; em nossa história, João de Ferro. Só quando os guerreiros interiores são bastante fortes pode o homem participar da alegria da exibição.

Com essa força, ele pode também participar do prazer da forma. Roupas malfeitas, versos capengas, móveis caóticos: tudo isso se liga, de maneiras secretas, à vergonha. O universo não se envergonha, e se compraz na forma. O sol que se ergue do mar e se põe no mar, o brilho solitário da lua, as folhas que nascem e caem são suas exibições.

A poesia é uma forma de exibição. O poeta-pássaro repete vogais e consoantes a fim de que sua cauda cresça. A métrica e a contagem das sílabas constituem uma cauda de pavão. O poema é uma dança feita para algum ser no outro mundo.

Como é doce pesar o verso com todas essas vogais:
Corpo, Thomas, o salmo do bacalhau. A alegria
Da forma está no trabalho de seu jogo.
O som contado, recontado, alimenta alguém. (9)

O prazer da forma, portanto, afasta-se da velha dualidade de herói e inimigo, certo e errado, adversário masculino e adversário feminino. Quando o homem ou a mulher entram no espaço ritual, cada um deles pratica atos que visam a ser vistos e a alegria da exibição ajuda a gastar energias que de outra forma seriam investidas no conflito. Os cavaleiros que desfilam perante o pavilhão do rei, esperando pacientemente receber uma "maçã dourada", são emblemas adoráveis da nova etapa na qual o infinitivo vencer desaparece, substituído por ser visto.

Nosso festival, portanto, foi realizado no espaço ritual. Esse espaço, aquecido pelo Feminino Sagrado e o Rei, torna-se bastante quente para permitir a mudança. Uma condição de guerreiro que não foi reprimida, nem posta de lado, pode ser modulada em beleza, prazer, exibição e arte.

MONTAR OS CAVALOS VERMELHO, BRANCO E PRETO

A história diz que João de Ferro deu ao jovem cavalos, selas e armaduras de cores diferentes em cada um dos três dias sucessivos, e

sentimos que alguma informação está sendo transmitida com esse detalhe. Tudo que podemos fazer é investigar as três cores e suas associações, e ver o que acontece.

Lembramos que a Rainha, em "Branca de Neve" (10), estava costurando certo dia perto de uma janela de moldura de ébano, enquanto nevava lá fora; quando ela picou o dedo, três gotas de sangue caíram sobre a neve. Ela disse: "Quero um filho tão branco como a neve, tão vermelho como o sangue e tão negro como a moldura desta janela." O herói ou heroína do conto de fadas, nas histórias russas, alemãs ou finlandesas, que vê uma gota de sangue cair de um corvo negro na neve branca, entra imediatamente num transe de iogue.

Isso sugere o enorme poder que vermelho, preto e branco têm, ou tiveram, sobre a consciência humana, durante a Idade Média.

Vamos examinar rapidamente as associações africanas e européias com essas três cores. Victor Turner reuniu, em seus *Ritual Process* [Processo ritual] (11) e *A Forest of Symbols* [Uma floresta de símbolos] (12), muitas informações sobre elas, na África. Para a tribo Ndembu, em Zâmbia, com a qual Turner viveu durante anos, grande parte do seu sistema religioso depende das distinções sugeridas por essas três cores.

Para os Ndembus, vermelho é o sangue do nascimento, o sangue menstrual e o sangue provocado por uma arma. Os Ashantis têm outras associações além destas: para eles o vermelho representa também a terra vermelha, e portanto os cultos a ela ligados; a guerra e a feitiçaria e o sacrifício de homens e animais. As associações européias aproximam-se das africanas. Margaret Walker, em sua *Wotnen's Encyclopedia of Myths and Secrets* [Enciclopédia feminina de mitos e segredos] chama o vermelho de "o fio vermelho-sangue da vida". Os europeus acrescentam também a raiva às suas conotações: "Ela viu tudo vermelho". O vermelho sugere raivas semelhantes às do touro. "Nunca sacuda um pano vermelho para o touro."

Para os Ndembus e Ashantis, o branco lembra o sêmen, saliva, água, leite, lagos, rios, "bênçãos pela água corrente", o mar, o sacerdócio. Turner diz, sobre os Ndembus: "O branco representa a teia inconsútil de ligação que idealmente deveria incluir tanto os vivos como os mortos. É o relacionamento adequado entre as pessoas, simplesmente como seres humanos, e seus frutos são a saúde, a força e todas as coisas boas. O riso 'branco', por exemplo, evidenciado pelo brilho dos dentes, representa a camaradagem e a boa companhia" (*The Ritual Process*). Devido à associação do branco com o sêmen, essa cor su-

gere o princípio masculino, tal como o vermelho sugere o princípio feminino. A oposição não é simples, porém, porque uma franga branca significa vida e fertilidade, em contraposição ao galo vermelho, que se equipara à morte e à feitiçaria. Diz Turner: "Não há uma correlação fixa entre as cores e os sexos. O simbolismo da cor não está ligado ao sexo de maneira coerente, embora vermelho e branco possam ser situacionalmente especificados como representativos da oposição dos sexos."

Para os europeus, o branco conserva a relação com bênção e com leite, e sugere certas qualidades de bom companheirismo e força. Também lembra a pureza das crianças e das noivas, e por extensão, pessoas de altos propósitos morais, como o cavaleiro branco, que luta pela pureza, a Virgem, o bem.

O preto é carvão, lama do rio e frutas pretas entre os Ndembus, e representa o mal, o cadáver escurecido, o sofrimento, as doenças, a falta de pureza, a noite e as trevas. Turner acrescenta que o preto também se refere "ao conceito da morte ou ritual e ao conceito correlato da morte por paixão e hostilidade... para os Ndembus, "morrer" significa frequentemente chegar o fim de uma fase particular de desenvolvimento "através da morte até a maturidade". (13) Para os europeus, também o preto significa morte e luto. Eles acrescentam a depressão: "Ele está de humor negro." E o preto sugere errado: "Ela pratica a magia negra." As associações dos alquimistas europeus e egípcios com o preto estão muito próximas das dos africanos: o preto representa a matéria grosseira, a prima matéria, o chumbo, o corpo de Osíris quando no inferno.

A SEQÜÊNCIA DA GRANDE MÃE

Os contos de fadas europeus, quando os examinamos, insistem nessas três cores, tal como Ndembus, e na Europa elas surgem numa certa ordem. A seqüência mais conhecida é a mencionada em "Branca de Neve": branco, vermelho, preto. A essa ordem chamamos seqüência da Grande Mãe. Branco, vermelho, preto indicam as três fases da lua: primeira, o branco da Virgem na Lua Nova; depois o vermelho da Maternidade como Lua Cheia; e finalmente o preto da Velha, como a Lua Velha, ou Minguante.

Bárbara Walker, em seu livro sobre a Velha, (14) examina essas três fases e suas cores com muitos detalhes. Poderíamos dizer que passamos primeiro pela inocência, depois pelo amor e batalha, a seguir pela morte, destruição e conhecimento. Os velhos mitos viquingues dizem que, quando um ser humano morre, três galos cantam — pri-

meiro o galo branco, depois o galo vermelho e por fim o galo preto. Portanto, percorremos todos aquela estrada, que é ampla. É a estrada da Grande Mãe — branca, vermelha, preta.

A SEQÜÊNCIA DOS ALQUIMISTAS

Os alquimistas, egípcios ou europeus, têm as mesmas três cores, mas começam com o preto. Primeiro é o preto da prima matéria, do chumbo, da matéria totalmente intocada pelo espírito ou pela consciência. Eles querem que o preto se torne profundo. "A besta negra" deve apresentar-se, dizem os velhos textos, antes que o nosso crescimento comece. "A Bela e a Fera" também diz isso.

Na segunda etapa a fera preta se aclara, como se aclara lentamente o horizonte antes de amanhecer. O branco, aqui, representa uma purificação em processo; imaginação, espírito e humor se estão desenvolvendo. "Mas nesse estado de 'brancura' não vivemos, no verdadeiro sentido da palavra: é uma espécie de estado abstrato, ideal. Para dar-lhe a vida é preciso que tenha 'sangue', deve ter aquilo que os alquimistas chamam de rubedo, a 'vermelhidão' da vida" (Jung). (15)

O terceiro estágio dos alquimistas é vermelho do sol nascente. Agora surge o enxofre, flamejante, paixão.

É esse o caminho de homens e mulheres que querem maior personalidade, mais espírito, conhecimento oculto, que querem que o chumbo espiritual se transforme no ouro espiritual. Seu começo pode dar-se aos 45 anos, não no nascimento. Percorremos o caminho chumbo-ouro ao mesmo tempo que percorremos o caminho vida-morte.

A SEQÜÊNCIA MASCULINA

Nossa história lembra o terceiro caminho. Se a seqüência da Grande Mãe expõe os mistérios femininos da vida e da morte, e a dos alquimistas estabelece uma sucessão neutra, verdadeira tanto para os homens como para as mulheres, então poderíamos dizer que a seqüência de João de Ferro estabelece os mistérios masculinos do ferimento e da evolução. Essa estrada começa com o vermelho. Sua ordem é vermelho, branco, preto.

Se a mulher jovem começa com o branco da inocência ou o vestido branco da comunhão, o menino começa com o vermelho. O vermelho é a cor de Marte, Os velhos iniciadores entre os Gisu e Masai, na África, levam o jovem "moran" imediatamente para o vermelho: os jovens são estimulados a se inflamar, brigar, ver vermelho, criar pro-

blemas; e, nas emoções, são estimulados a expressar orgulho, a serem arrogantes, anti-sociais, brigões, amigos da ira. As meninas os estimulam a lutar. Um homem mais velho orienta os jovens, para que as lutas não resultem em ferimentos fatais. O menino pode ficar na fase vermelha durante 10 a 15 anos. Nesse período, as meninas podem namorá-lo, mas nunca se casam com um homem assim, porque ainda está inacabado; não tem respeito, dizem os velhos, é vermelho demais.

Quando o menino é vermelho, mostra sua raiva, grita com as pessoas, inflama-se como um fósforo, fica vermelho de ódio, luta pelo que é seu, deixa de ser passivo, torna-se agitado, um gavião vermelho, é cruel. É claro que ninguém confia muito num homem vermelho. (16)

Uma grande história de fadas russa chamada "Príncipe Ivã e o Pássaro de Fogo" (17) nos proporciona uma cena animada do começo do vermelho. Um jovem guerreiro está andando a cavalo e de repente vê no chão da floresta uma pena "que caiu do peito candente do grande Pássaro de Fogo". Metaforicamente, é uma pena vermelha.

Seu cavalo avisa-o para que não a apanhe, pois se o fizer, terá problemas. Mesmo assim, o jovem a apanha. Como a pena caiu do peito do Pássaro de Fogo, sabemos estar ligada ao coração — é quente, queima. Fala aos homens como uma vocação, como uma iniciação.

A Idade Média atentou muito para a seqüência de João de Ferro, e podemos ver, claramente, esse movimento desde o Cavaleiro Vermelho passando pelo Cavaleiro Branco até o Cavaleiro Preto nas aventuras de Parsifal. Quando Parsifal deixa a casa materna, onde não havia homens adultos, é desajeitado, ingênuo. Quase que imediatamente, ele mata o Cavaleiro Vermelho e fica com sua armadura — ele mesmo se torna o Cavaleiro Vermelho (18). Causa muitos mal-entendidos, é rude e arrogante, tem um comportamento anti-social, enquanto está com a Armadura Vermelha. Mas sem o vermelho, não há o branco.

Hoje em dia, tentamos fazer passar os jovens, através da educação compulsória, diretamente da infância para a fase do Cavaleiro Branco.

E poderíamos dizer que às vezes a mãe deseja que o filho seja branco, quando ele já está vermelho. (Inversamente, um homem de meia-idade pode desejar que uma mulher esteja no branco — e respeitável — quando ela já passou para o vermelho.)

Sabemos que o Homem Natural de nossa história dá ao rapaz um cavalo vermelho no primeiro dia. No segundo dia, dá-lhe um cavalo branco. O que devemos dizer sobre o branco?

O cavaleiro vestido de branco é admirável, fulgurante. Em geral, ridicularizamos isso, mas o cavaleiro branco está também engajado. Ele luta pelo bem, e já não é aleatoriamente anti-social. Ralph Nader é um cavaleiro branco: luta contra o mundo empresarial.

Lembramos que São Jorge montava um cavalo branco e usava também uma armadura branca quando lutou com o dragão. Vendo as coisas positivamente, podemos dizer que entrar no branco significa que podemos ter uma relação com o dragão. Isso não significa matar o dragão. Sabemos que os cruzados cristãos, que encontraram o mito de São Jorge e o dragão na Palestina, deformaram-no ao voltar para casa. Em algumas versões antigas, o dragão transforma-se numa mulher, ou dá um tesouro; e transforma-se a si mesmo. O dragão nos velhos mitos não é mau. É a energia aquática enigmática, um pouco regredida, talvez, mas sua fome é velha e compreensível.

Um herói celta típico estabelece relação com um dragão atirando três pedaços de pão na sua boca. É claro que tem de atirá-los com precisão, e por isso poderíamos dizer que precisão e habilidade fazem parte do branco.

O perigo com o estágio branco em nossa cultura é ser ele, muitas vezes, insuportável, pois não passou pelo vermelho. Os cavaleiros brancos em nossa cultura apóiam a guerra fria e projetam uma vermelhidão má sobre os índios americanos, ou sobre os comunistas, ou as mulheres livres, ou os negros. O homem que não passou pela fase vermelha é um cavaleiro branco emperrado, que caracteristicamente desencadeará uma guerra falsa contra um dragão de concreto, como a Pobreza ou as Drogas. O debate entre Bush e Dukakis foi o triste debate de dois cavaleiros brancos emperrados. Estes debates serão notavelmente aborrecidos.

Poderíamos dizer que no momento em que o jovem russo apanhou a pena do Pássaro de Fogo, ele já estava a caminho, como o cavalo sabia, para o preto.

No terceiro dia João de Ferro dá ao jovem de nossa história um cavalo preto, com arreios pretos e armadura preta. Ele monta seu cavalo preto quando faz o ingresso decisivo na condição de ferido, quando é ferido "pelos homens do rei".

Podemos ver uma área sombria crescente nas beiradas dos quadros de Rembrandt, à medida que ele envelhece. Se colocarmos em ordem as fotografias de Lincoln durante os seus últimos quatro anos, podemos vê-lo entrar no preto. As pessoas que geralmente estão nessa cor geralmente abrem mão da culpa. Certa vez, uma senhora entrou na Casa Branca e acordou Lincoln às cinco da manhã, dizendo que seu filho fora mandado de trem para Washington poucos dias antes, não dormira, e ao chegar tinham-no posto de guarda. Ele acabara adormecendo e agora ia ser fuzilado às oito daquela manhã. Se Lincoln estivesse no vermelho, teria gritado para todos os guardas: "Quem deixou esta mulher entrar aqui? Levem-na daqui!" Se estivesse no branco, poderia dizer: "Minha senhora, todos nós temos que obedecer às regras. Seu filho não as obedeceu, e isso me aborrece tanto quanto à senhora, mas não posso interferir." Não disse nada disso. Disse: "Bem, acho que não vai adiantar muito fuzilá-lo", e assumiu um papel. Vemos que o humor chega com o preto.

A história de João de Ferro nos mostra, entre outras coisas possíveis, a idéia de que o jovem passa da intensidade vermelha para o engajamento branco e deste para a humanidade preta. Todos os homens recebem três cavalos que montam em diferentes épocas de sua vida; caímos, e voltamos a montar.

Não creio que devemos considerar um cavalo melhor do que outro; tudo o que poderíamos dizer é que nenhum deles deve ser evitado. Precisamos de três habilitações, pois cada cavalo tem seu tipo de marcha; cada cavalo se assusta com diferentes coisas, reage ao cavaleiro de maneira diferente.

Professores e pais nos dizem amiúde que evitemos o cavalo vermelho. Alguns homens não vivem o vermelho na adolescência. Terão de voltar ao vermelho mais tarde, aprender a inflamar-se, a ser desagradáveis quando chegarem aos 40.

Os ministros religiosos se vêm muitas vezes forçados a limitar-se ao branco porque evitaram o vermelho, e suas congregações não deixam que volte a ele. Mas por isso não podem avançar para o preto. Os políticos devem parecer brancos, embora na realidade só Deus lhes conheça a cor. Anwar Sadat sem dúvida chegou ao preto quando estava na prisão; seria talvez aconselhável colocar mais políticos na cadeia. Talvez fosse bom também para os poetas.

Quando uma pessoa passa ao preto, esse processo equivale reunir todo o material das sombras que foi durante anos projetado ali, nas faces dos homens e mulheres maus, dos comunistas, bruxas e tira-

nos, pretos por dentro. Esse processo poderia ser chamado de recuperação e ingestão da sombra.

Robert Frost comeu muito da sua sombra, o que é certamente parte da sua grandeza. Ele fala da sombra em seu casamento. Marido e mulher passam por uma floresta numa carroça puxada apenas por um cavalo. De repente, um homem sai de entre as árvores e enfia uma faca no coração do cavalo. O casal, diz Frost, era "O par menos questionador, e sempre aceitava o destino."

Imaginamos que o próprio homem
Ou alguém a quem tinha de obedecer,
Queria que saltássemos
E andássemos o resto do caminho. (19)

Portanto, o homem que entra no preto tem de "andar o resto do caminho". É necessário um longo tempo para passar ao preto. Quantos anos decorrem antes que o homem encontre as partes sombrias de si mesmo, que deitou fora? Quando as encontra, e recupera, outras pessoas começam a confiar nele.

Quando pode montar o cavalo preto, então o próprio cavalo o levará ao lugar onde os homens do rei o feriram. Naquele momento, seu cabelo dourado cai sobre os ombros, de modo que todos ficam sabendo quem ele é... mas isso é outra parte da história.

NOTAS

1. Michael Ventura, "The Age of Endarkenment", *Whole Earth Review*, Inverno de 1989.
2. Marian Woodman, *The Ravaged Bridegroom* (Toronto, Inner City Books, 1990).
3. Charlotte Guest, trad., *The Mabinogion* (Chicago, Academy Chicago Publishers, 1978).
4. Aleksandr Afanas'ev, comp. *Russian Fairy Tales* (New York, Pantheon, 1975).
5. Marian Woodman, comunicação particular.
6. Mari Sandoz, *These Were the Sioux* (Lincoln, Nebr., University of Nebraska Press, 1985).
7. Victor Turner, *Ritual Process* (Ithaca, N.Y., Cornell University Press, 1977).
8. Morris Berman, *The Enchantment of the World* (Ithaca, N.Y., Cornell University Press, 1981).
9. "How sweet to weigh the line", de Robert Bly, poema inédito.
10. "SnowWhite", em Ralph Manheim, trad., *Grimm's Tales for Young*

- and Old(New York, Doubleday, 1983).
11. Turner, Ritual Process.
 12. Victor Turner, A Forest of Symbols (Ithaca, N.Y., Cornell University Press, 1970).
 13. Turner, Forest of Symbols.
 14. Barbara Walker, The Crone (New York, Harper & Row, 1985).
 15. Carl G. Jung; ver Edward Edinger, Anatomy of the Psyche LaSalle, 111, Open Court, 1985).
 16. J. S. La Fontaine, Initiation (New York, Viking Penguin, 1985), pp. 154-
 17. Afanas'ev, comp., Russian Fairy Tales.
 18. Wolfram von Eschenbach, Parzival New York, Vintage Books, 1961).
 19. "The Draft Horse", de Robert Frost, The Poetry of Robert Frost, org. Edward C. Lathem (New York, Henry Holt, 1979).

Capítulo 8

A FERIDA FEITA PELOS HOMENS DO REI

Alguma coisa ficou da história do festival das maçãs douradas: a ferida que o jovem recebeu na perna.

Naquela tarde ele também apanhou a maçã. Desta vez, porém, quando se afastou com ela, os homens do rei o perseguiram e um deles se aproximou o bastante para feri-lo na perna com a ponta da espada. O jovem escapou, mas o cavalo deu um salto tão grande para fugir, que seu elmo caiu e todos viram os seus cabelos dourados. Os homens do rei voltaram e contaram ao soberano o que tinha acontecido.

Sentimos que há alguma coisa misteriosa e importante nesse ferimento na perna. Ele representa algo de que nos recordamos obscuramente.

UMA FERIDA NOS ÓRGÃOS GENITAIS

Tendo Freud ainda presente em nossa cabeça, provavelmente faríamos primeiro a suposição de que há um ferimento sexual em tudo isso. É sempre possível que a perna seja um eufemismo para os órgãos genitais. Sabemos que o Rei Pescador, o mais famoso de todos os feridos arturianos, recebeu um ferimento genital. Parsifal, na versão de Chretien de Troyes (1), pergunta à sua prima sobre isso, e ela diz:

Meu bom senhor, ele é Rei, garanto-lhe, mas foi ferido e aleijado numa batalha, e por isso não pode mover-se. Uma lança atravessou-lhe as duas coxas. Ele ainda sente tanta dor que não pode montar a cavalo, mas quando quer divertir-se, manda que o levem para um barco e vai pescar com um anzol; por isso, é chamado de "Rei Pescador".

Alguns comentaristas dizem que ele tem um pedaço de ferro alojado nos testículos. Nos contos de fadas, o ferro é geralmente associado à prisão dos homens — e o vidro, à prisão de mulheres. A sexualidade do Rei Pescador está, portanto como que aprisionada, ou foi ferida pelo ferro. Mas ninguém tem certeza do que significa "sexualidade ferida". É possível que no século XI a atitude hostil de Roma para com a sexualidade tenha finalmente chegado ao campo celta. O Rei Pescador já não podia "montar a cavalo" — a velha sexualidade vulgar tinha sido rejeitada, posta de lado.

Como nossa história provavelmente antecede o cristianismo em vários séculos, tenho dúvidas de que a dor constante do Rei Pescador se aplique a ela. Nossa história não sugere preocupação com as funções sexuais. Creio que a explicação da ferida está em outro ponto — ou seja, é uma ferida na perna, e não na "coxa".

A FERIDA QUE ALEIJA

Não há nada como um ferimento na cabeça, ou no ombro, ou no peito para concentrar nossa atenção sobre nossa cabeça, o ombro ou o peito. A nova ferida faz com que o jovem concentre a atenção na sua coxa. Durante a evolução da nossa história, o jovem entrou cada vez mais em contato com os tesouros do mundo subterrâneo — suas cinzas, seus homens armados, seus cavalos — e agora é mandado, por assim dizer, para a metade inferior do seu próprio corpo.

Há uma ferida viva na história dos irmãos Grimm chamada "A Água da Vida". Um rapaz passa por uma complicada série de provas ao tentar levar de volta a "água da vida" para salvar o pai doente. Uma princesa lhe diz onde fica a fonte, e que ele tem de colher a água antes que o relógio bata as 12. O jovem consegue a água. "Ao passar pelo portão de ferro, o relógio bateu as 12 e o portão fechou-se com tanta força que arrancou um pedaço de seu calcanhar." Um ferimento na perna conclui novamente a história — e podemos supor que esse ferimento fará com que o jovem ande mais devagar.

Uma perna ferida prejudica a locomoção. É como se o primeiro feri-

mento do rapaz, no dedo, o tivesse apressado, e este agora, o retardasse. A velha tradição diz que o sentimento está associado à lentidão. Talvez essa ferida aprofunde seus sentimentos.

Jacó, que tinha sido ágil e escorregadio, tão esperto que conseguiu enganar Esaú, tem mais tarde de lutar com Deus, e durante essa luta desigual sobre um deslocamento da parte superior da perna, depois do que fica capenga. Uma velha tradição diz que Jesus coxeava, lenda que Robert Graves menciona em King Jesus.

Poderíamos falar aqui numa ligação com a terra, no sentido de que um fio de cobre vai diretamente para a terra. Será que uma perna ferida proporciona uma melhor ligação com a terra? Os tornozelos presos de Édipo parecem ter-lhe proporcionado uma má ligação, na infância. Mais tarde, porém, ele é ligado à terra. Depois de se ter cegado, ele caminha lentamente, sendo conduzido pelo Bosque Sagrado pelas filhas. A ligação com a terra é tão boa que, ao morrer, o chão se abre e ali ele desaparece.

Lembramos que Hefestos também era coxo. Antigamente, os ferreiros eram considerados perigosamente mágicos e preciosos porque ousavam fundir o metal, e algumas tribos, ao que parece, tornavam seus ferreiros deliberadamente coxos para impedir que fugissem para outra tribo qualquer. Esse ferreiro fica "aterrado".

Velhas tradições dizem que nenhum homem é adulto enquanto não se tiver aberto à alma e o espírito do mundo, e que essa abertura é feita por uma ferida no lugar certo, no momento certo, na companhia certa. A ferida permite que o espírito ou alma entre. James Hillman, referindo-se a Hans Castorp, personagem de A montanha mágica, e à marcha tuberculosa em seu pulmão, diz: "Através do pequeno buraco dessa ferida, entra o imenso reino do espírito."

As pessoas demasiado saudáveis, demasiado inclinadas ao exercício, demasiado musculares, podem usar a saúde para impedir que a alma entre. Não deixam qualquer porta. Pela perfeição da vitória, conseguem a saúde, mas a entrada da alma é pelo buraco da derrota.

O poeta persa Rumi resume tudo isso belamente, em poema sobre a cabra manca:

Viste uma manada de cabras
Que se dirigiam para a água.

A cabra manca e sonhadora
é a última do grupo.

Há outras preocupadas com ela,
mas ah, agora estão rindo, porque, veja,
ao voltarem
aquela cabra é a primeira!

Há muitos tipos diferentes de conhecimento.
O da cabra manca é de um ramo
que remonta às raízes da Presença.

Aprende com a cabra manca,
E lidera a volta da manada.

do Mathnawi, III, 114-1127

A FERIDA DO JAVALI QUE MATA ADÔNIS

O detalhe da perna ferida leva-nos a uma direção totalmente diferente, se lembrarmos as feridas rituais de Adônis e Átis. Sir James Frazer expõe em *The Golden Bough* [O ramo de ouro], (2) particularmente no volume chamado Adônis, Attis, Osiris, os resultados de sua enorme pesquisa sobre o assunto. Sabemos que nas culturas de Cibele, Inana, Vênus e Ísis, das áreas do Mediterrâneo e Mesopotâmia, o Rapaz-que-Seria-Ferido era imaginado como o amante da Grande Mãe e, ao mesmo tempo, seu filho.

O papel duplo desse rapaz é mais facilmente compreendido, se compreendermos também que naquela época toda a vegetação — flores, relva, trigo, uvas, alface — era considerada masculina. Como nós dizemos "Mãe Terra", nas raras ocasiões em que pensamos no assunto, supomos ser a vegetação feminina. Para os daquela época, era masculina.

A terra vive durante todo o ano; as folhas caem. A terra vive para sempre; o "mundo vegetal" morre. A Grande Mãe, como a terra, continua vivendo, ano após ano, mas a vegetação verde morre ao calor do verão e, novamente, ao frio do inverno. Para que o mundo humano e o mundo natural se movimentem em harmonia, o sistema religioso dessas culturas promovia o sacrifício de um rapaz a 21 de junho e a 21 de dezembro. Esse rapaz, uma espécie de ente mágico, crescia e era cortado. Num ato simpático, as pessoas plantavam flores em vasos rasos, com pouca terra, chamados "jardins de Adônis". Eram vasos de plantas de vida curta, como alface e funcho, que crescem

rapidamente, e, como Ad de Vries observa no seu Dictionary of Symbols and Imagery [Dicionário de símbolos e imagens], (3) são tratados "durante oito dias e em seguida deixados secar, a fim de serem lançados no mar com a imagem de Adônis... as plantas ficavam, geralmente, nos telhados." "Os jardins de Adônis duram apenas um dia", era um verso de uma velha canção.

O tempo, como uma correnteza sempre ativa
Carrega todos os seus filhos.

O jovem ritualmente escolhido e ritualmente sacrificado recebia em certas áreas o nome de Adônis, de Átis em outras, era Jacinto em partes da Grécia, Tamuz na Mesopotâmia. Era um rapaz não-iniciado; não tinha recursos energéticos comparáveis à Grande Mãe e morria, enquanto ela vivia.

Robert Graves (4) tem muito a dizer sobre este ritual, mas, ao contrário dele, não creio que isso fosse uma grande conspiração das sacerdotisas da Grande Mãe para humilhar e sacrificar os homens. Tanto homens como mulheres, em seu desejo religioso de que "aquilo que está embaixo deve ser igual ao que está acima", preparavam e realizavam o ritual. Não o vejo como parte de uma guerra entre homens e mulheres.

Esquecemos esses fatos. Os sacrifícios foram olvidados, mas os historiadores que se ocupam daquela época, estimulados por milhares de referências na literatura antiga, deixam claro que a ferida mortal era provocada por um javali. Este, com seu chifre de meia-lua, feriu Adônis na região genital, e esse ferimento foi fatal.

Em épocas gregas muito antigas, o templo provavelmente promovia uma caçada fatal ao javali. Esse animal, vindo diretamente da natureza, tem chifres, pernas e pescoço vigorosos, movimentos imprevisíveis, o terror de forças naturais impetuosas como as enchentes, quedas d'água, incêndios na mata, vendavais. Seu chifre tem uma bela curva, como uma onda ao quebrar, ou a lua nova, ou uma foice.

As histórias de jovens feridos por javalis têm milhares de anos. Sabemos que remontam à camada da cultura européia que se formou em torno do porco bravo e do porco domesticado. O porco foi o primeiro animal domesticado, e sua criação foi seguida pela criação da ovelha e, para alguns, do gado. Os mitos eram muitas vezes reescritos à medida que o animal simbólico mudava.

John Layard, (5) que passou anos vivendo entre os Malekula, que a-

inda atravessam a fase da Idade da Pedra, descobriu, para sua surpresa, que eles ainda estavam totalmente absorvidos pela criação do porco e do javali, que a Europa atravessara séculos antes. O povo Malekula expressava todas as suas idéias simbólicas e religiosas através da vida e hábitos do porco e, poderíamos dizer, sentia toda a sua transcendência através do javali. Portanto, o javali tem na Grécia o papel de um animal sagrado.

Eis como Ovídio descreve o ataque a Adônis:

Mas o jovem caçador
Desprezava os avisos e certo dia aconteceu.
Seus cães, seguindo a pista, levantaram um javali,
E ao vir correndo da floresta Adônis desfechou-lhe
Um golpe lateral, e o javali voltou-se e sacudindo
Do flanco a lança, investiu sobre o caçador,
Que teve medo e correu, e caiu e o chifre entrou
Fundo na virilha, e o jovem ali ficou agonizando
Sobre a areia amarela (6)

Os estudiosos acreditam que em épocas gregas posteriores uma sacerdotisa, ou um sacerdote, usando uma máscara de javali e levando a foice da colheita, provocava o ferimento ritual na barriga ou na genitália do rapaz, que sangrava até a morte. Também parece que a jovem recebia uma maçã dourada antes do ritual, de modo a ser admitido ao paraíso no Oeste.

Esse sacrifício só é chocante para os que não leram a ampla literatura sobre ele. Margaret Walker, comedida e fidedigna, diz sobre Adônis em sua *Encyclopedia of Women 's Myths and Secrets-*.

Adônis: Versão grega do Adonai semita, "O Senhor", um deus salvador castrado e sacrificado, cuja morte-amor o uniu a Afrodite, ou Asherah, ou Mari. Em Jerusalém, seu nome era Tamuz....

Outra forma do mesmo deus era Anquises, castrado: "chifrado no sexo" pelo sacerdote de Afrodite com máscara de javali. Seu falo cortado tornou-se seu "filho", o itifálico deus Príapo, identificado com Eros na Grécia.... A castração do deus era comparada à colheita do cereal, personificada por Adônis. (7)

Lembramos que "Abraão" susteve o sacrifício de "Isaac", que presumimos que se vinha processando há séculos. Na época de Abraão, a Palestina adotava a criação da ovelha, de modo que o carneiro era

usado.

Toda essa área tornou-se muito obscura e pouco se fala dela. Sabemos que numa certa época, diferente em cada uma das culturas estudadas, o ferimento provocado pelo javali deixa de ser fatal.

O FERIMENTO DO JAVALI QUE JÁ NÃO MATA

Bruno Bettelheim (8) fez um estudo detalhado dos rituais aborígenes de iniciação, e resumiu algumas de suas descobertas em *Symbolic Wounds*. Segundo ele, os aborígenes dizem que a Grande Mãe instituiu certos rituais para a iniciação masculina. Só mais tarde, ao que parece, os homens os adotaram.

Quando os velhos adotam um ritual, apegam-se à cerimônia básica, mas o seu espírito se altera. Se na opinião deles a velha forma enfraquecia os homens, a nova pode fortalecê-los. Tendo presente esse modelo, é possível imaginar que os velhos iniciadores na Grécia adotaram o ritual do javali e o modificaram, de modo que o sacrifício dos jovens acabou.

De fato, a *Odisséia* anuncia que essa época chegou. A aventura de Odisseu (ou Ulisses) com um javali, quando menino, e que Homero relata, seria, portanto, importante. Odisseu, diz a história, caçava javalis "com seu avô", o que sugere que todo o ritual estava entregue aos velhos. Homero nos conta essa história no Livro XIX da *Odisséia*:

Ao latir e ao tropel, sanhuda a fera
Sai, de eriçado pêlo e a vista em brasa,
Tem-se de perto; Ulisses o primeiro
Com forte ávida mão levanta o pique;
Prevenindo-lhe o golpe, o dente o cerdo
Lhe aferra no joelho, mas oblíquo,
Sem osso lhe ofender, na carne o embebe:
De ênea cúspide o herói na destra espádua
O atravessa; ei-lo, grunhe e tombe e morre?

Poderíamos dizer que temos dois tipos de homens nesta época: os que são mortos pelo javali e os que são marcados com uma cicatriz. Há homens que não sobrevivem a um encontro com o lado negativo da Grande Mãe, e há homens que sobrevivem. Quando a luta se trava sob os cuidados dos velhos — os avós — o ataque do javali deixa apenas uma cicatriz. O homem continua vivo e, quando velho, é sagaz como Odisseu e cheio de sabedoria.

O ritual do javali começou como a morte de um rapaz não iniciado, e transformou-se numa cerimônia que marcava a última e decisiva etapa da prova do iniciado. Essa mudança nos lembra a evolução sofrida por Osíris na religião egípcia, e que contribuiu para a estabilidade do país. Osíris, antes imaginado como o filho de Ísis, tornou-se seu "irmão" e "marido".

Odisseu, como observou James Hillman, não é um herói unilateral, como tantos heróis gregos que brilham e morrem como flores de pouca duração. Odisseu nos surpreende com sua força na linha masculina: honra o pai e dá carinho ao filho. Mitologicamente, Odisseu une em si o jovem aventureiro, o "puer", e o velho firme, o "senex".

É interessante que quando os romanos traduziram a Odisséia, deram a Odisseu o nome de Ulixes, que alguns estudiosos acreditam ser uma combinação de oulas, fermento, e ischea, coxa. O nome de Ulixes torna-se, portanto, literalmente, fermento na coxa. Ele recebe o ferimento e sobrevive. Os romanos devem ter considerado esse detalhe da vida de Odisseu como muito importante.

Mais adiante na Odisséia, seu Livro XXIV, há uma cena maravilhosa na qual Odisseu retorna secretamente a Ítaca, e fica na choça do guardador de porcos (porcos, novamente). Sua velha ama dá-lhe um banho e, ao ver a cicatriz na coxa, compreende de repente quem é ele. O novo tipo de homem pode ser reconhecido pela cicatriz na coxa.

Alguma coisa estranha está acontecendo, então, quando os homens do rei ferem o jovem na perna. Podemos estabelecer agora uma distinção entre o ferimento do javali que leva o rapaz para o paraíso e o ferimento de javali que o deixara com uma cicatriz na coxa. Se temos essa cicatriz, nossa "velha ama" pode reconhecer-nos. Outros podem ver quem somos, mas a nossa visão parece ser também mais clara.

É provável que em "João de Ferro" estejamos tratando com um ferimento iniciatório, talvez um ferimento físico causado por velhos iniciadores em alguma época passada. Podemos especular que os mentores provocavam um ferimento na coxa de um jovem numa fase final da iniciação. Odisseu, como dissemos, tinha a cicatriz de uma ferida assim, e sabemos que era um iniciado; por exemplo, é o "décimo terceiro" do seu grupo, ao visitarem Circe.

O que é uma cicatriz? Os nativos americanos têm uma tradição magnífica sobre cicatrizes, que o Gamo Manco menciona rapidamente em sua autobiografia. Ouvi essa tradição relatada da seguinte maneira:

"Quando morremos, encontramos a Velha Bruxa, que come nossas cicatrizes. Se não as tivermos, ela comerá nossos olhos e ficaremos cegos no outro mundo." A história é muito rápida, mas certamente defende o valor das cicatrizes.

Quem não tem cicatrizes fica cego no outro mundo, mas também o homem de cicatrizes também seja cego no mundo imaginativo. Odisseu prova que sua cicatriz o ajuda a ver, pois ao viajar de uma ilha misteriosa para outra, os homens que o acompanham são esmagados por rochas, ou comidos pelos Ciclopes, ou transformados em porcos (outra vez!) por Circe; ele vê algo que os outros não vêem, e escapa desses perigos, embora por um triz.

Parece-me, portanto, que o ferimento recebido pelo rapaz às mãos dos homens do rei não é especificamente sexual; e vai além de um simples ferimento. Sugere um ritual de iniciação administrado por homens velhos, e que já esquecemos. Ao que tudo indica, o ferimento na perna, quando feito ritualmente, ou no espaço de entrada, fortalecia o jovem. Vamos examinar que espécie de força poderia ser.

O FERIMENTO COMO VENTRE MASCULINO

Dioniso, como sabemos, nasceu da coxa de Zeus. Como seu destino era ser "Um Homem com Duas Mães", o fogo de Zeus pôs fim à sua permanência no ventre de Semeie. Uma história diz que Hermes salvou o menino ainda por nascer, e costurou-o dentro da coxa de Zeus. Essa história encerrava muita reflexão mágica, mas notamos a abertura feita na coxa de Zeus, que segundo outra história teria sido feita pelo próprio Zeus, para proporcionar a Dioniso um ventre.

Esse tipo de pensamento tem milhares e milhares de anos. André Leroi-Gourhan, (10) que passou anos estudando as enigmáticas pinturas nas cavernas da Dordogne, conclui que a famosa cena do mamute ferido, o xamã em transe e a varinha com cabeça de pássaro, equivale a um estudo do "ferimento". Sabemos de fontes siberianas que o xamã tem de ser um homem ferido, e uma lança feriu Cristo no flanco, antes de sua morte.

Leroi-Gourhan especula que os pintores da Dordogne usam uma linguagem visual cujas "palavras" visuais são múltiplas. Por exemplo, a lança, quando desenhada, é também um falo, portanto um ferimento desenhado é também uma vulva. Receber um golpe de lança é, pois, na arte da Dordogne, ter uma vulva, ou receber um ventre.

Shakespeare, com seu espantoso gênio, compreendeu bem esse pa-

ralelo. Seu primeiro poema longo, "Vénus e Adônis", focaliza diretamente essa velha história mediterrânea do sacrifício masculino. Shakespeare apresenta Vénus como uma mulher mais velha, de sangue quente, e Adônis como um jovem, um rapaz ardente e sem prática. Por insistência dela, fazem amor, mas os leitores que conhecem a mitologia clássica sabem que acontecerá uma caçada de javali. O javali ataca Adônis e transforma a sua coxa em coxa de mulher. Eis como Shakespeare diz isso:

É certo, é bem certo: assim feriu-se Adônis;
Correu para o javali com sua aguda lança,
Que nele não fincou de novo os seus dentes,
Mas pensou com um beijo persuadi-lo;
Efocinhando-lhe o flanco, o suíno amante
Embainha de surpresa, o chifre na virilha. (11)

Shakespeare chama a atenção para uma coisa estranha: é como se o javali fosse para o jovem o que um homem é para uma mulher. O javali, na verdade, abre uma passagem sexual; cria uma boceta; o jovem recebe uma abertura feminina:

Embainha, de surpresa, o chifre na virilha.

O trecho me parece surpreendente: há nele a sugestão de um conhecimento secreto. A união de bainha e ferimento parece-me o mais sutil dos toques, realizado pelo espantoso gênio de Shakespeare em jogar com as imagens.

O javali "amante" assemelha-se então à faca do próprio Zeus, ou à faca de Hermes: abre um ferimento na coxa de Adônis, semelhante ao ventre criado na coxa de Zeus. Lembramos a associação de Dioniso com esse ferimento.

O FERIMENTO COMO A DEDICAÇÃO DO HOMEM AO DEUS DO SOFRIMENTO

Como podemos notar, Dioniso é o deus grego mais ligado a ferimentos e à condição de ferido. Os Titãs, diz o mito, deram-lhe um espelho quando ele era criança e aproveitando-se de sua distração, despedaçaram-no e comeram-no. Como dissemos antes, ele foi reconstituído a partir do coração, que os Titãs esqueceram. Alguns outros deuses gregos, Apoio e Zeus, por exemplo, representam a totalidade, a radiação e a integridade solar; Dioniso, porém, representa o êxtase que pode vir de rasgar e ser rasgado. O vinho extático só surge se o cacho de uvas for rasgado, pisado, encerrado.

Dioniso é o cacho de uvas rasgado por mãos em aldeias gregas e lançado na tina do vinho. Quando homens e mulheres pisavam essas uvas, sabe-se que cantavam: "Ó Dioniso, eu não sabia, eu não sabia." Quando a cultura de gado chegou à Grécia, os moradores das aldeias matavam ritualmente um touro na primavera, e ao comerem a carne crua, repetiam o nome "Dioniso". A filosofia ética quer Apoio, a moralidade e a perfeição. Os pagãos querem rasgar e ter o êxtase.

W. B. Yeats, escrevendo em fins de sua vida, imagina uma discussão entre um bispo católico que quer acabar com o pecado, e uma cigana louca chamada Jane Doida. Yeats faz com que ela diga ao bispo:

A mulher pode ser orgulhosa e rígida
Quando o amor intenta-,
Mas amor construiu sua morada
Em cima de excrementos
Pois nada pode ser único ou íntegro,
Se não foi rasgado.

Estes versos expressam, de uma bela maneira, o louvor pagão e dionisíaco de rasgar e ser rasgado; e a pequena explosão que acontece nos quatro últimos versos é testemunho da grandeza de Yeats, mas também da força dessa velha idéia pagã.

Creio que dissemos tudo o que era possível sobre o ferimento da perna. Concluimos que alguns jovens, no passado — presumidamente os guiados por homens mais velhos — tornaram-se cada vez mais como sempre-vivas e cada vez menos como flores da primavera. Não morriam quando feridos, mas suportavam o ferimento e sobreviviam com uma cicatriz. A Odisséia, que lembra tudo o que os homens e mulheres aprenderam sobre o Grande Pai e a Grande Mãe durante cem mil anos, equivale a uma comunicação de que esse tipo de homem está agora no mundo.

Além disso, o ferimento na perna feito pelos homens o Rei criou, segundo fantasias mantidas pelos homens durante séculos, um ventre dentro do corpo masculino. Ninguém chega à condição adulta sem um ferimento que vai ao âmago. E o menino da nossa história não se torna Rei sem esse ferimento.

A velha tradição diz que as mulheres têm dois corações: um no peito, outro no ventre. Têm um falso coração.

Os velhos iniciadores, portanto, dão ao jovem, através do ferimento

causado no espaço ritual, um coração duplo. Agora ele tem o coração físico que sempre teve, mas também um coração compassivo. Tem um falso coração. Veremos pela história como isso acontece.

A HISTÓRIA PEDINDO A NOIVA

No dia seguinte, a filha do rei perguntou ao jardineiro pelo seu ajudante. "Ele está de volta ao trabalho no jardim. Esse tipo estranho foi ao festival ontem e só voltou à noite. E mostrou aos meus filhos as maçãs douradas que ganhou."

O rei mandou chamar o rapaz, que compareceu com o gorro na cabeça. A filha do rei, porém, aproximou-se dele e lhe arrancou o gorro. Os cabelos dourados caíram sobre os ombros do moço; sua beleza era tanta que todos se espantaram.

O rei disse: "És tu o cavaleiro que apareceu todos os dias do festival com um cavalo de cor diferente, e apanhou a maçã dourada todos os dias?"

"Sou eu", respondeu ele, "e aqui estão as maçãs". Tirando-as do bolso, entregou-as ao rei. "Se precisar de outra prova, queira olhar o ferimento que seus homens me fizeram ao me perseguir. E mais, sou também o cavaleiro que ajudou a derrotar o inimigo."

"Se podes realizar feitos dessa magnitude, evidentemente não és um ajudante de jardineiro. Quem é teu pai?"

"Meu pai é um rei notável, e tenho muito ouro, todo o ouro de que possa precisar."

"É claro", disse o rei, "que tenho uma dívida contigo. Dar-te-ei o que estiver ao meu alcance e desejares."

"Bem", disse o rapaz, "quero sua filha por mulher."

A filha do rei riu e disse: "Gosto da maneira como ele diz as coisas, sem rodeios. Eu já sabia, pelo seu cabelo dourado, que não era ajudante de jardinagem". E aproximou-se dele e o beijou.

O jovem chamado pelo rei sabe que é chegado o tempo do cabelo dourado. Sua cabeleira caiu-lhe sobre os ombros quando foi ferido, e agora volta a cair, estando ele de pé na presença do rei. Está certo,

porque o momento sagrado chegou. Tudo o que acontece nesse momento é certo.

O jovem recolocou repetidas vezes o seu gorro no cabeça, seguindo o princípio: esconde teu puro quando és jovem. Lembramos que ele distribui as moedas de ouro; recusou o louvor público depois da sua vitória contra os invasores do rei; recusou o reconhecimento do público todas as vezes que a maçã dourada lhe coube. Por que agora é o momento adequado para que deixe o cabelo cair, mostre as maçãs douradas, aceite a recompensa por ter salvo o reino?

Uma conexão com o feminino também é adequada. O caminhar do jovem por uma estrada exclusivamente masculina terminou. O Homem Natural, que é um deus da natureza, guiou a iniciação do moço. O ensinamento de João de Ferro não visa nunca a uma separação masculina, ou ao separatismo de qualquer modo, e veremos logo como o desenrolar da nossa história envolve a associação com o princípio feminino, profundamente e de várias formas. Na natureza, "yang" e "yin" se entrelaçam, por toda parte; a natureza é inconcebível sem a incessante e alegre fusão da receptividade e iniciativa, curiosamente misturadas em todas as conchas de caracol, e carvalhos, e todos os tigres, e todas as montanhas, e todas as abelhas.

O tempo passa mais depressa num conto de fadas do que para nós; e o homem teria, no tempo da terra, cerca de 50 anos agora, ou seria ainda mais velho. Uma flor desabrochou finalmente; o salmão dourado botou ovos; o jovem recebeu pela sua descida uma ligação terra que lhe permite religar-se a uma criatividade que o teria assustado quando mais jovem.

Os contos de fadas dizem que nascemos com certos anéis dourados, ou fusos, ou lembranças de glória que nos asseguram termos um lado transcendente, ou grandioso. Mas a vida em família acaba logo com essa segurança, e atravessamos uma fase de vergonha e uma fase de privação. Durante esse tempo, homens e mulheres vivem deprimidos, nada sabem dos pensamentos dourados, são pisados pelos cavalos, atropelados pelos medíocres, totalmente privados de estima. A coroa é posta de lado, fechada num baú, perdida no porão, roubada pelos ladrões, sumida. "Nós somos os homens ociosos, infelizmente." Mas durante todo esse tempo, se tivermos sorte, a ponte está sendo refeita. Quem tem o plano, quem é o arquiteto, quem faz os tijolos ou vigas de aço, ninguém sabe ao certo, mas de qualquer modo é diferente para cada pessoa. Contudo, finalmente, aos 50 ou 55 anos, sentimos de novo no dedo um anel de ouro.

A maioria dos sistemas psicológicos não quer nenhuma expressão de grandeza masculina. Toda conversa de grandeza é inflação, e todas as coroas devem ser deixadas no pó. Nossa história tem, desde o início, uma visão diferente. Ela sustenta que o amor-próprio humano é uma questão delicada e não deve ser rejeitada como grandiosidade infantil. Nossa "grandeza refletida", como disse Heinz Kohut, (13) não precisa ser cuidadosamente honrada, nem inflada ou esmagada. Se a "grandeza refletida" de um homem ou mulher for totalmente rejeitada, ele ou ela ficarão aleijados, e serão candidatos a todos os tipos de invasão pela mente grupai. Kabir diz:

Dentro desse jarro de barro há gargantas e montanhas de pinheiros
E quem fez as gargantas e as montanhas de pinheiros
Todos os sete mares estão lá dentro
E centenas de milhões de estrelas.

O jovem de nossa história tornou-se amigo do Homem Natural e recebeu um gole daquela água luminosa. Não perdeu sua ligação com o Rei. O Guerreiro ofereceu-lhe uma taça. Hermes deu-lhe um gole de vez em quando.

Toda essa reconstrução da ponte, toda essa veneração do grande eu, toda essa distribuição das águas que matam a sede foi, em nossa história, feita sob a orientação do Homem Natural. Talvez seja agora o momento de perguntar: "Quem é esse Homem Natural?"

O HOMEM NATURAL E SUAS QUALIDADES

A ligação do homem ocidental com o Homem Natural foi perturbada, ou interrompida, há séculos, e muito medo se acumulou. "Todo anjo é perigoso", diz Rilke, portanto o medo tem seu lugar. Mas a ignorância não tem um lugar.

Mas em vez de procurar um Homem Natural lá fora, poderíamos procurar vestígios que permanecem dentro de nós. Um vestígio do Homem Natural é a espontaneidade que preservamos da infância. Não importa de quantas reuniões de família participamos, ou a quantas reuniões de comissões comparecemos, pequenos e engraçados movimentos dos ombros e gritos estranhos esperam dentro de nós. Quando estamos numa conversa aborrecida, poderíamos, em lugar de dizer alguma coisa tediosa, dar um grito. Não podemos prever nunca o que sairá; e uma vez dado o grito, cabe aos outros interpretá-los, sem desculpas ou explicações. Pequenas danças são úteis no meio de uma discussão, bem como recitar haicais totalmente incom-

preensíveis, em voz alta, na igreja, ou ao comprar móveis. A grosseira e o sarcasmo podem ser selvagens, mas o inesperado, não. Quando o Homem Natural foi preservado interiormente, o homem também sente uma cordialidade autêntica para com o que há de selvagem na natureza. Uma mulher de Concord fez uma descrição de Emerson, Hawthorne e Thoreau patinando no gelo. Emerson inclinava-se para a frente, como se enfrentasse o vento, Hawthorne patinava como uma estátua imensamente calma, e Thoreau dava pequenos saltos e fazia piruetas constantemente. Gerard Manley Hopkins, sempre produzindo sons inesperados, disse:

O que seria o mundo, se privado
Do que é tímido e selvagem? Deixem que existam,
Ah, deixem que existam, selvageria e umidade,
Que ainda vivam muito as ervas e o deserto. (14)

Thoreau disse: "Na literatura, só o que é inesperado nos atrai." É o Homem Natural quem está protegendo a Coruja Pintada. O Homem Natural é o protetor masculino da terra.

Creio que estamos lembrando do Homem Natural agora — e as mulheres estão lembrando da Mulher Natural e outras Revigoradas — porque homens e mulheres precisam, agora, mais do que nunca na História, proteger a terra, suas criaturas, as águas, o ar, as montanhas, as árvores, as selvas. Além disso, quando desenvolvemos o Homem Natural, ele acompanha o rastro dos animais selvagens dentro de nós, e nos adverte quando eles podem acabar extintos. O Homem Natural em nós é aquele que está disposto a deixar a vida agitada, e é capaz de ser chamado para longe.

As fortes folhas do negundo
Mergulhando no vento, nos convidam a desaparecer
Nas matas do universo
Onde nos sentaremos ao pé de uma planta
E viveremos para sempre, como o pó (15)

Poderíamos dizer que o Homem Natural representa o lado positivo da sexualidade masculina. Os pêlos que cobrem todo o seu corpo são tão naturais quanto os de um gamo ou um mamute. Ele não foi barbeado por envergonhar-se, e seus instintos não foram suprimidos ao ponto de produzir aquela raiva que humilha as mulheres. A sexualidade do Homem Natural não se alimenta do feminino, ou de imagens do feminino; ela ressoa também para montes, nuvens e oceano. O americano nativo tem muito do Homem Natural, que se manifesta no amor pelas coisas comuns. O Gamo Manco menciona várias vezes,

em sua autobiografia, que o índio sente o divino num pedaço de couro de animal, na névoa ou vapor, e nos acontecimentos habituais do dia. Uma selvagem Chippewa escreveu este pequeno poema:

Por vezes tenho pena de mim mesma,
e todo o tempo
sou arrastada pelos céus por grandes ventos}^

O Homem Natural é a porta para a rusticidade na natureza, mas também poderíamos dizer que o Homem Natural é a própria natureza. O mesmo se pode referir à Mulher Natural. Hermes, Apoio, a Virgem podem estar acima da natureza, mas o Homem Natural é natureza.

O Homem Natural estimula a confiança, e equivale a ela no que está embaixo. O Homem Natural estimula a confiança na metade inferior do nosso corpo, nossos órgãos genitais, nossas pernas e tornozelos, nossas indicações, as "solas" de nossos pés, os ancestrais animais, a própria terra, os tesouros na terra, os mortos há muito enterrados, a teimosa riqueza a que descemos. "A água prefere os lugares baixos", diz o Tao Te Ching, que é um autêntico livro do Homem Natural.

Essa atenção ao que está embaixo nos estimula a seguirmos nossos próprios desejos, que sabemos não se limitarem ao sexual, mas incluem desejos de infinito, da Mulher na Beira do Mundo, do Pássaro de Fogo, do tesouro no fundo do mar, desejos totalmente supérfluos. James Hillman elogia este parágrafo de William James, como grandes palavras sobre o desejo:

A principal diferença entre o homem e os brutos está no excesso exuberante da sua propensão subjetiva. Sua superioridade sobre eles repousa simples e unicamente no número e no fantástico e desnecessário caráter de seus desejos físicos, morais, estéticos e intelectuais. Se toda a sua vida não tivesse sido uma busca de supérfluos, ele não se teria estabelecido de maneira tão inexpugnável no necessário. E da consciência disso ele deveria extrair a lição de que deve confiar em seus desejos, que mesmo quando a sua satisfação parece remota, o mal-estar que ocasionam ainda é o melhor guia da sua vida, e o levará a questões totalmente além de sua atual capacidade de ver. Podem-se as suas extravagâncias, modere-se o homem, e ele estará desfeito.

A vontade de Crer (17)

Precisamos desenvolver um corpo, não nas barras paralelas, mas um corpo ativado, emocional, bastante forte para conter nossos desejos

supérfluos. O Homem Natural só pode atingir a plenitude dentro de nós quando tivermos passado pelas disciplinas sérias sugeridas pelo primeiro ferimento, pelo trabalho de cozinha e de cinzas, pela criação de um jardim, levando-lhe flores silvestres para a Mulher Sagrada, conhecendo o guerreiro, montando os cavalos vermelho, branco e preto, aprendendo a criar arte, e recebendo o segundo coração.

O Homem Natural não atinge a plenitude da vida sendo "natural", indo com a correnteza, fumando maconha, sem nada ler, sendo rotineiro. O êxtase equivale a viver ao alcance da alta voltagem dos dons dourados. O êxtase vem depois do pensamento, depois da disciplina auto-imposta, depois do sofrimento.

Estou satisfeito de seguir até suas fontes
Tudo o que acontece na ação ou pensamento;
Meça a sorte; perdoar eu mesmo a sorte!
Quando alguém como eu joga fora o remorso
Uma doçura tão grande enche o peito
Que temos de rir e temos de cantar.
Somos abençoados por tudo,
E tudo o que vemos nos abençoa.

"Diálogo do Eu e da Alma", de W. B. Yeats.

O Homem Natural, portanto, através de suas disciplinas, prepara um corpo emocional que pode receber sofrimento, êxtase e espírito. Ele prepara a matéria. Sofia desceu dos eões para este planeta, diz a história, e ficou presa aqui na matéria. Em consequência, podemos encontrar Sofia em qualquer pedaço de casca de árvore e em qualquer pedra ou pena. O Homem Natural é amigo de Sofia. "Todos os que são calmos e sensíveis são insanos", diz Rumi. (18)

Finalmente, a energia do Homem Natural é a energia consciente de um ferimento. Seu rosto, que vemos nos entalhes medievais, e seu corpo, que vemos na pequena estátua de basalto do ano 4000 a.C, encerram dor, conhecem-na, partilham dela com a natureza. O duro sobrevivente em nós alcançou a idade adulta. Mas o Homem Natural lidera o retorno que acabaremos tendo de fazer, como adultos, de volta ao lugar do abuso e do abandono infantis. O Homem Natural é, sob certos aspectos, um guia melhor para essa dor do que a nossa criança interior, precisamente porque não é uma criança. Porque ele não é uma criança, sabe histórias, e pode orientar-nos até o sofrimento pessoal, e através dele.

As qualidades do Homem Natural, entre elas o amor à espon-

taneidade, a associação com lugares selvagens, a veneração do sofrimento, o respeito pelo risco, atemorizam muita gente. Alguns homens, mal sentem os primeiros impulsos de correr riscos e reconhecem sua ligação com o que chamamos de Homem Natural, intimidam-se, sustam toda indisciplina, recomendam timidez e comportamento coletivo aos outros. Alguns desses homens tornam-se diretores de escolas secundárias, outros são sociólogos, homens de negócios, ministros protestantes, burocratas, terapeutas; outros ainda tornam-se poetas e artistas.

Mas o homem que não desce à cozinha não conhece as cinzas. Alguns homens estão abertos às cinzas, e são tão diversos quanto Richard Pryor, John Cassavetes, James Baldwin, Reshad Field, C. Everett Koop, Woody Allen, o recente Jimmy Carter, César Chávez, e assim por diante. Todos recomendam o caminho que envolve intensidade, consciência do fermento, alerta ao impulso, a possibilidade de uma queda.

Os russos estão agora tomando nas mãos as cinzas de uma indústria incompetente, agricultura coletiva, mentiras, paranóia stalinista, machismo militar, os Gulags, loucura leninista e assim por diante. Temos de respeitar isso; talvez, ao manusear cinzas, lhes ocorram idéias.

É triste dizermos que os Estados Unidos ainda se recusam teimosamente a recolher as cinzas que criaram nas quatro últimas décadas. Nossa política agrícola está em cinzas, nossas escolas são cinzas, o tratamento dos negros é todo cinzas, o déficit comercial é cinzas, a política ambiental é cinzas, a pobreza das mulheres e crianças é cinzas.

Quando a descida começa para uma pessoa ou uma nação, sentimos uma queda, um tropeço previsto para fora da respeitabilidade e obediência, e vamos cair na escura barriga da baleia, "sem eira nem beira em Paris e Londres", um mergulho profundo, sentindo o peso do carro cair sobre nós.

Blake e Yeats são, para os leitores de poesia, os mestres do caminho do Homem Natural. Blake toma seu deus imaginário Ore, que vive em chamas, como sua imagem; Yeats toma Chuchulain como sua imagem do Homem Natural, e as duas grandes mulheres, Emer e Jane Doida, como suas imagens da Mulher Natural.

Chuchulain e Jane Doida não querem a vida comum; preferem uma possível intensidade, embora isso encerre o risco do fracasso ou loucura, mas preferem isso "à vida monótona prometida ao servo bom".

Jane Doida e Chuchulain são amantes do risco, são dos que preferem ir para o Inferno, se este for animado, do que viver comodamente no Céu.

O objetivo não é ser o Homem Natural, e sim estarem contato com ele. Nenhum homem de juízo perfeito na Grécia diria: "Eu quero ser Zeus", mas na cultura americana, passada e presente, encontramos pessoas que querem ser o Homem Natural — escritores inteligentes como Kerouac não conseguem distinguir entre ser, e estar em contato com. A tentativa de ser o Homem Natural termina numa morte precoce e em confusão para todos.

A COMUNIDADE DENTRO DA PSIQUE

O Homem Natural é parte de uma companhia ou uma comunidade na psique do homem e seria tolice concentrar-se exclusivamente nele, como seria tolice concentrar-se exclusivamente no Guerreiro. Exatamente como o homem da nossa história existe como um companheiro da energia feminina, que por vezes segue a sua orientação e outras vezes não, também o Homem Natural vive num complicado intercâmbio com os outros seres interiores. Toda uma comunidade de seres recebe o nome de homem adulto.

Vejo, até agora, sete desses seres. Neste livro, tratamos detalhadamente do ser que chamei de Rei, e dedicamos também muita atenção ao Guerreiro. Uma das maiores figuras da psique masculina é o Amante, e falamos dele ao mencionar o jardim. O Homem Natural energiza, por certo, toda esta história. Vou falar rapidamente sobre os três outros não mencionados até agora.

De Prestidigitador chamaremos o quinto ser. Foi um erudito americano, Paul Radin, que fez a descrição fundamental em seu livro *The Trickster* [O prestidigitador], (19) utilizando o grande ciclo de mágicas dos Winnebago. No solo americano parece estar armazenada mais energia do prestidigitador do que em qualquer outro continente do mundo. Os nativos americanos desenvolveram extravagantes histórias de coioote, e o Boi Sentado foi um "heyoka" durante toda a vida. *Confidence Man* [O trapaceiro], de Melville, mostra que não era prudente confiar nos homens do século XIX.

O Prestidigitador não "acompanha a corrente", mas sua tarefa é invertê-la tão logo percebe a direção em que flui, de modo que a energia maior continua a mover-se. Quem quer que tenha visto o cômico americano Cary Oates viu o Prestidigitador numa forma maravilhosamente pura. A elegância de Hermes, de que já falamos aqui, como a

apresentação do rapaz à princesa pela luz do sol refletida, pertence ao Prestidigitador. Shakespeare joga sempre com o palhaço ou o bobo para equilibrar o Rei: ele gosta desses contrários. Durante o King Lear, escrito no fim da sua carreira, ele reverencia mais do que nunca o Prestidigitador. Quando o rei Lear, quase no fim da peça, encontra uma cabana em meio à tempestade, diz para o bobo, que é um Prestidigitador: "Entre você primeiro."

Chamo o sexto ser de Mitologia ou Cozinheiro. Ele sabe quanto tempo deve durar o cozimento, e como passar de uma fase para outra. Robert Moore,²⁰ que escreveu bem sobre ele, dá-lhe o nome de Mágico, ou Magus. No mais alto nível, ele é um xamã. Ocupa-se de energias do mundo invisível e por isso poderíamos dizer que os matemáticos também são mágicos.

Por vezes, mesmo quando o corpo emocional do homem foi severamente aleijado na infância, o Mágico ou Cozinheiro pode sobreviver. Essa energia intelectual pura, não prejudicada como as emoções, deduz as coisas e ascende para manter a sua sanidade. Talvez a sábia ascensão do Mágico seja a maneira pela qual o homem ingênuo nasce. O mitologista, ou o Cozinheiro, ou o Mágico, é, portanto, uma grande bênção. Ele se movimenta atrás das cortinas em nossa história, invisivelmente, mandando o jovem para o jardim, por exemplo, apesar do que diz o Rei.

O sétimo ser é o Homem do Sofrimento. Creio haver nos homens uma figura especial que os conduz a uma de suas grandes forças — a capacidade de sofrer. Há no homem um sofrer sem causa. Podemos senti-lo em Bach, Rembrandt, Goya, Homero. Não digo que as mulheres não o sintam, mas o sofrimento masculino tem um tom diferente. Apesar disso, em nossa cultura o homem tem escassa oportunidade de sofrimento.

Bem, no dia em que nasci
Deus estava enfermo. (21)

César Vallejo

Ainda é belo sentir o coração bater
mas muitas vezes a sombra parece mais real do que o corpo
O samurai parece insignificante
Ao lado de sua armadura de escamas de dragão negro?*

"Depois de uma Morte", de Tomas Transtromer

Como posso viver sem ti?

Sobe até mim, amor,
Saindo do rio, ou eu
descerei até aí. (23)

"À Musa", de James Wright

Ao envelhecer, o homem se permite mais descer.

Toda a nossa vida desejamos descer.
Agora o chão sabe quando é tempo de cair.

A comunidade dos sete seres que descrevemos compõe uma estrutura que poderíamos imaginar como um suporte cristalino para a água da alma. O metro e meio superior de água da alma masculina está hoje em dia, como todos sabemos, muito agitado e turvado. Muitos dos papéis dos quais os homens dependeram durante centenas de anos se dissolveram ou evaporaram. Certas atividades, como a caça ou a pirataria, não são mais o desejo de ninguém. A Revolução Industrial separou o homem da natureza e da família. Os únicos trabalhos que ele pode conseguir ameaçam causar dano à terra e à atmosfera; em geral, ele não sabe se deve envergonhar-se ou não de ser homem.

Não obstante, a estrutura no fundo da psique masculina ainda é tão firme quanto há vinte mil anos. O homem contemporâneo simplesmente tem pouquíssima ajuda para chegar a ela.

Essa estrutura subjacente que vislumbro é feita pelo entrelaçamento das velhas energias familiares, as setes figuras ou seres ou forças luminosas, no homem, fortes como um dom; as outras têm de ser desenvolvidas por ele.

Sabemos que as águas da alma da mulher também estão hoje muito agitadas. E creio que a estrutura da psique feminina encerra igualmente uma firme combinação de seres, alguns dos quais comuns aos homens, outros específicos da mulher.

Professores e terapeutas têm, muitas vezes, um poderoso Cozinheiro, Mitologista ou Mágico, dentro de si. Mas se um professor não desenvolveu o Homem ou a Mulher Naturais, essa pessoa torna-se o ser estranho a que chamamos de "acadêmico", cujo amor aos padrões é admirável sob todos os aspectos, mas que de algum modo filtra o que há de insólito em Thoreau, ou Emily Dickinson ou D. H. Lawrence quando leciona sobre eles. Nem todos os professores fazem isso, graças a Deus, mas as universidades abrigam muitos deles.

Se o terapeuta não mergulha para encontrar o Homem Natural, ou a Mulher Natural, ele ou ela tentarão curar com palavras. A energia terapêutica armazenada nas quedas d'água, árvores, barro, cavalos, cães, porcos-espinhos, lhamas, lontras, pertence aos domínios dos seres naturais. Os terapeutas terão compreendido isso no dia em que insistirem em praticar a terapia com uma vaca no consultório.

O Homem Sofredor, sem o Homem Natural, pode perder-se no labirinto da infância. O Homem Sofredor pode apaixonar-se pela metáfora e pelo símbolo, como fez Coleridge, e não estabelecer ligação com as montanhas, rochas e flores, que Wordsworth insistiu e praticou.

Quando o homem herda a energia do grande guerreiro mas não incorpora o Homem Natural, ou a Mulher Natural, pode sacrificar outros, mas não saber a quem ele mesmo deve ser sacrificado. Pode lutar pelo Estado, mas não pelo Cosmos, usando as expressões de John Weir Perry.

Quando o Homem Natural não é parte preponderante do Prestidigitador, este pode inverter todas as correntezas, sem ter, porém, nenhuma correnteza própria. Sabemos o que ele não é, mas não sabemos até onde vai sua profundidade. Ele lança flechas de trás da árvore, por assim dizer, mas não constitui em si mesmo uma paisagem.

Se falta ao Amante o Homem Natural, ele pode não dar flores silvestres em quantidades suficientes. Pode fazer muito amor entre quatro paredes, ser respeitável demais, carecer daquilo que Yates chama de "loucura", a disposição de jogar fora a casa, ou a terra, por uma mulher. Grania, como sabemos, enfiou uma faca na coxa de Diarmud quando se enfureceu com ele, e Diarmud deixou a arma ali. A recusa em arrancar a faca, uma expressão não convencional do seu amor, foi convincente para Grania.

Um Rei sem ter bastante Homem Natural em si será um rei para os seres humanos, mas os animais, o oceano, as árvores não terão representação em seu Senado. Sentimos que isso aconteceu com o presidente Truman. E Reagan disse: "Todas as sequóias são iguais." Aos bispos e papas faltou, tradicionalmente, o Homem Natural; eles levam a doutrina da Igreja a sério, mas não a ecologia da terra.

A HISTÓRIA: A FESTA DE CASAMENTO

Estamos prontos agora para a última cena da nossa história, na qual o masculino e o feminino finalmente se juntam. O pai e a mãe do ra-

paz também estão presentes. É uma cerimônia de casamento, interrompida por um fato estranho.

O pai e a mãe do rapaz foram convidados para o casamento e compareceram; estiveram muito alegres porque já tinham perdido a esperança de rever o filho querido.

Quando todos os convidados estavam sentados à mesa do banquete, a música começou a tocar e as grandes portas se abriram, deixando entrar um rei esplêndido, acompanhado por uma grande comitiva.

Dirigiu-se ao rapaz e o abraçou. O convidado disse: "Eu sou João de Ferro, que um feitiço transformou num Homem Natural. Quebraste o encantamento. A partir de agora, todos os tesouros que tenho são teus."

Se examinarmos novamente a história, veremos que o Homem Natural vinha ascendendo lentamente, passo a passo, em harmonia com a lenta descida do jovem.

Numa versão sueca da nossa história, o principal personagem, o iniciador, é na realidade um animal, chamado de "bicho feio". Ele foge, dá cavalos ao rapaz, etc. No momento do enlace ele chega, mas se arrasta para baixo da mesa onde estão sentados os noivos, e dali diz ao jovem o que deve fazer. No momento adequado, o noivo toca o "bicho feio" com a espada enferrujada e o animal se transforma num rei que tinha desaparecido há muito tempo. Colocar o animal debaixo da mesa é excelente variação sobre o tema: o que era desprezível e baixo passa a ser venerado, o ser aparentemente primitivo torna-se um rei.

Habituamo-nos a ver o Homem Natural como um ser molhado, pegajoso, florestal, ignorante, coberto de folhas, e de repente eis que se relaciona com o intelecto sagrado e a radiação solar — é um Rei.

A energia que se ocultava sob a água, escura, de rastros, entre os juncos, torna-se um poder luminoso. Vemos as grandes portas do salão se abrirem, e entrar um rei refulgurante, acompanhado por muitos cortesões bem vestidos.

Ao ouvir ou ler esta última cena, dizemos, surpresos: "Sobre quem é esta história?" Supúnhamos que era a história do rapaz, mas vemos que pode ser a história do Homem Natural. E há alguma coisa que não sabíamos. Uma força invisível sobre a qual nada sabemos prendeu a energia requintada desse ser numa forma primitiva, como se fo-

ra uma jaula.

Nosso trabalho como homens e mulheres, portanto, não é apenas nos libertarmos de jaulas criadas pela família e pela mentalidade coletiva, mas libertar seres transcendentais da prisão e do encantamento. É o que, no fim, a história diz.

Creio termos exposto tudo o que cabe sobre o Homem Natural. Há pessoas que não gostam da expressão "Homem Natural". É bastante controversa, e eu mesmo não gosto muito. Quando se ouve pela primeira vez, é excessivamente promissora. Além disso, tenho medo dos livros tipo "faça você mesmo" sobre o Homem Natural. "Comi um bolo de farinha e encontrei o Homem Natural." "Pratiquei o pensamento mitológico por dez minutos e o Homem Natural entrou pela janela."

Precisamos de sutileza em relação tanto ao Homem como à Mulher Naturais, de modo que os tocamos com a ponta dos nossos dedos mentais. Seria desastroso lançar uma rede sobre eles ou tranquilizá-los com jargões e levá-los para o nosso zoológico particular.

Na vida comum,, o mentor pode guiar o jovem por várias disciplinas, ajudando-o a sair da infância e a entrar na idade adulta. Isso, por sua vez, está associado não à formação do corpo, mas à formação de um corpo emocional capaz de conter mais de um tipo de êxtase.

Sabemos, além disso, que tal iniciação não ocorre num determinado momento, nem apenas uma vez. Um aborígene australiano manifestou-se sobre isso: "Há 40 anos faço esse trabalho de iniciação com jovem, e creio que estou começando a me iniciar também."

O caminho da iniciação inclui, em nossa história, oito segmentos, mas outras histórias podem oferecer as mesmas fases em ordem diversa, ou fases totalmente diferentes. Admiro a ordem dos ensinamentos em "João de Ferro", mas não me parece haver uma ordem determinada de iniciação. Passamos pela série de experiências várias vezes — em princípio de modo leve, depois, quando vamos ficando velhos, mais profundamente.

Uma fase que nos pareça perdida pode ter ocorrido, embora não tivéssemos consciência disso. O ferimento na perna, por exemplo, que nos deu um segundo coração, ou coração compassivo, pode ter acontecido, e o que precisamos é de mais imaginação para perceber como e quando.

A iniciação continua, tanto a masculina como a feminina e a humana. Homens e mulheres compartilham de uma complicada iniciação no calor humano, que não tem relação com o sexo. Nossa história não fala diretamente sobre isso. Certas iniciações pertencem em essência ao humano, outras em essência ao feminino, outras, ainda, em essência ao masculino. É importante sermos capazes de dizer a palavra masculino sem imaginar que estamos expressando uma palavra sexista.

Os geneticistas descobriram recentemente que a diferenciação genética em DNA entre homens e mulheres corresponde a apenas 3%. Não é muito. Mas a diferença existe em toda célula do corpo.

Sabemos que muitos homens contemporâneos se envergonham dos seus 3%. Alguns envergonham-se do passado histórico, dos patriarcas opressivos, das guerras insanas, das intolerâncias há muito impostas. Outros homens, que viram seus pais falharem na fidelidade ao masculino e aos valores masculinos, não querem ser homens. Mas são. Creio que, neste século e neste momento, é importante ressaltar a diferença de 3% que torna uma pessoa masculina, sem perdermos de vista os 97% que os homens e mulheres têm em comum.

Alguns dizem: "Bem, sejamos apenas humanos e não falemos de masculino e feminino." Quem assim pensa imagina-se sobremodo moral. Eu acho que temos de ser um pouco delicados, nesse caso, e deixar que sejam ditas as palavras masculino e feminino, sem o menor medo de que um carpinteiro moral venha a fazer caixas dessas palavras, e nos aprisionar nelas. Nós todos temos medo das caixas, e com razão.

Muitos homens me dizem, literalmente, que não sabem o que significa a palavra homem, nem se são adultos ou não. Quando um homem mais velho se arrisca e menciona algumas qualidades que considera masculinas, os jovens podem ver como estão longe dessas qualidades, em que direção se situam, e se querem orientar-se para essa direção. Relacionar, simplesmente, atributos humanos não ajuda o jovem. Eu disse que certas psicólogas contemporâneas acreditam em relacionar também atributos femininos, de modo que a mulher se possa tornar consciente de sua condição, em vez de permanecer alheada. Toda relação de qualidades é perigosa, porque a listagem pode ser transformada em compartimentos. Conservemos, porém, a esperança de fazer melhor do que no passado.

Não creio que essa atenção à iniciação masculina contribua para separar mais homens e mulheres. Um homem cujo Guerreiro ou Aman-

te foi esmagado (e ele não sabe disso) já está muito distante das mulheres. Não poderia distanciar-se ainda mais.

Certas pessoas acreditam que o "trabalho masculino" é importante apenas para alguns, os "sensíveis". "Bem como toda essa coisa de mitologia é boa para os homens sensíveis, eles provavelmente precisam disso. Mas eu vejo trabalhadores braçais comendo seu almoço com outros homens — eles não têm nenhum problema com a sua masculinidade. Nem sequer pensam nela. São os homens de verdade..."

Mas será que os jornalistas de 26 anos, homens e mulheres, que dizem isso realmente acreditam que os operários não sintam vergonha da sua condição de homens? Imaginam eles que os lares da infância desses "homens entre os homens" também não foram confusos? Sempre que um homem dirige comentários insultuosos a mulheres que passam, existe uma dupla insegurança, porque ele permanece inconsciente da vergonha.

Essa divisão dos homens em "sensíveis" e "trabalhadores braçais" não tem qualquer sentido. Os operários e os madeireiros que participaram das conferências a que compareci são tão sensíveis e capazes de pensar quanto os professores, ou diretores executivos, ou terapeutas. Por isso, creio que devemos dizer que a vergonha quanto aos 3% e o orgulho quanto aos 3% pertencem a todos os homens de hoje, não apenas a alguns.

Nossa obrigação — e incluo nesse "nossa" todas as mulheres e homens que escrevem sobre o gênero — é descrever o masculino de tal maneira que não venha a excluir o masculino nas mulheres, e ainda assim tocar numa corda ressonante no coração do homem. Ninguém diz que não há cordas sonoras também no coração da mulher — mas no coração do homem há uma corda grave que faz o peito tremer quando as qualidades masculinas são mencionadas da maneira adequada.

Nossa obrigação é descrever o feminino de um modo que não exclua o feminino nos homens, mas faça ressoar uma corda vigorosa no coração da mulher. Uma corda também ressoará no coração do homem, mas suspeito que na mulher há uma corda grave que faz o seu peito tremer quando as qualidades femininas são mencionadas adequadamente.

Por outro lado, todos sabemos que na realidade existem, além dessas duas condições, "feminino" e "masculino", todos os tipos de

graus, estados intermediários, uniões, combinações, peculiaridades, exceções de gênio, e assim por diante.

No momento, a história que aqui contamos falará melhor aos homens e mulheres que tiverem passado pela porta do sofrimento para entrar na sua infância. Eles serão capazes de usar essa história e outras semelhantes, felizmente preservadas pela memória cultural dos nossos antepassados até o momento em que escrevo.

Todos reconhecemos certos momentos sagrados, quando os mundos exterior e interior se cruzam, quando se cruzam o tempo vertical e horizontal. Esse momento ocorreu quando os homens do rei feriram o cavaleiro. Embora ele continuasse montado, seu elmo caiu e os cabelos dourados se derramaram sobre seus ombros. Naquele momento, sua verdadeira identidade pôde ser revelada, e, pouco depois, a verdadeira identidade do Homem Natural. Rumi disse:

É importante atentar para o nome que o Sagrado tem para as coisas.

Damos a tudo nomes de acordo com o número de pernas que tem Mas o Sagrado dá nome de acordo com o que está dentro. Moisés tinha uma vara. Ele achava que seu nome era "bordão"; Mas dentro o seu nome era "cobra-dragão". Pensávamos que o nome "Ornar" significava agitador contra os sacerdotes,

Mas na eternidade seu nome será "Aquele que crê".
Ninguém sabe o nosso nome até o nosso último suspiro. (24)

O jovem da nossa história desceu do pátio às cinzas, das cinzas à terra, depois aos cavalos sob a terra, e assim por diante. O Homem Natural passa por ele no caminho ascendente, tendo se elevado sob a água para o pátio, depois para a fonte sagrada, a seguir para o Senhor dos Cavalos, e finalmente para a condição de Rei.

A parte do Homem Natural que existe em todo homem esteve outrora em contato com a mata e os animais selvagens, afundou sob a água da mente, perdeu-se de vista abaixo da memória humana. Coberto agora de pêlos, parece animal. O Homem Natural em nossa cena de casamento diz, com efeito: "Uma grande força obrigou-me, por encantamento, a viver debaixo d'água até surgir um jovem pronto a sujeitar-se à disciplina e enfrentar os sofrimentos que enfrentasse. Agora que o fizeste, posso aparecer como sou — um Senhor."

NOTAS

1. Chretien de Troyes, Perceval, em Laura H. Loomis e Roger S. Loomis, orgs. *Medieval Romances* (New York, RandomHouse, 1965).
2. Sir James Frazer, *The Golden Bough* (New York, Macmillan, 1907).
3. Ad de Vries, *Dictionaty of Symbols and Imagery* (New York, American Elsevier, 1976).
4. Robert Graves, *The Greek Myths* (New York, Viking Penguin, 1955).
5. John Layard, *The Stone Age Men of Malekula* (London, 1942).
6. Ovídio, *Metamorphoses*, livro X, trad. para o inglês por Rolfe Humphries (Bloomington, Ind., Indiana University Press, 1955).
7. Margaret Walker, *Encyclopedia of Women's Myths and Secrets* (New York, Harper & Row, 1983).
8. Bruno Bettelheim, *Symbolic Wounds* (Glencoe, N.Y., The Free Press, 1954).
9. Homero, *Odisséia*, trad. brasileira de Manoel Odorico Mendes. Livro X Et São Paulo, Atena Editora, 1955, pp. 270-271.
10. André Leroi-Gourhan, *Treasures of Prehistoric Art* (New York, Abrams, 1967).
11. William Shakespeare, "Vénus and Adônís".
12. "Crazy Jane Talks with the Bishop", W. B. Yeats, *The Poems of W. B. Yeats*, org. Richard J. Finneran (New York, Macmillan, 1983), p. 259.
13. Heinz Kohut, *Self Psychology and the Humanities*, org. Charles B. Strozier (New York, W. W. Norton, 1985).
14. "Heaven-Haven", de Gerard Manley Hopkins, *Poems and Prose*, org. W. H. Gardner (New York, Viking Penguin, 1953).
15. "The strong leaves of the box-elder tree", de "Poem in Three Parts", de Robert Bly, *Silence in the Snowy Fields* (Middletown, Conn., Weleyan University Press, 1962).
16. "Sometimes I go about pitying myself", de Robert Bly, *News of the Universe* (San Francisco, Sierra Club Books, 1981).
17. William James, *The Will to Believe*, (Cambridge, Harvard University Press, 1979).
18. Rami, *Open Secret*, trad. John Moyne e Coleman Barks (Putney, Vt., Threshold Books, 1984).
19. Paul Radin, *The Trickster* (New York, Schocken, 1972).
20. Robert Moore, *Rediscovering Masculine Potentials* (Wilmette, Ill., Chiron, 1988, quatro cassetes).
21. "Have You Anything to Say in Your Defense?", de César Vallejo, em Neruda and Vallejo, *Selected Poems*, trad. para o inglês por Robert Bly e James Wright (Boston, Beacon Press, 1971).
22. "After a Death", de Tomas Tranströmer, em *Friends, You Drank*

- Some Darkness: Three Swedish Poets, trad. para o inglês por Robert Bly (Boston, Beacon Press, 1975).
23. "To the Muse", de James Wright, Collected Poems Qaidletown, Conn., Wesleyan University Press, 1981).
24. "It's important to pay attention", de Rumi, When Grapes Turn to Wine, trad. para o inglês por Robert Bly (Cambridge, Mass., Yellow Moon Press, 1986).

Epílogo

O HOMEM NATURAL NA RELIGIÃO ANTIGA, NA LITERATURA E NA VIDA POPULAR

A ERA DA CAÇA

O salto imaginativo que levou à visão do Senhor dos Animais, em parte humano, em parte deus e em parte animal, pode ser visto adequadamente como um grande acontecimento religioso. As mulheres da Antiguidade, num acontecimento distinto e paralelo, viram com os seus olhos interiores um ser compassivo, nutritivo, abundante, impiedoso, uma Mãe do Nascimento e Mãe do Túmulo, que brilhava atrás do confuso espetáculo de focas que envelheciam, bebês de olhos brilhantes, brotos e folhas secas, peixinhos e baleias, meninas e bruxas velhas.

Em cada caso, os homens e mulheres de antigamente vêem, através de um véu, um ser firme que, do outro lado da cortina da natureza, é invisível.

O Senhor dos Animais, ou o Libertador dos Animais, no tempo antes do tempo, atravessou a linha do lado dos bichos para o lado humano, e voltou. Histórias do Senhor dos Animais ou do Senhor da Caçada existem em todas as culturas mediterrâneas, africanas, siberianas, aborígenes, chinesas, norte-européias e dos índios americanos. Os Blackfeet, por exemplo, falam de uma remota época de fome, quando um velho recorreu ao búfalo. O chefe dos búfalos responde solicitando uma noiva humana. A filha do velho transfere-se para o campo dos búfalos, e em troca dezenas de búfalos galopam até o rochedo para alimentar a tribo. O pai, visitando mais tarde o campo dos búfalos para ver a filha, é descoberto e pisoteado até a morte. A filha consegue reconstituí-lo a partir de uma única vértebra.

Mas é evidente que tanto pai como filha agora sentiram o poder im-

peçoal do reino dos búfalos, e estabeleceu-se uma espécie de contrato que não pode ser totalmente compreendido pelo intelecto.

Essa história (e centenas de outras parecidas) sugere que um acordo foi feito no passado entre o reino humano e o reino animal, e que esse acordo parece ser rígido, determinando obrigações e direitos para as duas partes. Além disso, entendemos que o búfalo devorado sobe o despenhadeiro no ano seguinte; o búfalo sacrificado logo renasce. E um ser humano passa para o lado deles quando um dos búfalos cruza para o nosso.

Na Idade da Pedra o Libertador dos Animais aparece como o Senhor das Criaturas, em toda a glória, dançando nas paredes das cavernas da Dordogne. O "feiticeiro" pintado no alto dos muros do santuário de Trois Frères é, segundo se acredita, esse Senhor. Muitos estudiosos do período paleolítico acham hoje, como diz John Pfeiffer em seu Livro *The Creative Explosion [A explosão criativa]* (1) que as cavernas, que datam de cerca de 12000 a.C, não eram locais apenas dos ritos de fertilidade ou caça, mas câmaras de iniciação dos jovens.

Se assim for, o Homem Natural, ou o Senhor dos Animais, está associado à iniciação dos jovens há pelo menos 14 mil anos. Pela iniciação do Homem Natural, os homens aprendem a venerar a alma animal, e esse culto antigo lembra até hoje, no homem adulto e ocupado, a dor da vida animal, o sofrimento de toda a natureza, "as lágrimas das coisas", a consciência que fica entre ambos. E, finalmente, desperta no xamã a capacidade de penetrar na consciência das montanhas, pedras, águas, árvores e demônios. Acima de tudo, a veneração dos animais que morrem lembra o conhecimento do sacrifício, e o que o sacrifício pode significar.

Quando animais morrem na presença de um caçador, ocorre um sacrifício voluntário, ou isso tudo é um sonho? Fazemos essa pergunta quando um homem santo se sacrifica, ou quando uma mulher santa se sacrifica. A pergunta e a resposta pertencem ao domínio do conhecimento do Senhor da Caçada.

Não é o lugar para um longo ensaio sobre os mistérios paleolíticos. Tudo o que queremos fazer aqui é afirmar que o homem cabeludo, que aparece debaixo d'água quando nossa história começa, tem outro lugar no reino superior povoado pelos deuses. Ele é o deus da profundidade, dos fermentos e do sacrifício. Mircea Eliade disse que considera o Senhor da Caçada "a figura mais divina de toda a pré-história", (2) e portanto o protótipo de todos os deuses subseqüentes. Em nosso sistema industrial, desconhecemos a Grande Mãe e des-

conhecemos o Senhor dos Animais também. Somos alguns dos primeiros povos na história que tentaram viver sem venerá-lo, e à sua profundidade, seus ferimentos e seu conhecimento do sacrifício adequado. Em consequência, nossos sacrifícios se tornaram inconscientes, vãos, indiscriminados, autodestrutivos e maciços.

A ERA MÁGICA

O que aconteceu com o Senhor dos Animais quando os seres humanos passaram da cultura do caçador para a do coletor, e desta para a sociedade agrícola? Nenhuma afirmação rigorosa pode jamais ser feita sobre a transformação dos deuses, pois os deuses se incluem mutuamente, se intercambiam, estabelecem uniões desconcertantes que deixam os mitólogos bem para trás.

Tendo feito essa ressalva, podemos também dizer, confiantes que o subcontinente indiano do Senhor dos Animais muda de tal modo que se transforma em Xiva.

A cultura dravídica do sul da Índia, que foi anterior à cultura hindu, deu o nome de Pashupati ao Senhor dos Animais e o nome de Parvati à sua companheira, a Senhora das Montanhas. Os estudiosos encontraram esse par até na Idade do Bronze e no período neolítico. O imenso movimento filosófico e religioso em torno do Senhor dos Animais e da Senhora entram na cultura indiana clássica como o xivaísmo, que se fundiu com o animismo inicial, e de cuja fonte muitas religiões posteriores fluíram. A língua dravídica do sul da Índia é o principal veículo da energia xivaíta, e Alain Danielou observa, em seu livro *Shiva and Dionysus*, que ela tem muitas palavras em comum com o sumeriano, o basco e o georgiano. (3) *The Dance of Shiva*, de Ananda Coomaraswamy, (4) oferece belos detalhes sobre a religião de Xiva; e Gary Snyder menciona o fato de que Xiva ainda é o deus com maior número de adoradores vivos neste planeta.

Xiva é um florescimento, ou desenvolvimento, do Homem Natural, imensamente articulado. Xiva mantém o aspecto selvagem — seus seguidores andam nus e não cortam o cabelo — mas tem também um aspecto ascético, um lado familiar, e o lado irado, ou Bairava. Na área situada em torno do Cáucaso, Tessália, Grécia e Creta, o Senhor dos Animais se expande e desenvolve num deus chamado Zagreu, Zan, ou, em Creta, Zeus.

A antiga cultura cretense chamava o Senhor dos Animais de Zagreu, e a Senhora das Montanhas, de Cibebe. O touro, a cobra e o falo falam por Zagreu ou Zan ou Zeus, e o tigre e o leão, por Cibebe. À me-

didada que a cultura cretense se desenvolve, os rituais do nascimento do menino Zeus no Monte Ida e Monte Dicte começaram a fundir-se com os rituais sobre o menino Dioniso. Lembramos que este veio diretamente da coxa de Zeus.

Depois que os povos mediterrâneos se tornaram agricultores e produtores de vinho, Dioniso destaca-se como o veículo da velha energia do Senhor dos Animais, e a Senhora das Montanhas se transforma em Ariadne, que significa simplesmente Mulher Sagrada. Os rituais em torno de Dioniso mostram claramente como, à medida que a humanidade se aproxima do mistério das plantas, o Senhor dos Animais pode modificar-se, mantendo ainda a sua essência sacrificial. Dioniso, como já dissemos, é o cacho de uvas que, quando rasgado, pisado e encerrado no escuro de um couro de boi, dá a todos na comunidade o êxtase, ou seja, o vinho. E os sufistas nos podem dizer como esse vinho é sutil. "Nada pode ser único ou íntegro Que não foi rasgado."

A continuação do Senhor dos Animais na forma de Dioniso trouxe dádivas enormes à nossa cultura, na forma do teatro grego trágico e de todo o conceito de tragédia. A palavra tragédia significa a canção da cabra (que foi sacrificada). O legado dionisíaco também nos dá o respeito pelo que fica sob as trevas, o sol sob a terra, o êxtase do vinho e o silêncio que jaz no homem que conhece o sofrimento. Dioniso leva o conhecimento que a alma obtém quando reflete sobre o desmembrar e o ser desmembrado.

O Homem Natural continua sua existência em todas as sociedades celtas da Europa antiga, onde aparece sob o nome de Cernunos, ou Cornélio, ou Comelius, cujo radical ressalta os chifres do gamo. Em algumas terras celtas, ele é conhecido como Herne o Caçador, cujos cães de caça são brancos com orelhas vermelhas.

Uma bela visualização de Cernunos sobreviveu num caldeirão encontrado na Jutlândia, conhecido como o Caldeirão de Gundestrup, e data do século I a.C. Cernunos é visto sentado na postura ioga, segurando uma serpente numa das mãos e o colar (ou torc) da Senhora na outra, chifres de gamo e folhas nascendo de sua cabeça. À sua volta uma companhia feita de golfinhos, gazelas, leões e cachorros. O ciclo arturiano celta, que surgiu nos séculos XII e XIII, guarda lembranças dele, como, por exemplo, no Yvain, (5) onde é chamado de Senhor dos Animais e Guardião da Fonte. A companheira de Cernuno tem muitos nomes, entre os quais Artio — cujo radical é o mesmo de Artur — e significa "ursa".

O homem Natural, portanto, que parece ser apenas uma expressão

tola quando a ouvimos pela primeira vez, e que se confunde tão facilmente com o homem irresponsável ou o homem rústico, encerra um volume enorme de informação histórica.

Quando nos voltamos para o passado, colocando nos olhos o telescópio do Homem Natural, muitas imagens enevoadas tornam-se nítidas, entre elas João Batista, o homem natural que batizou o Cristo e Maria Madalena. Esta última encerra um pouco do sentimento da luz escondida nas trevas, que associamos também com Sofia. Tanto Sofia como Dioniso contêm em suas lendas o segredo de um sol que não reluz do alto, mas sim de um sol que está profundamente mergulhado na terra e brilha para cima, em nossa direção.

O Senhor dos Animais da Idade da Pedra Lascada, portanto, ao se transformar em Pashupati, Xiva, Dioniso e Cernuno, conserva e desenvolve a energia original. É colocado dentro de vastos jardins religiosos e mitológicos, onde floresce. Mas os jardins terminam no Oeste. É triste notar que o desenvolvimento do Senhor da Floresta se extingue em torno do ano 1100 d.C. É possível, decerto, fixar essa data ainda antes, no século I a.C, quando César invadiu a Gália. Qualquer que seja a maneira pela qual entendemos isso, é evidente que o Senhor dos Animais não contribui com sua umidade e energia para as nossas religiões. Como o Homem Natural, é lembrado certamente na literatura e na imaginação populares.

O HOMEM NATURAL NA LITERATURA ANTIGA

Vemos o Senhor dos Animais como personagem épico perfeitamente desenvolvido na epopéia sumeriana Gilgamés , anotada em torno de 700 anos a.C, mas que usa material muito anterior >A« grandes cidades-estados já existem. Quando um jovem rei, Gilgamés, dourado, inflado, ansioso de prazer, começa a causar problemas, os anciãos dizem que a única solução é pô-lo em contato com o homem chamado Enkidu.

Todo o seu corpo é peludo e tem os cabelos como os de uma mulher ou como os da deusa dos cereais. Além disso, ele nada sabe dos campos fixos ou dos seres humanos, e se veste como uma divindade dos rebanhos. Come grama junto com as gazelas, luta com animais selvagens na fonte, e ali vive satisfeito com aqueles animais. ... Quando Gilgamés foi informado da maravilha, disse: "Vai, meu caçador, leva contigo uma prostituta do templo, e quando ele chegar a essa fonte com os animais, manda que a prostituta tire as roupas e mostre sua nudez; e quando ele a vir, vai aproximar-se dela. E a partir de en-

tão os animais o abandonarão, os animais que cresceram com ele nessa planície."

O caçador e a prostituta do templo partiram e três dias depois chegaram ao local da fonte. Ficaram sentados um dia; dois dias; e no dia seguinte chegaram os animais, Enkidu entre eles, comendo a grama como as gazelas....

A mulher fez como lhe foi mandado: desnudou os seios, revelou sua nudez. Enkidu aproximou-se e a possuiu. Ela não teve medo, e, colocando de lado as roupas, recebeu com boa vontade o seu ardor. E durante seis dias e sete noites Enkidu juntou-se à fartura daquela mulher do tempo — e a seguir voltou o rosto e fez um movimento na direção dos animais. Ao vê-lo, porém, estes fugiram, e Enkidu ficou espantado. Seu corpo endureceu, seus joelhos gelaram — os animais tinham desaparecido. Já não eram como antes.

Enkidu voltou para a mulher e, sentando-se ao pé dela, fitou seu rosto; e quando ela falou, seus ouvidos prestaram atenção. "Tu és belo, Enkidu, como um deus", disse-lhe. "Por que andas com os animais da planície? Vem, eu te levarei até os muros de Uruk, a cidade-templo sagrada de Anu e Ishtar, onde mora Gilgamés, o poderoso, que, como um touro selvagem, exerce seu poder sobre os homens." Ao ouvir, o coração dele tornou-se leve. Ansiava por um amigo. "Muito bem!", disse. "E eu o desafiarei."

Enkidu vai então para a cidade e conhece Gilgamés. Os dois lutam, Enkidu vence e eles se tornam amigos inseparáveis. Enkidu surge aqui como a sombra cabeluda do novo rei da cidade civilizada.

Os leitores do Velho Testamento lembram-se de Esaú, o homem peludo das lendas semitas, que levou para seu pai cego, Isac, como presente, carne de cabra selvagem. Já sabemos que os agricultores astutos substituirão os caçadores religiosos em todo Oriente Médio, e não nos espantamos quando Jacó, disfarçando-se com pêlos de animais nas costas das mãos, recebe a bênção paterna que de direito cabe a Esaú. É o que acontece no mundo agrícola. A história de Esaú deixa implícito que a certa altura da História do Oriente Médio o homem peludo foi exilado ou privado de direitos.

O HOMEM NATURAL NA IDADE MÉDIA EUROPEIA

Durante a Idade Média, o Homem Natural tem participação muito ativa na fantasia e na vida populares dos europeus. Desfiles anuais ou

peças populares, nas quais ele era o personagem principal, aconteceram na Alemanha, Áustria, Holanda e países vizinhos. Cenas desses espetáculos tornaram-se favoritas dos artistas do norte da Europa.

Um exemplo disso é Pieter Breughel, o Velho, que pintou uma cena de um desfile flamengo, copiada em 1566 como xilogravura por um artista anônimo. Essa xilogravura sobreviveu. Vemos a praça da aldeia no momento em que o Homem Natural entra, vindo da floresta. Os atores aldeões foram antes à floresta, vestiram um jovem com uma roupa de escamas de peixe, pendurando folhas de videira em seus cabelos e barba. Outras gavinhas são atadas à sua cintura, e ele leva uma clava que se parece com a do gigante Cerne Abbas entalhado nos montes de Dorset, na Inglaterra. Três atores, representando os poderes oficiais ou civilizados, esperam por ele na praça. Um ator que representa a Igreja Católica Romana e o imperador mostra-lhe o globo encimado por uma cruz, a fim de lembrar ao Homem Natural que seu tempo terminou. Um militar leva um arco armado, que aponta para o homem da floresta. O terceiro personagem, uma mulher, usa nas várias versões dessa representação, o mesmo chapéu curiosamente cônico. Pela roupa, que a torna semelhante a uma freira, ela lhe estende um anel dourado. Esse anel parece ser a aliança sagrada da união sexual, que a sacerdotisa do Templo lhe oferecia na Suméria, 2200 anos antes. O Metropolitan Museum of Art publicou há alguns anos um livro chamado *The Wild Man in Medieval Myth and Symbolism* [O homem natural no mito e simbolismo medievais], (7) que reproduz essa xilogravura. O organizador, Timothy Husband, assim resume a oferenda da sacerdotisa: "Simbolizando a união com uma mulher, o anel tenta o Homem Natural ao laço sagrado e legal do matrimônio, que lhe é proibido. O soldado e imperador, com sua espada desembainhada no quadro de Breughel, espreita o Homem Natural, pronto a desfechar-lhe um golpe por ter transgredido a ordem civilizada do homem."

O Homem Natural não toma conhecimento dessas ameaças e recusa todos esses convites para entrar; não quer abandonar a sua vida na floresta. A xilogravura indica que danças e comemorações desreguladas começaram no momento de ele entrar na cidade, e isso parece ser o começo da Terça-Feira Gorda. Ele deixa a cidade aclamado pelos jovens e em meio à dança exuberante dos amantes.

Mas o espetáculo parecia terminar com um acontecimento mais ominoso. A uns dois quilômetros da cidade o Homem Natural é recebido pelos moradores. Vestem sua roupa num espantalho e em seguida o lançam no lago, onde é ritualmente executado. Esse detalhe é fascinante em relação à nossa história porque explica mitologicamente

como o Homem Natural foi parar no fundo do poço. Podemos ver também nesse evento ritual vestígios de uma execução real, que provavelmente era realizada nos tempos antigos.

Timothy Husband reproduz também uma iluminura de manuscrito que mostra Alexandre, o Grande, separando um Homem Natural de sua mulher natural, e em seguida jogando-o no fogo. Em outros quadros vemos o Homem Natural sendo levado perante as autoridades eclesásticas para ser julgado. A queima do Homem Natural antecedeu as fogueiras das bruxas em vários séculos, e foi motivada pelo mesmo medo e raiva.

O Homem Natural também desempenhou outros papéis nas fantasias da Idade Média: era conhecido como amigo dos amantes. A tradição do amor cortesão incluiu o Homem Natural. Alguns vitrais de capelas familiares, por exemplo, mostram-no subindo as muralhas dos castelos. Os Homens Naturais substituíram os cavaleiros cortesãos "no ataque ao Castelo do Amor". Diz Husband:

As donzelas nos castelos são criaturas muito sedutoras e parecem jogar suas flores mais para estimular do que para repelir seus atacantes. Os jovens homens naturais, conscientes da verdadeira natureza de sua missão, abandonaram armas e armaduras. As lendárias proezas sexuais do homem natural, combinadas com a atitude receptiva das jovens, produzem uma imagem de puro desregramento. Não sendo mais um baluarte da pureza, o castelo torna-se um lugar de sensualidade, e a tomada do castelo é equiparada à satisfação do desejo físico.

O artista alemão Schweiger criou, por volta de 1515, um maravilhoso desenho de Maria Madalena como a Mulher Natural. Retratou-a como os artistas faziam tradicionalmente com as mulheres naturais: o corpo todo coberto de pêlos, exceto os mamilos, cotovelos e joelhos. Três anjos de túnica e um anjo de penas carregavam-na para o céu. O desenho mostra considerável afeição pela Mulher Natural.

O Homem e a Mulher Naturais ocupam, portanto, um complicado lugar na imaginação popular e artística da Idade Média. Às vezes as figuras são louvadas por sua espontaneidade e energia sexual, porém com mais frequência são castigadas, exiladas ou mortas por causa delas.

Devemos admitir a cultura medieval por ter guardado a consciência do Homem Natural. É claro que a Terça-Feira Gorda em New Orleans, por exemplo, nasceu das comemorações nas aldeias, mas es-

queceu o personagem do Homem Natural. A Basíleia ainda preserva essa ligação, e sua Fastnacht, representada anualmente, continua fiel ao espírito da comemoração, de que fazem parte as máscaras do Homem Natural.

A AMEAÇA DO HOMEM NATURAL NA EUROPA

Podíamos perguntar por que o norte da Europa se sentiu tão ameaçado pelo Homem Natural. Não creio que a resposta seja surpreendente. O Homem Natural é um parente, talvez um tio, de Pã, o deus grego cujo nome significa "tudo", e que indiretamente sugere a própria natureza. Pã tinha pernas cabeludas que, poderíamos dizer, pertenciam ao mesmo bode que Esaú tanto amava e que a Igreja caluniou, dando-as a Satã.

As atitudes ascéticas, ou o anseio popular de recalcar a libido, que se tornou tão forte no fim da era pagã, associou-se na cultura romana ao medo das ênfases libertinas da Grande Mãe, formando uma frente anti-sexual.

Um amigo contou-me certa vez a sua visita ao antigo mosteiro do Monte Atos, na Grécia, cujas tradições datam dos primeiros dias do cristianismo. Passou uma tarde várias horas sentado ao lado de um velho monge, olhando as montanhas e o mar. Não falava grego, mas desejava muito uma conversa sobre questões espirituais com o velho. O monge deve ter sentido isso, e finalmente disse em inglês a frase: "As mulheres são o mal". Era isso. Tal idéia deixa implícito que toda a sexualidade é um mal. Podemos perceber o lado sombrio da cultura medieval nesse caso, e podemos deduzir desse instante no mosteiro que a ala ascética do cristianismo, do islã ou dos sikhs, não teria dado nenhum apoio a uma Madalena peluda ou a um Homem Natural.

Vigorosas forças sociológicas e religiosas atuaram no Ocidente em favor do que é podado, untuoso, cerebral, não instintivo, e estéril. Blake disse:

Padres de sotainas negras fazem sua ronda,
E amarram com sarças minhas alegrias e desejos. (8)

A sexualidade das mulheres sofreu terrivelmente, e ainda sofre, com essa tirania do que é seco, ascético, cerebral. A deusa Afrodite, viva dentro do corpo feminino, é insultada dia após dia.

As mesmas forças condenaram a sexualidade masculina ao banal e profano, e aos aspectos medonhamente práticos. Em contraste, a

forma de Xiva, que o Homem Natural tomou através da imaginação indiana, venera a energia sexual. Vemos estátuas de Xiva em grande glória sexual, sentado ao lado de Parvati, cuja energia sexual irradia de cada centímetro do seu corpo. Jesus não teve mulher nem filhos, e a razão da sua ligação com Maria Madalena não sobrevive aos Evangelhos. No cristianismo, foi Paulo quem preparou o terreno para o ódio à sexualidade, dizendo na Primeira Epístola aos Coríntios: "Os que têm mulheres sejam como se não as tivessem" (7:29). Orígenes castrou a si mesmo. Justino conta que os cristãos da sua época, o século II d.C, imploravam aos médicos para removerem seus testículos; muitos monges do Monte Atos aceitaram a castração naquela época, e mais tarde Gregório de Nyssa disse: "O casamento, portanto, é a última fase da nossa separação da existência levada no Paraíso; portanto o casamento, se é uma eclipse, é a primeira coisa a ser deixada para trás." Agostinho disse: "O homem, pela sua própria natureza, envergonha-se do desejo sexual." E embora fosse um libertino na sua juventude, ele mudou quando se fez cristão. Depois disso, afirmou, seu membro sexual entrava em ereção, quisesse ele ou não. Chamou a isso "um movimento de desobediência" que mostra que "a humanidade foi, desde Adão, totalmente corrupta".⁹ O Homem Natural considera tal evento como uma encantadora evidência de espontaneidade.

Sabendo que no cristianismo, como no judaísmo e no islamismo, houve e ainda há correntes de opinião contrárias, que defendem o amor sexual. Entre os grupos cristãos conhecemos a Irmandade do Amor, os cátaros, os trovadores e os Irmãos do Espírito Livre, para os quais Bosch pintou quadros destinados aos altares. Esses movimentos sensatos, porém, não puderam alterar a tendência institucionalizada do cristianismo, de que a sexualidade inibe a evolução espiritual.

Falo desse assunto não para atacar o ascetismo, que tem sua dignidade própria, mas para lembrar-nos dos complicados sentimentos aldeões europeus ao verem o Homem Natural ser levado para a execução ritual.

Com pensadores do valor de Agostinho ao nosso lado, é espantoso que os homens possam fazer amor. Os jovens na cultura contemporânea concluem rapidamente que seu instinto sexual é causador de problemas, intrusivo, fatídico e hostil ao espírito.

Atitudes permissivas do tipo estimulado pelos diretores da revista Playboy fogem totalmente à questão, pois Playboy supõe que a sexualidade masculina é secular, uma espécie de jogo, adequado a um

Playboy.

Quando a Igreja, e a cultura como um todo, abandonaram os deuses que falavam em favor do elemento divino na energia sexual masculina — Pã, Dioniso, Hermes, o Homem Natural — nós, como homens, perdemos muito. A imaginação do Ocidente medieval não desenvolveu o Senhor dos Animais ou o Homem Natural fazendo deles um Xiva ou um Dioniso bem desenvolvido, e a energia erótica dos homens perdeu a sua capacidade de passar, como se diz em música, à oitava seguinte.

Concluiremos aqui esta breve história do lugar do Homem Natural na religião, literatura e imaginação popular. Ouvi certa vez Marie-Louise von Franz fazer uma conferência sobre o Homem Natural, e ela escolheu um homem natural histórico da Suíça medieval, que viveu na floresta durante muitos anos e cujos conselhos eram bastante apreciados tanto pelos governantes como pelo povo simples. Ela observou ter notado nos sonhos, quer de homens como de mulheres e em décadas recentes, uma figura espiritual, mas ao mesmo tempo coberta de pêlos, uma espécie de Cristo cabeludo. Ela acredita que o que a psique está pedindo atualmente é uma figura nova, uma figura religiosa mas peluda, em contato com Deus e sexualidade, com espírito e terra.

NOTAS

1. John Pfeiffer, *The Creative Explosion: An Inquiry into the Origins of Art and Religion* (Ithaca, N.Y., Cornell University Press, 1985.)
2. Mircea Eliade, em *The Creative Explosion*.
3. Alain Danielou, *Shiva and Dionysus* (Londres, East-West Publication, 1982).
4. Ananda Coomaraswamy, *The Dance of Siva: Essay on Indian Art and Culture* (New York, Dover, 1985).
5. Chretien de Troyes, *Yvain, the Knight of the Lion*, trad. para o inglês por Burton Raffel (New Haven, Yale University Press, 1987).
6. 239
7. Gilgamés: ver Joseph Campbell, *Occidental Mythology* (New York, Viking, 1964). pp. 88-92.
8. Timothy Husband, *The Wild Man in Medieval Myth and Symbolism* (New York, Metropolitan Museum of Art, 1980).
9. William Blake, *The Portable Blake*, org. Alfred Kazim (New York Viking, 1946).
10. Gregório de Nyssa e Agostinho: ver Elaine Pagels, *Adam, Eve, and the Serpent* (New York, Random House, 1988), pp. 79-80, 110-111.

A HISTÓRIA DE JOÃO DE FERRO

1 - O Era uma vez um rei que tinha, próximo de seu castelo, uma enorme floresta onde viviam animais selvagens de todos os tipos. Um dia ele mandou um caçador à floresta para caçar um veado, mas o homem não voltou. "Alguma coisa errada aconteceu ali", disse o rei, e no dia seguinte mandou mais dois caçadores à procura do primeiro, mas também eles não voltaram. No terceiro dia, chamou todos os seus caçadores e disse: "Busquem em toda a floresta, e só voltam quando tiverem encontrado os três homens."

Nenhum desses caçadores jamais voltou e, além disso, também não voltou a matilha de cães que levaram com eles.

Ninguém ousou mais entrar na floresta, e deixou-a tranqüila em seu profundo silêncio e solidão. Somente uma águia ou um gavião às vezes a sobrevoavam.

Essa situação perdurou durante anos, até que certo dia um estranho caçador apareceu, querendo trabalho, e ofereceu-se para penetrar na floresta perigosa.

O rei, porém, não permitiu, dizendo: "Não é seguro entrar ali. Tenho a sensação de que você acabará como os outros, e nunca mais o veremos." O caçador respondeu: "Senhor, conheço perfeitamente o risco, e medo não tenho."

O caçador chamou seu cachorro e entrou na floresta. Logo depois, o animal sentiu o cheiro de caça e saiu em sua perseguição. Mal deu, porém, três passadas, viu-se na beirada de um poço profundo e não pôde continuar. Um braço saiu da água, agarrou o cachorro e puxou-o para baixo.

Quando o caçador viu isso, voltou ao castelo, chamou três homens com baldes, e eles esgotaram a água do poço. Ao chegar ao fundo, viram ali um Homem Natural deitado, que tinha o corpo marrom como o ferro enferrujado. Seu cabelo ia desde a cabeça e o rosto por todo o corpo, até os joelhos. Amarraram-no com cordas e o levaram até o castelo.

Ali, houve grande espanto com esse Homem Natural, e o rei mandou trancá-lo numa jaula de ferro, colocá-lo no pátio.proibindo, sob pena

de morte, que a porta da jaula fosse aberta. E confiou a guarda da chave à rainha. Feito isso, as pessoas voltaram a entrar sem perigo na floresta.

O rei tinha um filho de oito anos, o garoto estava um dia brincando no pátio, quando sua bola dourada caiu dentro da jaula. O menino correu para a jaula e disse: "Devolve-me a minha bola dourada." O homem respondeu: "Só se abrires a porta para mim." Disse o menino: "Ah, não, isso eu não posso fazer. O rei proíbe", e saiu correndo. No dia seguinte o menino voltou e pediu novamente a bola. O Homem Natural repetiu, "Se abrires a porta", mas o menino não quis. No terceiro dia, tendo o rei saído para caçar, o menino voltou e disse: "Mesmo que eu quisesse não poderia abrir a porta, porque não tenho a chave." O Homem Natural respondeu: "A chave está debaixo do travesseiro da tua mãe. Podes apanhá-la."

O menino, que queria muito a sua bola de volta, esqueceu a cautela, entrou no castelo e apanhou a chave. Não foi fácil abrir a porta da jaula, e ele machucou o dedo. Quando a porta se abriu, o Homem Natural entregou a bola dourada ao menino e correu.

Súbito, o menino sentiu um grande medo. Chorou e saiu gritando atrás do fugitivo: "Homem Natural, se fores embora, eles vão me bater!" O Homem Natural voltou-se colocou o menino nos ombros e dirigiu-se rapidamente para a floresta.

Quando o rei voltou, viu a jaula aberta e perguntou à rainha como o Homem Natural pudera fugir. Ela de nada sabia, foi procurar a chave e viu que tinha desaparecido. Chamou o menino e ninguém respondeu. O rei mandou um grupo de homens procurar nos campos, ninguém o encontrou. Não foi difícil imaginar o que tinha acontecido, e um grande sofrimento e luto caiu sobre a casa real.

2 - Quando o Homem Natural chegou novamente à floresta escura, tirou o menino dos ombros, colocou-o no chão e disse:

"Nunca mais verás tua mãe nem teu pai, mas eu ficarei contigo, pois me libertaste e tenho pena de ti. Se fizeres tudo o que eu mandar, as coisas correrão bem. Tenho muito ouro e tesouros, mais do que qualquer outra pessoa no mundo."

O Homem Natural preparou uma cama de folhas para o menino dormir, e pela manhã levou-o a uma fonte. "Estás vendo esta fonte dourada? É clara como cristal, e cheia de luz. Quero que fiques sentado junto dela e vigies para que nada caia dentro dela, pois se isso acon-

tecer, a fonte será prejudicada. Voltarei todas as tardes para ver se me obedeceste."

O menino ficou sentado à beira da fonte. Vez por outra, via um peixe ou uma cobra dourados, e vigiava para que nada caísse lá dentro. Mas seu dedo começou a doer muito e, sem pensar, ele mergulhou na água. Retirou-o imediatamente, mas viu que o dedo ficara dourado, e por mais que o lavasse, o dourado não saía.

João de Ferro voltou naquela tarde e perguntou: "Aconteceu hoje alguma coisa com a fonte?"

O menino escondeu o dedo às costas para que João de Ferro não o visse, e disse: "Não aconteceu nada."

"Ah, mergulhaste o dedo na fonte!" observou o Homem Natural. "Deixaremos passar desta vez, mas não o faças de novo."

Na manhã seguinte, bem cedo, o menino sentou-se junto à fonte, vigiando-a. Seu dedo ainda doía, e, depois de algum tempo, ele passou a mão pelos cabelos. Um fio, porém soltou-se e caiu na fonte. Abaixou-se imediatamente e apanhou-o, mas o fio de cabelo já ficara dourado.

Quando João de Ferro voltou, viu o que tinha acontecido. "Deixaste um cabelo cair na fonte. Vou lhe perdoar ainda, mas se acontecer uma terceira vez, a fonte estará arruinada e não poderás mais ficar comigo."

No terceiro dia, sentado junto à fonte, o menino decidiu que, por mais que seu dedo doesse, não o movimentaria. O tempo passava lentamente, e o menino começou a fitar o reflexo do seu rosto na água. Teve vontade de olhar nos seus próprios olhos, e, ao fazê-lo, inclinou-se cada vez mais. Seus longos cabelos caíram-lhe então sobre a testa e em seguida na água. Recuou, mas agora os seus cabelos, todos, estavam dourados e brilhavam como se fossem o próprio sol. O menino teve medo! Pegou um lenço e cobriu a cabeça para que o Homem Natural não visse o que tinha acontecido. Mas quando João de Ferro chegou, percebeu imediatamente. "Tira o lenço da cabeça", disse ele. A cabeleira dourada caiu sobre os ombros do menino, e ele se manteve calado.

"Não podes mais ficar aqui, porque não passaste na prova. Agora sai pelo mundo, onde aprenderás o que é a pobreza. Não vejo, porém, o mal no teu coração, e te desejo o bem, motivo pelo qual te concedo

um dom: sempre que estiveres em dificuldades, vem à orla da floresta e grita: 'João de Ferro, João de Ferro!' Eu virei ao teu encontro para te ajudar. Meu poder é grande, maior do que pensas, e tenho ouro e prata em abundância."

3 - O filho do rei deixou então a floresta e caminhou por trilhas abertas e por matas cerradas até finalmente chegar a uma grande cidade. Procurou trabalho, mas não encontrou — nada tinha aprendido que lhe pudesse ser útil. Por fim, foi ao palácio e perguntou se o aceitavam para algum serviço. A gente da corte não sabia o que fazer com ele, mas gostou do menino e permitiu que ficasse. O cozinheiro tomou-o a seu serviço, mandando-o carregar lenha e água, e varrer as cinzas.

4 - Certa vez, não havendo mais ninguém para fazê-lo, o cozinheiro mandou o menino levar a comida à mesa real, mas como ele não queria que seu cabelo dourado fosse visto, não tirou o gorro. Isso jamais tinha acontecido na presença do rei, e este disse: "Quando você vier à mesa real, tem de tirar o gorro." O rapaz respondeu: "Ah, senhor, não posso; tenho um ferimento na cabeça." O rei chamou o cozinheiro, censurou-o e perguntou-lhe por que tomara aquele rapaz a seu serviço, e ordenou que o mandasse embora do castelo.

5 - O cozinheiro, porém teve pena dele, e trocou-o por um " ajudante de jardineiro.

Agora o rapaz do cabelo dourado tinha de cuidar das plantas no jardim, regá-las, tratá-las com enxada e pá, e deixar que o vento e o mau tempo fizessem o que lhes aprouvesse.

Certa vez, no verão, quando trabalhava no jardim sozinho, o calor aumentou tanto que ele tirou o gorro para que a brisa lhe refrescasse a cabeça. Quando o sol tocou seu cabelos, estes brilharam de tal modo que os raios se refletiram até o quarto da filha do rei, que foi olhar o que era. Viu o rapaz lá fora, e o chamou: "Rapaz, traga-me um ramalhete de flores!"

Ele recolocou de pressa o gorro, colheu flores silvestres para ela e amarrou-as num ramo. Quando ia subir as escadas com as flores, o jardineiro o viu e disse: "O que é isso, você está levando essas flores ordinárias para a filha do rei? Anda, compõe outro buquê, com as melhores e mais belas flores que tivermos."

"Não", respondeu o rapaz, "as flores silvestres têm perfume mais forte

e agradecerão mais à filha do rei."

Quando o rapaz entrou no quarto, a filha do rei disse: "Tire o gorro, não debes usá-lo na minha presença."

Ele respondeu: "Não ousou fazer isso. Tenho sarna na cabeça."

A moça, porém, agarrou o gorro e o arrancou; os cabelos dourados caíram sobre os ombros do rapaz, num belo espetáculo: Ele correu para a porta, mas a moça segurou-o pelo braço e entregou-lhe um punhado de moedas de ouro. Apanhou-as e saiu, mas não lhes deu valor. Na verdade, entregou-as ao jardineiro, dizendo: "Leve-as para seus filhos — eles as usarão para brincar."

No dia seguinte a filha do rei chamou novamente o rapaz ao seu quarto e ordenou-lhe que trouxesse mais flores silvestres. Ao chegar com elas, a princesa tentou arrancar-lhe o gorro, mas o rapaz o segurou com as duas mãos. Mais uma vez, a princesa deu-lhe um punhado de moedas de ouro, mas ele se recusou a guardá-las, dando-as ao jardineiro como brinquedos para seus filhos.

No terceiro dia, as coisas aconteceram do mesmo modo: a moça não conseguiu arrancar-lhe o gorro e ele não guardou as moedas de ouro.

6 - Pouco depois, o país foi varrido pela guerra. O rei reuniu suas forças, embora duvidando que pudesse vencer o inimigo, que era poderoso e dispunha de enorme exército. O ajudante de jardineiro disse: "Eu agora estou crescido e irei para a guerra se me derem um cavalo." Os homens mais velhos riram e disseram: "Quando tivermos partido, procure na cocheira. Vamos deixar um cavalo para você."

Quando todos se foram, o rapaz foi à cocheira e tirou o cavalo: era manco de uma perna e capengava. Montou-o, e dirigiu-se à floresta escura.

Quando chegou à orla, gritou três vezes "João de Ferro", tão alto que o grito ecoou pelas árvores.

Num momento o Homem Natural lhe apareceu e perguntou: "O que desejas?"

"Quero um cavalo de batalha bem forte, porque pretendo ir à guerra."

"Tu o terás e mais ainda do que pediste."

O Homem Natural voltou-se, retornou à floresta, e pouco depois um cavaleiro saía de entre as árvores puxando um cavalo de batalha que soprava pelas ventas e era difícil de conter. Correndo atrás do cavalo vinha um grande grupo de guerreiros totalmente vestidos em armaduras, as espadas brilhando ao sol. O rapaz entregou ao cavaleiro o seu cavalo manco, montou o novo animal e saiu cavalgando à frente dos soldados. Quando se aproximava do campo de batalha, uma grande parte dos homens do rei já tinha sido morta, e pouco faltava para que ele sofresse uma derrota total.

O rapaz e seus guerreiros galoparam sobre o inimigo como um furacão e derrubaram todos os seus adversários. O inimigo fugiu, mas o rapaz o perseguiu até o último homem. Depois, em vez de voltar para a presença do rei, levou seu grupo por caminhos pouco conhecidos de volta à floresta, e chamou João de Ferro.

"O que queres?", perguntou o Homem Natural.

"Podes levar de volta o teu cavalo e teus homens, e devolve-me o meu cavalo manco."

Tudo foi feito como ele pediu, e lá se foi o rapaz de volta ao castelo num animal que mancava.

Quando o rei voltou, sua filha congratulou-se com ele pela vitória.

"Não fui eu quem a conquistou, mas um cavaleiro estranho com seus guerreiros, que chegaram para me ajudar."

A filha perguntou quem era esse estranho cavaleiro, mas o rei não sabia e acrescentou: "Ele galopou em perseguição do inimigo, e não o vi mais." A moça procurou o jardineiro e perguntou pelo rapaz, mas ele riu e disse: "Acabou de chegar em seu cavalo de três pernas. Os ajudantes de jardinagem zombaram dele, indagando: 'Adivinhe quem chegou? O manquitola.' Depois, disseram-lhe: 'Você esteve escondido, hein? Que tal?' O rapaz respondeu: 'Lutei, e muito bem; se não fosse por mim, quem sabe o que teria acontecido?' Eles quase morreram de rir."

7 - O rei disse à filha: "Organizarei um grande festival que durará " três dias, e você vai jogar a maçã dourada. Talvez o cavaleiro misterioso apareça."

Depois de anunciado o festival, o rapaz foi até a orla da floresta e

chamou João de Ferro.

"Do que precisas?", perguntou este.

"Quero pegar a maçã dourada que a filha do rei vai jogar."

"Isso não é problema: já a tens praticamente em tuas mãos", respondeu João de Ferro. "Vou dar-te mais: uma armadura vermelha para a ocasião, e um vigoroso cavalo castanho."

O jovem galopou para a arena no momento adequado, juntou-se aos outros cavaleiros e ninguém o reconheceu. A filha do rei jogou a maçã dourada para o grupo de homens, e o jovem a apanhou. Mas, depois de apanhá-la, afastou-se a galope.

No segundo dia, João de Ferro deu-lhe uma armadura branca e um cavalo também branco. Ainda nessa ocasião a maçã caiu nas suas mãos; e mais uma vez, o jovem não ficou nem um instante mais, e fugiu a galope.

O rei ficou irritado e disse: "Esse comportamento não é permitido; ele deve dirigir-se a mim e informar o seu nome. Se ele pegar a maçã uma terceira vez, e fugir, corram atrás desse cavaleiro", disse aos seus homens. "E mais: se não quiser voltar, dêem-lhe um golpe; usem a espada."

No terceiro dia do festival, João de Ferro levou ao moço uma armadura e um cavalo pretos. Naquela tarde ele também apanhou a maçã. Dessa vez, porém, quando se afastou com ela, os homens do rei o perseguiram e um deles se aproximou o bastante para feri-lo na perna com a ponta da espada. O jovem escapou, mas o cavalo deu um salto tão grande para fugir que seu elmo caiu, e todos viram os cabelos dourados. Os homens do rei voltaram e contaram ao soberano o que tinha acontecido.

8 - No dia seguinte, a filha do rei perguntou ao jardineiro pelo seu ajudante. "Ele está de volta ao trabalho no jardim. Esse tipo estranho foi ao festival ontem, e só voltou à noite. E mostrou aos meus filhos as maçãs douradas que ganhou."

O rei mandou chamar o rapaz, que compareceu com o gorro na cabeça. A filha do rei, porém, aproximou-se dele e lhe arrancou o gorro. Os cabelos dourados caíram sobre os ombros do moço; sua beleza era tanta que todos se espantaram.

O rei disse: "És tu o cavaleiro que apareceu todos os dias do festival com um cavalo de cor diferente, e apanhou a maçã dourada todos os dias?"

"Sou eu" respondeu ele, "e aqui estão as maçãs." Tirando-as do bolso, entregou-as ao rei. "Se precisar de outra prova, queira olhar o ferimento que seus homens me fizeram ao me perseguir. E mais, sou também o cavaleiro que ajudou a derrotar o inimigo."

"Se podes realizar feitos dessa magnitude, evidentemente não és um ajudante de jardineiro. Quem é o teu pai?"

"Meu pai é um rei notável, e tenho muito ouro, todo o ouro que possa precisar."

"É claro", disse o rei, "que tenho uma dívida contigo. Dar-te-ei o que estiver ao meu alcance e desejares."

"Bem", disse o rapaz, "quero sua filha por mulher."

A filha do rei riu e disse: "Gosto da maneira como ele diz as coisas, sem rodeios. Eu já sabia, pelo seu cabelo dourado, que não era ajudante de jardinagem." E aproximou-se dele e o beijou.

O pai e a mãe do rapaz foram convidados para o casamento e compareceram; estavam muito alegres porque já tinham perdido a esperança de rever o filho querido.

Quando todos os convidados estavam sentados à mesa do banquete de casamento, a música começou a tocar, e as grandes portas se abriram, deixando entrar um rei esplêndido, acompanhado por grande comitiva.

Dirigiu-se ao rapaz e o abraçou. O convidado disse "Eu sou João de Ferro, que um feitiço transformou num Homem Natural. Quebraste o encantamento. A partir de agora, todos os tesouros que tenho são teus."

Segundo a tradução inglesa de Robert Bly da história de Jacob e Wilhelm Grimms, em Grimms Märchen (Zurique, Manesse Verlag, 1946).

Os números indicam os capítulos em que aparecem partes dessa tradução.

APÊNDICE

Agradecimentos às permissões autorizadas para usar seleções e informações citadas neste livro:

"Healing", de D.H.Lawrence, de *The Complete Poems Of D.H.Lawrence*, recolhidos e organizados por Vivian de Sola Pinto e F. Warren Robert. Copyright 1964, 1971 por Angelo Ravagli e C.M.Weekley. Executores do Espólio de Freda Lawrence Ravagali. Reproduzido com autorização de Viking Penguin, divisão de Penguin Books U.S.A. Inc.

"NQ 5" e "Nº 3", de Kabir, de *The Kabir Book*, trad. Robert Bly. Copyright 1971, 1977 de Robert Bly e 1977 de The 70's Press. Reproduzido por acordo com The Beacon Press.

"Nº7" de *A Book for the History of Prayer*, "A Walk", "I am too tiny in this World" e "Self Portrait from the Year 1966" [Auto-retrato do Ano 1906], de Rainer Maria Rilke, *Selected Poems*, trad. Robert Bly. Copyright 1986 de Harper & Row. Reproduzido com autorização de Harper & Row.

"A Dream of an Afternoon". [Sonho de uma Tarde com uma Mulher que Eu não Conhecia] de *The Tree Will Be Herefor a Thousand Years*, de Robert Bly. Copyright 1979 de Harper & Row. Reproduzido com autorização de Harper & Row.

"After a Death" [Depois de uma Noite] de Tomas Tranströmer, em *Friends, You Drank Some Darkness*, trad. Robert Bly. Copyright 1975 de Robert Bly. Reproduzido com autorização de Robert Bly.

"The Spider", "Have You Anything to Say in Your Defense", "And What If After So Many Words", de Vallejo, trad. Robert Bly. Copyright 1971 de Robert Bly. Reproduzido com autorização de Robert Bly.

Excertos de Al-Munṭafil e de Ibn Hazm, de *The Sea and the Honeycomb*, trad. Robert Bly. Copyright 1966 de Robert Bly. Reproduzido com autorização de Robert Bly.

Poemas de Jiménez e Lorca de *Lorca and Jiménez: Selected Poems*, trad. Robert Bly. Copyright 1973 de Robert Bly. Reproduzido com autorização de Robert Bly.

Vários poemas inéditos são reproduzidos com autorização de Robert Bly.

Versos de quatro poemas de Rumi, *Open Secret*, trad. Coleman Barks. Copyright 1984 de Threshold Books. Reproduzido com autorização de Threshold Books, R.D. 4, Box 600, Putney, Vermont 05346.

"Guardian Angel" de Rolfjacobsen, *Guardian Angel: Twenty Poems of Rolfjacobsen*, trad. Robert Bly. Copyright 1977 de Robert Bly. Reproduzido com autorização de The 80's Press.

Excertos de *The Selected Poems* de Robert Bly. Copyright 1986 de Robert Bly. Reproduzido com autorização de Harper & Row.

"A Dialogue of Self and Soul" [Diálogo do Eu e da Alma], copyright 1933 de Macmillan Publishing Company, renovado em 1961 por Bertha Georgie Yeats. "Vacillation", copyright 1933 de Macmillan Publishing Company, renovado em 1961 por Bertha Georgie Yeats. "Memory" copyright 1919 de Macmillan Publishing Company, renovado em 1947 por Bertha Georgie Yeats. "Crazy Jane and the Bishop", copyright 1933 de Macmillan Publishing Company, renovado em 1961 por Bertha Georgie Yeats. "Wild Old Wicked Man", copyright 1940 de Bertha Georgie Yeats, renovado em 1968 por Bertha Georgie Yeats, Michael Butler Yeats e Annie Yeats. "The Scholars", copyright 1919 de Macmillan Publishing Company, renovado em 1947 por Bertha Georgie Yeats. Reproduzido com permissão de Macmillan Publishing Company de *The Poems of W.B. Yeats: A New Edition*, org. Richard J. Finneran.

"The Minimal", copyright 1942 de Theodore Roethke. De *The Collected Poems of Theodore Roethke*, de Theodore Roethke. Usado com autorização de Doubleday, divisão de Bantam Doubleday Dell Publishing Group Inc.

Excertos de *Loving a Woman in Two Worlds* de Robert Bly, copyright 1981 de Robert Bly. Usado com autorização de Doubleday, divisão da Bantam Doubleday Dell Publishing Group Inc.

Excertos de *The Man in the Black Coat Turns* de Robert Bly, copyright 1981 de Robert Bly. Usado com autorização de Doubleday, divisão de Bantam Doubleday Dell Publishing Group Inc.

"Parable" de *Ceremony and Other Poems* de Richard Wilbur, copyright 1950 e renovado em 1978 por Richard Wilbur, reproduzido com autorização de Harcourt Brace Jovanovich Inc.

Dois versos de "Science" de Selected Poetry of Robinson Jeffers. Copyright 1925 e renovado em 1953 por Robinson Jeffers. Reproduzido com autorização de Random Horse, Inc.

"Forty Poems Chosen from Moral Proverbs and Folk Songs", "Fourteen Poems Chosen from Moral Proverbs & Folk Songs", "Nº 10", de Times

Alone. Reproduzido de Times Alone: Selected Poems of António Machado, trad. Robert Bly. Copyright António Machado. Copyright trad. 1983 de Robert Bly. Com autorização da University Press of New England.

"To the Muse" ["A Musa"] de James Wright. Copyright 1968 de James Wright. Reproduzido de Shall We Gather at the River. Com autorização da University Press of New England.

"Love Põem" e "Põem in Three Parts" de Robert Bly. Copyright 1962 de Robert Bly. Reproduzido de Silence in the Snowy Fields. Com autorização da University Press of New England.

Citações de The Poetry of Robert Frost, org. Edward Connery Lathen. Copyright 1916, 1930, 1939, 1969 de Holt, Rinehart e Winston. Copyright 1944, 1958, 1962 de Robert Frost. Copyright 1967 de Lesley Frost Ballantine. Reproduzido com autorização de Henry Holt and Company, Inc.

Poema sem título de Chippewa Wild Woman, adaptado por Robert Bly da tradução de Trances Densmore, copyright 1980. Reproduzido com autorização de Sierra Club Books.

Excertos de Metamorphoses, ["As Metamorfoses"] de Ovídio, traduzido para inglês por Rolfe Humphers. Copyright 1955. Com autorização da Indiana University Press.

"Finding the Father", de The Body Is Made of Camphor and Gopherwood, de Robert Bly. Copyright 1977 de Robert Bly. Reproduzido com autorização de Harper & Row.

Trecho de Gilgamés de Occidental Mythology de Joseph Campbell. Copyright 1964 de Joseph Campbell. Reproduzido com autorização de Viking Press, divisão de Penguin Rooks USA Inc.